

#1 NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

KRESLEY COLE

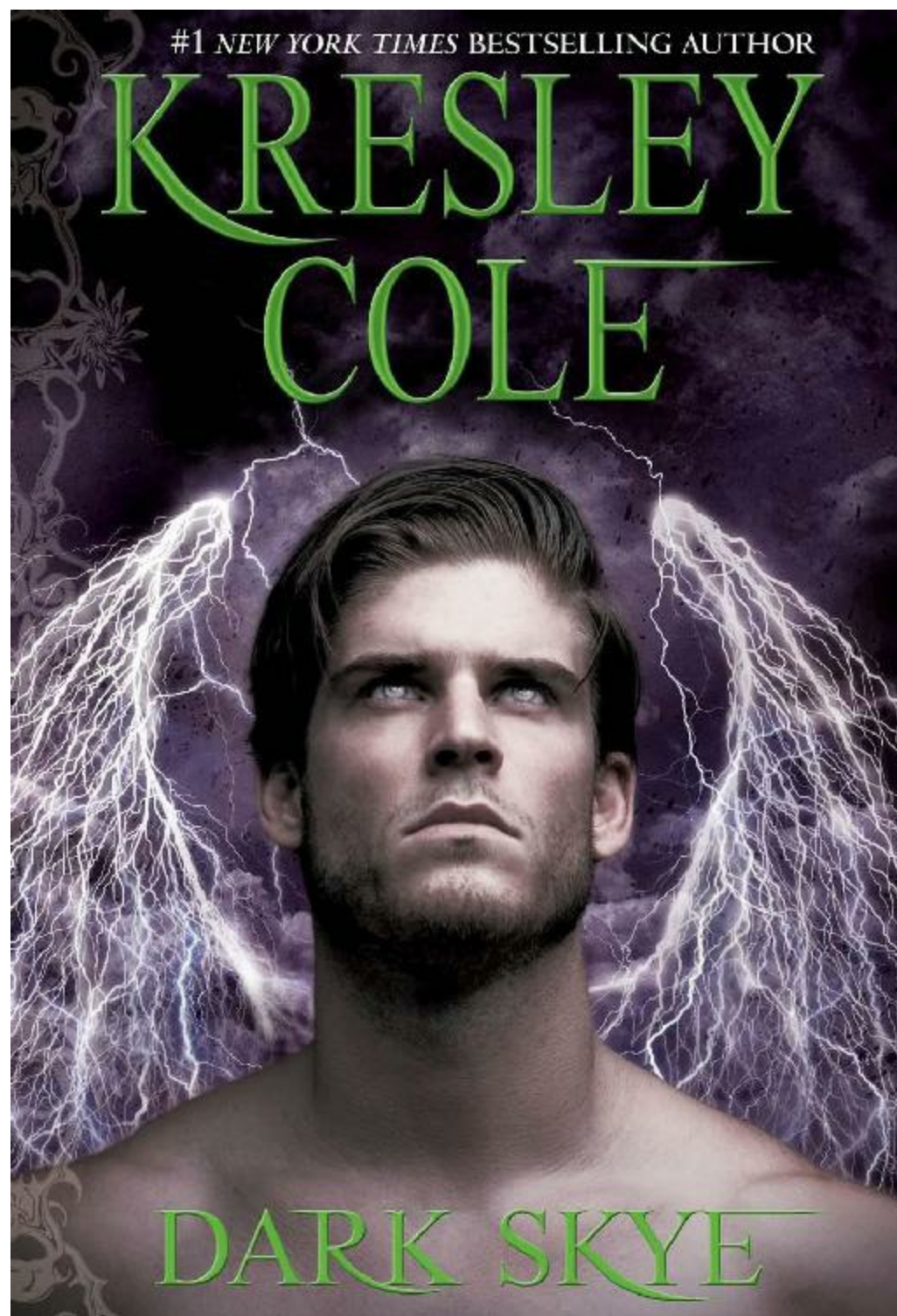
*Sworn enemies,
love everlasting*

THE IMMORTALS AFTER DARK SERIES

DARK SKYE







Kresley Cole – Immortals After Dark 15

Dark Skye

Obsessão eterna

Quando menino, Thronos, príncipe de Skye Hall, amava Lanthe, uma travessa menina Sorceri que o fez questionar tudo sobre seu clã Vrekener. Mas, quando os dois foram pegos no meio de uma guerra entre suas famílias, uma tragédia aconteceu, deixando Thronos e Lanthe como amargos inimigos. Entretanto, séculos se passaram, nada pôde refrescar sua necessidade efervescente pela bela bruxa que marcou seu corpo, e deixou uma impressão ainda mais profunda em sua alma.

Anseio infinito

Lanthe, uma feiticeira outrora formidável, lutando para recuperar seus dons, procura por amor e aceitação em todos os pretendentes imortais errados. Mas ela nunca esqueceu Thronos, o magnífico menino de olhos prateados que a protegeu até que fosse arrancada do abrigo de seus braços. Uma noite horripilante mudou tudo entre eles. Agora ele é um guerreiro famoso com uma vingança de sangue contra Lanthe, caçando-a implacavelmente.

O calor do desejo pode queimar mais brilhante do que a vingança?

Com suas famílias presas em conflitos e batalhas violentas ao redor deles, será que Thronos e Lanthe sucumbirão ao caos brutal que ameaça tudo o que apreciam? Ou será que o frágil vínculo que formaram há muito tempo despertará uma paixão forte o suficiente para resistir até mesmo as mais sombrias dúvidas?

O Lore

“... E aquelas criaturas sensíveis que não são humanas devem ser unidas em uma só classe, coexistindo — ainda que em segredo — com os homens.”

A maioria é imortal e pode se regenerar de ferimentos, e só podem ser mortos por fogo místico ou decapitados.

Seus olhos mudam para uma cor específica da raça, quando estão sob forte emoção.

O Clã Sorceri

“O Clã sempre busca e deseja os poderes dos outros, desafiando e duelando para aproveitar mais, ou, mais sombriamente, roubando a feitiçaria de outro.”

Uma linhagem da raça nascida a partir do clã das feiticeiras da Casa das Bruxas.

Uma das espécies mais fracas fisicamente do Lore, elas usavam armaduras elaboradas para proteger seus corpos. Eventualmente possuíam metais, e, especialmente, ouro, sagrado.

Os Vrekeners

“A morte desce em suas asas velozes. O julgamento justo do Lore, eles atacam como uma praga dos céus, suas asas bloqueando a luz do sol, lançando a Terra em sombras.”

Inimigos mortais do Clã Sorceri, a quem consideram maus e sujos.

Vivem nos territórios aéreos, um reino que consiste em ilhas flutuantes, escondidas acima das nuvens. Sua sede real é em Skye Hall. Eles se referem à sua casa como os *Territórios* ou simplesmente *Skye*.

As Demonarquias

“Demônios são tão variados quanto os homens...”

Uma coleção de dinastias de demônios.

A maioria das raças pode riscar, ou teletransportar, como vampiros.

A Demonarquia da Ira está localizada no reino de Rothkalina, governado pelo Rei Rydstrom, O

Bom.

A Ordem

“Os Raptores de imortais. Uma vez capturados pela Ordem, imortais não retornam...”

Uma operação multinacional mortal, criada para estudar e exterminar não-humanos.

Possui várias instalações de detenção secreta, onde Loreans são aprisionados, examinados e executados.

A Ascensão

“E um tempo há de acontecer quando todos os seres imortais no Lore, desde Valquírias, Vampiros, Lykae e facções de demônios, até os Espectros, Metamorfos, Fey e Sereias... devem lutar e destruir uns aos outros.”

Uma espécie de balança mística para uma população cada vez maior de imortais.

Duas principais alianças: A Regra de Pravus e a Liga das Vertas¹.

Ocorrem a cada quinhentos anos. Ou neste exato momento...

¹ Veritas. Na mitologia romana Veritas era a Deusa da Verdade, filha de Saturno e mãe da Virtude.

4

PRÓLOGO

Profundamente dentro dos Alpes,

No reino mortal, cerca de cinco séculos atrás...

Rastejando ao longo de um prado em suas mãos e joelhos, Lanthe vasculhou a grama por bagas ou dentes de leão, ou qualquer coisa para aliviar suas dores

de fome, enquanto seu estômago parecia corroer.

Sua irmã mais velha, Sabine ou Ai-bee, como Lanthé a chamava, logo estaria de volta da aldeia humana nas proximidades, onde tinha ido em uma desesperada corrida por alimentos.

Lanthé queria acompanhá-la, mas Sabine disse que nove anos era muito jovem.

Então Lanthé ficou esperando neste prado, seu lugar favorito abaixo da abadia, na alta montanha onde ela morava com Sabine e seus pais. Uma floresta de abetos cercava a pequena clareira, e um lago plácido refletia o céu como um espelho. A barra de seu vestido continuamente dançava balançando com flores silvestres.

Aqui ela poderia persuadir os coelhos para compartilharem dentes de leão com ela, nomear as criaturas e falar com elas. Outras vezes, passava horas deitada na grama, olhando as brancas nuvens para detectar formas.

Mas hoje estava sem nuvens. Foi por isso que franziu a testa quando uma sombra passou sobre o sol.

Ela protegeu os olhos para olhar para cima e viu... asas. Asas mortais. Elas pertenciam a um menino, um que parecia tão chocado quanto ela.

Ele era um Vrekener! Um inimigo de sua espécie.

Quando ela ficou em pé, seus olhos se encontraram. As asas dele eram tão grandes quanto às dela. Eles se encararam, até o momento em que ele voou de cabeça até uma árvore.

A magia se quebrou, ela ergueu o vestido e correu por sua vida. Antes que tivesse se escondido na floresta, ele caiu em frente à ela, espalhando suas asas.

Ela engasgou, momentaneamente atordoada com a visão delas. Asas de Vrekener eram irregulares, mais como as de um dragão do que de uma pomba, afinadas e alargando em três pontos ao longo da parte inferior. As

partes largas mais distantes do corpo em ambos os lados, eram pontudas com garras. Garras assustadoras.

Ela virou-se para fugir para o outro lado, contornando o lago.

5

Apesar de ela ser tão rápida quanto uma Fey, ele novamente encontrou-se com ela, encurralando-a com essas asas. No interior eram cinza, com linhas iluminadas bifurcando para fora sobre toda ela.

Lanthe e o menino olharam um para o outro, o olhar dele passando rapidamente sobre o rosto dela.

Tudo o que ele viu ali o fez exalar uma respiração sarcástica. *Puf.*

Não adiantava correr. E ninguém jamais a ouviria gritar. Seus pais, muito abaixo do caminho até a abadia, um par de reclusos. Será que Sabine encontraria o corpo de Lanthe mutilado aqui em baixo?

Não, se eu usar a minha magia. Com o pensamento, ela começou a tremer. Lanthe não queria clamar por seus poderes. Isto parecia cada vez mais terminar em desastre. Mas ela o faria contra um Vrekener.

Mesmo que ele fosse o garoto mais bonito que ela já tinha imaginado.

Parecia ser um ou dois anos mais velho do que ela, ele tinha vívidos olhos cinzentos, a pele bronzeada, as maçãs do rosto largas, os cabelos castanhos areia que caíam sobre a testa e ao redor de seus chifres. Esses picos salientes eram lisos e prateados.

Ele tinha, até mesmo, dentes brancos, com um par de presas! Ela teve o desejo louco de tocar um desses pontos com a ponta do seu dedo indicador.

— Sinto cheiro de magia em você, — disse o Vrekener, estreitando seus olhos cinzentos. —

Você é uma pequena Sorceri?

Não havia como negar sua espécie, então ela levantou as mãos ameaçadoramente.

O poder facilmente saltou delas, redemoinhos ofuscantes de luz azul rodopiaram em suas palmas. — Sou a Rainha da Persuasão, uma grande e terrível feiticeira, — ela disse em uma voz sinistra, mesmo lutando contra o desejo de morder suas unhas. — Se você chegar mais perto de mim, Vrekener, vou ser obrigada a te machucar.

Ele não parecia se importar com coisa alguma do show de feitiçaria dela. Como se ela não tivesse falado, ele disse: — Ou talvez você seja um cordeirinho. Do céu, você parecia com um, rastejando em um vestido branco e comendo flores.

Ela colocou a cabeça para trás, bufando, — O... o quê? — Ele estava brincando com ela?

Sim, seus olhos brilhavam com diversão. Enquanto ela estava temendo por sua de vida, e ameaçando a dele, ele agia como se tivesse acabado de se deparar com um novo companheiro de brincadeiras.

Um que ele esteve esperando.

— Qual é o seu nome, feiticeira?

6

Ela estava tão assustada que se encontrou dizendo: — Melanthe. Da família Sorceri Deie.

Ele pronunciou o nome dela. — Mel-anth-ee. — Então, pressionou a mão sobre o peito. —

Sou Thronos Talos, Príncipe de Skye. — Seu tom era cheio de importância.

— Nunca ouvi falar de você, — ela disse, lançando um olhar por cima do ombro em direção à abadia. Se Sabine pegasse esse menino aqui com Lanthe, sua superprotetora irmã mais velha iria matá-lo com seus poderes fantásticos.

Lanthe não gostava das coisas sendo mortas, nem mesmo Vrekeners bonitos.

Como a Rainha das Ilusões, Sabine podia fazer suas vítimas enxergarem qualquer coisa que escolhesse, mudando a aparência de seu entorno. Ela também podia alcançar a mente de uma pessoa, tirando seu pior pesadelo, então apresentá-los a ele.

Ao contrário de Lanthe, Sabine nunca hesitou em usar seus poderes...

— Aqui é onde você mora? — O Vrekener perguntou, interrompendo os pensamentos dela. Ele tinha seguido seu olhar para o topo da montanha?

— Não! De jeito nenhum. Vivemos longe daqui. Eu ando léguas para chegar a este prado.

— Sério? — Ele claramente não acreditava nela, mas não parecia irritado com sua mentira.

— É estranho que eu sinta a magia naquela direção. Muito disso.

Vrekeners rastreavam Sorceri pelo cheiro e pelo poder gasto. Lanthe teria que fazer seus pais usarem com mais cautela. Ou tentar. Eles eram consumidos pela criação de cada vez mais ouro. — Não sei o que você quer dizer.

Ele deixou isto passar. — Então, qual é a persuasão?

Ela olhou para as palmas das mãos, assustada ao ver quanta feitiçaria tinha empunhado.

Será que realmente o machucaria? Ele não parecia mais tão ameaçador.

Apertando os lábios, ela clamou seu poder de volta. — Posso obrigar qualquer um fazer qualquer coisa que eu lhes diga para fazer. É chamado de persuasão, mas isto deve ser chamado comando.

Anos atrás, quando tinha usado pela primeira vez, ela disse zangada para Sabine calar a boca. Por uma semana inteira, ninguém tinha entendido por que Sabine não tinha sido capaz de abri-la. Sua irmã estava quase morrendo de fome.

— Isso soa impressionante, cordeirinho. Então você é tão poderosa quanto é bonita?

Suas bochechas esquentaram. Ele achava que era bonita? Ela olhou para seu vestido desgastado. Embora parecesse quase branco das repetidas lavagens, costumava ser colorido.

Sorceri amavam cor. Seus pés estavam descalços porque tinham crescido mais que suas botas. Ela não parecia muito bem.

— Tenho certeza de que é chamada de bonita o tempo todo, — ele disse confiante.

7

Não. Ela não era. Raramente encontrava alguém além de sua família. Se Sabine a elogiasse, fazia uma observação sobre a capacidade de Lanthe, não sua aparência. E às vezes os pais dela não pareciam vê-la afinal.

O garoto começou a andar a passos largos em sua direção.

— Espere, o que você está fazendo? — Ela tropeçou para trás até que encontrou uma árvore.

— Apenas tendo certeza de uma coisa. — Ele inclinou o rosto perto do cabelo dela, e então ele... ele a cheirou! Quando se afastou, tinha um arrogante sorriso, como se tivesse acabado de ganhar um prêmio ou descoberto um novo reino.

Por alguma razão, aquele sorriso a fez sentir-se como se tivesse corrido todo o caminho até a montanha. Seu coração batia forte, e ela não conseguia recuperar o fôlego.

— Você cheira a céu. E lar. — Ele disse isso como se significasse, uma importante e inegável verdade.

— O que significa isso? — Deuses, este garoto a confundia.

— Para mim, você cheira como ninguém no mundo nunca cheirou, nem

nunca irá.

Suas íris cinza prateada brilhavam de emoção. Uma brisa arrepiou seus cabelos castanhos areia. — Isso significa que você e eu vamos ser melhores amigos. Quando crescermos, nós seremos... mais.

Ela se concentrou nas palavras *melhores amigos*, e doeu de saudade. Sempre quis ter um amigo! Ela amava Sabine, mas sua irmã tinha doze anos e geralmente tinha coisas de gente grande em sua mente, como a forma de obter roupas quentes para o próximo inverno, ou comida suficiente para alimentar quatro.

Lanthe supunha que alguém tinha que se preocupar com essas coisas, uma vez que seus pais estavam sempre ocupados. Quando Lanthe era um bebê, ela apelou para Ai-bee ser sua própria mãe.

Mas Lanthe nunca poderia ser a melhor amiga de um Vrekener, apesar de quão intrigante ela o achasse. — Você deve ir, Thronos Talos, — ela disse, no momento em que seu estômago roncou, envergonhando-a e aprofundando a diversão dele.

— Você pode ser uma grande e terrível feiticeira, mas não pode comer a feitiçaria, pode?

— Ele espalhou aquelas asas fascinantes. — Ficaré aqui, se eu for encontrar comida para você?

— Por que você faria isto?

Os ombros dele empinaram para trás, seus olhos prateados acesos, como se com orgulho.

— Esse é meu trabalho agora, cordeirinho.

8

Ela suspirou. — Não entendi. Somos inimigos. Não deveríamos estar, — ela acenou de si mesma para ele, — assim.

Ele piscou para ela. — Não vou contar se você não o fizer.

* * *

Quatro meses mais tarde

Thronos... contou.

E então, Lanthe o fez pagar por isso.

9

“Os Sorceri são licenciosos, jogadores, hedonistas paranoicos; seu amor excessivo pelo vinho e farra é igualado apenas pelo seu prazer pelo roubo. Para os Sorceri o poder sem controle seria desastroso.”

Thronos Talos, Cavaleiro do Acerto de Contas, Herdeiro de Skye

“Sexo sem compromisso é como comer a minhoca no fundo de uma garrafa de tequila: diversão no momento, mas não é algo que você gostaria de repetir mais e mais.”

Melanthe, Sorceri Deie, Rainha da Persuasão

10

UM

Em uma ilha, em algum lugar do Oceano Pacífico,

Tempos modernos...

Quando Lanthe correu de um tremor, por baixo de um túnel de fumaça, ela se concentrou em seus amigos à frente: Carrow, uma bruxa, e a filha recém-adotada de Carrow, Ruby. A bruxa estava segurando a menina de sete anos de idade em seus braços, enquanto corria precipitadamente para uma saída fora deste labirinto abandonado por Deus.

Lanthe continuou, segurando a espada com uma mão enluvada, suas garras de metal, cravada no punho. Ela tentou sorrir para Ruby, que estava franzindo a testa para ela.

Carrow, ou Crow, como Ruby a chamava e Lanthe tinham tentado transformar sua fuga terrível em uma aventura repleta de diversão para ela. Sarcástica e adorável, Ruby claramente não ficou convencida.

Investir nos túneis pareceu uma boa ideia na época, uma maneira de sair da prisão da Ordem em que foram mantidas presas, e de fugirem de outros imortais. Depois da derrocada do cataclísmico desta noite, Loreans espreitavam pelos corredores de fogo, à caça de presas. O

indiferente marido de Carrow, que poderia ou não ser mau, a caçaria.

Outro terremoto abalou o túnel, grãos chovendo sobre as tranças pretas de Lanthe.

Infelizmente, Lanthe tinha seu próprio perseguidor, Thronos, um enlouquecido Senhor da Guerra alado, que estava obcecado com a captura dela nos últimos quinhentos anos.

Mas Vrekeners temiam espaços fechados; qualquer lugar no subterrâneo era uma paisagem proibitiva, muito menos um túnel caindo. Ele nunca a seguiria

neste labirinto subterrâneo.

Explosões soaram em algum lugar distante, e o túnel retumbou. *Parecia uma ideia tão boa.*

Ela olhou para cima e viu o imenso suporte do teto inclinar com a tensão. Não era de se admirar.

Novas montanhas foram brotando da Terra por toda esta ilha-prisão, cortesia do companheiro Sorceri de Lanthe.

Uma pedra caiu em seu caminho, retardando seu progresso. Poeira de pedra flutuou sobre ela quando uma cortina de grânulos salpicou seu rosto e a máscara Sorceri.

Carrow e Ruby continuaram indistintas à neblina. As duas viraram em um canto, fora da vista.

Quando Lanthe aumentou sua velocidade, deu um puxão frustrado em seu torque, um deleite dos humanos para todos os seus prisioneiros imortais. O indestrutível colar os impedia de usarem suas habilidades inatas, neutralizando a força, a resistência e a cura.

11

Alguns dos prisioneiros, todos aqueles mais malvados, tiveram os deles removidos esta noite. Lanthe ainda usava um, o que não era justo, uma vez que poucos a considerariam “boa”.

Sem esse torque, ela seria capaz de comandar mais seres fortes para protegê-la e seus amigos. Teria sido capaz de ler a mente do oponente, correr com velocidade sobrenatural, ou criar um portal para atravessar para longe desta ilha pesadelo para sempre.

Longe de Thronos.

Lanthe ergueu seu peitoral de metal, nada ideal para fugir por sua vida. Nem eram suas saias de malha de metal e as botas de salto alto até a coxa. Ainda assim, ela acelerou adiante, desejando que seus pensamentos parassem de

voltar ao seu antigo inimigo.

Durante seu cativeiro, ela teve o choque de sua vida quando os guardas tinham arrastado Thronos para a cela delas. Ele se deixou ser preso pela Ordem e levado para a prisão dela, Lanthe sabia disso. Com malícia em seus olhos, ele tinha rangido para ela “Em breve”.

Quando Carrow tinha perguntado sobre isso, Lanthe tinha poupado os detalhes “Você acreditaria que Thronos e eu fomos amigos de infância?”.

Mais tarde, Carrow tinha pressionado, então Lanthe tinha admitido “Ele está quebrado por minha causa. Eu o “persuadi” a mergulhar de uma grande altura. E não usar suas asas. A maior parte de sua pele foi cortada e ficou cheia de cicatrizes, os ossos de suas asas e membros fraturados, antes que a imortalidade dele tivesse assumido, antes que ele pudesse se regenerar.”.

O que mais Lanthe poderia dizer? Como explicar a conexão que ela e Thronos tinham compartilhado? Até que ele tinha traído a frágil confiança dela...

Bem, Carrow, Thronos levou o clã dele até o esconderijo secreto da minha família uma noite. Seu pai matou meus pais, decepou a cabeças deles com uma foice Vrekener de fogo. Minha feroz irmã Sabine retaliou, tirando a vida do pai dele. Quando ela quase foi assassinada, dei a Thronos feridas que durariam uma vida eterna, então o deixei para morrer.

Infelizmente, desde então, as coisas pioraram muito.

— O ar está ficando mais fresco! — Carrow disse de algum lugar à frente. — Quase lá!

Por fim, a fumaça estava clareando. O que significava que Lanthe precisava alcançá-las.

Quem sabia o que poderia estar esperando-as no meio da noite? Milhares de imortais tinham escapado.

Alguma vez tantos inimigos estiveram concentrados em um único lugar tão

inescapável?

Ela preparou sua espada. Uma vaga lembrança surgiu para impedi-la.

Sua mãe tinha distraidamente entregue à cada uma de suas filhas uma espada de ouro, dizendo-lhes, “Nunca dependam apenas de seus poderes. Se você e sua irmã quiserem sobreviver até a idade adulta, é melhor terem à mão uma destas...”.

Agora Lanthe mantinha sua arma pronta para...

12

Uma dor em seu tornozelo?

Seu corpo cambaleou para frente?

Em um segundo Lanthe estava correndo; no outro estava caída de cara, a espada caindo na frente dela. Alguma coisa a pegou! Garras afundaram em seu tornozelo, perfurando o couro de sua bota. Ela gritou e gorgolejou, mas puxou de volta.

Ghoul? Demônio? Wendigo? Ela fincou suas garras de metal no chão, arranhando para alavancar-se, olhando por cima do ombro.

Seu próprio pesadelo.

Thronos.

O rosto cheio de cicatrizes dele estava sangrando, seu imponente corpo estava tenso. Um brilho maníaco iluminava seus olhos cinzentos, quando suas asas desfraldaram, elas pareciam piscar no túnel escuro. Um truque de luz.

O bastardo tinha realmente enfrentado um poço subterrâneo. *Vrekeners nunca abandonavam sua caça.*

— Solte-me, seu idiota! — Ela chutou com mais força, mas não era páreo para a força dele.

Espere, por que ele não tinha um colar? Thronos era semelhante a um anjo, um guerreiro do bem.

Ela sabia que ele iria se tornar um guerreiro. Será que ele tinha se tornado mal durante esses séculos?

— Deixe-a ir, Thronos! — Carrow gritou, atacando. Ela tinha colocado Ruby em algum lugar, voltando para enfrentar um Vrekener.

Por Lanthe. *Sabia que eu gostava desta bruxa.*

Antes que ela pudesse chegar até Lanthe, Thronos tinha usado uma de suas asas para enviar Carrow para longe. A bruxa escalou novamente, puxando sua própria espada.

Lanthe continuou a se debater, cheia de pavor. Thronos era muito forte; como Lanthe, Carrow ainda tinha seu colar.

Quando a bruxa atacou novamente, uma asa brilhou mais uma vez, mas Carrow antecipou o movimento, curvando-se para deslizar sob ela. Empurrou sua espada para cima, perfurando a asa, deixando sua arma pendurar como uma gigante lasca.

Ele deu um grito, liberando Lanthe para arrancar a espada. Sangue derramava dele, amontoando no cascalho.

Carrow se lançou para Lanthe, estendo a mão. Antes que ela pudesse erguer Lanthe e fugir, Thronos agarrou a perna de Lanthe novamente, puxando-a para trás, mas Carrow e Lanthe mantiveram suas mãos agarradas.

13

Foi um plano vencido. Ruby estava vulnerável, sem Carrow. E por toda a tristeza, mágoa e dor que Thronos e sua espécie tinham infligido em Lanthe ao longo dos anos, ela não acreditava que ele pudesse matá-la a sangue frio.

Ela arriscou outro olhar para trás. Não importa o que ele parecesse estar prestes a fazer.

Seu rosto sujo de sangue era tão desagradável quanto um ceifador, seus lábios apertados, suas cicatrizes esbranquiçadas. A velha questão surgiu: ele queria raptá-la ou matá-la? Ou raptá-la para torturá-la, em seguida matá-la?

Não, não, ele não poderia machucá-la; Lanthe era sua companheira predestinada.

Machucá-la o machucaria.

O túnel tremeu novamente. À distância, Ruby chamou, — Crow!

— Salve Ruby, — Lanthe gritou. Fumaça engrossou, cascalho desmoronando ao redor deles.

Carrow balançou a cabeça, cavando determinada. — Vou salvar as duas.

Em uma corrida ensurdecadora, rochas começaram a cair do teto, preenchendo o espaço entre Carrow e Ruby.

Ruby gritou, — Crow! Onde você está?

Carrow gritou de volta, — Estou indo!

— Salve sua menina! — Lanthe puxou sua mão, permitindo a Thronos arrastá-la de volta.

— Vou ficar bem!

O rosto ferido de Carrow desapareceu, enquanto ele arrastava Lanthe em meio à fumaça.

Depois de três semanas de prisão nas mãos de vis seres humanos, Lanthe tinha sido aprisionada novamente, por algo que ela odiava ainda mais do que os mortais que gostavam de vivissecar seus cativos. — Deixe-me ir, Thronos!

O corpo dela balançava com cada um dos passos mancados dele. Quase imediatamente, ele desviou para um túnel menor que ela não tinha visto, quando correu passando por isto.

— Você está indo pelo caminho errado! — Ela cravou as garras de metal, fazendo sulcos na terra. Quando uma nuvem de cascalho irrompeu na frente de seu rosto, ela cuspiu areia. — Droga, Thronos, volte! — Sangue continuava a derramar de sua asa, deixando uma trilha ao lado dos sulcos de Lanthe. — Estávamos quase em uma saída antes!

Ela e Carrow tinham esperanças de chegar à costa. Agora ele parecia estar ascendendo.

Deixe isso com um Vrekener para tomar um terreno elevado.

— Esperei séculos por isso, — ele rugiu, nunca afrouxando seu aperto como um torno no tornozelo dela.

14

Outro terremoto abalou o túnel. Quando uma pedra caiu ao lado dela, ela parou de arranhar com suas luvas, e lastimou, — Mais rápido, idiota!

Como se ela não pesasse nada, ele a puxou para cima do solo e em seus braços em um movimento fluído. Ele ficou mais alto do que qualquer Vrekener que ela já tinha visto. Ele deveria estar próximo de dois metros e dez de altura, que pairava sobre seus um metro e sessenta e oito.

Com seu olhar perfurando os dela, ele apertou-a contra o peito.

Os cabelos dele, claros demais para serem pretos, escuros demais para serem marrons, estavam manchados de cinza, o cinza fosco combinando com seus olhos. Mas, quando ele a contemplou, sua íris tornou-se um raio brilhante de prata, como se iluminada. Como suas asas fantasmagóricas.

— Deixe-me ir, — ela gritou, cortando-o com suas garras.

Ele soltou-a em pé, apenas para empurrá-la contra a parede. Quando o corpo rígido dele pressionou-se contra o dela, ele curvou-se, inclinando a cabeça assustadoramente.

Ele ia beijá-la? — Não se atreva! — Ela moveu-se para golpeá-lo novamente, mas ele prendeu-lhe os pulsos acima de sua cabeça.

Um segundo depois, ele tomou sua boca, deixando-a perplexa. Ele inclinou os lábios de forma mais agressiva, afastando seu choque.

Ela mordeu o lábio inferior dele. Ele continuou. Ela mordeu com mais força.

Ele apertou-lhe os pulsos, até que ela pensou que iria arrancar seus ossos. Ela soltou-o, e ele finalmente se afastou, sorrindo com os dentes sangrentos.

— Agora isto começou. — Com a mão livre, ele passou os dedos sobre a boca sangrando, em seguida, passou a mão manchando os lábios dela de vermelho.

Ela afastou a cabeça. *Queridos deuses, ele tinha enlouquecido.*

Outro terremoto; mais pedras que se juntaram à pedra enorme, bloqueando o caminho pelo qual eles vieram.

— Simplesmente brilhante! — Ela estava presa com Thronos, sua sobrevivência ligada à dele. Ela olhou para trás para as rochas. Será que suas amigas conseguiram sair vivas?

Lendo sua preocupação, ele zombou, — Eu estaria mais preocupado com o seu destino. —

Ela enfrentou seu inimigo com medo. — O qual está finalmente selado...

DOIS

Eu a tenho. Thronos apenas parou de rugir com triunfo. *Eu a tenho, porra.*

Com os pulsos dela ainda presos, ele arrancou a máscara para longe, o olhar dele encarando o rosto dela. Seus grandes olhos azuis estavam gritantes contra a pele marcada pela fuligem.

Pó revestia as selvagens tranças escuras que entrelaçavam sobre seu rosto e pescoço.

O sangue dele pintava os lábios rechonchudos. Mesmo neste estado, ela ainda era a criatura mais sedutora que ele já tinha visto.

E a mais traiçoeira.

Ele desviou o olhar, focando-se na sobrevivência deles. Este túnel terrível falharia em breve. Do lado de fora, na noite, os perigos espreitavam em cada sombra.

A maioria das espécies da ilha odiava sua espécie.

Ele soltou as mãos de Melanthe, apenas para puxá-la de volta para seus braços.

— Ei! Para onde você está me levando?

Mais cedo, Thronos tinha sentido o cheiro de água salgada e chuva embebendo o ar, deveria ser uma saída deste labirinto. Com seu corpo trêmulo apertado contra o peito dele, ele começou a correr/mancar naquela direção, bloqueando a extenuante dor em sua perna direita.

A dor de apenas uma das lesões que ela lhe dera.

Levá-la para a segurança; abster-se de matá-la.

Em pouco tempo, a fumaça começou a diminuir. Menos rochas caíam.

Melanthe olhou ao seu redor. — Está clareando! Rápido, Thronos!

Ao contrário, ele parou no meio do caminho, levantando cascalho. Ele pegou um cheiro.

Não poderia estar certo.

Quando ele a colocou em pé, ela exigiu, — O que há de errado com você? O caminho de volta está bloqueado; estamos quase do lado de fora!

Mas a ameaça já estava dentro.

— Algo vem vindo? Diga-me! — Seu sentido de olfato não era tão afiado quanto o dele.

Um uivo lúgubre ecoou pelo túnel. Outros se juntaram a isto.

— São aqueles fantasmas? — Ela perguntou, um tremor em sua voz.

16

Mesmo imortais tinham cuidado com a mordida deles. Os animais irracionais aumentavam de quantidade por contágio. Uma única mordida ou arranhão...

O chão vibrava dos passos deles se aproximando. Deve haver centenas deles.

Ele teria que lutar contra um enxame de Ghouls, no subterrâneo. Será que Lanthe compreendia o perigo que enfrentavam? Ele tinha conquistado seu prêmio apenas para perdê-lo?

Nunca. Ele empurrou-a para trás, expandindo suas asas.

— Você me trouxe para cá! Você nos condenou. — Oh, sim, ela entendia o perigo. Para si mesma, ela murmurou, — Estava tão perto de escapar. Como de costume, Thronos arruinou meus planos. Minha vida. — Ela virou-se para ele, — Meu TUDO!

Ele balançou a cabeça ao redor, mostrando suas presas. — Silêncio, criatura! — Sua antiga raiva familiar o empolado por dentro, a raiva que às vezes o

fazia se perguntar se não poderia simplesmente matá-la e poupar-se desta miséria.

Melanthe era esta miserável. Ele sabia disso também.

— Toda minha vida, eu apenas queria ser deixada em paz, — ela continuou, — mas você se manteve me caçando... — Ela parou quando uma luz verde estranha começou a iluminar o caminho. O brilho da pele dos vampiros enquanto se aproximavam.

Atrás dele, ela disse, — Desejava pelos deuses que eu nunca tivesse te conhecido.

Com todo o seu coração, ele lhe disse, — É mutuo. — Não havia nenhuma maneira que ela e Thronos pudessem passar por essa multidão sem um único ferimento contagioso.

Embora ele agora fosse um Senhor da Guerra testado em batalha, atacando os focos de Pravus entre sua procura por ela, estava desarmado, prestes a lutar em seu ambiente menos vantajoso. Os poderes de Lanthé foram neutralizados; ela nem sequer tinha uma espada. Ela abriu os dedos, por hábito, para exercer a feitiçaria que não podia drenar, e aguardava um ataque irrefreável.

Nestes segundos, ela varreu seu olhar sobre Thronos, como não tinha sido capaz de fazer por anos.

Ele usava botas escuras e calças de couro pretas surradas, que moldavam aquelas pernas musculosas. Sua camisa branca de linho tinha recortes na parte de trás, elas abotoavam de cima abaixo das raízes de suas asas. Os humanos deveriam tomar isto como um habitual casaco.

Ela olhou para os seus chifres prateados. Embora muitos demônios tivessem dois, Vrekeners normalmente ostentavam quatro. Mas dois dos de Thronos tinham sido removidos, provavelmente por causa de como tinham sido danificados em sua queda.

O par restante era maior do que o normal, curvando-se em torno dos lados da

cabeça, como os de um demônio Volar.

17

Ele abaixou as mãos, suas garras negras ondulando passando as pontas dos dedos. Quando todos os músculos do corpo dele ficaram tensos para o combate, ele trouxe suas asas para perto de seus flancos. As principais articulações estavam tão retorcidas, que ela quase podia ouvir seus movimentos de travar e raspar.

Quando ele era jovem, tinha sido capaz de fixar as asas para baixo ao longo de suas costas, até que ficassem indetectáveis sob um casaco. Agora, por causa de seus ferimentos, essas erupções se projetavam para os lados.

Suas, anteriormente, garras negras nas asas haviam sido “prateadas” uma vez que ele se tornou um cavaleiro, suavizaram e afiaram até que tivessem se tornado coloridas.

Poucos da espécie dela já haviam chegado perto o suficiente de um Vrekener para saber como essas asas realmente pareciam; bem, pelo menos nenhum Sorceri viveu para contar sobre isto. Ela se lembrava de como ficou assustada ao descobrir o que cobria as costas...

Um uivo horripilante soou à frente. Uma batalha Ghoul chegando?

Uma onda de contagiosos e cruéis assassinos transbordando em direção à eles, seus olhos amarelos lacrimejantes queimando de raiva. Eles escalavam as paredes, arranhando uns sobre os outros para alcançarem sua presa.

Os Ghoul estavam à quinze metros de distância. *Doze.*

As asas de Thronos ondularam, como se com avidez. A última visão de Lanthe na Terra poderia ser as asas de um Vrekener. *Não era uma grande surpresa.*

Nove metros de distância. Seis... então... distância de ataque.

Uma de suas asas lançou-se para fora, depois a outra.

Ghouls degolados caíram no lugar. Mais de uma dezena de pescoços rasgados bombeado sangue, uma melosa gosma verde.

Os lábios dela se separaram. — Que diabos. — As garras prateadas das asas de Thronos pingavam verde; elas cortavam gargantas como uma lâmina de barbear.

Como a foice de fogo do pai dele.

Com os olhos arregalados, ela se esgueirou ao longo da parede para ter uma visão melhor dele. Ela não sabia que Thronos era tão rápido ou que suas asas eram tão mortais.

O cheiro de sangue Ghoul derramou no ar e fez a fileira seguinte deles hesitar. Nunca deixando de se lamentar, eles olharam para os corpos se retorcendo de sua espécie, depois para Thronos, a confusão em seus rostos.

Quando outra onda decidiu atirar-se para frente, ele usou suas asas novamente.

Gosma espirrado nas paredes, dismantelando os corpos caídos. A piscina verde infiltrando em sua direção e na de Thronos.

18

Suas asas se moveram tão rápido que mal conseguiu vê-las, pôde apenas senti-las expandir sobre seu rosto. Corpos sem cabeças empilhados, e Lanthe sentiu... esperança.

No passado, quando ela aliou-se ao Exército de Pravus, Lanthe tinha observado soldados treinando Ghouls, centauros, demônios de fogo e muito mais. Eles sempre resmungavam e gritavam quando atingidos. Thronos estava estranhamente silencioso. Um homem contra uma horda de monstros uivando.

Deuses, ele era tão forte.

Tecnicamente, ele era um anjo demônio, embora qualquer Vrekener negasse ter sangue de demônio em sua linhagem. Neste momento, ele parecia

seriamente demoníaco. Ao vê-lo assim, ela percebeu que em seus confrontos ao longo dos últimos séculos, Thronos tinha se contido em seus golpes.

Ele poderia não querer matar sua companheira, mas poderia ter acabado com a protetora de Lanthe, sua irmã Sabine. No entanto, ele não tinha. Antes, Thronos poderia ter matado Carrow sem pensar. Em vez disso, ele poupou a vida dela. Por quê?

Quando os corpos se acumularam e o sangue venenoso se arrastou em direção à suas botas, Lanthe ficou enjoada. Um terremoto mandou-a tropeçando contra a parede de pedra. A força arrastou um monte de cadáveres de Ghouls espalhados. O grande número de mortos era estarrecedor.

Quando seu próximo golpe derrubou mais uma fileira deles, ninguém mais avançou em torno do canto. Eles pareciam como se estivessem à espreita fora do túnel.

Thronos virou-se para ela, o peito largo arfando, seu rosto sepulcral coberto de areia e suor. Seu cabelo comprido estava úmido, chicoteando sobre seu rosto.

A contragosto ela admitiu que ele parecia... magnífico. Por muito tempo, ela focou-se em suas cicatrizes, suas fraquezas. Ela tinha subestimado este macho.

Ele rugiu uma palavra: — Vem.

Um dos lemas favoritos de Lanthe era a simplicidade, quando estiver em dificuldades, fuja.

Não vendo outra opção, ela cruzou em direção a ele. Ele levantou-a em seus braços, um rodopiando em torno da cintura dela, o outro enrolando em volta de seu pescoço.

Espontaneamente, as memórias de sua infância surgiram, quando as expressões dele tinham sido abertas, suas palavras gentis com ela. Quando ele tinha lhe apelidado e lhe ensinado a nadar.

Ele tinha sido uma mistura fascinante de arrogância e vulnerabilidade; uma hora estaria piscando um sorriso provocante, na próxima o rosto dele se aquecendo corando...

— Segure-se em mim, Melanthe.

Ela pôde apenas acenar e obedecer.

19

Ele chutou corpos para longe, então decolou em uma corrida mancando. Ela sabia o que ele planejava. Fugir dos Ghouls para o lado de fora da mina, Thronos iria correr até a borda, em seguida, saltar para o voo.

Ele a tinha levado para o céu antes, quando ela era uma menina que tinha confiado nele totalmente. Anos mais tarde, ela assistiu a um Vrekener voar com Sabine para uma grande altura, apenas pelo prazer de deixá-la cair em uma rua de paralelepípedos abaixo.

A cabeça de Sabine tinha se aberto como um ovo, mas alguma feitiçaria de Lanthe a tinha arrancado das garras da morte.

Desde então, Lanthe tinha pesadelos sobre o voo.

Poderia mesmo Thronos carregá-la? De acordo com os rumores, ele sofria uma dor inconcebível quando voava, suas asas retorcidas não funcionavam direito nos melhores dias; certamente estavam exaustas das dezenas de decapitações dos inimigos. A da esquerda ainda sangrava da espada de Carrow.

Apertando os braços ao redor dele, as garras de metal dela cavando na pele dele, Lanthe fechou os olhos bem apertados, o que apenas aumentou sua consciência dele.

O batimento cardíaco dele trovejando enquanto corria.

A ondulação de seus surpreendentemente grandes músculos.

A respiração dele em seu ouvido, enquanto a segurava como um tesouro

cobiçado.

Ela não teve nenhum aviso antes que ele colocasse as pernas para baixo, ondulando suas grandes asas. Seu estômago despencou quando eles dispararam para o céu.

Quando gotas de chuva bateram como balas em sua pele descoberta, ela espiou para baixo; Ghouls saltavam na direção deles, mas Thronos tinha voador muito alto para ser alcançado.

Tão alto. O chão ficando menor... e menor...

— Ah, deuses. — *Eu vou vomitar.*

20

TRÊS

Livre do túnel!

Thronos sugou sopros de ar fresco enquanto subia. Por fim, eles surgiram da fumaça e vísceras, para a chuva limpa e rajadas de brisa do oceano. Esforçando-se para ignorar a agonia que voar sempre trouxera, esboçou seu plano.

Foco: sobrevivência, escapar, então vingança.

Do outro lado da ilha, ele tinha os meios para sair deste lugar, mas chegar à costa distante não seria fácil, não com tantos inimigos sanguinários em jogo.

Havia demônios Volar alados que atacariam no ar como um bando. Sorceri poderia exercer os seus poderes do solo. Mesmo com a chuva, demônios de fogo poderiam lançar suas chamas, granadas que queimavam a carne como ácido. Os mortais da Ordem provavelmente enviaram reforços terrestres, ou ataques aéreos.

Agora Thronos teria que iludir qualquer ameaça, mas suas asas já gritavam de dor, tanto a velha como a nova. Seus ossos rangendo com cada uma das outras engrenagens, como se não encaixasse os músculos atados em torno das

articulações. Ele evitava voar sempre que possível, mas não viu nenhuma maneira de contornar isto; o chão estava todo livre.

Por toda a paisagem, aliados Vertas jaziam degolados ou feridos.

Cerunnos arrastavam-se atrás das Fey; Vampiros arrancavam os membros das boas demonarquias. Os Pravus estavam arrasando-os completamente.

Assim como tinham os mortais.

Por toda sua vida, Thronos tinha sido uma espada do lado certo. Mas não esta noite.

Não importa o quanto desejasse lutar ao lado de seus aliados, ele não queria comprometer sua presa.

Ele se deu conta mais uma vez: *Pelos deuses, eu a tenho.*

Ele ajustou seu aperto, inalando acentuadamente a sensação dela contra ele.

Ele não a tinha segurado desde que eram crianças inocentes. Apesar de sua excruciante dor, seus pensamentos eram tudo menos inocentes.

A maior parte de sua figura curvilínea estava em exibição em sua desavergonhada roupa de Sorceri. Além de suas luvas, ela usava apenas um peitoral de metal e uma saia minúscula feita de malha e tiras de couro. Quando ele arrastou-a através do túnel, isto tinha subido para revelar um pequeno e chocante fio dental preto e as curvas perfeitas de sua bunda...

Agora, as modelagens de seu peitoral pressionavam contra ele. A cintura e quadril eram tão terrivelmente femininos, provocavam luxúria.

21

Este era o corpo que ele deveria ter apreciado pelos últimos quinhentos anos. O corpo que deveria ter lhe dado filhos umas dez vezes. A raiva jorrou.

— Leve-me para baixo! — De repente ela gritou.

— Você quer descer? Eu deveria abrir meus braços, e deixá-la sentir o que é despencar! —

Como aprendi com você.

— N-não me deixe cair! — Ela estava tremendo contra ele. Suas garras cavando mais fundo, pequenos ganchos em sua carne. Mais dor para adicionar ao resto. — Este é o seu plano?

Torturar-me antes de me matar?

Matá-la? — Se eu quisesse você morta, já estaria assim.

Ela levantou a cabeça de seu peito. O rosto umedecido pela chuva estava distorcido, seu grosso lábio inferior trêmulo. Em meio a seu pânico, ela parecia estar medindo-lhe, determinando se ele estava dizendo a verdade. — Mas a tortura ainda está em cima da mesa?

— Talvez.

Quando ele sentiu uma corrente de ar e abruptamente caiu para pegá-la, ela gritou: —

Leve-me para o chão, ou vou vomitar!

Thronos sabia que nada a impediria de se libertar. Mas agir como se estivesse doente? Ela adorava quando ele a levava pelo ar, ria com prazer. Ele tinha voado com ela, muitas vezes, na época em que estava viciado no som de sua risada.

— Não posso aguentar essa altura, Thronos! Juro pelo ouro.

Eles estavam apenas a uns trinta metros no ar. No entanto, sua jura pelo ouro deu-lhe uma pausa. Ela considerava que isto seria tão sagrado como uma promessa feita ao Lore.

— Oh, deuses. — Um segundo depois, ela se levantou, jogando uma mistura de mingau, água e sujeira em sua camisa.

Um rugido soou de seu peito; ela lançou mais uma vez.

Se seus braços não estivessem cheios, Thronos teria beliscado sua sobancelha em descrença. Não só sua predestinada companheira eterna não tinha asas, agora ela sofria de medo de alturas.

Ainda de outra maneira, a feiticeira malvada estava totalmente errada para ele. Além do fato de que o desprezava tanto quanto ele a desprezava, Melanthe era uma mentirosa e uma ladra prostituta que tinha se provado maliciosa até os ossos.

Mas ela não foi sempre assim. Lembrava-se dela como uma menina, embora sensível, mas já travessa.

Ele viu um platô gramado, bem acima do oceano. Nenhuma criatura à vista. Ele desceu, pousando sem cuidado especial.

22

Quando soltou Melanthe, a perna direita dela tropeçou na esquerda, depois a perna esquerda tropeçou na direita. Ele previu sua queda e prontamente permitiu. Quando ela pousou sobre os joelhos, levantou-se novamente.

Exalando com impaciência, ele usou o tempo para limpar sua camisa do vômito dela, e verificou suas próprias feridas do Ghoul.

Sem marcas.

Do seu ponto no chão, Melanthe disse: — Pensei que Vrekeners deveriam manter o Lore em segredo dos humanos. Se assim for, excelente trabalho que você está fazendo!

Desde sempre, Vrekeners tinham sido encarregados de erradicar o mal dentro do Lore, e de ocultar sua existência, punindo qualquer um que ameaçasse o segredo dos imortais.

No entanto, ao mesmo tempo, este enclave humano mantinha seu olhar aquisitivo em Loreans.

Ser capturado por eles tinha sido tão fácil como Thronos esperava.

Melanthe olhou para ele. — Se todos os bons imortais ainda têm suas coleiras, por que você não tem?

— Uma pergunta melhor: Como você pode manter a sua?

QUATRO

Lanthe bateu a parte de trás de seu antebraço sobre sua boca. — Eu me pergunto o mesmo.

Mais cedo, Lanthe, Carrow, Ruby, e outros dois Sorceri foram deixados à disposição em sua cela, aguardando a vez da vivisseção, quando de repente sentiu uma presença; uma feiticeira de poder colossal tinha descido sobre a ilha, La Dorada, a Rainha do mal.

Essa mulher havia libertado todos os seres do mal, arrancando suas coleiras dos membros de Pravus, assim como da companheira de cela de Lanthe, Portia, a Feiticeira da Pedra.

Portia tinha usado seu poder de deusa sobre algumas rochas para levantar montanhas através do centro da prisão. A força havia esmagado as paredes espessas de metal das celas, como latas.

Sua cúmplice, Emberine, a Feiticeira das Chamas, havia incendiado o lugar como um inferno. Imortais tinham se revoltado, dominando várias defesas da Ordem.

Então... Pande-porra-monia.

Os humanos, e os Loreans de coleira, foram eviscerados, drenados de sangue, infectados por Ghouls ou Wendigos, estuprados até a morte por Súcubos, ou comidos por um número qualquer de criaturas.

A Rainha do Mal, uma maldita companheira Sorceri, tinha deixado Lanthe impotente no meio desse caos. *Verdadeira solidariedade lá, Dorada*. E ainda assim ela tinha libertado Thronos, um Vrekener? Ele era um “Cavaleiro do Acerto de Contas”, o equivalente a um Xerife do Lore.

Lanthe levantou o rosto para a chuva, coletando um bocado para se enxaguar. Em seguida, ela se virou para ele. — Talvez tenha perdido sua coleira, porque você se tornou mal ao longo de todos esses séculos.

— Ou talvez a minha mente estivesse cheia de fantasias do mal. — Outro lampejo de suas presas. — Você tem esse efeito em mim.

Lanthe trabalhou seu caminho para ficar em pé, balançando vertiginosamente. Ele deixou-os cair em uma faixa de terra, centenas de metros acima do solo. Com esta vantagem inquietante, ela esquadrinhou a noite. Embora a visão noturna de um Sorceri não fosse tão aguda como a da maioria dos imortais, ela podia ver uma boa parte da ilha, mesmo na escuridão.

Conflitos estavam rompendo em todos os lugares, e os Pravus estavam dominando. A ilha fervilhava com eles. Ela não se lembrava de muitos Pravus nas celas. Ela apostava que a aliança foi teletransportar reforços para cá, para apanhar os indefesos encoleirados Vertas.

Como eu. Um ano atrás, ela e Sabine tinham mudado de lado, ajudando o Rei Rydstrom, O

Bom, a recuperar seu reino de Rothkalina.

24

Antes disso, as irmãs tinham ficado com todos os Pravus, o tempo todo. Uma vez que Lanthe ficasse livre de Thronos, talvez pudesse tentar deslizar de volta para sua antiga aliança, pelo menos até Sabine vir e salvá-la.

Sua irmã mais velha deveria estar muito preocupada sobre sua longa semana desaparecida. Antes de sair de casa para caçar um novo namorado, Lanthe tinha deixado uma nota que simplesmente dizia “*Saí para pegar algum estranho, beijos*”.

Na verdade, Lanthe estava surpresa de que Sabine não tivesse lhe encontrado até agora.

Ela sempre tinha no passado. Elas nunca tinham ficado separadas por tanto tempo...

Seus olhos se arregalaram. Desta altura, ela viu Carrow, Ruby, e o novo

marido vemônio de Carrow, Malkom Slaine. Embora esse vampiro/demônio fosse um dos mais mortais, e mais temível ser no Lore, ele parecia estar pastoreando-as para a segurança.

Acho que ele decidiu não matar Carrow.

O coração de Lanthe saltou por vê-las em segurança, e ela respirou fundo para chamá-las, mas Thronos bateu com a mão calejada sobre sua boca. Ela chutou para trás com suas botas, lutando contra ele; ele a abraçou com um mínimo de esforço. Ele esperou até que Carrow estivesse fora do alcance de sua voz, antes de libertar Lanthe.

— Elas vão ficar preocupadas comigo! — Ela se esforçou para mantê-las à vista.

— Deus. Se a bruxa é tola o suficiente para se preocupar com alguém como você, ela merece o infortúnio.

Alguém como eu. — Falando por experiência? — Ela virou-se para ele, o nível dos olhos com o peito dele. O linho molhado de sua camisa se agarrava a seus músculos, caindo sobre seus peitorais, mostrando indícios de cicatrizes por baixo.

Por que eu jamais notei que os músculos dele eram tão definidos? Provavelmente porque todas as vezes que ela o viu, estava correndo por sua vida. Ela esticou a cabeça para olhar para o rosto dele, as cicatrizes estavam colocadas lá.

Tudo causado por mim. Uma única profunda distorcida ao longo de seu queixo talhado, enquanto quatro mais curtas cortavam na diagonal para baixo de suas bochechas, como pinturas de guerra celta.

Uma vez que um organismo tornava-se imortal, era inalterável na sua maior parte.

Embora um Lorean como ele pudesse comprar um glamour das bruxas para camuflar essas marcas, ele sempre as teria.

Apesar de suas cicatrizes, as fêmeas ainda iriam achá-lo bonito. Muito mesmo.

— O que você está olhando? — Ele retrucou, parecendo perturbado pela leitura.

Mas então, ele geralmente parecia perturbado.

25

— Meu inimigo de toda uma vida. — Tinha passado tanto tempo constantemente fugindo dos Vrekeners. Agora estava presa com o objeto de seus medos. Não exatamente a ajudava com um TEPT2 Vrekener. Mas escaparia mais cedo ou mais tarde; ela sempre o fazia.

E então ele acabava sempre indo atrás dela de novo, como ele sempre fazia.
— Bem, você me pegou Thronos. Agora, o que acontece?

Ela pensou ter visto um lampejo de choque em seus olhos, como se ele mal pudesse aceitar seu sucesso depois de tanto tempo.

— Agora irei nos tirar desta ilha.

— Como? São milhares de quilômetros de terra, cercada por águas infestadas de tubarões.

— Os humanos estavam preparados para impedir a fuga. Bem, preparados para tudo, exceto realmente uma aguçada La Dorada. — Você não pode voar essa distância.

Embora ele tentasse esconder isto, ela tinha visto a sua dor por apenas um passeio, seu rosto ficou abatido e suado, os lábios em uma linha fina.

Considerando que outros de sua espécie pudessem voar centenas, se não milhares, de quilômetros em pouco tempo, ela se perguntou qual era o limite.
— Especialmente comigo a reboque.

Parecia que ele estava mordendo a raiva, como se apenas o som de sua voz estivesse irritando-o. — Tenho outros meios de fuga.

— Uh-huh. Ouça, há uma chave para o meu colar lá embaixo. — *Ou quase isso.*

Cada colar era bloqueado e desbloqueado com a impressão digital do diretor, um troll chamado Fegley (não *literalmente* um troll). Quando Lanthe e companhia haviam tropeçado com o diretor preso, Lanthe tinha cortado a mão dele para facilitar o uso. Mas antes que Lanthe pudesse libertar-se, Emberine havia roubado a coisa suja e incinerou o resto de Fegley.

O que forçou Lanthe e seus amigos a fugir para os túneis....

— Se você me ajudar a conseguir tirar este colar, — ela disse a Thronos, — eu poderia criar um portal para onde você quisesse. — *Ou poderia ordenar-lhe que se esfaqueasse repetidamente no pau.* Então ela correria o mais rápido que conseguisse, enquanto estaria rindo muito.

Isto, assumindo que sua persuasão esporádica funcionasse, mas ela estava esperançosa, afinal ela vinha acumulando um monte disso, nas últimas três semanas.

Thronos fixou o olhar selvagem dele no dela. — Você vai usar o colar pelo resto de sua vida imortal. Que você o mantenha é um golpe de sorte.

Ela sabia que ele estava falando sério. O que significava que tinha que ficar longe dele e encontrar essa mão. — Você sempre me quis obediente, não é? Como as fêmeas Vrekener?

2 Transtorno de estresse pós-traumático.

26

Lanthe tinha ouvido falar que elas nunca riam, bebiam, dançavam, cantavam, e sempre usavam monótonas roupas, totalmente cobertas.

Um mundo de distância das alegres mulheres hedonistas Sorceri, com suas atrevidas vestes de metal, máscaras coloridas e maquiagem ousada.

E, horror dos horrores, Vrekeners desprezavam o uso de ouro. Para uma feiticeira que adorava ouro como Lanthe, isto era uma blasfêmia. — Você

sempre quis que eu tivesse nascido mansa e impotente.

— Você pode muito bem estar impotente. Ao longo destes séculos, dificilmente pôde usar suas habilidades, mesmo sem o colar.

Consumida. Pior ainda, ele estava certo. Apesar de a persuasão ser a fonte do poder com a qual ela tinha nascido, semelhante à sua alma, ela quase extinguiu isto curando sua irmã de repetidos ataques Vrekener.

Cada vez que uma ameaça alada as encontrava, Sabine se encarregada do perigo. A cada vez Lanthe limpava o dano, comandando o corpo de Sabine para remendar-se.

O poder arruinado de Lanthe era bem conhecido. Quando os Sorceri roubaram outras habilidades dela, não tinha havido nenhum comprador para sua alma defeituosa.

— Olhe para seus olhos brilhantes. Sensível a esse respeito, criatura?

Ela lembrou-se de que tinha conseguido alguns surtos de persuasão em situações de emergência. Em uma noite, as estrelas tinham se alinhado, e ela tinha deixado Omort, um quase onipotente feiticeiro, temporariamente impotente.

Tempo suficiente para o Rei demônio Rydstrom, O Bom, lutar e matá-lo. Sem a ajuda de Lanthe, Rydstrom jamais poderia ter libertado todos os Demônios da Ira de Rothkalina da opressão de Omort.

Quanto ela desejava que todos no Lore soubessem disso! Então eles a respeitariam.

Ela estreitou os olhos, recordando-se da outra vez que conjurou uma persuasão. — Usei o meu feitiço em você da última vez que nos encontramos.

Thronos claramente não gostou de ser lembrado disso. Um ano atrás, ele armou uma armadilha ao redor de um dos portais dela, à espreita dela voltar. Quando ela voltou na direção dele e de seus cavaleiros, ela tinha adquirido

alguma feitiçaria, o suficiente para passar pelo portal.

— Se você se lembra, eu resisti aos seus comandos!

Assim que ela estava selando-o, ele conseguiu enfiar a bota pela porta. Infelizmente, o fechamento do portal tinha cortado o pé dele.

Por causa dele ela não conseguiu resgatar sua irmã de uma situação perigosa, então naturalmente Lanthe tinha chutado o pé dele ao retornar ao seu quarto, gritando com ele.

27

Ela estreitou os olhos para ele. — Juro que vou tirar este colar de cima de mim, e quando fizer isso, vou demonstrar quão poderosa eu fiquei! — A chuva continuou a verter; Ghouls uivaram abaixo. Mas Lanthe estava muito chateada para prestar qualquer atenção neles; ela tinha eras de dor para desabafar. — Ordeno que você se esqueça de que eu já vivi!

Um músculo tremeu em sua mandíbula cerrada, e aquelas cicatrizes cortando seu rosto embranqueceram. — Nunca!

— Por que não, demônio? Todos os dias eu gostaria de nunca ter estado naquele prado quando sobrevoou.

Ele desfraldou suas asas em seu completo aterrorizante comprimento, uma extensão de mais de quatro metros e meio. — Não sou um demônio.

Uh-huh. — Você continua dizendo isto a si mesmo. — Ele parecia que diria mais, então ela o interrompeu. — Mesmo se conseguir me tirar dessa ilha, não pode simplesmente me manter.

Tenho amigos que virão atrás de mim. — O Rei Rydstrom, agora cunhado de Lanthe, era feroz sobre a proteção de Sabine e Lanthe, prometendo matar qualquer um que pensasse em prejudicar as irmãs.

Ele entendia que sem Lanthe, sua amada esposa Sabine não teria sobrevivido todos esses anos, e se sentia em dívida com ela. Mas Rydstrom e Sabine não sabiam a verdade: por causa de Lanthe, os Vrekeners as tinham atacado em

primeiro lugar, porque estupidamente ficou amiga de Thronos, fato que ela nunca tinha revelado a sua irmã.

— E que amigos seriam esses? — Thronos rangeu.

— Talvez você já tenha ouvido falar de meu cunhado Rydstrom, o governante de Rothkalina, mestre do Castelo Tornin?

Rydstrom tinha alertado o Rei dos Territórios do Ar, o irmão de Thronos, de sua proteção.

Qualquer plano para prejudicar uma das irmãs seria considerado um ato de guerra contra todos os Demônios da Ira. — Rydstrom é meu protetor.

— Não tenho medo dele. Assim como não tinha medo de seu protetor anterior. Omort, o Imortal.

Ela podia apenas imaginar o que Thronos tinha ouvido falar sobre Omort. Uma vez que ele tinha roubado a coroa de Rydstrom, Omort instituiu um reinado de terror em Rothkalina. Apesar de que ela e Sabine tivessem residido com o irmão delas, meio-irmão, no apreendido Castelo Tornin, isto não quis dizer que elas tinham compartilhado o comportamento doentio de Omort.

Elas teriam escapado, mas ele tinha um controle letal do lugar, sempre as forçando a voltar para ele.

Lembrou-se de dizer a Sabine, “Vou gritar se ele decapitar outro oráculo.”. Ele tinha massacrado centenas deles, decepando a cabeça de seus pescoços com as mãos nuas.

28

“O que podemos fazer?” Disse Sabine, soando indiferente como sempre. “Levar isto para a gerência?”

Qualquer um que contradissesse Omort era abatido. Ou pior.

Lanthe teve um breve impulso de explicar a Thronos que as coisas realmente

tinham sido assim com Omort. Para explicar que tinha vivido no Castelo Tornin sob dois reis, e agora agradecia ao ouro por sua nova vida sob o reinado de Rydstrom. Mas, então, se lembrou de que ela não estaria ao redor de Thronos tempo suficiente para desperdiçar o esforço. Não que o Vrekener acreditaria nela de qualquer maneira.

Então, ela voltou à intimidação. — Se não tem medo de Rydstrom, então talvez você tema Nïx, a Sabe Tudo. — Há três mil anos, a Valquíria era uma adivinha, rumores de que ela estava à caminho de sua completa divindade. Embora Nïx fosse louca, via o futuro e o passado de forma mais clara do que o presente, ela estava rumando à total esquisita Ascensão, aquele grande momento imortal de matar.

— Nïx, então? — ele zombou.

Ok, talvez ela e Lanthe não estivessem ligadas, por si só (elas mal se falavam). Mas Nïx esteve no plano para matar Omort, tinha ajudado Sabine, Lanthe, e Rydstrom. Rydstrom a considerava uma boa amiga. — Sim, a Valquíria é uma das minhas melhores amigas.

— Com tanta prática e feitiçaria, pensei que você fosse mais hábil em fraude. — Ele puxou os lábios para trás de suas presas. — Quem acha que me disse como encontrá-la?

Lanthe balançou em seus pés, se do choque ou porque o chão estava se movendo novamente. — Ela não faria isso. — Lanthe deveria ter pensado melhor antes de confiar em uma Valquíria!

— Ela faria e fez. Junto com alguns conselhos que lhe dizem respeito.

— Diga-me.

Sua resposta: um sorriso.

— Então se deixou ser pego pela Ordem? — Ele tinha que ter, senão como poderia os mortais capturarem um homem que podia voar?

Mas, então, como diabos eles tinham capturado metade desses seres? Ela

provavelmente foi a captura mais fácil deles. Quando Lanthe deixou Tornin, rumo ao reino mortal para encontrar um amante depois que estava na seca de sexo por muito tempo, uma mulher na rua lhe ofereceu um desconto de ouro; Lanthe tinha seguido como um cão babando, direto para uma armadilha.

— Isso foi um grande risco, se basear na palavra de uma Valquíria louca, — disse Lanthe.

Ele passou seu olhar sobre ela. — Minha recompensa é proporcional. Assim como será a minha vingança.

29

Espremendo as têmporas, Lanthe começou a caminhar pela pequena extensão de terra, dirigindo-se para as extremidades, mantendo-se longe da presença imponente de Thronos. Ela passou anos se bloqueando da vista dele; agora essa proximidade estava mexendo com sua mente.

Os ataques implacáveis dos Vrekener afetaram Lanthe e Sabine de maneiras diferentes.

Enquanto Sabine ficou amortecida a temer, Lanthe cresceu cronicamente nervosa, sempre à espera de outro ataque surpresa. Agora, seu instinto de sobrevivência estava em alerta máximo apenas com a proximidade dele...

O planalto abriu-se, de repente, como metades de um tronco cortado em dois. Ela gritou quando um desfiladeiro escancarou-se entre ela e Thronos.

Quando o movimento se acalmou e pôde clarear sua visão, ela viu que estavam em lados opostos de um novo abismo.

Aquelas montanhas que se erguiam faziam toda a terra ao redor deles verter para longe, como pedaços de geleiras. — Você vai me matar aqui em cima! — Ela gritou, mas Thronos já estava em voo.

O chão desapareceu sob os pés dela; antes que ela pudesse cair, ele a trouxe para perto enquanto ia para o ar mais uma vez.

— Ah, deuses. Isso está acontecendo. Isso está realmente acontecendo. —

Ela escondeu o rosto em seu peito. *Eu odeio isso, eu odeio isso....*

— O seu medo de voar me incomoda. Quando isso se desenvolveu, feiticeira?

— Quando um de seus cavaleiros levou Sabine para o alto, então a jogou. Ela tinha quatorze anos. — Com a memória da cabeça de Sabine explodindo, Lanthe reviveu isto novamente.

— Que mentiras são estas que está dizendo agora? Nenhum Vrekener atacou sua irmã.

Ela ficou em silêncio. *Será que ele estava mentindo? Ou será que não sabia realmente que os seus cavaleiros tinham caçado ela e Sabine? Como príncipe dos Territórios do Ar, Thronos era o Lorde General dos Cavaleiros, em comando dos guerreiros mais leais.*

Será que alguns desses homens tinham sua própria agenda secreta?

Se Thronos a forçasse a voltar para sua casa em Skye Hall, então o que impediria estes cavaleiros de lança-la sobre a borda?

Quando ele diminuiu a velocidade, ela chorou contra sua camisa, — Sim, não tão rápido!

Ele virou-se no lugar, inalando acentuadamente.

A curiosidade exigiu que Lanthe levantasse a cabeça. — Oh, meu ouro.

30

Aquela nova montanha se projetava do centro da prisão, desprendendo-se das estruturas.

Cada pedaço de concreto que caía era arrastado, circulando o pico como um tornado. *Trabalho de Portia. Quanto ela deveria estar gostando disso!*

Chamas imponentes de Ember envolviam a coisa toda. Fogueiras das feiticeiras queimavam tão forte que cresciam para dentro da chuva,

aquecendo as gotas de vapor.

Elas eram duas das mais poderosas Sorceri que já nasceram. Suas habilidades estavam competindo, até mesmo com as ilusões de Sabine.

Parte de Lanthe não poderia deixar de se maravilhar, como se fosse uma obra de arte.

— Offendments, — Thronos sussurrou perto do ouvido dela. A palavra Vrekener para delito. — Este é o trabalho de seu povo. Sua... laia. E você se pergunta por que foi confiado aos Vrekeners o combate aos Sorceri?

* * *

A antiga prisão dos mortais era agora uma imagem do inferno.

Thronos não lamentava a derrota da Ordem, ele achava esses humanos desprezíveis, mas agora um mal maior reinava. Enquanto observava as chamas subir mais alto, o show das Sorceri intensificava seu chamado.

Para derrotá-lo.

Por enquanto, as ações delas serviriam como um lembrete oportuno com o que ele estava lidando. A feitiçaria de Melanthe não era temerosa, mas a dela era mais insidiosa. Tudo nela era.

Já que estava tentando semear a discórdia, a mentira sobre os ataques dos Vrekener.

Ele se afastou do espetáculo e voou para frente, rangendo os dentes contra a dor.

— Odeio isso, eu odeio isso, odeio isso, — ela entoou, com o rosto escondido no peito dele.

Ele odiava isso também. O único Vrekener na história que desprezava voar, e era por causa de sua própria companheira.

Durante aqueles quatro meses de sua infância que passara com Melanthe, ele

uma vez encontrou uma feiticeira enlouquecida que tinha lhe dito “Melanthe nunca será o que você precisa que ela seja.”.

Na época, Thronos tinha pensado que ele e Melanthe iriam provar que ela e todos os outros estavam errados.

Como ele tinha sido ingênuo.

Sua companheira não poderia ser mais inadequada para ele. Além de toda a história deles, e todos os offendments dela, Melanthe era uma Sorceri, uma espécie que ele confundiu com as formas intuitivas deles.

31

Elas cobriam os rostos com máscaras, chamando isto de ornamentação, em vez de ocultação. Não confiam em sua própria espécie, não tinham nenhuma unidade. Gostavam de se divertir com outros Loreans, mas se possuísem algo de valor, estocavam bem longe se mantendo como dragões hibernando. Elas poderiam ser corajosas ao enfrentar um inimigo violento, ainda debilitado pelo medo de perderem um dos seus preciosos poderes.

Apesar da persuasão sinistra de Melanthe não ter sido perdida, estava contida a um passo da direção certa.

Ela queria aquele colar fora? Isto ficaria no pescoço dela pela eternidade!

— Para onde vamos agora? — Ela não estava mais tremendo. O corpo dela estremeceu em seus braços.

Ele calculou que a feiticeira controlava mais vômito. — Eu te disse. Tenho meios para sair da ilha.

Thronos tinha outras informações. Sua cela na prisão era perto de um guarda da estação, e ele ouviu falar sobre planos de fuga da Ordem em caso de emergência.

Havia rumores de um navio do outro lado da ilha.

Todos os membros da Ordem estavam mortos. Nenhum mortal teria

sobrevivido para tomar o navio de Thronos. E mesmo que outros Loreans tivessem ouvido isto, eles não seriam capazes de atravessar o terreno montanhoso do interior da ilha, antes que ele pudesse.

Ele não esperava que o ancoradouro estivesse visível do ar, a Ordem tinha sido inteligente o suficiente com a camuflagem de suas estruturas, mas Thronos seria capaz de farejar os motores da embarcação. Depois que a chuva parasse de verter.

Ele usaria a embarcação para levá-los perto o suficiente para que voasse de volta para Skye. Lá, ele estaria pensando com mais clareza, e decidiria o destino dela.

Ela perguntou se ele planejava matá-la. Nunca. Mas isso não queria dizer que deveria honrá-la, tornando-a sua esposa e princesa.

Talvez se pudesse, eventualmente, lhe ensinar o certo do errado, ele iria torná-la sua companheira e, portanto, sua única opção de continuar sua linhagem. Ele sentia o dever de se reproduzir desde que sua família tinha sido pulverizada. Mesmo agora, ele era herdeiro de seu irmão, o Rei Aristo.

Mas isso significava que Thronos teria que se casar com Melanthe primeiro. Ele não conseguiu nem explorar o corpo dela até então. O simples beijo que tinha roubado dela era um offendment.

Ele olhou para ela em seus braços. Como poderia se casar com ela depois de tudo o que tinha ouvido falar sobre ela? Enquanto não soubesse a extensão do envolvimento dela nas atrocidades sob o reinado de Omort?

32

Lembrou-se de Aristo dizendo há séculos, “Sua companheira e a irmã dela se aliaram com o irmão delas, Omort, o Imortal, líder dos Pravus. Relatórios se infiltraram da posse delas. Thronos, o que a família delas está fazendo... está além do terrível.”.

Incesto, orgias de sangue, sacrifícios de crianças.

Melanthe, irmã de Omort e, possivelmente, sua concubina, mãe de meus descendentes?

RAIVA. Ele sentiu como se estivesse se afogando nisso. Envolvido nisso.

— Você está me machucando!

Ele descobriu suas garras cavando-a. Ele não afrouxou seu aperto.

— O que você está pensando que o deixou tão furioso?

Ele apertou a mandíbula, incapaz até de falar. Ouviu o batimento cardíaco dela, incidindo sobre ele. *Controle-se, Talos*. No início de sua vida ele tinha visto a tragédia que até mesmo uma breve perda de controle poderia causar.

Cacos de vidro, como presas esfolavam minha pele. Ele deu uma sacudida com a cabeça, aumentando a velocidade.

Com uma voz suave, Melanthe disse: — Nix não teria me vendido se soubesse que você iria me machucar.

Discutível. Ele conheceu a Valquíria há um ano na cidade dos mortais de Nova Orleans, quando ainda estava regenerando o pé que tinha perdido por causa de Melanthe. Nix não parecia estar acompanhando a realidade, quando disse a Thronos onde estar para ser capturado, e quando estar lá, há apenas uma semana. Todos os meses gastos esperando desde então, tinha sido uma punição.

— O que fez para que a Valquíria falasse sobre mim? — Melanthe perguntou. — Qual foi o conselho dela?

Tinha sido uma frase enigmática: “Antes que Melanthe se tornasse isto, ela era aquilo...”

A fêmea não disse nada mais, não importando o quanto ele tenha pressionado. — Ela não mencionou nada sobre o meu tratamento à você, — ele rangeu quando a dor em suas asas se intensificou de forma constante.

Com a dor veio partes iguais de furor.

Por causa da criatura em seus braços, ele tinha o tempo de vida de ambos.

CINCO

Entorpecida pelo chuvisco e o frio, Lanthe se deixou levar por uma espécie de estupor exausto quando o voo continuou, continuou e continuou. Quando cruzaram sobre o amplo bosque, os ruídos das batalhas aumentaram como se estivessem em alta voltagem.

Atreveu-se a olhar para trás, ainda podia ver as faíscas de luz espectral. Logo este corpo-a-corpo se estenderia ao longo de toda a ilha. Thronos tinha que saber isso.

Seu rosto estava tenso, como se estivesse concentrado em bloquear sua dor. Não havia nada para falar. *Pense em outra coisa, Lanthe. Algo mais.*

No entanto, agora que ela era sua cativa (temporariamente), encontrou sua mente perdida em pensamentos sobre ele. Uma lembrança surgiu de seu primeiro dia juntos, quando ele tentou alimentar a sua, sua ideia de cortejo.

Infelizmente, ele não sabia que era vegetariana...

— *Para você.* — *Thronos deixou cair um pedaço de carne sangrando em seus pés.*

Ela começou a chorar.

— *Porque está chorando?* — *Apesar de toda sua confiança, parecia confuso e magoado, como se as lágrimas o atormentassem.* — *Não gostou do meu presente?*

— *Este... este era meu coelhinho!* — *Uma das criaturas do bosque que ela chamava de amigo.*

— *É uma carne decente. E você está morrendo de fome.*

Seu rosto ficou quente. — *Não estou!*

— *Está sim. Estava entre os ramos, cordeirinho.*

— *Eram b-bagas! Gosto de comer bagas.*

Na manhã seguinte, quando a curiosidade a levou de volta para a pradaria, o encontrou com muitas bagas. Thronos estava em pé entre elas, com os dedos manchados o queixo levantado olhando em seu rosto. Encantada, ela se inclinou e deu um beijo em seus lábios. Suas asas se abriram de repente, uma reação que pareceu envergonhá-lo.

Depois deste começo difícil, ficaram melhores amigos, tal como prometeu.

Mais tarde, lhe perguntou porque seus pais não lhe compravam alimentos. Não pode fazê-

lo entender que sua mãe e pai adoravam o ouro mais que qualquer outra coisa que pudessem comprar. Por não falar que consideravam Lanthe com idade suficiente para começar a abrir sua própria passagem pela vida.

O agarre de Thronos estava se afrouxando no ar! — Espere! — Exclamou.

34

Mas ele apenas a reposicionou entre seus braços. Ao parecer, ele estava a ajustando para a duração do voo, e não estava disposto a carregá-la como um punhado de lenha. Depois de um momento, relaxou um pouco.

Apesar de que tinha pesadelos recorrentes sobre os Vrekeners, agora estava presa diretamente sob um par de asas de um deles. Bem, era um tipo de terapia de imersão.

Ela levantou os olhos para elas, abertas em voo, o vento silvando através das feridas de espada que estavam cicatrizando. Quando jovem, sentia obsessão por suas asas, tocava-as o tempo todo.

Ela ficou fascinada ao descobrir que as asas estavam cobertas de escamas como as de um dragão. Como um mosaico, as escamas negras e prata de Thronos compunham desenhos que pareciam plumas afiadas.

Durante o dia, as partes inferiores eram cobertas por uma cor cinza escura. À noite, ficavam negras, completamente acesas com eletricidade ao longo dos ossos. Cada uma destas escamas brilhava tanto que pareciam fluorescentes.

Na noite que se conheceram em segredo, ele estendeu as asas, mostrando-lhe como se moviam as escamas. Ficou olhando como se estivesse rodeada por raios. Mostrou como podia fazer truques de luz para camuflar suas asas de maneira que ficasse invisíveis na escuridão.

Quando ficou envergonhado por seu olhar de olhos bem abertos, as escamas aceleraram, como se estivessem ruborizadas.

— Não sabia que tinha escamas em lugar de plumas. — Ela disse. — Suponho que os de minha classe não conseguiram um bom olhar na parte posterior das asas dos Vrekener.

Ele pareceu preocupado. — Isso é porque os Vrekener nunca se aproximam de uma Sorceri.

Agora as asas de Thronos voltaram para o lugar. Sempre imaginou que os ossos tinham se formado mal, mas de perto, podia ver que estavam certos, em fortes linhas retas. *Talvez os músculos se haviam agrupado, crescendo deformados?*

Mordendo o lábio inferior, se atreveu a levantar a mão e tocar uma escama. O ritmo dele acelerou e seu agarre ficou tenso sobre ela.

Era a primeira vez que o tocava voluntariamente como um adulto.

Quando ele lançou lhe um olhar mortal, novamente parecia um ceifador, cada centímetro dele “um ajuste de contas”. Suas garras prateadas brilhavam, como a afiada lâmina de uma espada. — Porque fez isso? — Exigiu.

— Antes gostava que as tocasse.

Com voz dura ele disse. — Você assume que me lembro deste passado?

E se não se lembrava? Sua mente poderia ter sido ferida. Por alguma razão, a ideia fazia seu peito doer. Lembrava cada segundo daqueles quatro meses. Independente de sua história, encontrava-se pensando neles, nele, com muita frequência.

A medida em que ganhava altura sobre a montanha, seus ouvidos estalavam. A chuva caía com mais força, torrencialmente, os ventos os açoitavam. Ouviu as ondas batendo nas pedras.

Chegaram a costa? Ela piscou contra a chuva, viu que estavam seguindo ao norte da costa. Ou sul.

Quem sabia, com seu sentido de direção miserável?

Parecia como se estivesse tentando cheirar algo. Ele os levou a um ponto, acima e logo voltou pela costa, voando mais longe na direção oposta. Uma vez mais repetiu o padrão claramente frustrado.

— Inclusive se seus sentidos forem tão agudos como os de um Lycan, não pode sentir nada sob a chuva torrencial.

— Silêncio. — Virou-se para rodear uma árvore no pico, agitada pela tempestade.

A árvore balançava com os ventos, a parte superior como o convés de um barco. No entanto, o bastardo a lançou sobre uma extremidade de um galho! Arranhou suas mãos enquanto tentava segurar na ponta da madeira.

Se caísse, iria rolar pela montanha, seu corpo se despedaçaria. Ao parecer, se esqueceu como suscetível às lesões uma Sorceri era!

Ou talvez não tivesse esquecido.

Uma vez que se estabilizou, conseguiu se arrastar ao longo da extremidade, a madeira polida sob suas mãos e joelhos. De joelhos ante o tronco, afundou suas garras nele, olhou para cima, piscando contra o aguaceiro. Não havia folhas para protegê-la da tempestade. Acima, os galhos se estendiam como veias, como se estivessem se esticando como artérias sobre o céu cheio de

raios.

Thronos situou-se no mais alto, facilmente equilibrado, aumentando sua estatura para manter o movimento. Uma mão cobria seus olhos da chuva torrencial.

Quando ela fez uma oração aos deuses que lhe deixasse ali, seus dentes começaram a bater. Ela logo se agitou e sua cabeça foi para cima e para baixo, deu voltas e não foi apenas pela altura. Não teve mais que uma ou duas horas de sono em três semanas e rara vez comeu o pão que lhes serviram.

Agora, ela deveria estar na cama em sua cálida torre em Tornin, vendo filmes em DVD em sua TV com energia solar e desfrutando de refeições suntuosas e vinho doce dos Sorceri. Em seu lugar, estava presa em seu pior pesadelo, sentido vontade de matá-lo.

Uma explosão de risada histérica saiu de seus lábios. *Lanthe e Thronos, sentados em um arvore, m-a-t-a-n-d-o...*

36

Maldição, porque demônios Sabine não a encontrou? Talvez o jogo duplo de Nix deu errado, enquanto dava instruções detalhadas para Thronos encontrar Lanthe.

Se Sabine descobrisse que ele tinha sua irmã, um inferno se desataria.

Aquela noite, há muito tempo, quando Thronos levou outros à abadia, Sabine percebeu a forma como olhou para Lanthe. “O jovem Vrekener te olha com desejo. Seu povo deve ter descoberto de algum modo que é sua companheira destinada. Atacaram nossa família para assegurar o futuro do mestiço, para prepará-lo. Para romper contigo. Como fizeram com tantas outras crianças Sorceri.”.

O que supunha Lanthe ser verdade. Mas permaneceu em silêncio e até este dia, Sabine não tinha ideia da conexão de sua irmã com Thronos.

O que tinha planejado para Lanthe uma vez que conseguisse sair da ilha?

Esperava ter sexo com ela? Lembrou-se da forma como ele a beijou na mina.

Oh sim. Ele esperava.

Ouviu o barulho das asas quando voltou e ficou atrás dela. Arriscou a olhar por cima do ombro, odiando que ele estivesse totalmente em seu elemento. Enquanto a tempestade rugia a seu redor, os relâmpagos iluminavam seus chifres, asas e presas.

Um verdadeiro demônio.

Lembrou-se de chamá-lo assim quando eram jovens. Ele ficou horrorizado e não voltou a pradarla durante três dias. Depois ela soube que ele voou para a casa com a pergunta, “Mamãe, papai eu sou um demônio?”

Quando por fim voltou para Lanthe, foi rápido ao lhe passar toda informação que reuniu sobre como os Vrekeners eram totalmente, completamente e sem sombra de dúvidas, diferentes dos demônios selvagens.

Vrekeners não podiam se teletransportar como demônios, seus olhos não ficavam negros com a emoção e os machos não marcavam suas mulheres quando as reclamavam. Enquanto os chifres de demônio tinham uma função nos rituais de acasalamento das espécies (Thronos com certeza ruborizou) os chifres Vrekeners eram apenas para ameaçar, para aterrorizar os malfeitores. Suas asas eram rápidas na captura das presas, para acabar com o mau o mais rápido possível, porque o mau se propagava.

Apoiou o queixo na mão e lhe perguntou em tom descarado. “E suas presas? São para prender o mau também?” Ele a olhou irritado pelo resto do dia...

Ao vê-lo ali entre os raios, sua espécie era evidente para ela, como era para muitos no Lore. Quando o Lore chamava os Vrekeners de anjos demoníacos, não era porque se pareciam aos demônios.

Lembrou-se de Sabine e Rydstrom discutindo a origem dos Vrekener. Rydstrom disse, “Eles são metidos, maníacos e trapaceiros. Minha espécie não tem nenhuma afinidade com eles.”.

Quando Lanthé piscou, Thronos desapareceu. Quando um trovão sacudiu a noite, moveu-se de galho em galho, um predador misterioso. Pousou em um galho acima dela. Dali podia ter estendido suas asas, bloqueado o pior da tempestade para ela, mas ele se conformou em apenas vê-la sofrer.

Não podia se lembrar da última vez que sentiu-se indefesa, impotente. A chave para soltar seu pescoço estava do outro lado da ilha. Thronos a separou de sua única oportunidade de tirar está coisa de seu pescoço. Não que simplesmente pudesse caminhar até Emberine e Portia e lhes pedir que a soltasse. Mas Lanthé poderia ter planejado um ataque surpresa.

Seu poder para abrir um portal seria muito útil neste momento.

Moveu-se para o galho mais perto, com os braços esticados deixou seus rostos a centímetros de distância. — Eu disse a você que seria logo.

— Também me disse que sabia uma forma de sair desta ilha. Mas não conseguiu, verdade?

— Vamos sair amanhã.

—Uh-uh. — *Que bom para nós.* Quando deu a volta, saltou para o outro lado, inclinando-se uma vez mais.

— No túnel, você soltou a mão da bruxa para proteger suas crias. Porque alguém como você a ajudaria?

De novo com o “alguém como você”? — Porque deveria te dizer algo? Não vai acreditar em uma palavra do que disser.

— As mentiras se derramam facilmente dos lábios vermelhos. Mas posso descobrir as mentiras que você fala.

Ela se atreveu a soltar uma luva para fazer um gesto vulgar com a mão. — Descubra isso, demônio.

Entre os dentes apertados, disse. — Não me chame assim novamente,

rameira.

Detestava esta palavra! Com todas as inumeráveis línguas mortais e imortais, porque não havia um equivalente masculino?

Um vento forte levou a chuva contra ela, fazendo-a ter um ataque de tosse.

Com a voz rouca, ele disse, — Um homem não deveria ser encorajado a ver a miséria de sua companheira. Mas eu gosto disto.

— Companheira? Vou morrer primeiro.

Ele levou uma de suas asas para mais perto dela, o que facilitava ter as garras em seu rosto.

A longitude de prata era arredondada e suave como a curva de um marfim, mas já havia presenciado como a ponta era afiada.

38

— Eu poderia tê-la matado com facilidade, por muitas vezes. — Ele passou o dorso da garra por sua garganta, deixando a ameaça pendurada entre eles.

— Eu seu lugar enviou cavaleiros para fazê-lo!

— Estas mentiras outra vez?

Acaso Lanthe já mentiu? *Claro*. Na nobre busca por ouro, usou todas que podia. Ela também mentiu para evitar problemas. Os que estavam fora de sua família poderiam ter os ouvidos cheios delas também. Mas, algumas coisas irritavam mais que a incredulidade quando ela na realidade estava dizendo a verdade.

— Pessoas sujas como vocês, Sorceri, se orgulham de suas falsidades!

Sorceri sujo... alguém como você. — Estou cheia de você! Alguém poderia pensar que depois de quinhentos anos teria mudado. Nunca vou desejá-lo como você me deseja!

— Desejar? — Sua mão com a garra cortou a árvore, sua fúria borbulhando, como se tivesse cortado um nervo. — Não volte a confundir meu interesse por você! Destino me amarrou a você, me amaldiçoou com uma mulher carente de todas as formas! — Sua voz continuou aumentando a cada palavra. — O instinto me obriga a persegui-la, para protegê-la. Do contrário, gostaria eu mesmo de cortar sua cabeça! Eu te desejo como um homem que tem um osso mal colado e tem que quebrá-lo novamente. É uma necessidade amarga. Você é a necessidade mais amarga.

Suas palavras não machucaram Lanthe. Foi rejeitada por homens antes. Porque importar com o que um Vrekener enlouquecido e cheio de cicatrizes pensava dela?

Não se importava, em absoluto. Ele não se importava, em absoluto.

Quando ela piscou, ele pareceu controlar sua fúria. — O que queremos é ilusório. Eu aceitei que isto é o que o destino quis. É minha pelas leis do Lore, as leis que eu apoio.

— E sempre segue as leis? Atua íntegro como todos os Vrekener? Vi mais mal em sua espécie que a maioria dos Sorceri conheceram.

— Agora sei que mente! Você morou com Omort!

Em cada Ascensão, para cada guerreiro bom, um mau supremo nascia. O meio irmão de Lanthe, foi um destes guerreiros, levando o mal para o Lore durante séculos. Depois que sua mãe, Elisabet, deu à luz a ele, lançou-se na nobre família de Deie Sorceri como vingança. Quando o pai de Sabine e Lanthe entrou no retrato, Elisabet, bem ficou... problemática.

Nesta Ascensão, as filhas gêmeas do irmão de Rydstrom nasceram para o bem, filhas de Cadeon e da Valquíria Holly. Lanthe era uma tia carinhosa com elas.

— Você permaneceu com Omort. — Thronos repetiu. — Durante seu reinado de sacrifícios de crianças, orgias e incesto.

Omort fez orgias e tinha uma disposta concubina, sua meia irmã Hettiah, que morreu no mesmo dia em que ele. No final de seu reinado, quando Omort exigia sacrifícios, gritava “Alguém jovem!”.

Até que em um fantástico dia Lanthe desafiou Omort e foi incapaz de impedi-lo. Seria perseguida para sempre com as coisas que o viu fazer. *Aprenda a gerenciar.*

— Eu permaneci com ele. — Admitiu Lanthe. — Por muito tempo.

— Então, acha que os Vrekeners estão à altura de tal demônio?

— A tortura, o assassinato, o roubo. Inclusive você sabe que sua espécie rouba poderes dos Sorceri. — O fogo de seu pai não era bom apenas para decapitação; também drenava os poderes de sua vítima, um processo que os Sorceri chamavam de castração.

Havia rumores de alguns “benevolentes” Vrekeners ordenaram que os cavaleiros se desviassem da bruxaria, em lugar de tomar suas vidas. No entanto, no século passado, os cavaleiros começaram a matar novamente e tanto que estas habilidades nunca poderiam ser reencarnadas...

— Nós os drenamos e prendemos, evitando que sejam utilizados para o mal.

— Para nós, uma fonte é como uma alma. Está roubando almas!

— Sorceri roubam os poderes dos outros, como canibais se alimentando! Quantos roubou?

Ela não respondeu, era culpada. Não teve outra opção, já que continuava sendo, suavemente falando, saqueada pelos machos Sorceri. Quantas vezes foi seduzida por um, apenas para descobrir que usou o sexo para baixar sua guarda?

Mas ela nunca roubou a mente decente de um Sorceri, os que queriam apenas ficar sozinhos para beber, transar, jogar ou adorar o ouro que roubaram, pegaram ou conjuraram.

— No entanto, roubou, verdade? — Thronos espetou. Grossas gotas de

chuvas os golpeavam, golpeavam suas asas. — Dado que os seus foram roubados continuamente?

Ela não sabia que ele era consciente disso. Ninguém queria que seu pior inimigo soubesse que era uma vítima.

— Era por isso que estava presa com os mortais? — Ele inclinou a cabeça como se fosse um pressentimento. — Estava longe de Rothkalina procurando outro poder?

— Não acho que realmente quer saber a resposta para esta pergunta.

— Diga-me ou te lanço montanha abaixo eu mesmo. — Ele se inclinou para frente, com os dedos presos em sua garganta, sua expressão prometendo dor.

Ele era um monstro, um mundo longe do garoto que conheceu, que a alimentou e a segurou, um para o qual ela suspirou palavras que nunca poderia pegar de volta.

40

Oh bom, ele perguntou. — Eu estava procurando algo completamente diferente. Depois de perder uma aposta com minha irmã, tive que ficar sem sexo durante um ano. Estava buscando um novo amor quando fui pega.

Ele soltou um grito seco, levantou-a pela mandíbula. Cravou suas luvas em seus antebraços, mas ele não parecia sentir. — O q-que está fazendo?

A árvore balançou, ele manteve seu corpo no ar, assim seu olhar estava no mesmo nível que o dele.

Mãe do ouro, ele iria jogá-la! Não pôde reprimir um grito de medo.

Sua cabeça foi em direção ao corpo. Ela se preparou para um ataque de seus chifres. Em lugar de bater nela, esfregou a base de um por cima de seu ombro e pescoço, marcando-a com seu cheiro.

Como se ao fazê-lo, poderia mantê-la longe dos braços de outros machos sem rosto.

O comportamento era descaradamente demoníaco.

Quando por fim se afastou, seus olhos brilhavam com fúria. — Você me incapacitou.

Durante séculos, me enganou uma e outra vez. A dor que me fez sentir no passado não foi suficiente para você? Quer oferecer mais?

Agora mesmo? Desesperadamente! Queria arrancar os olhos dele, passar suas luvas por seu rosto cheio de cicatrizes. — Você merece!

Ele a lançou de volta ao galho. — Olha o que fez, Melanthe!

Enquanto abria passo para o outro tronco, rasgou a frente de sua camisa, deixando ao descoberto as cicatrizes que não viu antes, marcas cortando o peito rígido. Golpeou o centro do peito com o punho, sobre a cicatriz ali. — Parece que foi profunda? Um centímetro mais perto e teria atravessado meu coração!

Ela piscou contra a chuva, contra as lágrimas que pareciam decididas a cair. Mas por piedade, do que fúria impotente.

— Cada segundo de voo é infernal! Graças a você!

— Eu teria feito tudo novamente!

Inclinando a cabeça para trás deu um rugido ao céu cheio de raios. Quando ele nivelou o olhar ao dela, ela se encolheu sob o olhar selvagem que viu ali. — Os deuses te amaldiçoem, feiticeira! Você não tem nenhuma razão para me odiar como eu te odeio!

— Não tenho razão? — Disse. — Sabe o que se sente ao estar cheia de pânico cada vez que uma nuvem cobre o sol? Ficar com o pulso acelerado, sem fôlego? Você e seu corpo cheio de cicatrizes é a estrela de cada pesadelo meu!

* * *

Os olhos de Melanthe ardiam com hostilidade. Ele a olhava e um raio se refletiu nas profundezas azuis.

Era o bicho-papão de sua companheira? Que conveniente. Ela era sua perdição.

Melanthe era sua miséria. Balançando a cabeça com força, ignorando a dor estranha em seus chifres, evitando esfregar-se contra ela outra vez. Mal podia raciocinar, seus pensamentos grunhindo em sua mente.

Precisava de controle. Se não pudesse mantê-lo, então ela terminaria morta. O que poria fim a ideia de continuar sua linhagem. Sem isso e sem a perseguição, que razão teria para viver?

Perca o controle, perca a companheira.

No entanto, mantê-la viva não significava que teria que evitar seu sofrimento. Assim, porque experimentou o impulso de protegê-la com seu corpo? Tinha que lembrar a si mesmo tudo o que perdeu. Toda sua agonia.

Ele implicou com ela dizendo que não se lembrava de sua infância juntos. De fato, lembrava-se de cada momento com clareza. Antes, quando acariciou suas asas com os olhos cheios de assombro, isso o levou à primeira vez que o tocou...

Mordendo o lábio inferior, tentando alcançá-lo, tocar suas escamas. Suas asas se abriram sem controle, envergonhando-o e fazendo a parte de trás de seu pescoço arder com o calor.

— Não. — Murmurou com um sorriso. — Você não é tão temível assim. O que se sente ao voar?

Ele segurou sua mão. — Poderia te mostrar.

E Thronos se lembrou daqueles dias de agonia depois de sua queda, quando ele lutou para não sucumbir às feridas. Ouviu a voz de sua mãe dizendo. “Não entende o que te fez?” Ela deveria estar falando de Melanthe. “O que esta espécie tomou de nós? Seu pai se foi.” Então disse mais baixo. “E eu

também me irei.”

Lembrou-se da tentativa de voar uma vez mais; suas asas atrofiadas não puderam apoiá-lo.

A humilhação queimou pior que uma dor insuportável. Ignorou os sussurros quando o povo o chamava “trágico príncipe” para sempre amaldiçoado por desejar uma bruxa má que esteve a ponto de assassiná-lo.

Ele disse a si mesmo que tudo valeria a pena, uma vez que tivesse Melanthe novamente.

A bÍlis subiu por sua garganta enquanto se lembrava de tê-la visto como uma mulher pela primeira vez. Afastou a lembrança, para que não a assassinasse.

Durante séculos, ele jurou que seria digno de toda sua dor. Esticou a cabeça até o tronco da árvore.

Nunca se esqueça....

SEIS

Lanthe acordou com a sensação de vertigem quando seu corpo caiu da árvore.

Ela soltou um grito, procurando se agarrar a um galho, seus braços não respondiam, cheios de alfinetes e agulhas. *Caindo!* A neblina era tão densa que ela não podia ver o que estava abaixo dela...

Ela aterrissou com um *oomph*.

Thronos a pegou em seus braços. Ofegante, ela olhou para ele enquanto as asas dele os segurava no alto.

Depois da noite gelada que ela havia acabado de passar na árvore, o corpo dele era um quente refúgio. O calor de seu peito úmido penetrou nela, entorpecendo um pouco de seu alarme.

Ontem ela teria jurado que nunca poderia dormir com um Vrekener por perto. Mas, aparentemente, ela estava enganada.

Enquanto a chuva caía suavemente, seu olhar vagou sobre ela, e quando seus olhos começaram a brilhar com algo diferente de raiva, ela engoliu. Embora ela estivesse relutante em admitir isso, química faiscava entre eles.

Ela poderia ser um mal necessário, mas seus instintos indubitavelmente estavam gritando dentro dele, ordenando-lhe: ACASALE COM A FÊMEA!

O que nunca iria acontecer. A: Ela não fazia sexo com homens que odiava. Apenas uma regra que tinha. E B? Ela estava no período fértil de seu ciclo Sorceri pouco frequente, apenas de olhar para o sêmen ela engravidaria.

Ela tinha que confiar que ele não a forçaria. Ela desejava que pudesse sondar os pensamentos dele, lendo sua mente, mas seu colar impedia. *De qualquer maneira, ele provavelmente tinha desenvolvido bloqueios mentais...*

Seu olhar foi atraído para trás dele, e seus lábios se entreabriram.

Enquanto ela cochilava, ele havia golpeado a árvore com suas garras. As marcas tinham todas o mesmo tamanho, alinhadas e moldadas ao longo do tronco.

Ela apostou que havia cerca de quinhentos golpes, um para cada ano que ele tinha ficado sem sua companheira.

— Você é louco. — Ela sussurrou. Ela tinha ficado ao redor de machos insanos o suficiente para durar uma vida imortal. Ela olhou para este com olhos desconfiados.

Ela recordou as coisas que havia dito a ele ontem à noite, que faria novamente! Talvez ela não devesse cutucar tanto o urso.

43

Ainda que ele houvesse recolhido suas presas e parecesse menos enlouquecido hoje, ele ainda fervilhava, mas talvez a noite tivesse sido purificante para ele.

— Quem é você para falar de insanidade, quando sua linhagem está contaminada com ela.

Ele havia descoberto sobre sua mãe, Elisabet? Ou simplesmente supôs porque Omort veio da família de Lanthe? Ela desviou o olhar.

— Eu não sei do que você está falando.

— Mentira. — Ele chiou. — Diga outra, e eu estrangularei você. — Ele disparou para o céu.

— Onde você está me levando?

Ele se dirigiu ao norte, se distanciando da costa, indo para o interior da ilha. Ou talvez ele seguiu para o sul. Leste?

Ele não respondeu sua pergunta, e fez outra no lugar:

— Se você acredita ser alvo dos Vrekeners, por que não se comunicou

comigo em nossos poucos encontros? — Ele parecia quase normal.

— Você sempre pareceu assassino. Eu não estava certa de que você não estava dentro do plano deles para me matar.

— Participar do plano de assassinar minha companheira predestinada? — Ele disse, como se ela tivesse falado bobagem.

— Então você está dizendo que não tinha nenhuma ideia de que éramos alvo?

— Eu sei o que você está tentando fazer, e suas táticas divisoras não irão funcionar. Eu solicitei, e recebi a palavra sagrada dos cavaleiros Vrekener de que eles não iriam causar nenhum dano a você ou sua irmã. Eu sempre acreditarei neles acima das acusações de alguém como você.

— Você os fez jurarem?

— Eu sabia muito bem que a morte de Sabine iria destruir você. Eu queria vingança contra você, e não contra uma concha quebrada de uma companheira.

Embora isto fosse surpreendente para Lanthé, não mudava a situação deles hoje.

— Foi o que aconteceu, Thronos. Queira você acreditar em mim ou não.

— Você soa como se você acreditasse no que está dizendo. Sem dúvida é a típica paranoia Sorceri. Seu povo é notório por isto. Provavelmente você confundiu um demônio Volar com um Vrekener.

— Essa é a outra razão pela qual nunca tentei me comunicar com você, eu sabia que você nunca iria acreditar em mim.

* * *

No limite, Thronos não respondeu. Ele havia sentido o cheiro de outros imortais. Eles deviam ter infestado até esta extremidade mais distante da ilha.

Mais cedo, quando ele finalmente havia sentido o odor do navio, ele começou a atravessar a floresta para alcançá-lo, que estava provando ser um risco maior do que ele esperava.

Ele precisava se concentrar em sua fuga, mas agora que estava pensando mais claramente, ele não conseguia parar de repetir as palavras de Melanthe da noite anterior. Por que ele seria seu pesadelo por todos esses anos? Por que ela temia quando uma nuvem cruzava o sol?

A menos que ela realmente houvesse sido atacada.

— Por que você disse aquilo sobre minha linhagem? — Ela perguntou. — Ser suja?

Melanthe não sabia, mas Thronos tinha conhecido brevemente sua mãe, quando ele tinha onze anos. E isso o tinha apavorado.

— Eu vou responder assim que você admitir que é verdade.

Ela não mordeu, em vez disso falou:

— Falando de comunicação, você alguma vez pensou sobre me contatar quando eu estava em Rothkalina?

— Você sabe que o reino de demônio está fora do meu alcance. Os portais são guardados por exércitos pelos últimos dois reinados.

— Você poderia ter enviado uma mensagem a uma estação de cartas em um dos portais.

— O que eu devia ter escrito? Querida rameira, dizem que você está muito feliz com sua nova vida em Rothkalina com seu amado irmão Omort. Ouvi que você tem todo o ouro que poderia querer, e sei o quanto você sempre apreciou uma boa orgia de sangue. Muito bem, Melanthe! A propósito, você gostaria de me encontrar para uma discussão racional sobre nosso futuro?

— Bem. Eu tinha muito ouro.

Não a estrangule!

Em um tom verdadeiro, ela disse:

— Estou apenas assinalando o único detalhe verdadeiro de sua pretensa carta. Ah, e você devia saber... se continuar me chamando de rameira, mais cedo ou mais tarde vou ter um apagão de fúria, e então acordarei para achar você, tristemente, morto.

— Você está me ameaçando? Uma feiticeira impotente, fisicamente fraca? — Ele zombou.

— Eu tenho que corrigir meu tratamento para você imediatamente.

— Você se transformou em um sarcástico, desequilibrado, idiota. — Para si mesma, ela murmurou: *Cara, eu consigo escolhê-los.*

45

— Se você tem problema com o termo rameira, então talvez não devesse ter dormido com metade do Lore.

— Metade? — Ela zombou. — Três quartos é o mais correto!

Como ela podia soar tão indiferente, quando ele estava insultando seu caráter?

— Além disso, eu não tenho problema com o termo, tanto quanto o fato de que você acha que pode me julgar. Eu desprezo pessoas críticas.

— Como a maioria das criaturas que merecem ser julgadas.

— Você me pegou. Eu sou mesmo uma indecente.

— Você fala como os humanos.

Ela assentiu com a cabeça, como se isso também não fosse um insulto.

— Eu vejo muita TV.

Outra coisa que eles não tinham em comum.

— Naturalmente, você escolhe passatempos inúteis.

— Eu li tanto nos meus dois primeiros séculos, enquanto estava me escondendo dos Vrekeners, que acho que posso patinar um pouco agora.

— Admira-me que você teve tempo para outra coisa senão suas conquistas.

— Então, eu sou uma rameira que só assiste televisão e mereço ser julgada?

— Ela deu um suspiro desanimado. — Thronos, você tem que saber que nunca vou ser o que você precisa que eu seja.

Ele examinou o terreno por movimentos dentro das copas das árvores.

— Me falaram isso há muito tempo. Também ouvi que eu nunca iria sobreviver aos ferimentos que sofri. Então eles disseram que eu nunca iria voar novamente. No entanto, eu fiz, e faço. Uma vez que eu a leve para minha casa, você vai se tornar o que preciso.

— Eu gosto de como sou! — Ela gritou. — Será que você nunca considerou se tornar o que eu preciso, Thronos?

— Estou confuso sobre suas preferências. Devo simular um bêbado louco? Ou um feiticeiro com língua escorregadia que vai para a cama com tudo que se move? — Ou talvez ela preferisse como o seu primeiro: um sanguessuga.

Não pense sobre aquela memória...

— Em Skye, eu farei você entender o valor da lealdade, honestidade, e fidelidade para um único macho.

46

— Você acabou de confirmar o que nós sempre ouvimos: que os Vrekeners sequestram e fazem uma lavagem cerebral em fêmeas Sorceri corajosas e independentes, tornando-as escravas de seus homens.

— Não é assim! As jovens Sorceri são felizes entre nós, aceitas como nosso próprio povo.

— *Logo que lhes fosse retirado o poder.*

— Uh-huh. — Ela disse. Ele estava começando a reconhecer que era seu modo de indicar mentira. — Elas estão presas em um reino flutuante sombrio, cheio de impiedosos, hipócritas desmancha-prazeres. Elas estão em nossa versão de inferno.

— Já que você logo verá a verdade de minhas palavras por si mesma, não há sentido em discutir sobre isso.

— Porque você está me levando para o Inferno Skye? Você acha que serei feliz entre vocês? Aceita em seu meio?

— Eu disse que outras Sorceri eram. — Ele assinalou. — Não você. Você não merece felicidade. Você merece toda a força da minha vingança.

— Vingança? Depois daquela noite na abadia, nunca tentei machucar você, Thronos. Eu apenas vivi minha vida. Desejo por todos os deuses que você possa aprender a viver a sua sem essa amarga necessidade.

Sua ira tinha sido tão intensa na noite anterior que ele vagamente lembrava de tê-la chamado assim. Mas ele não podia se lamentar. Considerando sua raiva ainda fervente, suas palavras podiam ter sido muito piores. E suas ações também.

Quando ele subiu mais um pico de montanha, caminhando para outra, seu olhar disparou para baixo.

Demônios de fogo estavam reunidos em espera. Por ele, seu inimigo. Suas mãos estavam brilhando, cheias de chamas.

Eles atacaram, rios de fogo queimando em meio à neblina e chuva. As asas de Thronos batiam, ganhando altitude e velocidade para fugir do ataque. Ao mesmo tempo, deixava seus corpos mais próximos, fazendo a parte de baixo do dele doer.

Contra seu peito, ela gritou: — Não me deixe cair, Vrekener!

Se ele pudesse mergulhar atrás da montanha em frente... Ele ganhou

velocidade. *Quase lá...*

Uma armadilha. Eles o tinham dirigido para outro grupo em espera. Fogo começou a riscar em todas as direções, chamas vindo pelo ar na direção deles. Uma zona de morte.

Não havia para onde voar, havia trilhas de fogo por toda sua volta.

Choque. Uma esfera de chamas, grande como uma bala de canhão, atingiu a asa dele.

Como um martelo dos deuses, o mandou cambaleando em direção a outro grupo.

47

Suas asas eram à prova de fogo, mas as chamas se agarravam à suas escamas, como se ele tivesse sido encharcado com óleo.

— Thronos! — Melanthe gritou em dor. O fogo estava em torno dele e se envolvendo nela.

— Minhas pernas!

Quando ele cheirou a pele seca, não teve escolha a não ser afastá-la do fogo. Ele fez tudo o que pôde, embrulhou suas asas ao redor do corpo dela, cobrindo-a enquanto ele mergulhava evasivamente. A velocidade podia ajudá-lo a evitar as chamas.

Não havia forma de parar sua descida. A base de uma montanha se aproximou, cheia de pedras irregulares. Sua companheira gritou de novo, desta vez em terror.

O fogo tinha diminuído? No último segundo, ele abriu as asas, mandando-os para a frente como remos na água espessa.

— Ahh! — Ele gritou pela dor quando ele pegou o ar, desacelerando sua descida para as pedras.

Boom!

Outra granada de fogo explodiu em suas costas, mandando chamas em cima deles, acelerando ainda mais sua velocidade.

Ele cerrou os dentes, sabendo que tinha apenas uma chance de manter Melanthe ileso: curv -la dentro de suas asas e levar o impacto em suas costas.

Ele girou no ar, rezando para toda divindade nos céus...

SETE

Lanthe não parou de gritar. O calor a chamuscou até Thronos cobrir seu corpo, mas depois eles saltaram.

O estômago dela despencou enquanto eles caíam, ainda assim ela não conseguia ver nada pelo casulo das asas.

Tudo o que sabia era que eles iriam impactar, com força. Quando até mesmo ele escondeu a cabeça no último momento, o medo roubou-lhe a respiração.

Eles bateram, o chão escarpado esmurrando-os como um punho gigante. A força do choque enviou-os saltando pelo ar mais uma vez, um flamejante salto na pedra.

A vertigem a colheu, confundindo-a. Ela ouviu ossos estalarem! Não os dela?

Eles colidiram abaixo de novo e de novo. Então algo perfurou o casulo diretamente em seu rosto; uma saliência na pedra rasgou a pele dela através das asas dele, o impulso rasgando a carne.

Eles pararam abruptamente, como o final de um engavetamento de carros fatal.

Thronos não fez nenhum som. *Inconsciente?*

Atordoada e apavorada, Lanthe afastou-se dele. Ela empurrou as asas dele que a encarceravam, fazendo-o gemer de dor.

Livre, ela tropeçou em pé, cambaleando no terreno pedregoso. Ela escapou de sua vertigem, fazendo o inventário de seus próprios danos. Apenas queimaduras.

Thronos tomou todo o impacto. As chamas ainda tremulavam em suas costas, silvando na chuva leve. Ele quebrou ossos, e uma asa caía deteriorada.

O que ela não dava à mínima. Porque ele a colocou naquela situação em primeiro lugar.

Era o dever dele acabar com esta porra!

Ela olhou ao redor cautelosamente. Por que estes demônios de fogo alvejariam um Vrekener? Sim, Thronos era um inimigo de Pravus, mas demônios de fogo frequentemente agiam como lacaios, mercenários de armas.

Eles estariam vindo por ele, e ela precisava fugir daqui, quando eles chegassem. Ela avistou um caminho natural pelo campo de pedras, acabava de dar seu primeiro passo quando ouviu outro gemido.

Em um rugido de dor, Thronos chamou seu nome.

Não olhe de volta para ele, não olhe para trás. A última vez que o fez, ela foi atormentada pelo que viu por todos os seus dias.

49

Contra sua vontade, ela encontrou-se virando.

Os olhos cinza de seu companheiro estavam inundados pela miséria, quando ele rangeu, —

Não fuja... de mim.

O mundo pareceu encolher, transformando a manhã em meia-noite dentro da cabeça dela.

Outra vez ela estava de volta à abadia na montanha, na noite em que seus pais tinham sido mortos, na noite em que Lanthe tinha usado pela primeira vez seus poderes para salvar a vida... de Sabine.

— *Acorde Lanthe.* — *Sabine agarrou sua mão, arrancando-a da sua cama.*
— *Não faça um som.*

— *O que é isto, Ai-bee?* — *Lanthe sussurrou com sono.*

— Apenas se apresse. — Como se para si mesma, ela disse, — eu adverti mamãe e papai para sairmos daqui, mas eles se recusaram a escutar.

Sabine odiava sua mãe problemática e o pai distante. Ela culpava o casal por tudo: não fornecer comida, ou sapatos ou novos vestidos. Ela protestava contra eles pelos gastos constantes deles em feitiçaria, o que colocava a família inteira em risco: Mesmo Lanthe insiste que vocês estão usando demais...

Lanthe sabia que os dois não eram tão bons quantos outros pais pareciam ser, mas seu coração era cheio de carinho, por que não dar isto a eles?

— E agora Vrekeners estão na abadia, — Sabine murmurou.

Aqui? — Talvez eles não estejam aqui para lutar. — Thronos era seu melhor amigo secreto; ele nunca deixaria seus parentes atacarem a família dela!

— Eles estão aqui para matar nossos pais e nos sequestrar. Como eles sempre fazem com os Sorceri. — Elas ouviram os contos. Sorceri que quebravam as leis do Lore eram executados, enquanto suas crianças eram adotadas por famílias de Vrekener severas.

Até mesmo com Sabine ao seu lado, Lanthe estava apavorada quando eles invadiram a abadia, um raio atingindo ao redor da montanha.

Elas invadiram aos tropeços o quarto de seus pais. A mãe e o pai delas estavam enrolados juntos, dormindo. As elevadas janelas de vitrais permitindo o brilho de um relâmpago, distorcendo-a. Ela piscou. Por um segundo, pensou que seus pais pareciam... sem cabeça.

Quando o odor de sangue bateu em Lanthe, suas pernas fraquejaram.

Seus corpos estavam decapitados; as cabeças deitadas em um ângulo anormal, a centímetro do pescoço deles.

Sabine vomitou; Lanthe desmoronou com um grito, sua vista escurecendo enquanto ela pairava a beira da inconsciência.

Mamãe e Papai estavam mortos. Para nunca mais voltar.

Mamãe com o olhar dela frenético enquanto olhava para seu precioso ouro. Papai com seu olhar perdido sempre que via sua esposa enlouquecida. Ambos mortos...

Lanthe vagamente compreendeu que o quarto estava cheio de Vrekeners, suas asas chamejando nos relâmpagos da noite. O líder segurava uma foice de fogo com uma lâmina de chamas negras.

Então ela viu Thronos. Seus olhos estavam arregalados, e ele estava tentando alcançá-la, mas um dos homens o segurou para trás.

Como Thronos pôde ter trazido estes assassinos até aqui? Depois do tempo que eles compartilharam?

Depois de minha confissão apenas esta manhã...?

Para Sabine, o líder entoou, — Venha pacificamente, jovem feiticeira. Nós não desejamos machucá-la. Desejamos colocá-la no caminho do bem.

Sabine, a Rainha das Ilusões, deu uma risada de gelar, enquanto evocava seu poder. Seus olhos âmbar começaram a brilhar como metal reluzente, gritante contra seus cabelos vermelho fogo. — Nós sabemos o que vocês fazem com as meninas Sorceri. Você planeja nos transformar em obedientes bruxas velhas como suas mulheres de caras azedas. Preferimos lutar até a morte! —

Ela começou a criar suas ilusões; de uma vez, os soldados se curvaram até o chão, como se acreditassem que o teto estava pressionando-os.

Mesmo traída com isto, Lanthe quis pedir a Sabine para poupar Thronos, mas seus lábios se moviam silenciosamente. Sua mãe e pai estavam mortos.

Seus pais nunca mais acordariam esta noite?

Sabine levantou as mãos em direção ao líder, usando sua feitiçaria para fazê-lo ver seus piores pesadelos. Ele caiu de joelhos, soltando sua foice para arranhar seus olhos.

Com um sorriso, Sabine pegou a arma dele. Ela balançou para o pescoço dele, ainda estava sorrindo quando o sangue espirrou em seu rosto bonito e implacável.

Thronos deu um grito agoniado quando a cabeça do Vrekener rolou até os pés de Sabine.

O líder era o pai de Thronos?

A visão de Lanthe ficou escura, mas ela pensou que as ilusões de Sabine estariam...

desvanecendo? Sua irmã estaria enfrentando estes inimigos sozinha, todos empenhados em vingar seu líder.

Lanthe encontrou sua voz exatamente quando um Vrekener se esgueirou por trás de Sabine.

— Ai-bee, atrás de você!

51

Tarde demais. O macho já a tinha atingido. Ele cortou a garganta de Sabine, o sangue pintando as paredes enquanto seu pequeno corpo caía.

O torpor de Lanthe desvaneceu. Ela ergue-se em pé, gritando, — Ai-bee? — Ela correu para sua irmã, ajoelhando-se ao lado dela. — Não, não, não, Ai-bee, não morra, não morra, não morra!

—A feitiçaria de Lanthe estava se manifestando propriamente. O ar ficou quente, tão elétrico quanto o raio que os cercava.

Sabine está me deixando. Por causa de Thronos e estes homens. Minha família inteira tirada de mim em uma noite. Uma nitidez como ela nunca tinha conhecido varreu sobre ela.

Minha família morreu; os Vrekeners pagarão.

Ela não iria mais hesitar em usar seus poderes. Sem piedade, para alguns

deles.

*Ela comandou os soldados, — Não se movam! Você apunhale a si mesmo!
Lutem uns com os outros, até a morte!*

O quarto estava repleto de espirais de feitiçaria, e a abadia tremeu ao redor deles, as paredes de pedra antiga gemendo. Uma fissura bifurcou junto a uma das janelas de vitrais. Em uma corrida ensurdecadora, quebrou.

Ela virou para seu traidor, o menino que pensou que amava. O menino que trouxe estes demônios diretamente para sua casa.

Ele foi trilhando seu caminho ao redor dos corpos para alcançá-la, agora que o adulto que o tinha guiado estava morto.

Com a voz embargada, ela soluçou, — eu confiei em você. Sabine era tudo para mim. —

Então, mais alto, ela o comandou: — Salte pela janela, a trinta metros acima do chão do vale, e não use suas asas pelo caminho abaixo!

Seus olhos prateados imploravam para que ela não fizesse isto, então ela voltou-se para o corpo de sua irmã, recusando a assistir.

Ele não fez um som por toda a distância abaixo.

— Viva Ai-bee! — Lanthe gritou, mas o vítreo olhar de Sabine estava cego, seu peito parado sem respirar. — CURE! — Ela comandou, usando todo o poder que possuía. O quarto tremeu com força, empurrando a mobília. A cabeça de sua mãe bateu no chão e rolou, seu Pai logo atrás dela.

— Não me deixe! VIVA!

Mais feitiçaria, mais, mais, MAIS...

Os olhos de Sabine tremularam abrindo, estavam brilhantes, lúcidos. — O que aconteceu?

Enquanto Lanthe estava totalmente esvaziada de feitiçaria, Sabine saltou de

pé, parecendo descansada.

52

Eu a trouxe de volta. Ela é tudo o que tenho agora.

Elas fugiram da abadia na noite. Ainda no vale, Lanthe arrastava-se atrás de Sabine. Ela olhou para trás por cima do ombro, e viu Thronos no chão, agarrando-se a vida.

Seu corpo estava caído quebrado, os membros e as asas retorcidos, a pele esfolada.

De alguma maneira ele levantou a mão do chão estendendo-a para ela com anseio em seus olhos...

Agora, centenas de anos mais tarde, Thronos levantava a mão do chão para alcançá-la mais uma vez.

Da mesma maneira que ela fez naquela noite, Lanthe virou-se e correu dele.

53

OITO

Com a esperança de encontrar Carrow e sua tripulação, Lanthe foi para as terras baixas.

Com a chuva constante, ela começou a correr pelo terreno desigual. Ainda que seus pulmões comesçassem a arder, ela manteve um ritmo forte, parando apenas para se esconder quando sentia outros imortais.

Ao mesmo tempo, tentou não pensar em Thronos. Então, porque continuava vendo suas cicatrizes, sua miséria?

Ela se negou a sentir culpa por deixá-lo para trás antes e muito menos por fazê-lo saltar quando criança.

Se Thronos não a traiu, então o líder dos Vrekener, que era seu pai, o Rei, não assassinou seus pais. Com os anos, Sabine não precisava mais da magia Sorceri de Lanthe para enganar repetidamente a morte.

Lanthe podia ser uma das mais temidas Sorceri vivas, no lugar de uma linha de alta tensão.

Demônios, inclusive Thronos a ridicularizou!

De Rainha da persuasão seria a Rainha de nada.

E no Lore, a debilidade percebida seria um convite para as espécies inimigas atacarem.

Sabine expressou recentemente uma nova teoria sobre a persuasão de Lanthe: desde que os Vrekeners perseguem os Sorceri por seus gastos de energia, talvez sentisse medo de que caíssem sobre ela e isso estava atrapalhando seu rendimento. Talvez sua capacidade estivesse bem, mas sua ansiedade sobre a ameaça alada a minou, inclusive em Rothkalina, onde estavam seguras de que os Vrekener nunca apareceriam.

Lanthe não imaginava que seu TEPT Vrekener ajudasse a melhorar as coisas.

Ao menos sua capacidade para abrir um portal ainda funcionava. Se pudesse tirar este colar, poderia ir diretamente para a corte do castelo de Tornin.

O único problema? Se as condições não fossem ideais, tais como não ter tempo suficiente para se concentrar, teria pouco controle sobre onde se abriria o portal. E a maioria dos outros planos não eram tão acolhedores como este. Pior ainda, apenas podia criar um portal a cada cinco ou seis dias. Assim que, se brincasse com o destino, não teria uma solução rápida. Um grande risco. No entanto, seria maior se continuasse nesta ilha.

Maldição, o que estava pensando Thronos para tentar capturá-la? Se fosse bem sucedido, Rydstrom teria teletransportado um exército de demônios da ira para os territórios aéreos. Bom, Rydstrom iria se alguém pudesse finalmente encontrar este demônio nos céus, que era misticamente oculto e se movia ao longo do ano.

A única razão para um Sorceri nunca devolver uma agressão contra um Vrekener era porque não podiam encontrá-los no céu ou capturar alguns de seus habitantes.

54

Talvez isso fosse o que deixou Thronos tão atrevido, ele sabia que nunca iria atacar sua espécie.

Lanthe estava tão presa em seus pensamentos, que ouviu o assobio em seu rosto muito tarde. Seu último pensamento antes de perder a consciência: uma coisa mais para culpá-lo...

* * *

Lanthe sonhava com uma voz. Apenas uma voz. Pertencia a uma mulher, era cadente.

— Move-se através dos mundos. — A mulher murmurou, como se compartilhasse um segredo com Lanthe. — Em um reino, ferir. Em um reino,

abandonar. Em um reino, partir. Em um reino, brilhar.

— Não entendo. — Disse Lanthe em seu sonho. A voz parecia familiar, mas depois de conhecer tantos imortais, não conseguia reconhecê-la.

— Apenas pense em sua próxima viagem aos Quatro Reinos de Samhaim no passado.

— Isso também não tem sentido. — O nível de frustração de Lanthe estava aumentando.

— Sobre o que está falando?

— Sussurro. Sussurro. Sussurro.

— Oh vamos! Agora está sussurrando, sussurro!

— Seja minha centelha. — Disse a voz. — E deixe o mundo em chamas. Agora, acorde antes que seja muito tarde...

* * *

—Ow, owwww. — Lanthe acordou aos poucos, gemendo pela dor no rosto. — Quem diabos me bateu? — Disse com voz rouca, perguntando-se quanto tempo ficou fora. E onde estava a mulher? Foi realmente um sonho? Pareceu tão real!

Quando Lanthe se incorporou, piscou olhando ao redor, apertou o nariz quebrado. Com uma careta de dor, apertou e colocou-o novamente no lugar. A luz do dia nublado se arrastou através de plantas afiadas em forma de cones e finas, desorientando-a. Quando sua visão se limpou, sua boca caiu.

Pravus. Vários. Merda.

De todos os tipos, a rodeavam: vampiros, centauros, demônios, semideuses da inveja, semideuses da discórdia, castradores alados. Estavam reunidos em uma clareira no bosque, em um acampamento de pedras quadradas enormes que foram colocadas em posição vertical como Stonehenge. Apenas uma pessoa poderia fazer isso.

Lanthe moveu a cabeça ao redor. Efetivamente, Portia estava sentada em um trono de pedra, olhando Lanthe no chão. Os olhos da feiticeira brilhavam atrás da máscara verde jade, as 55

pontas de seu cabelo de cor amarelo claro que subia audazmente como as montanhas de pedra que criou.

A seu lado, a fumegante Emberine, Feiticeira das Chamas, estava sentada em um dos braços do trono de pedra, como uma consorte o faria. Aparentemente elas presidiam sua nova capital, de merda, desta ilha.

Alguns diziam que Portia e Ember eram irmãs, enquanto outros diziam que eram amantes.

Depois de passar uma semana na mesma cela que elas, Lanthe estava inclinada a dizer que eram amantes. Queria se aproximar mais da chave, mas não assim. Olhou além delas para a parte exterior da clareira. Mais pedras formavam células flutuantes, prendendo uma ninfa do bosque, um shifter lobo, um demônio animus.

Thronos.

Sua captura não a surpreendeu, considerando o grande número de demônios de fogo. O

positivo era que estava ferido. Podia quase sentir pena, um príncipe Vrekener preso por uma Sorceri.

Eles o torturariam para descobrir a localização de sua casa. Depois, fariam dele um brinquedo, enfeitiçado para cumprir suas ordens.

Ela conhecia bem os tipos de atos que o obrigariam a fazer. O que o obrigariam a ser.

Porque isso a deixava arrepiada?

Seu olhar se concentrou em Lanthe e olhou freneticamente para ela. Uma de suas asas estava novamente quase normal, ainda cheia de cicatrizes. A que foi destruída, ainda mostrava a carne que estava se curando.

— Levou muito tempo para acordar. — Portia lhe disse. — Exatamente o quão fraca é?

Lanthe levantou-se, tirando as folhas de sobre si mesma. Porque teria importância para a grande Portia? Lanthe suspeitava que estava se fundindo: talvez os demônios de fogo não se dirigiram a Thronos em absoluto.

Apesar de seu poder, Portia nunca a capturou no passado. Temia muito as represálias de Sabine. Agora? O fato de que as irmãs ajudaram a assassinar Omort, o líder Pravus, Lanthe era presa fácil para a Sorceri?

No entanto, ela não se arrependia de nada. Seu irmão tinha que morrer. — Teve que me atacar Portia? Sabe que teria vindo de boa vontade. — *Nunca teria vindo de boa vontade.*

— Nós a encontramos por causalidade no chão, inconsciente.

Então, quem me bateu?

Ember acrescentou. — Como se alguém a houvesse deixado em nossa porta, como um gato com um rato selvagem.

56

Lanthe lançou um olhar de preocupação para Ember. Ambas as mulheres eram diabólicas.

Mas enquanto Portia ao menos ouvia a razão, Ember era semelhante à chamas voláteis.

— O que perdi? — Perguntou uma voz masculina.

Lanthe se voltou para ver um feiticeiro vestido de ouro caminhando pela clareira, um homem que esperava nunca mais voltar a ver.

— Voltou, minha Melanthe? — Felix, o Duplicador, perguntou, seu chamativo rosto iluminado com um sorriso dourado sedutoramente reluzente. Sua habilidade Sorceri lhe permitia fazer qualquer pessoa acreditar em

qualquer mentira. Ela sabia.

Seu rosto ficou quente ao lembrar seus votos para ela. Quando ele lhe prometeu um futuro juntos; com ouro, sua proteção, mais ouro, crianças e mais ouro claro, Lanthe ficou travada.

Em agonia, cedeu a seu psicótico feitiço. Ela não podia abrir um portal ainda e não queria sua alma contaminada.

Portia se voltou para ele. — Sua mascote acabou de acordar.

Sua mascote? Lanthe apertou os dentes.

Ele voltou seu sorriso em total potência para Lanthe. — Foi uma época boa, querida.

Depois do sexo, quando Lanthe lhe perguntou sobre a data do casamento, ele a liberou do feitiço, segurou-a pelo queixo e comentou, “Ainda que deixe dolorido pela tentação, não haverá casamento para nós querida. Mas o sexo não foi suficiente como recompensa?”.

Não Felix. Não, não foi. Ela fugiu, ardendo de humilhação, temendo dizer à Sabine que perdeu ainda mais poderes. *Sou uma idiota*, criticou a si mesma, *uma idiota total!*

— Parece deslumbrante como sempre. — Disse, mas não usou seu poder, assim ela sentiu-se livre para não acreditar.

Deslumbrante? Seu nariz recentemente quebrado estava inchado como um globo e ela provavelmente tinha dois olhos roxos como evidência. — E você continua o mesmo macho hipócrita que sempre foi, Felix. — Os Sorceri não eram uma espécie franca, para começar; não precisava dizer que Felix não era o favorito entre eles. — Olhando não parece sua pior roupa para uma estadia na prisão. — Esta armadura de ouro realmente era de matar.

— Cheguei há pouco. Tinha um amigo vampiro que me trouxe para a ilha em teletransporte para o “jogo”.

Assim como Lanthe suspeitou.

— Estava quase entediado — dignamente — quando soube de sua captura.

Seu interesse a deixou ainda mais nervosa.

Portia disse. — Você tem algo que queremos Melanthe.

57

Por que agora? Tiveram ela, Carrow e Ruby na mira antes, quando todas escaparam da prisão. No entanto, salvaram o trio, simplesmente roubando a mão que Lanthe pegou de Fegley, o sujo, que agora estava pendurada no cinto de ouro de Portia.

A chave para a liberdade de Lanthe. — Sou toda ouvidos.

— Com tantos Vertas indefesos aqui, decidimos erradicá-los, trazendo mais Pravus para a ilha. Para a Ascensão.

A cada poucos séculos a Ascensão acontecia, uma força sobrenatural que alimentava os conflitos entre as facções, enviando-os à batalha, o sacrifício de inúmeros imortais. As Ascensões podiam durar décadas ou mais. Alguns diziam que esta já havia começado com o novo vampiro há alguns anos.

— Nossos aliados tem teletransportado mais soldados para cá, — Portia continuou, — mas precisamos de um exército reforçado.

Lanthe podia ler nas entrelinhas. — Quer que abra um portal. — *Garantir a condenação de todos os Vertas ali?*

Inclusive Carrow e Ruby.

Pense rápido, Lanthe. Portia teria que tirar aquele colar. Se Lanthe pudesse lidar com a persuasão, poderia libertá-las.

— Bravo Melanthe. — Disse Portia. — Queremos um portal nas terras dos centauros, assim milhares deles podem entrar diretamente aqui.

— Eles já tem um portal. — A maioria das dimensões tem ao menos um, mas

a qualidade variava.

— Está sendo usado para uma nova ofensiva secreta. — Disse Portia, os olhos piscando com o pensamento da carnificina.

Quem escolheu o território dos centauros? — Bom, Portia não posso fazer nada com meu acessório atual. — Ela puxou o colar. — Assim que...

— Mas não podemos confiar em você. — Ember moveu seus longos cachos vermelhos e negros sobre o ombro. — Não depois de suas ações em Rothkalina ano passado.

— Doce, de verdade, decapitou Hettiah? — O tom de Felix era de admiração.

Hettiah era a meia-irmã de Omort e consorte, uma pálida imitação de seu desejo não correspondido: Sabine. Lanthe lutou com Hettiah e estreitamente prevaleceu.

Em resposta deu de ombros.

— Você o fez! — Parecia muito contente. — Então o outro rumor deve ser verdade. Você enfeitiçou Omort!

58

Ela queria que todos soubessem sobre o papel que teve e a respeitassem. Agora desejava que sua participação fosse mantida em segredo. Porque Felix parecia estar em outra busca de poder.

Por sua própria alma.

Podia dizer que sempre a amou, que ele lhe deu tudo o que prometeu nestes anos, e ela acreditaria...

59

NOVE

Prisioneiro dos Sorceri.

Isso teria irritado Thronos se ele não estivesse confiante de sua liberdade iminente. Ele iria conseguir logo.

Não, ele estava mais enfurecido porque Melanthe havia fugido dele, embora não esperasse nada diferente. Há muito tempo, quando a viu se virar e correr, ele pensou que seu mundo tinha terminado. Ele pensou que não tinha nenhuma razão para viver.

Agora? Ele vivia para vingança. Ele atacaria estes inimigos, punindo quem tinha batido no rosto dela, então recapturaria sua companheira.

Ele virou seu olhar ao redor para o feiticeiro, acrescentando outro alvo para punição: Felix, o homem que tinha falado com Melanthe.

Um ex-amante, sem dúvida. Quantos deles povoavam esta ilha?

O homem loiro não era tão alto ou musculoso como Thronos e usava uma pomposa armadura de ouro. Suas maneiras eram praticadas, sua pele sem cicatrizes. Então este era o tipo de macho que sua companheira preferia.

O oposto de mim.

Fúria percorreu Thronos com o pensamento. Ele empurrou contra os pilares que o prendiam, mas não conseguiu movê-los. Portia, a Feiticeira da Pedra, era muito poderosa, e ele estava enfraquecido pela regeneração. Seus ossos estavam reparados, mas tinha apenas colocado uma fina cobertura em sua asa direita.

Ele não tinha sido páreo para os vinte demônios de fogo que desceram sobre ele.

Uma vez curado, ele atacaria. Por enquanto, manteria sua boca fechada e

ouviria, tentando recolher informações; como o porquê de Melanthe ter enfeitiçado Omort. Provavelmente por poder. Às vezes, Omort, a paranoia Sorceri é justificada.

— Se você não pode confiar em mim, então o que você propõe?— Melanthe disse à Portia.

A Feiticeira das Chamas, Emberine, riu.

— Nós fomos privados de cor por tanto tempo, vamos fazer algo brilhante.

O que isso significava?

— Chega disto, senhoras. — Felix disse. Quando um raio fugaz de luz solar refletiu em sua armadura dourada, cada olhar Sorceri foi magneticamente atraído para ela, incluindo o de Melanthe.

60

A maioria dos Vrekeners acreditava que a alegação da adoração pelo ouro dos Sorceri era apenas um disfarce para a ganância excessiva, como se os Sorceri se importassem como os outros os viam. Mas Thronos sabia que eles genuinamente reverenciavam todos os metais, especialmente o ouro. O elemento era um talismã para eles. Mesmo aos nove, Melanthe havia sido obcecada com isso. *A mãe dela também...*

Portia disse, — Você quer apressar nossa diversão, Felix?

— Estou ansioso para renovar minhas atenções para a Rainha da Persuasão.

O inferno que isso iria acontecer. Surpreendentemente, a expressão de Melanthe combinava com os pensamentos de Thronos.

Emberine fez uma careta exagerada.

— Eu acredito que nossa amiga Lanthe já foi duramente atingida, pelo anjo demônio.

Duramente atingida?

Os olhos enegrecidos de Melanthe se arregalaram.

— Ele e seus cavaleiros caçaram minha irmã e eu, matando Sabine uma e outra vez, me obrigando a queimar através da minha persuasão para salvar sua vida.

Mais uma vez, ela repetiu suas afirmações? Embora tivesse dito a ela sobre os votos de seus cavaleiros?

Emberine estalou para Thronos.

— Os cavaleiros malcriados não deveriam ter matado Sabine na frente da jovem Lanthe.

Melanthe se virou para ele, seu rosto apertado com raiva.

— Ainda assim, aquele ali não acredita em mim!

Aquele ali... estava começando a acreditar. Pelo menos sobre os ataques terem realmente acontecido. Talvez alguma ramificação do grupo tinha as irmãs como alvo.

Em um tom pensativo, Portia perguntou, — Você acha que é possível que o nosso príncipe não saiba o que seus parentes fazem com a nossa espécie quando estão bêbados e frustrados?

Vrekeners nunca bebem, ele pensou automaticamente, embora soubesse que não era verdade. Ele tinha bebido apenas uma vez em sua vida, mas seu irmão carregava secretamente um frasco dourado, roubado de um feiticeiro que tinha derrotado.

Aristo amava poucas coisas mais do que lutar com os Sorceri. Assim como seu pai. Foi uma fonte de discórdia entre os irmãos.

Portia enfrentou Melanthe mais uma vez.

— Que passado vergonhosamente hostil entre você e o Vrekener. Sua irmã

decapitou seu pai, e você, pessoalmente, o aleijou, mesmo ele sendo seu companheiro. — Como a feiticeira era indiferente para falar de tragédias! — Então os Vrekeners te caçaram. E foi por isso que suas reações ao longo da última semana nos deixou perplexos.

A cabeça de Melanthe virou-se, confusão em seus olhos. Em vez de exigir saber do que a feiticeira estava falando, ela retrucou:

— Já chega disto...

— Nós devemos dizer a você, Felix? — Emberine perguntou timidamente. — Toda vez que o Vrekener era sequer mencionado, as bochechas de Lanthe se aqueceriam, seus olhos ficavam metálicos.

Thronos se acalmou. *Poderia ser verdade?*

— Aquela emoção era ódio. — Melanthe cuspiu, mas ele teve a impressão de que seus sentimentos eram muito mais complicados do que isso.

Ele não tinha ilusões sobre seus próprios sentimentos. Como um fluxo que esculpia um sulco através da rocha, suas ações tinham-no transformado para sempre. Ele sempre iria desprezá-la.

Portia disse, — Então você não irá se importar se nós o esfolarmos? Esmagá-lo sob o peso de uma montanha?

Melanthe deu um suspiro de descrença.

— Vá em frente. E guarde um lugar para eu assistir.

Ou talvez ela o odiasse tão profundamente quanto ele o fazia.

Emberine acariciou as costas de suas garras de metal em toda a coxa nua de Portia conforme se dirigia à Melanthe: — Você deu a ele seus ferimentos antes de ele poder se regenerar. Ele encontrou você quando ele era um menino, então?

Nem sequer doze anos.

— Sabe-se que um Vrekener nunca se afasta de um companheiro. — Emberine riu enquanto dizia, — Diga-nos, Lanthe, o poderoso Senhor da Guerra ainda é virgem? O anjo é puro como a neve? Ou o demônio nele começou cedo?

Thronos cerrou sua mandíbula. *Não.Um.Demônio.*

Melanthe não respondeu. Pelo menos ela recusou a se juntar nesse ridículo.

O olhar de Emberine vagava sobre ele, desejo em seu rosto.

— Eu preciso iniciá-lo!

Ele não podia mais permanecer em silêncio.

62

— Tente isto, vadia. Solte-me, e tente.

Eles riram.

— Oh, Portia, sei que eu poderia fazê-lo se desviar!

Boa sorte. Você acha que eu não tentei também? Ele olhou na direção de Melanthe. Como ela se sentiria sobre ele estar com outra?

Embora seu rosto estivesse branco, seus olhos brilhavam.

— Nós não podemos desperdiçar tempo com isto, Ember. — Portia parecia... com ciúmes?

— Vamos seguir em frente com nossos planos.

Com outra risada, Emberine correu para Melanthe, mais rápido do que os olhos de Thronos poderiam seguir. Em um piscar de olhos, ela atravessou a clareira, parando atrás de Melanthe para posicionar uma lâmina em sua garganta esguia, pairando acima do colar.

— Não! — Thronos berrou, seu instinto gritando para ele proteger sua

companheira.

O metal estava vermelho pela mão de Emberine. Ela cortaria a carne de Melanthe. Ela engoliu em seco, estremecendo com o calor.

Portia levantou-se, montando uma nuvem de pedras em direção às duas mulheres, preparando a mão decepada para a remoção do torque.

Felix, o feiticeiro, tão bom quanto morto, seguiu, parecendo divertido com o processo.

Emberine disse a Melanthe, — Você vai fazer exatamente como nós dissermos, ou vai morrer. Mas, antes de Portia liberar seus poderes, vamos garantir que você não poderá usar qualquer comando persuasivo. — Ela agarrou as bochechas de Melanthe. — Agora, estique sua língua como uma boa rainhazinha.

DEZ

Os pensamentos de Lanthe estavam tumultuados.

Encontrar Felix novamente depois de todos esses anos a havia abalado. Sem mencionar ver a cobiça de Ember por Thronos. A necessidade da Feiticeira das Chamas de seduzi-lo afetou Lanthe de maneiras surpreendentes, formas que ela teria que pensar mais tarde.

No momento, ela estava um pouquinho ocupada se preparando para uma amputação.

Suor gotejava de sua testa e pescoço, se acumulando no maldito colar.

— Perca sua língua, e ganhe sua liberdade. — Ember zombou.

Thronos gritou, suas asas chamejando dentro da gaiola. Como se ele se importasse com Lanthe. Ele agia dessa maneira por causa de instintos incontroláveis, apesar de odiar tudo sobre ela.

Thronos era assim tão diferente de Felix? Dois machos que queriam algo dela, mas nenhum se importava com ela. Eles só viam o que ela podia lhes dar, como poderiam usá-la.

— Seja rápida. — Disse Felix, ganhando um olhar fulminante de Lanthe. — Quanto antes a língua de Mel for cortada, mais cedo ela se regenerará. — Relampejando dentes brancos, ele brincou, — Eu sei exatamente como ela vai querer estrear a nova.

Lanthe estremeceu. Ele poderia fazê-la acreditar que ela amava cada minuto de sua violação.

— Abra tudo! — Ember gritou. — Não se preocupe, a lâmina não está quente o suficiente para cauterizar.

Lanthe engoliu em seco novamente. Todos os aliados Pravus se

aproximaram, a promessa de derramamento de sangue os excitando. Vendo-os assim, ela quase podia entender porque uma espécie sentia a necessidade de policiá-los.

A menos que alguém desça para salvar o dia, estou a ponto de perder minha língua.

Embora ela voltasse a crescer, as línguas eram supersensíveis, *mãe do ouro*, isso ia doer.

Um pedágio que pagarei para ficar livre.

Ela olhou para Thronos. Ele estava se debatendo contra a pedra imóvel. Quando ela mostrou a língua e Ember beliscou a ponta com suas garras ele ficou louco, batendo seus chifres na rocha até que sangue escorria pelo seu rosto.

Ela ficou tensa, preparando-se para a dor.

Felix murmurou, — Vai acabar em um minuto, Mel. — Palavras suaves, mesmo com ele assistindo avidamente...

Corte.

64

Ela gritou, cuspidando sangue. Vivas e risos explodiram em volta.

Ela foi assaltada pela agonia, pontos pretos invadiram sua visão enquanto ela se engasgava com sangue. Quando suas pernas ficaram fracas, Ember a segurou pelo colar. Com a outra mão, ela levantou a língua decepada de Lanthe para todos verem. Em seguida, jogou-a no meio da multidão.

Fique consciente, fique consciente.

Portia correu a mão de Fegley sobre o rosto de Lanthe antes de usar o polegar para remover o torque.

Livre, Lanthe caiu de joelhos no chão. Ela cuspiu bastante sangue, fluxos

carmesins respingando sobre as mãos enluvadas.

Colorido o suficiente, vadia?!

— A abertura, Lanthe. — Portia disse em um tom casual. — Diretamente para a capital Centauri, por favor.

Lanthe deu-lhes um aceno trêmulo, como se ela estivesse prestes a fazer o que foi mandado. Ela começou a manifestar sua feitiçaria, e o prazer disso neutralizava sua dor. Após sua pausa forçada, ela estava cheia de energia!

Quando pegou o olhar de Thronos mais uma vez, ela sorriu de modo afetado derramando sangue. Como ele, estes Sorceri continuavam a subestimá-la.

Ela tinha uma habilidade secreta, uma que ela cuidou para não revelar em sua cela.

Porque, no fundo, era uma bruxa furtiva, sorrateira.

Mesmo a sua nova amiga Carrow não sabia que Lanthe poderia se comunicar telepaticamente, um poder roubado mais de um século atrás.

Os comandos persuasivos de Lanthe não tinham que ser articulados por ela, eles apenas precisavam ser ouvidos por suas vítimas.

Ela levantou as luvas ensanguentadas, luz azul iridescente e calor obscurecendo o ar ao redor dela. Eles pensariam que era para o portal.

Errado.

Ela iria utilizar o comando, tão útil sempre que titia Lanthe ia cuidar dos gêmeos de Cadeon e Holly. Ela ordenou mentalmente:

— Pravus, DURMAM. — Ela observou como suas pernas ficaram instáveis, pálpebras pesadas, expressões perplexas. — DURMAM. E esqueçam que eu já estive aqui. — Corpos desabaram um por um. Portia e sua plataforma de pedras caíram no chão, imóveis.

Ember gritou, — Portia!

— Você está exausta, deve dormir AGORA.

65

Ember caiu inconsciente ao lado da forma adormecida de sua amante.

Todos os Pravus tinham apagado.

A força que Lanthe usou para fazer sua feitiçaria e a perda de sangue contínua a haviam debilitado, mas ela não estava de forma alguma segura. Porque, por alguma razão inexplicável, ela tinha excluído Thronos de seus comandos.

Sem a força de Portia contra a gaiola de pedra, ele foi capaz de levantar a placa superior.

Suas cicatrizes e seu coxear sempre fizeram Lanthe minimizar sua força. Quando ele jogou a placa longe como um pedaço de telha, ela prometeu a si mesma que nunca mais o faria.

Se ele a capturasse mais uma vez, ela estaria de volta onde havia começado, menos uma língua. Só porque ela não queria, necessariamente, que ele fosse um brinquedo Sorceri não significava que ela queria ser dele!

Tão zozza. Preciso de um portal. Ela poderia rastejar por ele, para longe de Thronos, desta ilha traiçoeira. Ela se preocupou por um momento com Carrow e Ruby, mas elas estavam sob os cuidados do vemônio letal. Certamente, ele as protegeria.

Lanthe cuspiu mais sangue. Será que ela teria o poder de abrir uma fenda? Ela tinha acabado de usar sua persuasão, e tantas outras coisas poderiam dar errado com a abertura de um portal.

O último que ela tinha criado foi para Oblivion, um dos planos infernais dos demônios. Mas ela só tinha que reabrir um portal que já estava no lugar.

Muito fácil.

Agora, em seu esgotamento e pressa, ela poderia apontar uma porta lá atrás. E

se ela se enviasse para um lugar ainda mais mortal? Como um reino com gás de mostarda em vez de oxigênio, ou um reino completamente aquático?

Ainda pior do que a morte instantânea, alguns planos poderiam mudar uma pessoa para sempre.

Thronos mancou na direção dela, seu objetivo nos olhos cinzentos, sua expressão determinada. Atrás dele mais centauros galopavam para a clareira, pegando seus camaradas caídos.

Ameaça dupla, nenhuma escolha além de um portal! Engolindo sangue, ela começou a abrir uma fenda, um pequeno corte nesta realidade. Ela tentou se concentrar em sua casa de Rothkalina, ainda temendo que tudo pudesse dar errado se emaranhasse seus pensamentos.

Abrindo, abrindo. Com um grito, Thronos começou a correr, agarrando uma espada de um demônio que dormia em seu caminho.

Abrindo...

Quando os centauros se juntaram atrás dele, Lanthe se afundou na abertura.

66

Enquanto corria, Thronos manteve o olhar fixo sobre ela, mesmo enquanto ele fazia cortes nos que dormiam abaixo dele com a espada. Por que ele faria isso...?

A lâmina voltou sangrenta. A cabeça de Felix estava rolando de seu corpo.

Sua mandíbula afrouxou, sangue escorrendo da boca. *O louco do Vrekener.* Ela se virou para suas mãos e joelhos, agora subindo pelo portal.

Noite. Névoa e escuridão. Definitivamente não era Rothkalina.

O dia nublado da ilha da prisão chamejava neste mundo chuvoso como uma lanterna.

Antes que seus olhos pudessem se ajustar, ela ouviu Thronos gritar para ela.

Ela comandou o portal para se fechar. Logo que as laterais estavam prestes a se encontrar, Thronos mergulhou através dele, caindo ao lado dela.

Assim que a fenda se fechou, grunhidos territoriais e silvos soaram ao redor deles.

Na escuridão sombria, Thronos chiou:

— Você nos trouxe para inferno, feiticeira?

ONZE

Thronos lutou para se orientar, enquanto reprimia sua ira sobre o que acabava de ver.

Sua mulher, mutilada. Por sua própria espécie. Desejo ter tempo para arrancar todas as cabeças de seus corpos.

Foco, Talos. Cheirou o ar, inspecionando o novo ambiente. Estavam em uma pequena ilha rochosa rodeados por água que parecia mercúrio. A névoa envolvia a noite. Uma espécie de pântano sobrenatural?

Apesar de ter viajado em planos estrangeiros em busca de sua companheira, não reconhecia este. Podiam estar em qualquer lugar. Thronos odiava seus portais; cada vez que viu um no passado queria dizer que ele estava a ponto de perdê-la novamente.

Uma grande serpente do mar vermelha estava sobre a água à sua direita, cortando através da água com grande nitidez. — Sim. Viemos para o inferno. — Disse quando uma serpente verde apareceu à esquerda.

Melanthe iria criar outro portal logo. Mas não para Skye, ele nunca lhe disse onde sua casa estava escondida, no caso de ela, de alguma forma, escapar e decidir levar um exército inimigo ali.

— Faça outro portal de volta para o reino dos mortais. — Ordenou. — Em algum lugar da Europa. — Ele sabia que não podia falar, sangue ainda saía de seus lábios. No entanto, tudo o que tinha que fazer era assentir, e depois, trabalhar.

Uma vez que estivessem longe dali, ele perguntaria a ela.

Porque dormiu com Pravus e não comigo? Com que propósito encantou Omort? Lamenta que eu tenha decapitado seu feiticeiro?

— Faça. — Ele espetou, sem ousar repetir suas ordens. Quando Thronos

dirigia as tropas de seus guerreiros em Pravus, ninguém se atrevia desobedecer.

Ela negou com a cabeça, suas tranças balançando nos ombros magros. *Negando?* Agachou na frente dela, deixando ao descoberto suas presas. — Faça agora.

Levarei de cinco a seis dias para renovar minha capacidade para abrir um portal. Até lá teremos que esperar.

Ele se afastou, fazendo uma careta quando ouviu as palavras dela em sua mente diretamente. *Então foi assim que ela os fizeram dormir! Telepatia.*

Agora que pensava, podia dizer que teve que fingir vacilação sob a ameaça de uma faca. Ela tinha um plano e estava desesperada para eliminar o par.

Ele odiava telepatia, uma lembrança evidente do que ela era. Mas, ao menos, podia se comunicar com ele até se regenerar. Sabia que podia responder da mesma forma, pensando suas 68

palavras em vez de dizê-las e ela podia recolhê-las com sua capacidade de ler a mente. Mas se negou a permitir a entrada dela em seus pensamentos, desenvolveu escudos mentais específicos para bloqueá-la. — Quantas outras habilidades você possui.

Por desgracia, apenas três.

Ela estava mentindo?

Apenas porque não caminhei milhas não significa que não esteja cansada.

— Seus poderes se regeneram de forma independente?

Ela deu de ombros. *Telepatia. É um segundo poder. Abrir uma fenda na realidade... não muito.*

Ela não disse nada sobre sua habilidade mais devastadora. — E sua persuasão? — Podia usá-la apenas a cada poucos dias? Uma vez que estivesse forte o suficiente para abrir um portal, poderia ser capaz de usar a

persuasão? Uma arma de dois gumes. Ele estava na mesma posição que os Sorceri, tampouco poderia confiar nela.

Perder seu pescoço era uma coisa grave.

A persuasão é imprevisível. Sob a chuva esfregou o queixo sobre o ombro pálido, manchando de sangue. Um rio vermelho escorria por seu braço, que pingava de seu cotovelo.

Costuma funcionar quando estou em perigo, assim provavelmente não deve me assustar novamente.

Estremeceu ao pensar em todas as coisas que ela poderia persuadi-lo a fazer. Podia realmente fazê-lo se esquecer dela? Apesar de sua mente racional pensar *é exatamente isso que deveria acontecer*, seus instintos se rebelavam.

Seu corpo se rebelava. Thronos deveria se lembrar que nunca teria outra.

— Deve haver alguma maneira de reduzir esse... tempo. — Não podiam ficar presos ali.

Algo neste reino o deixava ainda mais nervoso. Claro que percebia o perigo a seu redor, no entanto, seu sentido principal era de esperança.

Seria porque ele estava com ela?

Tenho que esperar vários dias, para criar um novo portal.

Assim que, ao menos que pudessem encontrar outro portal ou um Lorean que pudesse teletransportá-los, ficariam ali. — Onde estamos?

Não sei.

Quando a chuva aumentou ela começou a tremer fortemente. Com a quantidade de sangue que perdeu deveria estar sentindo muito frio com este tempo. E a regeneração estava castigando seu corpo.

O ventou se levantou e com ele os cheiros do lugar. Seus músculos ficaram tensos quando sentiu o cheiro de lava, cadáver podre e sangue de Lorean. Em grandes quantidades. — De todos os reinos, porque escolheu esta maldita terra?

Ela estreitou os olhos para ele, seu próprio sangue escorrendo de sua boca.

Ninguém o obrigou a vir comigo. Então não se queixe do seu destino!

— Responda-me!

Às vezes não posso controlar o destino do portal! Especialmente sob pressão.

Ele soltou um suspiro. Seria melhor encontrar uma maneira de manter-se com vida neste lugar. Olhou através da nevoa, talvez à frente houvesse alguma montanha à distância. Talvez um vale se estendesse diante deles.

Havia outras pequenas ilhas entre este lugar e a costa, mas cada uma estava a quilômetros de distância, muito longe, inclusive para um imortal saltar. Sem suas duas asas, tinha poucas esperanças de cruzar este vale.

Outra serpente apareceu na água. Estavam aumentando em números? Esta moveu a língua bifurcada no ar. A língua era tão longa quanto a perna de Thronos. A fileira de dentes afiados brilhou na noite.

Quando o céu se abriu mais e a chuva os golpeou mais forte, Melanthe estremeceu a seu lado. A palidez de sua pele aumentou, mais hematomas em seu rosto se destacaram.

Sem pensar, começou a mover sua asa boa sobre ela, mas parou, sufocando qualquer simpatia não desejada por ela. — Parece que vai ter que trabalhar comigo, feiticeira. Não pode voar, assim, como vai escapar desta bagunça? Ou estava planejando ficar aqui com as serpentes a maior parte da semana?

Ela lançou um olhar forte para a asa ferida dele.

— Vai se curar em horas.

Então ele encontraria um refúgio seguro para eles.

Está atuando como se fossemos parceiros, não como se eu fosse sua prisioneira. Não somos uma equipe. Eu te odeio! Tenho a intenção de escapar de você, idiota...

— Não espero menos. Mas até sua próxima tentativa inútil, vai responder algumas perguntas para mim. O que era este feiticeiro para você?

Um ex. Parabéns, decapitou um antigo ex.

— Lamenta?

Ela rodou os olhos. Lamento que tivesse arrebatado sua armadura de ouro na saída. Ele não era amigo e nem aliado.

70

— Então porque dormiu com ele? — Seus hábitos sexuais o confundiam!

Porque não?

Perca o controle, perca sua companheira. Reprimido sua fúria, ele disse, — Porque encantou Omort?

Ela levantou seu queixo em desafio.

— Responda ou vai nadar.

Seus olhos se moveram para a água perto.

Eu ordenei que ele não usasse magia Sorceri na batalha com Rydstrom.

Todos no Lore sabiam que Rydstrom, O Bom, matou Omort, O Imortal, e reclamou seu reino Rothkalina; mas Thronos se perguntava como o Rei dos Demônios da Ira escapou dos vastos poderes de Omort. — Porque favoreceu Rydstrom traindo seu próprio irmão e... amante? —

Perguntou, mal podendo pronunciar a palavra.

Seu rosto se enrugou com repulsa.

Amante? Ele era completamente vil! Para não mencionar que era meu irmão . Oh não, apenas não...

Terminou o pensamento abruptamente; vomitou novamente, mas apenas saiu sangue.

Prefiro morrer!

Iria se atrever a acreditar nela? Com certeza a repulsão pela violência não era fingida.

Lançou um olhar para Thronos, os olhos cheios de raiva.

Vou te matar enquanto dorme por pensar coisas assim de mim!

— Porque deveria eu ou qualquer outra pessoa acreditar que não era sua amante? Todos sabem que Omort gostava de dormir com suas irmãs e você viveu sob seu teto durante séculos!

Quer saber a verdade sobre como era a vida sob sua proteção? Horrível. Vivíamos com a loucura, que víamos se manifestar todos os dias! Ele rotineiramente ameaçava me matar, esteve perto muitas vezes.

— Uma vez mais, você mente. Se odiava o que estava acontecendo, então porque não o abandonou? Eu sei que você e Sabine eram livres para ir e vir. E porque iria querer sua própria irmã morta?

Ela deu a volta, apertando o punho.

Vá para o inferno!

— Já me tem aqui. Agora responda!

71

Silêncio.

Ele a agarrou pelos ombros. — Sente o fôlego da serpente?

Lutou em seus braços, fraca como um bebê.

Ele envenenou Sabine e a mim com morsus.

— O que é isso? Não sou tão versado em venenos covardes como vocês Sorceri são. —

Adoravam seus venenos tanto como amavam carregá-los, diziam que eles próprios eram

“tóxicos”.

O morsus mata aos poucos. Se o deixamos por algumas semanas, morremos de dor. Tinha um único antídoto, dado em intervalos, sempre e quando o irritávamos.

Soava muito estranho para ser verdade, mas Thronos quase acreditava que fosse verdade.

Apenas um feiticeiro faria isso a sua própria família. — Porque deveria acreditar em você?

Bem, a) não me importa se acredita ou não; b) sua amiga Nix pode comprovar tudo o que contei.

Ele... acreditava em Melanthe. O que significava que a antiga ira de Thronos diminuiu um pouco. A feiticeira não participou das atrocidades.

Apesar de que carecia de muitas outras coisas, Thronos decidiu então que seria suficiente como esposa. — Acho que acredito, o que significa que me casarei com você. Gostará de saber que a tortura está fora de questão.

Seus olhos piscaram.

Como se alguma vez iria te aceitar como meu marido! Você não tem o direito de me sequestrar! Não é diferente de Omort. Tirando-me a escolha, minha vida. E matamos Omort na primeira oportunidade...

— Está me ameaçando outra vez?

A única razão pela qual ficamos com ele foi porque nos prometeu proteger dos Vrekeners!

— Não de mim. Vi você apenas algumas vezes ao longo destes anos. Sempre que conseguia alcançá-la você escapava através de magia. Se havia um lugar específico para onde se dirigia, nunca soube.

Como não podia saber o que seus próprios homens faziam?

Ele a sentiu sondando seus pensamentos, tentando ler sua mente. Desceu seus escudos em um instante, mas ao parecer foi tudo o que precisou, ficou em silêncio.

Você realmente não sabia! Permita que esclareça. Nos dois anos depois da abadia, seus homens voaram com Sabine a uma grande altura e a deixaram lá para a diversão. Vi em sua cabeça uma fenda aberta. Quase não consegui salvá-la...

72

Vrekener eram as maldições dos malfeitores, não cometiam maldades.

Ela leu sua expressão.

Não acredita em mim? Porque acha que cheguei a ter tanto medo das alturas? Porque vi o que acontece a um corpo quando aterrissa! E logo um ano mais tarde, sua espécie vem atrás de nós novamente.

Seu olhar era distante.

Nos escondemos em um celeiro. Mas estes enormes machos alados foram atrás de nós, seus homens. Rindo, o líder pegou um tridente e apunhalou o feno. Ela flexionou a mão direita.

Sabine saltou do sótão, correndo para distraí-los de mim. Perseguiram-na até um rio. Ela não sabia nadar e se afogou. Melanthe o enfrentou mais uma vez, inclinando-se de forma agressiva. Eu a encontrei em um banco a uma distância de três povoados e meu poder para trazê-la de volta estava debilitado.

— Espera que eu acredite que meus próprios homens tentaram matar minha companheira quando era uma criança indefesa? Ah, isso fica cada vez melhor. Apenas o desinteresse de Sabine te salvou? Tão falsa como os anéis!
— Melanthe estava mentindo. Tinha que estar. Os Vrekeners não fizeram isso.

Não espero que acredite. Como não espero que acredite que éramos casos isolados. Que seus homens perseguiram e brutalmente montaram outra Sorceri.

— A feiticeira e seus contos.

A feiticeira que está com um Vrekeners idiota.

Ela cuspiu sangue em seu rosto.

Thronos ficou em pé, levantando-a com ele. — Está me provocando?

Talvez devesse ter dormido com todos aqueles paus!

— Então porque não?

Ela afastou o olhar.

— Por que, Melanthe?

Ela franziu o cenho ante algo além dele. Lançou um olhar por cima do ombro, viu várias serpentes, de várias cores. Quantas eram?

Foi então quando percebeu que a forma da pequena ilha mudou. Mordeu os lábios.

Ele falou, — A água está subindo. — Logo ela acrescentou, *Acho que gostam do meu sangue.*

DOZE

Naturalmente, Lanthe cuspiu na cara da única pessoa que podia salvá-la de ser comida pela serpente. A chuva ainda estava lavando os fluxos vermelhos de suas bochechas esculpidas.

De todos os seus medos, ser comida estava no topo, logo abaixo de um ataque Vrekener.

Era hora de ser agradável com seu odiado algoz.

Reprimindo a dor em sua boca, ela fingiu um comportamento coquete.

Parece que deixei meu sangue em seu rosto. Lanthe má! Ei, eu tenho uma ideia. Vamos nos juntar!

Ele fez uma careta para ela enquanto testava suas asas, as linhas de seu rosto demonstrando dor. A asa machucada não estava nada pronta para voar. Ele era como um avião que tinha perdido um motor.

Quando a água bateu em seus pés, ele disse, — Vai ter que ser o suficiente para nos levar para a costa que eu avistei.

Ela girou, sem ver nada através da escuridão. Mas a água de mercúrio e as serpentes arco-

íris davam uma ideia de onde eles poderiam estar. Se ela estivesse certa, então perigo vinha de todos os lugares. Se eles encontrassem rios de fogo e uma guerra demoníaca perpétua, ela saberia...

Lanthe precisava da ajuda do Vrekener para sobreviver a este lugar, e ela precisava dele otimista, seguro de que pudesse salvá-la! Como fazer a adrenalina dele bombear?

Ela olhou para o peito dele. A camisa estava aberta, revelando sua pele cheia de cicatrizes.

Seus músculos eram duros e generosos. Atraente. Não era à toa que Ember o havia desejado.

Levantando a mão, Lanthe colocou a palma que tremia sobre o coração dele. Thronos ficou tenso, e suas batidas começaram a trovejar de repente. Era a segunda vez que ela voluntariamente o tocava como adulto. Ela limpou a garganta, então lembrou que não podia falar.

Thronos, se você conseguir nos tirar desta situação...

A água chegou mais perto, as serpentes ficando mais ousadas.

Eu deixarei você me tocar.

Ele estreitou seus olhos para ela. — O que você não entende é que farei o que quiser com você.

Bem. Quando ele ficou tão convencido? Então ela se lembrou que ele tinha sido assim também quando menino.

Ele a puxou em seus braços musculosos, contra aquele tórax inflexível.

74

— Você pertence a mim. Pela força da dor, eu ganhei você! — Um raio riscou o céu, pontuando sua declaração.

Como ela pertenceu a Omort? Ela tinha se libertado daquela aberração apenas um ano atrás!

— Mas não me surpreende que você negocie seu corpo em troca de segurança. — Thronos acrescentou. — Agora, cale-se, e ponha suas pernas em volta da minha cintura.

Quando estiver em apuros, parta. Sem ter outra opção, ela fez como ele falou. Com sua saia curta subindo, ele agarrou o traseiro nu dela, segurando o corpo dela no alto de seu torso. As mãos dele eram ásperas e quentes, parecia que iria marcar sua pele úmida com os cinco dedos.

Eletricidade parecia passar entre eles.

Pela fisionomia dele, ela não era a única que sentia isto.

* * *

Como diabos ele deveria se concentrar em levá-la para um lugar seguro quando suas palmas estavam moldadas às curvas luxuriantes dela?

Sua única esperança de protegê-la era usar a ilha para chegar à costa. Ele tinha acabado de conseguir concentrar sua mente na tarefa hercúlea, quando a feiticeira começou a falar sobre ele tocá-la!

Ele ficou duro por ela, desviando sangue de sua asa que se curava e, mais importante, de seu cérebro. Ele não queria que ela soubesse como o afetava tão facilmente, então ele furtivamente ajustou seu eixo dolorido.

Quantos outros machos apaixonaram-se por esta criatura sedutora? Por suas mentiras?

Sua velha amiga, a ira, borbulhou dentro dele. Ele a usaria para abastecer sua fuga deste pântano.

— Eu sugiro que você se segure.

Ela colocou o rosto contra o peito dele, agarrando-o com mais força.

Com um grito, ele saltou para a ilha mais próxima, usando sua asa boa para ficar no ar o máximo possível. Ele falhou, aterrissando em um lugar com água até seus joelhos. Ele lançou-se para o centro da ilha na hora que dentes afiados se fecharam atrás deles. Quando um assobio irritado soou, ele sentiu o ar fétido da boca da besta.

Muito perto, Thronos!

Ele enfocou seu olhar na próxima ilha, uma que era até mais distante do que esta aqui tinha sido. Ele tinha sua companheira finalmente, tudo que tinha que fazer era mantê-la protegida de dúzias de serpentes gigantes do pântano.

Apertando sua mandíbula, ele enrijeceu, então pulou. No meio do salto ele soube que não alcançariam a ilha. Uma serpente surgiu abaixo dele, no último instante, ele desceu em suas costas, usando-a para saltar para seu objetivo. Eles aterrissaram com segurança.

75

Serpentes não são pedras para subir!

Ele podia passar bem sem suas críticas.

— Você não tem língua, ainda assim não fica quieta.

Ele prendeu o olhar em seu destino. Como tinha visto antes, existiam duas montanhas limitando um planalto sobre um enorme pedaço de terra. Ele terminava em um precipício, dando a impressão de que um gigante havia separado suas extremidades, partindo as montanhas pela metade no processo. Lava escorria pelos seus lados como cachoeiras laranjas brilhantes.

O planalto estava centenas de metros acima do pântano. Se ele errasse, não havia nada que os impedisse de mergulhar nas águas infestadas de serpentes.

A tempestade estava piorando. O vento soprava fazendo a chuva bater. Mas esta pilha de pedras tinha um pouco mais de espaço, então ele poderia pelo menos correr para saltar. Embora os ventos trouxessem odores de mau agouro daquele planalto, ele não tinha nenhuma escolha além de continuar.

Uma buzina soou, ecoando de uma montanha para a outra.

Uma chamada para batalha?

Gritos sanguinários soaram, metal batendo contra metal. Momentos depois, o céu da noite se iluminou, os poderes Lorean explodindo.

Ele viu granadas de fogo, bombas de gelo, e turbilhões de batalhas mágicas. Tinham que ser demônios. Mas quantas facções deles poderia existir?

— Muito bem, Melanthe. Você nos levou de uma guerra para outra.

Eu acho que sei onde estamos. Supostamente é um mito. A fonte de todos os demônios.

A fonte? Ele finalmente compreendeu. — Você nos trouxe para a droga da Pandemonia? —

Plural de pandemônio. Porque era a lendária casa de centenas de espécies de demônios.

Outro silvo soou atrás dele. A água continuava a subir em um ritmo alarmante. Não tinham outra opção além de seguir adiante. Ele tinha esperança de que poderiam contornar as bordas do conflito.

Enquanto ele recuava para a outra extremidade da ilha, ela apertou mais seus braços ao redor dele, cravando suas luvas em sua pele.

Ele começou a correr, esperando até o último segundo...

Com um berro, ele se lançou para seu alvo. Eles voaram. Três batidas do coração mais tarde ele soube que não conseguiria neste vento contrário.

Muito pouco, muito pouco.

Nós estamos indo direto para a água, Vrekener!

76

Quando a crista da serpente verde apareceu, Thronos fez o que pode com sua asa para alcançar as costas dela. Ha! Rumo a uma aterrissagem perfeita na serpente. Ele estava ficando bom nisso.

Ele aterrissou quando a besta começou a se debater. O impulso os arremessou em direção a uma daquelas montanhas como se eles tivessem batido em um trampolim de trinta toneladas.

Thronos levantou sua asa, lutando para se endireitar. O lado da montanha apareceu, se apressando para eles.

Ele pensou ter visto uma pequena abertura de caverna entre dois fluxos de

lava. Será que ele conseguiria atingir aquele minúsculo alvo? Era um risco! Ele guiou com sua asa, para baixo e a esquerda.

Abaixo e a esquerda, abaixo e a esquerda...

Esquerda, esquerda!

Eles passaram pela abertura. Ele baixou suas pernas, invertendo sua asa, colocando seus pés no chão.

O impulso o lançou em direção à parede do fundo. Ele girou para seu lado, afastando-se, seus pés deslizando de lado na poeira.

Eles pararam à centímetros da parede.

TREZE

Lanthe tinha certeza da morte, convencida de que o impulso deles iria batê-los no lado da montanha, esmagando-os ou dando-lhes um banho de lava.

Ao invés disso, Thronos tinha atingido o olho do touro, então deslizou para casa. Ela recuou para encará-lo. *Ok. Isso foi um movimento muito legal. O caminho da linha na agulha.*

Ela pensou que ele tinha levado um segundo a mais do que o habitual para franzir o cenho para ela. Ele a deixou em pé, equilibrando-a com uma grande mão sobre seu ombro.

Obrigada.

Ele puxou a mão para longe, parecendo com raiva de si mesmo. Então se virou para inspecionar a área.

Graças ao brilho da lava que fluía um pouco além da entrada da caverna, havia luz ambiente o suficiente para até mesmo Lanthe ver claramente. Cada uma das paredes da caverna tinha sido talhada suavemente, como se para criar uma tela com uma multidão de hieróglifos gravados. Havia colunas para sustentar o teto, uma prateleira de pedra erguida ao longo da parede na parte de trás, e camadas de pó.

Ela esteve nas ruínas antigas antes. Este lugar parecia tão velho que fazia aqueles outros parecerem tecnológicos.

Thronos examinou o perímetro, pausando em intervalos para sentir o ar. O que ela não daria pelos sentidos aguçados dele. E sua força, adicionou enquanto ele removia um pilar caído fora de seu caminho, arrancando-o como se fosse um palito de fósforo.

— Você tem alguma ideia de por que viemos aqui? — Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça, arrastando-se atrás dele. No canto esquerdo da

caverna, ela tinha visto algo que fez os cabelinhos de sua nuca levantarem. Havia apenas uma maneira de seus sentidos triunfarem sobre os de Thronos: reconhecendo o chamado do ouro.

Ainda assim a parede parecia sólida. Procurando por uma porta, ela examinou alguns dos hieróglifos, escovando o pó para longe. Ela deu alguns cutucões nas marcas com uma garra da luva, mas não encontrou nada.

Mesmo quando se afastou, ela olhou por cima do ombro ansiosamente. Talvez houvesse um veio principal na montanha, bloqueado para nunca ser descoberto neste reino do inferno.

A ideia a deixou estancada. Agora que a adrenalina de sua fuga diminuiu, ela estava ficando atordoada com a fadiga e a perda de sangue. A regeneração de sua língua estava enviando ondas de dor ao longo de sua boca e cabeça.

— Você reconhece estas marcas, feiticeira?

78

Ela estava aprendendo Demonish em Rothkalina, ao menos estava familiarizada, mas não reconhecia isto. *Proto-Pandemonian, talvez? Ou algum tipo de Demonish primitivo?*

Thronos pareceu ainda mais perturbado do que antes, empurrando os dedos por seus cabelos espessos. Algo sobre esta caverna o estava afetando. — Você espera que eu acredite que sua porta para Pandemonia foi aleatória?

Nós podíamos ter ido em qualquer direção, em qualquer lugar existente. Acredite, podia ter sido pior.

— Pior que Pandemonia?

Exatamente. — Os reinos externos eram frequentemente letais até certo ponto, tão perigosos que apenas alguns imortais poderiam sobreviver lá.

Entretanto, muitos no Lore acreditavam que imortais eram quase divindades, outros achavam que foram forçados a evoluir naquelas dimensões externas, se tornando cada vez mais resistentes, até que em uma era eles se tornassem...

eternos. Então viajariam através de realidades para habitar o mundo mortal, atraídos pela relativa facilidade daquele plano.

Então basicamente, Sorceri evoluíam com sentidos apenas um pouco melhores do que dos humanos, os corpos eram fracos comparados à outra espécie do Lore, e a expectativa de vida poderia terminar com muito mais do que apenas uma decapitação ou fogo místico.

A espécie dela sugava a evolução.

— Qual o trunfo deste reino, Melanthe?

Pelo menos há chuva aqui. Ela começou a torcer os cabelos. *Poderíamos ter ido parar em Oblivion, forçados a lutar com outros demônios por água.*

Suas asas contraíram com irritação. — Outros demônios?

Você preferia que nós tivéssemos aterrissado em Feveris? Qualquer um que entrasse naquele reino era enfeitiçado com uma interminável luxúria incontrolável.

— Feveris, então? — Sua voz ficou mais rouca? — A Terra da Luxúria?

Se tivesse mais sangue sobrando em seu corpo, ela poderia ter corado com o tom dele.

— Você esteve lá? — Ele perguntou.

Ela esteve, apenas para colocar um dedão do pé, e ver se os rumores eram verdadeiros.

Seus servos amarraram uma corda ao redor de sua cintura, para puxá-la de volta, se ela fosse enfeitiçada, uma precaução que eles foram forçados a usar. Em poucos minutos, Lanthe começou a despir-se para um gnomo.

Talvez. — Ela nunca se esqueceu daquele perpétuo ensolarado reino costeiro, impregnado com o cheiro de Trópicos Havaianos, flores das ilhas e sexo. Ou seu raios de sol cintilante...

— Estou certo de que você sentiu-se em casa lá, — ele chiou.

79

Ela ainda estava magoada pelo comentário de rameira na ilha da prisão.
Talvez você me influenciou a abrir esta porta para Pandemonia, demônio!
Toda a noite passada eu estive cativa de um demônio, então naturalmente
abri um limite para sua casa.

Ele avançou até ela, gritando, — Não me chame de demônio!

Ela se forçou a manter-se firme, em seguida repetiu suas palavras anteriores:
Sensível sobre isto, criatura?

— Demônios são selvagens. Vrekeners tem graça e um propósito sagrado.
Nós somos descendentes de deuses!

Como sabe isto?

— Dos Contos de Troth; os conhecimentos santificados, legados de uma
geração de Vrekener para a próxima por milênios.

Vou ter que pará-lo, porque você já me entediou. Em todo caso, meu
cunhado Rydstrom não é nenhum selvagem. Ele é um dos melhores machos
que conheci.

— Já chega de Rydstrom! Você soa apaixonada por ele.

Ele é gostoso.

— É isso que você gosta? Sempre superficial feiticeira.

E você é sempre patologicamente ciumento.

— É muito mais profundo do que ciúmes. Os machos que você levou para a
cama roubaram de mim. Você me roubou.

O que eu roubei?

— Anos e filhos. Eu teria matado qualquer outro por uma perda tão dolorosa.

É isso que você quis de mim todo esse tempo? Anos e filhos? Mesmo que estes anos tivessem sido miseráveis?

— Aceito que nossa existência juntos seria desoladora. O máximo que espero é que nós possamos aumentar nossa prole sem matar um ao outro.

O relógio biológico de Lanthe, que não tinha nenhuma ideia de que Thronos era um sequestrador crítico idiota, acelerou com as palavras *nossa prole*.

Ser uma tia coruja dos gêmeos começou a acelerar o relógio biológico de Lanthe. Cuidar da pequena Ruby na prisão colocou isto em marcha acelerada.

Que ela estivesse no fim da ponta de seu período fértil, provavelmente não estava ajudando muito.

80

Mas crianças com Thronos? *Nunca*. Seria ruim o suficiente se Lanthe ficasse presa em Skye Hall, sendo lobotomizada; ela seria amaldiçoada se seus filhos fossem proibidos de rirem, pelo amor do ouro.

— Você não parece se opor a ideia de crianças em geral, — ele observou.

De jeito nenhum. E não era como se ela não tivesse procurado por um companheiro todos estes anos.

Pena que cada uma de suas incursões terminou mal. Ela tinha ganhado um novo admirador assustador, ou tinha seus poderes roubados, ou obtido os machos temerosos dando o fora, olhando para seus relógios, afirmando, “Tenho que acordar realmente cedo amanhã, docinho”.

Então eles desapareciam.

Bater e fechar. Pregar e afiançar. No entanto, nunca conceber e partir, porque ela tomava precauções sempre que estava na época.

— Como você não teve filhos? — Thronos exigiu. — Você teve uma legião

de oportunidades de engravidar.

Ela estava fazendo uma anotação de todos estes comentários pejorativos, prometendo lançar suas origens demoníacas no rosto dele em todas as oportunidades. *A cada dia, vou te dar duas cartas de rameira para jogar. Se jogar mais do que suas duas, então vou retaliar, e você não apreciará isto.*

— Responda a pergunta.

Meu desejo por filhos é um desenvolvimento recente, um que chegou ao ponto de uma parada brusca, agora que sou sua prisioneira. Uma vez que eu ficar livre, poderei investigar uma nova possibilidade.

— Você nunca ficará livre de mim. — As palavras soaram como uma condenação.

Encontrando o olhar dela, ele disse, — Cada segundo que nós ficamos juntos, fico debaixo de sua pele tão profundamente quanto você marcou a minha.

Isto era como discutir com uma parede. Uma demoníaca, parede voadora. *Qual é o seu plano agora?*

— Evitar a guerra no platô abaixo. — O som disso filtrava para cima tão incessantemente que já tinha se tornado uma espécie de barulho uniforme. — O que significa que ficaremos nesta caverna até que você possa criar um portal para o reino mortal. De lá, a levarei para Skye.

Você não está me ouvindo. Thronos, se não sabia sobre os ataques, então seus cavaleiros estavam agindo fora de suas ordens. O que os impedirá de me lançarem pela borda lá de cima?

— Meus cavaleiros não teriam ousado te fazer mal. — Poderia ele soar um pouco menos presunçoso sobre isto? Menos confiante?

81

Ela tinha que se manter fragmentando suas convicções teimosas. *Esta feiticeira está predizendo alguns grandes ajustes no futuro deles. Você vai ter que aceitar que Vrekeners quebram sua palavra, e que seus cavalheiros e*

valentes cavaleiros riram quando soltaram uma menina apavorada para a morte. Vai ter que aceitar que seus homens tentaram assassinar sua companheira de onze anos de idade com um tridente, enquanto ela lutava para não gritar!

Por um momento, Thronos pareceu quase assustado. A partir de hoje, ela sabia o que era ter suas convicções de uma vida posta em questão. Isto parecia muito como Portia movendo uma montanha, em seu cérebro. Se Lanthe não o conhecesse tão bem, quase podia sentir pena dele.

Mas ela o conhecia bem.

Como eu disse, você pode verificar tudo com Nix. No momento, sua amarga necessidade está muito cansativa para continuar discutindo . *Você não se importa o suficiente de qualquer maneira.* Ela virou de costas para ele, procurando por um lugar para enrolar-se por uma hora ou duas. Neste momento a estante de pedra erguida na parte de trás pareceu com a melhor cama de sempre.

— O que você quer dizer com eu não me importo? — Ele perguntou. Quando ela não respondeu, ele começou a conversar sobre esse conhecimento santificado novamente, sobre ser uma “espada pelo direito”, então ela afastou-se dele, indo em direção à parte de trás.

— E você me diz que não estou te ouvindo? — Ele disse por trás dela.

Ele não gostava de ser ignorado. *Bom saber.* Ignorando-o, ela varreu o braço por cima da superfície. Apesar de o ar estar quente dentro desta caverna, a laje estava congelante.

Companheiros, escolhas, blah. Ela enrolou-se, fechando os olhos.

Foi apenas um dia atrás que ela estava tossido grãos no túnel? Desde então, ela sofreu um impacto de um ardente Vrekener, um tronco no rosto, e uma amputação de língua.

E isso foi depois de semanas de cativeiro.

Não estou indo muito bem aqui. E além de tudo isto, ela estava presa em uma caverna com ouro por perto, que a deixava impaciente. Ela podia sentir, podia tudo, menos cheirá-lo, ainda assim não podia alcançá-lo, tocar, adorar. Como uma coceira que não podia coçar. Não, pior do que isso; como uma lâmina nas costas que ela não podia alcançar.

Pense sobre qualquer outra coisa. Tremendo e miserável, ela imaginou sua luxuosa suíte no Castelo Tornin. Esta noite, ela estaria em sua cama quente, assistindo filmes, comédias e épicas histórias de amor. Ou talvez ela lesse um novo livro de autoajuda.

Engraçado, antes de tudo isso, ela estava entediada em Tornin. Frequentemente sentia-se como uma terceira roda com Rydstrom e Sabine. As coisas melhoravam quando as irmãs de Rydstrom vinham visitar ou quando Cadeon e Holly traziam as meninas, mas suas visitas não eram frequentes o suficiente para satisfazer Lanthe.

Compartilhar um castelo com Sabine e Rydstrom poderia ser tentador. Entretanto Lanthe tinha sua própria torre em Tornin, ela ainda o veria beijando Sabine abaixo no pátio, ou segurando 82

sua mão apenas para caminhar para o jantar. A adoração óbvia de um pelo outro deixava Lanthe...

com ciúmes.

Não que sua irmã não merecesse toda felicidade, mas Sabine nem sequer procurou pelo amor para si mesma. Lanthe sonhou com isto por séculos, fazendo todo o esforço possível para encontrá-lo; ainda assim ela estava sozinha, sem perspectiva disto.

O mais próximo que ela poderia chegar de uma relação duradoura era com um Vrekener assassino. *Ugh!*

Ela não podia acreditar que teve até mesmo um pensamento passageiro que o físico de Thronos era atraente! *Fodidos hormônios Sorceri.*

Se ela pudesse voltar para Rothkalina, jurava por todo o ouro em seu cofre

particular que nunca se entediaria novamente.

Ela apertou os olhos mais firmemente fechados. Estava agindo como se fosse para casa novamente. Se o macho compassando por esta caverna tivesse qualquer coisa a ver com isto, ela viveria seus dias em um inferno flutuante.

Até que pulasse.

QUATORZE

Pelo menos um de nós pode dormir. Depois de meia hora, a feiticeira desmaiou, enquanto ele se recostava contra uma parede de hieróglifos, observando-a. Ela parecia tê-lo bloqueado, ignorando-o totalmente, assim parecia que não estava ali. De algum modo, ignorá-lo era justamente o que fez nos últimos séculos.

Porque ele não *importava*. Para ela, ele não era importante em absoluto.

Posicionada como estava, sua desculpa ridícula de saia não escondia nada. Um pouco mais alto e seria capaz de ver a fenda de seu traseiro. Lembrar da sensação destas curvas em suas mãos fez seu eixo ficar rígido com o rápido calor.

Apesar de não ter dormido em semanas, ele não queria Melanthe perto, por temor ao que poderia fazer com ela. Durante sua vida adulta, todos e cada um de seus sonhos eram de coisas que fazia com ela.

Às vezes acordava para se encontrar empurrando contra os lençóis, os travesseiros, seu punho; qualquer coisa para aliviar a pressão contra a qual seu corpo continuava lutando.

Culminar assim era considerado uma desgraça para um macho acasalado. Derramar-se em qualquer lugar fora do sexo de sua companheira era um tabu, a perda de um recurso valioso.

Logo ele não teria que se preocupar com estas coisas. Uma vez que se casasse com ela, acordaria para se encontrar entre as coxas dela.

Em questão de dias, voltariam para Skye. Para sua casa, assim ele a levaria para sua cama, a cama de Troth.

Artesãos começaram a trabalhar nela no dia de seu nascimento, uma prática que era comum entre as espécies Lorean mais estáveis. Para os Vrekeners, esta cama para a vida toda era considerada sagrada. Por lei, era o único lugar

no qual poderia reclamá-la.

Apenas com este ato ele e Melanthe seriam considerados casados. Estariam casados oficialmente e o favor dos deuses os esperaria.

Mas agora tinha outra razão urgente para voltar para casa. Se o que dizia era verdade e seus homens atuaram fora de suas ordens específicas de não machucar a qualquer uma das irmãs, Thronos iria fazer chover castigo.

Melanthe uma vez tentou destruir Thronos. Anos mais tarde, teriam feito o mesmo com Sabine?

Não por justiça. Mas por vingança. *Ao Mestre que sirvo agora.*

Sabine matou o soberano de sua espécie, seu próprio pai; Thronos quase podia aceitar a ideia de assassiná-la, apesar de sua promessa.

84

Mas apontar para Melanthe?

Não tinha nenhum sentido. Em uma coisa tinha razão: se aceitasse a versão de Melanthe, suas crenças ficariam ao revés.

Ele iria investigar a fundo, mantê-la sob estreita vigilância. Para sua segurança. E a dele.

Como iria controlar os poderes dela sem o colar...?

Thronos rodou a cabeça para relaxar os músculos do pescoço. Apesar de estar cansado, estava atento. Sim, estava alerta ao perigo, não se sentia seguro neste lugar, mas havia algo mais.

Esta estranha sensação de esperança golpeou então, junto com alívio dentro dele. Apesar de que seu desejo constante por Melanthe se acumulava, sentia-se mais indiferente às consequências. Encontrava-se menos preocupado com passos falsos e ofensas. O que poderia resultar em sua ruína com a tentação dormindo a menos de três metros dele. Estas mudanças eram por ela ou por este lugar? Ambos?

Então, o que aconteceria com ele depois de seis dias ali com Melanthe? Talvez devesse ir embora no dia seguinte e explorar um portal alternativo.

Ouviu um suspiro no sono dela. Sem acordar, ela virou-se de lado para ele, mostrando seu amplo decote.

Quando pôde afastar o olhar dos seios, seus olhos foram para as coxas ágeis, por todo caminho até a sombra sob a saia dela. Ele se moveu incômodo quando sua longitude ficou ainda mais dura.

Conclusão: a decisão de se casar com ela, tinha sentido.

Lembrou-se do comentário sobre Feveris que ela fez antes. Thronos ficou surpreso com sua reação. Imaginou que estivesse enfeitiçado pela luxúria e o desejo. Em Feveris, seria incapaz de negá-la, incapaz de seguir a lei Vrekener de casamento antes de tocar, beijar ou reclamar.

Precisavam sair deste lugar ou iria pensar apenas em se acasalar... e acasalar... e acasalar...

Ele quase não conseguiu evitar acariciar seu membro dolorido. Sabia que não deveria ter estes pensamentos, porque a lei Vrekener não deixava nenhum recurso para sua condição.

Não era permitido tocar seu corpo para o próprio prazer.

Apesar disto, se perguntou o que aconteceria se ela acordasse com outro beijo proibido.

Ao pensar em tocar seus lábios vermelhos e suaves coxas seu eixo começou a pulsar por alívio.

Ainda que não tivesse experiência, acreditava que podia acabar com suas incertezas sem nenhum tipo de dúvida, porque muitos homens o fizeram antes dele. E mais, ela admitiu estar em celibato há um ano. Durante sua prisão, duvidava que ela houvesse desfrutado de qualquer liberação, como ele não fez.

Ela se derreteria por ele.

Além disso, se não estivesse errado, sua companheira estava no período fértil. Em suas lembranças de quando crianças, ele pensou que seus olhos suavizaram brevemente. Poderia sua companheira ansiar filhos?

E assim, sua semente?

A ideia de plantá-la profundamente dentro da vagina dela e acabar com sua virgindade o deixava espumando. Sobretudo agora, quando ela estava no período fértil e necessitada. Teve que conter um gemido.

Deveria levá-la para a cama de Thoth.

Afastou-se dela para bater seus chifres contra a parede. Grunhiu de dor; quando ficaram tão sensíveis? Sua visão ficou nublada brevemente e podia jurar que leu as palavras entre grifos incompreensíveis.

SACRIFICAR O PURO, ADORAR O PODEROSO, CONTEMPLAR UM TEMPLO SEM IGUAL.

Ele se afastou para trás. Não, isso não era possível. Ainda que Thronos soubesse vários idiomas Demonish, especialmente os Demonish primitivos, este não estava entre eles.

Tinha que haver algo no ar fazendo truques com sua visão. *Este lugar está me afetando.*

Inclusive agora as razões pelas quais não podia tocar sua companheira aumentavam significativamente.

Balançou a cabeça com força, a atenção facilmente voltando a ela. Os olhos dela se moveram por trás das pálpebras, os ombros tremulando. Era sempre inquieta em seu sono? Seu primeiro impulso foi segurá-la em suas asas. Seu segundo impulso foi segurá-la entre seus braços, suas mãos. Mas não o faria. Apesar de que agora acreditava que era inocente do pior dos crimes no castelo de Tornin, ainda era uma mentirosa e uma ladra que dormiu com muitos homens. Já o tinha duvidando de seus próprios homens, que eram a

epítome da honra e franqueza.

Como poderia Thronos desejar alguém que sempre detestou? Estaria condenado se a valorizasse quando ela própria não o fazia. Sabia de algo que faria esfriar sua necessidade como uma tempestade de gelo, uma lembrança que fazia seu ódio ferver.

Ele tinha dezoito anos, estava mais perto de encontrá-la do que esteve desde sua queda.

Seu irmão Aristo o acompanhava, o novo Rei dos Territórios, Thronos seguiu sua feiticeira até uma aldeia, que estava entre as montanhas, quase escondida do céu.

Ainda que aquela noite tenha sido séculos atrás, lembrava-se de cada detalhe como se tivesse sido marcada em sua mente.

QUINZE

Lanthe despertou, saindo de um sono profundo para a imediata consciência.

Quanto tempo ela tinha estado fora? Ela testou sua língua... Quase curada.

Apesar de tão cansada quanto estava, ela ficou surpresa que tenha dormido. O chamado do alarme do ouro ainda a atormentava. Sem mencionar que um Vrekener pairava por perto.

Ele no momento estava mancando/compassando. Ele descansou também?

Fingindo dormir, ela entreabriu as pálpebras como a feiticeira sorrateira que era.

O olhar dele estava distante, olhos prateados flamejantes. Sobre o que ele estava pensando? Talvez tivesse baixado um pouco de seus bloqueios, e ela pudesse sondar seus pensamentos.

Aprofundando, aprofundando...

Dentro. Seus bloqueios caíram!

Thronos estava recordando alguma memória distante de quando era um adolescente. Ele estava caminhando com outro Vrekener, um em torno da mesma idade, que se assemelhava um pouco com ele.

Oh, sim, ela tinha visto aquele macho antes, teve uma longa e célebre história com ele.

Ela engoliu em seco, espiando aquelas memória de Thronos, participando...

* * *

A antecipação queimando dentro dele. Depois de anos procurando, ele sentiu o cheiro de sua companheira no minuto em que ele e Aristo chegaram ao vale. Apressando-se abaixo em uma pista sinuosa, ele olhou cada janela.

— Ainda não entendo sua ânsia para reunir-se com ela, — Aristo disse, seguindo-o. — Cada passo mancando que eu dei e cada légua voando em agonia me encheu de raiva. Como você pode perdoá-la?

Porque Thronos colocou-se no lugar dela para entender aquela noite. — Ela era apenas uma menininha. Seus pais tinham acabado de ser decapitados, sua amada irmã morta.

— Como eles deveriam ter sido. Os pais ameaçaram o segredo do Lore com suas tangíveis quantidades de feitiçaria, e a irmã assassinou nosso pai, o Rei!

Aristo pensava exatamente como ele.

— Por que você acredita que sua companheira o perdoará?

87

— Se eu disser a ela como papai na verdade descobriu sobre a abadia, ela saberá que eu era inocente. — Quando eles passaram por uma taverna com uma grande janela, Thronos espiou seu reflexo, fazendo uma careta para as cicatrizes.

Aristo pegou sua reação. — Ela prometeu ser uma pequena beleza, não é?

— Sim. E? — Thronos sabia que ela seria a mais graciosa fêmea que ele jamais veria. Ela já era. Passou horas infinitas imaginando como ela se pareceria agora.

— Sorceri são criaturas inconstantes, irmão. Além de toda a dor entre você, poderia ser que ela o abandone por sua aparência. Você pensou sobre isto?

Claro. Toda vez que via seu reflexo. — Ela é minha companheira; estamos predestinados, e ela sentiu isto também. — Naquele último dia, quando se virou para ele muito docemente e suspirou...

— Talvez você precise apenas copular?

Ele iria. Com Melanthe. Deuses, como ele iria! Mas Thronos já vinha esperando por isto há muito tempo; de alguma maneira esperaria mais dois

anos até que ela fizesse dezoito anos, e pudesse ser reivindicada. Mais vinte e quatro meses pela lei Vrekener. Parecia uma eternidade, especialmente com o modo como sua curiosidade e luxúria estavam evoluindo.

Ele se perguntou se qualquer outro macho de dezoito anos de idade possivelmente pudesse pensar sobre relação sexual tanto quanto ele o fazia.

— Temo que se prepare para a decepção, — Aristo disse.

— Então você pensa que eu deveria desistir dela, sem mesmo tentar? Apenas esquecer isto? Você não entenderia.

Seu irmão não encontrou sua companheira, e provavelmente não iria por décadas, se não por séculos. Thronos tinha sido uma anomalia por encontrar a sua tão jovem.

— Então explique isto para mim.

— Melanthe é... — *tudo o que falta em minha vida...* — minha fêmea ideal.

— Ela não era assim porque era perfeita, mas porque adorava até mesmo seus defeitos. Ele não apenas a queria; precisava dela. Eles eram cada metade de um todo maior.

Por que era tão difícil para os outros entenderem? — Ela é minha, — ele disse simplesmente.

— Estamos em guerra com elas, — Aristo não pode resistir de apontar.

— Então talvez não devêssemos estar... — Ele parou, orientando-se nela. — O edifício no fim da pista, — ele disse acima de seu ombro, já se apressando adiante. — Há uma habitação acima.

88

Com os batimentos cardíacos acelerados, ele pousou no parapeito da janela. *Melanthe!* Ela estava em uma cama adormecida. Segurando o fôlego, ele rastejou para o lado de dentro.

Uma exalação afiada o deixou. Melanthe era uma mulher agora.

Ele avidamente observou cada novo detalhe. Sabia que ela cresceria para ser adorável, mas ela estava além de suas fantasias mais selvagens. Seus cílios eram espessos contra seu rosto pálido, seu cabelo preto uma nuvem sedosa ao redor de sua cabeça. O lençol reunido em sua cintura, permitindo-lhe ver as ondulações de seus seios por baixo de sua camisola diáfana.

As ondulações generosas.

Seus mamilos tenros contra o material fino.

Vê-la assim fez seu coração retorcer em seu peito, e encharcar de sangue sua virilha. Ele não sentia mais suas antigas lesões.

Vendo-a assim, ele podia perdoá-la de qualquer coisa.

Como poderei esperar dois anos?

Ele não tinha nenhuma ideia do que dizer ou fazer, uma vez que finalmente a encontrasse.

Agora a resposta ficou de um modo surpreendente claro: sentar-se ao lado dela na cama, despertá-la com uma carícia, e explicar a verdade daquela noite para ela.

Ele odiou a dor que estava para trazer-lhe, sabia que ela sentiria a culpa por suas ações.

Mas tinha que esclarecer as coisas entre eles...

Um vampiro mais velho riscou no quarto, carregando garrafas de vinho. Thronos ficou tenso para atacar, para proteger sua companheira.

— Lanthé, voltei, — o macho disse, sem saber dele, parado imóvel nas sombras.

Ela se sentou, esfregando os olhos com um sorriso. — Marco.

O vampiro Marco tinha o cheiro dela. E ela... o dele.

Thronos ficou congelado, incapaz de compreender o que estava vendo. Melanthe era muito jovem para se deitar com alguém!

Seus sentidos estavam enganados.

O vampiro o avistou então, os olhos arregalando. Ambos os machos saltaram para ela, mas o sanguessuga riscou, alcançando-a primeiro. Ele teletransportou Melanthe através do quarto.

Ela piscou surpresa. — Você?

— Quem infernos é este? — O vampiro exigiu.

Thronos encontrou sua voz. — Melanthe, eu preciso falar...

— Ele é um inimigo, — ela interrompeu. — Um que esperei nunca mais ver novamente.

89

— Como você desejar, docinho. — O vampiro riscou-os para longe.

— Nããão! — Thronos berrou.

Isto foi por pouco! Frenético, ele esquadrinhou o quarto por alguma pista para onde ela poderia ter sido levada. Ele a encontraria novamente!

Ele franziu o cenho para a cama, para o sangue nos lençóis.

O sangue de sua virgindade? O quarto pareceu girar. *Não podia... isto não poderia ser...*

Mas era. Ela deu àquele macho sua virtude esta mesma noite. *Apesar de ser minha!*

Arranhando seu peito, ele lançou sua cabeça para trás e rugiu como um animal. Toda a dor física em seu corpo flamejando, quase o colocando de joelhos.

Aristo gritou para ele, chegando segundos mais tarde. Seus olhos se estreitaram quando observou a cena. — Outro macho? — Ele não soou surpreso.

A pele do vampiro era sem marcas e lisa.

O sangue nos lençóis. *Ele reivindicou minha Melanthe*. Thronos se virou e vomitou.

Aristo retrucou, — Você a perdoará agora?

Atordado, ele deixou seu irmão levá-lo para longe. Pouco tempo depois, ele estava engolindo o álcool que Aristo ofereceu. Não muito depois disto, Aristo sugeriu que eles entrassem em uma casa proibida para a carne. Thronos julgou esta uma ideia excelente.

Offendments que se danem; estava determinado a beber suas tristezas para longe, e enterrar-se em outra mulher.

Mas ele não podia. O cheiro de qualquer outra fêmea era repugnante para ele. Sabia que nenhum Vrekener poderia desviar-se de uma companheira.

Thronos reivindicaria Melanthe. Ou nenhuma afinal.

À medida que os meses se passaram, ele assegurou a si mesmo que ela deveria ter sido pressionada pelo vampiro mais velho para entregar sua virtude. Uma vez que ele a encontrasse novamente, Thronos a levaria para longe, tirando-a da influência do macho.

Ele estava convencido, até que a viu no ano seguinte com um alto macho Fey. Rindo, os dois atravessaram a fenda de um portal. Quando o casal se beijou enquanto atravessavam, Melanthe feriu Thronos muito mais do que seu comando para saltar jamais teria...

* * *

Lanthe lutou para regular sua respiração depois do que acabou de testemunhar: a memória dele da primeira reunião deles depois de sua queda.

Ela sentiu a devastação dele ao encontrá-la na cama de Marco. Experimentou em primeira mão a náusea que tomou conta dele, a descrença. Ela foi esgalhada pelo ciúmes violento dele e balançou com a agonia de seus ferimentos.

Ele pensou que não poderia esperar dois anos para reivindicá-la; ele esperou séculos.

De alguma maneira ela manteve suas pálpebras entrecerradas, sua respiração profunda e regular. A identidade do companheiro dele a tinha chocado tanto quanto qualquer outra coisa que compreendeu. O macho com o tridente, a pessoa que soltou sua irmã nos paralelepípedos era...

Aristo. Rei dos Vrekeners. Irmão mais velho de Thronos.

Obviamente, Aristo não dava porra nenhuma que Lanthe fosse companheira de Thronos. O

Rei queria ela e Sabine mortas. Se Thronos forçasse Lanthe para Skye Hall, Aristo acabaria com ela de uma vez por todas? Como infernos iria convencer Thronos disto?

Bem, Vrekener, eu estava ciscando dentro de seu cérebro, e ops, testemunhei uma memória de você sendo humilhado por mim. Percebi que o assassino sádico que se divertiu com minha dor é seu irmão! Oh, e seu Rei! Ele provavelmente ajudou a criá-lo depois que minha irmã decapitou seu pai.

Ela agora entendia por que Thronos não sabia sobre os ataques. Quem iria delatar seu líder?

Parecendo tão doente quanto ele tinha estado naquela noite, Thronos afundou de volta contra uma coluna, em seguida, deslizou para o chão para se sentar com os joelhos curvados.

Inclinou a cabeça para trás, olhando fixamente para o teto, seus notáveis olhos perdidos. Ele estava se perguntando se estaria livre do domínio dela.

Talvez na morte, pensou.

Ela olhou fixamente para o rosto dele, então para a pele de seu peito, ambos cheios de cicatrizes por causa dela. Quão ferozmente ele odiava aquelas marcas!

E ela tinha maltratado a mente dele ainda pior. Sabia que ele tê-la visto com outro teria machucado, mas ela nem ao menos sondou a profundidade. Apesar de toda a angústia que sofreu nas mãos da espécie dele, ela sofreu pelo jovem que ele tinha sido.

Naquela idade, ele pensava que ela seria ideal. Planejou perdoá-la pelos ferimentos dele.

Até que ela inadvertidamente causou-lhe um ferimento do qual ele nunca se recuperaria.

Ela ainda não podia envolver sua mente ao redor de tudo o que entendeu. Teria outra pessoa contado ao pai dele sobre a abadia? E qual era a “verdade daquela noite”? Thronos tinha estado tão certo de que ela o perdoaria.

Assustou-a tanto querer que ele fosse inocente, até que a verdade a atingiu: se ele fosse, então não mereceu qualquer sofrimento que ela, propositalmente ou inconscientemente, causou.

Quebrei o corpo de um garotinho.

E o coração de um jovem.

DEZESSEIS

Quando Lanthé despertou novamente, a noite ainda se agarrava ao reino, a batalha continuava. Talvez ambos fossem infinitos aqui.

Thronos se foi, provavelmente tinha ido procurar comida. Uma vez que não comia carne, ela tinha pouca esperança de ter seu próprio café da manhã. Ele se lembraria do tempo em que tentou caçar para ela?

Ela ficou surpresa que ele a tenha deixado sozinha, não que pudesse escapar. Ela levantou-se, testando sua língua, completamente curada, e estirou seus músculos duros. Se ela se sentia áspera e dormente sobre a pedra fria, poderia apenas imaginar como ele se sentia. *Se ele tivesse dormido.*

Ansiosa para lavar a areia de sua pele e cabelo, ela foi até a entrada da caverna, removendo suas luvas e botas, andou pelo caminho. A chuva vertia, respingando a lava em ambos os lados da entrada, produzindo redemoinhos de vapor. Movendo-se para o lado bem próximo à borda, ela se comandou a não olhar para baixo enquanto estendia a mão para a água quente da chuva.

A maioria das espécies do Lore era exigente. No entanto, ela não tinha tomado banho em semanas, tinha sido forçada a tomar banho com a água gelada de uma pia.

Ela bebeu de suas mãos em concha, enxaguando sua boca do sangue residual, em seguida, removeu a roupa íntima e o peitoral para limpá-los e, tanto da maior parte de seu corpo quanto podia. Enquanto se lavava, ela refletiu em tudo o que aprendeu nos últimos dois dias, e chegou a uma conclusão surpreendente: ela não tinha nada pelo que odiar Thronos.

Pelo menos do passado. Ele era inocente dos crimes que tinha atrelado à ele. Ele não tinha relação com as mortes de Sabine, tinha até se esforçado para evitar isto. Agora acreditava que ele manteve em segredo a localização da abadia.

Será que desejava que ele tivesse lhe dado um alerta de que o pai dele iria

atacar naquela noite? *Mas é claro.* E ela desejava que Thronos mantivesse uma coleira em seus homens, em seu irmão, mas não podia ter esperado isto dele também. Em nenhum universo ele não confiaria na palavra de outro Vrekener.

Depois da noite passada, sua ansiedade crônica sobre ataques surpresa começou a enfraquecer afinal. Ela agora conhecia quem era seu inimigo: Aristo. E onde seu próximo encontro seria: em Skye Hall, se Thronos achasse o caminho.

Se Lanthé pudesse se libertar daquela ansiedade imperiosa, seus poderes floresceriam?

Depois de desembaraçar seu cabelo, ela passou água sobre ele. Uma vez que o enxaguou, ela fez uma trança e cuidadosamente os trançou ao redor de seu rosto. O resto deixou enrolado abaixo de suas costas.

92

Estava contente com este tempo sozinha para digerir tudo o que aconteceu, e considerar seu interesse crescente em Thronos. Depois que tinha caído no sono, ainda deprimida com as memórias dele, ela teve sonhos vívidos com ele.

Em um deles, ele a beijou na chuva. Pegou o rosto dela entre as mãos, roçando os polegares junto às maçãs de seu rosto; então se fixou em seus gemidos aflitos retumbando junto aos lábios dela, enquanto tomava sua boca com necessidade furiosa, até que estivessem compartilhando respirações, até que a atçou com seu próprio desespero. Lanthé nunca tinha sido beijada assim. Como se um macho morreria se ela não separasse seus lábios e devolvesse o beijo.

Em outro, ela traçava as pontas dos dedos sobre cada cicatriz do corpo nu dele, em seguida, tocava em seus lábios e língua. Ele estremecia com a sensibilidade, mas curvava seu peito robusto para mais...

Ela exalou um suspiro, determinada a não pensar sobre ele assim, ou até mesmo reconhecer que seus mamilos estavam endurecendo no ar abafado.

Ela arqueou as costas, deixando a chuva tamborilar sobre ela, esfriando seus seios. Desejava que pudesse dizer que estes foram os primeiros sonhos sensuais que teve com ele. Não eram e, ao longo dos anos desde o último encontro deles, estes devaneios ficaram mais numerosos.

Ela olhou para fora, para a noite. Seguramente Thronos retornaria logo. Ela vestiu-se novamente, estava agarrando suas luvas...

Um som atrás dela. Ela virou-se.

A parede da parte de trás da caverna estava abrindo, diretamente onde ela sentiu o ouro.

Thronos saiu a passos largos, parecendo chateado, enquanto por de trás dele estava...

O paraíso.

* * *

Sua companheira tinha visto o templo dourado que ele encontrou, e agora parecia com se as pernas dela estivessem prestes a se curvar. — Estou vendo corretamente?

Ah, sua língua estava trabalhando novamente. Logo ele estaria sendo tratado com mais de suas mentiras. Mas ela não era mestre em enganar, não como ele esperava. Ela tinha falado, e ele estava aprendendo-as.

Na ausência dele, ela se limpou. Sua pele estava lavada, parecendo mais rosada, destacando o azul de seus olhos. Seus cabelos escuros estavam secando em tranças brilhantes e grandes cachos.

Ele ansiava por enfiar os dedos por aquele comprimento. Vê-lo fluindo sobre o peito dele enquanto a abraçava...

Estremeceu interiormente. Sem aquelas luvas, ela parecia mais delicada. Menor de alguma maneira. Ele avaliou o resto das “vestes” dela com um olhar desaprovador. Quando ele a levasse para Skye, veria para que ela se vestisse apropriadamente.

— Thronos, existe ouro atrás daquela pedra?

— Sim. Um templo disto, construído com tijolos de ouro do chão subindo até o teto. Até eu achei maravilhoso de ver.

Ela soou como se tivesse abafado um gemido.

Quando a porta pesada começou a fechar, ela correu. A pedra fechou antes de ela poder alcançá-la. — Abra isto novamente! — Seu tom era frenético. — Por favor!

Ele não respondeu, andando com desdém a passos largos para a extremidade do precipício da caverna. Atrás dele, podia ouvi-la cavando ao redor por uma entrada que ela nunca encontraria.

Desta vez, ele a ignoraria. Desviou a vista para o horizonte, observando as tempestades acima dos pântanos, o lento desvanecer dos relâmpagos como luz de fundo para as nuvens púrpuras. Tão diferente de sua casa nos céus.

Os Territórios do Ar eram uma coleção de ilhas flutuantes, monolitos volumosos que pairavam acima das nuvens. O reino dele estava coroado para sempre por céus azuis inquebráveis ou negros estrados.

Skye Hall era a sede real, mas todas as ilhas tinham sua própria cidade, cada uma projetada com precisão. Todos os edifícios eram angulares e uniformes, com paredes iluminadas pelo sol.

Sua casa era um testemunho da ordem, uma âncora para Vrekeners perseverantes.

Diferente deste plano.

A cena à frente de Thronos era caótica. Ainda assim ele achava isto surpreendente...

interessante. Havia algum tipo de apelo em todo este domínio?

Sua inquietude aumentou aquela maldita repetição de expectativa. Ele precisava voltar para sua âncora assim que possível.

— Como você abriu isto, Thronos?

Ele leu as instruções. Durante esta noite interminável, Thronos chegou a uma conclusão: não ler os hieróglifos era covardia; ele não era nenhum covarde.

Este idioma poderia não ser de natureza demoníaca. Poderia ser algum tipo de língua mística que apenas certos Loreans poderiam ler. Talvez apenas os dignos.

Como ele mesmo.

E ele raciocinou que ler o ajudaria a aprender sobre este plano. Então ele começou com a parede exterior da caverna, fazendo o caminho para dentro. Algumas seções desgastaram com a idade, mas foi capaz de vislumbrar que esta caverna era a entrada para um templo antigo de adoração e ritual de sacrifícios de dragões.

94

Isto não o alarmou. Os dragões não eram adequados para vaguear pela dilacerada guerra de Pandemonia; eles foram extintos na maioria das dimensões.

Então encontrou acidentalmente as instruções para entrar no templo, e facilmente abriu a porta. Ele achou uma cena que provaria ser a mais febril fantasia de sua companheira.

Todos sabiam que Sorceri amavam ouro. Thronos tinha conhecimento em primeira mão do quanto.

Ele se lembrou de um dia quando Melanthe não foi para o prado. Ela não se sentia bem na véspera, e ficou preocupado. Voou para casa dela, esgueirando-se através do telhado, tentando sentir o cheiro do quarto dela entre a feitiçaria. Ele esquadrinhou ao lado da abadia por uma janela, espiando dentro...

Uma mulher de cabelos pretos com um capacete de ouro e imensos olhos azuis enlouquecidos estava esfregando moedas contra seu rosto mascarado, murmurando, “Ouro é vida! É perfeição!”. Começou a falar com cada peça, como se ela se encontrasse no mercado fofocando.

Arrepios percorreram sobre ele. Ele nunca tinha visto uma mulher louca antes, e acreditava que ela era a mãe de Melanthe.

Feitiçaria entrou no quarto enquanto ela entoava sobre ouro: “Envolva isto na armadura sobre teu coração, e nunca será parte do sangue de tua vida. Doure seu cabelo, rosto e pele, e nenhum homem que respirar você não pode ganhar. Nunca, jamais poderá uma feiticeira roubar, aqueles que a defenderem devidamente da morte...”

Os olhos dela de repente encontraram os dele. Ele deu um arranco para trás, mas ela gritou, “Eu viiii você. Venha, olhos de águia. Visite uma feiticeira em sua toca.”.

Ele engoliu em seco, em seguida, relaxou para abaixar no peitoril, pronto para voar. Atrás dela estavam pilhas de moedas de ouro e barras, mais do que alguém poderia gastar em toda uma vida. A família de Melanthe tinha riqueza; por que eles a deixavam passar fome?

— Então você é a pessoa que dá à minha Melanthe seus novos sorrisos, — a mulher disse.

— Ela olhava sempre para o céu e flutuava enquanto caminhava, como se ainda estivesse voando com você.

Ele estava sempre olhando em direção a terra, como se pudesse vigiá-la.

— Em direção a Terra, então, Thronos Talos de Skye Hall?

A feiticeira estava lendo sua mente!

— Isto não durará. Melanthe nunca será o que você precisa que ela seja. Você não pode quebrar minha filha, e esta é a única maneira de que ela o ame...

Thronos não queria o amor de Melanthe, não tinha nenhum desejo disso. Ele a quebraria, mas apenas para fazê-la se tornar o que ele precisava. E começaria usando este templo contra ela, para obter respostas dela.

Por detrás dele, ela gritou, — Por que você me afastaria de tal lugar?

Ele virou-se para ela. A angústia no rosto dela era impagável. Ela praticamente estava vibrando de ansiedade. Ele repetiu as palavras dela: — Por que não?

* * *

Devo entrar! Atrás desta porta tinha mais ouro do que Lanthe jamais testemunhou em um só lugar. Até a grande Morgana, Rainha dos Sorceri, não tinha tanto em sua posse.

Como Thronos podia negar-lhe isto?

Lanthe já tinha estado no limite das memórias dele, em seguida, nos próprios sonhos dela.

Ela voltou-se para a pedra, apoiando seu corpo contra isto, levantando os braços sobre a cabeça, para que mais de sua pele tocasse a porta que a separava do paraíso. Ela permaneceu assim, como se pudesse derreter através dela.

Ele poderia muito bem estar aqui bloqueando seu caminho, o corpo dela pressionado contra o dele. Ele era a chave! Ela tinha que convencê-lo. *Pense Lanthe!* O que ele queria dela?

Ela o encarou novamente. — Por favor, você não pode me afastar disto!

Ele se sentou no chão, um joelho curvado, um braço casualmente descansando sobre isto.

— Eu o encontrei. Reivindiquei isto. Meu templo, meu ouro, *eu* faço as regras.

Havia algo sobre seu tom autoritário que era estranhamente excitante. Embora ela estivesse agitada, seus mamilos endureceram novamente. Ela mordeu a parte inferior do lábio, perguntando-se o quão longe iria para convencê-lo.

Se pudesse apenas tocar o ouro, deixar que cantasse para ela...

Ela apressou-se para ajoelhar-se entre as pernas dele. Ele pareceu surpreso, mas isso não o impediu de abrir mais as pernas para acomodá-la, assim ela aproximou-se mais.

Aquela eletricidade que faiscava entre eles, a deixou hiper ciente do corpo dele, do seu calor. A camisa dele estava pendurada apenas por um botão abaixo, revelando seu peito, que subia e descia com suas respirações superficiais.

Quando seu pomo de Adão balançou, ela espiou para baixo e encontrou seu eixo crescido.

Estava apenas semiereto, mas já... generoso. Os demônios eram notórios por seu tamanho. *Espero que este aqui seja um exibido e não um produtor, ou serei uma mulher morta.*

Não, não! Não existiria nenhuma relação com um Vrekener! *Então pare de olhar para seu pau, Lanthe.* Arrastando seu olhar para cima, ela engoliu em seco. — Thronos, além daquela parede está nada menos do que o paraíso para mim. Por que você me afastaria disto? — Ela 96

perguntou, notando que ele tinha pó de ouro em um dos lados do pescoço. *Chovia ouro no templo?* O pensamento a fez ofegar.

Ele franziu o cenho para a reação dela. — Afastarei você disto por que...

Ele foi interrompido quando ela agarrou um de seus chifres e puxou sua cabeça para o lado. — Pó de ouro, — ela murmurou incapaz de se conter. — Me dê isto primeiro. — A pele dele tinha um cheiro tão sublime quanto o ouro. Com um gemido, ela se debruçou esfregando o rosto contra ele, para obter o ouro sobre ela. Ela esfregou a outra bochecha, então recuou.

Um punhado permanecia exatamente sobre a pulsação dele, que palpitava junto ao coração trovejando dele.

Tentação demais! Ela mergulhou até pressionar a boca aberta sobre o pescoço dele, sentindo a pulsação dele sob sua língua, tendo o ouro frio misturado com o próprio gosto delicioso dele. Ela estremeceu com prazer. Depois que o lambeu, ela se inclinou ao lado de seu ouvido para sussurrar, — Nunca imaginei que você tivesse um gosto tão bom.

O corpo grande dele estremeceu, trazendo-a de volta à realidade. Oh, deuses, ela estava realmente agarrando o chifre dele? Soltando-o, ela recuou para encará-lo.

A expressão dele estava... atordoada, suas pupilas dilatadas, seus olhos vítreos com luxúria.

Ele deslocou-se de onde estava sentado, sem dúvida porque sua ereção estava doendo. As garras dele cravadas nas palmas como se lutasse para não tocá-la.

Naquele momento um epifania a atingiu, tão brilhante e resplandecente como o templo de ouro apenas uma porta longe dela.

Ela poderia encantar este macho.

Dentro da história deles, ela fez amizade com ele, fugiu dele, lutou com ele, e o rejeitou.

Mas ela nunca tentou seduzi-lo. Ela era descendente da casta de encantamento da espécie imortal mística. Não estava sem as habilidades inatas.

Mais, ela teve séculos de experiência sexual sobre este novato virgem com tesão.

Entretanto nunca levou isto tão longe, ela poderia tentá-lo até certo ponto. Poderia correr círculos ao redor dele, enrolá-lo ao redor de seu mindinho.

Se não queria que ele a levasse para Skye, então tudo o que tinha que fazer era pedir-lhe com muito, muito carinho.

Quando ela sorriu lentamente, o olhar dele caiu para os lábios dela, então ela os lambeu.

As sobrancelhas dele se juntaram, e ele engoliu em seco.

Seu rabo é meu, Vrekener.

DEZESSETE

— Por favor, me leva de volta ali, amor. — Os olhos azuis de Melanthe estavam brilhando, as bochechas como ouro.

Nunca em suas fantasias Thronos pensou: *ela poderia lambe meu pescoço.*

A decisão de se casar com está criatura está muito sonora.

Continuou tocando-o, com suas mãos, com a boca, e cada contato fazia o prazer explodir através dele. Ela não gostava de seu aspecto, mas sim de seu sabor. Todos os planos anteriores dele pareceram se evaporar, sua mente indo e vindo nas fantasias que eram melhor deixar enterradas.

Posso convencê-la a provar outras partes de mim. Tomar meu eixo nos lábios vermelhos...

Ou saboreá-la, com ela se contorcendo sob sua língua quando atingisse o clímax. O

pensamento de lambe entre as coxas dela foi capturado pelo impulso de jogá-la no chão e lambuzar-se.

As garras dele se cravaram nas palmas, a mordida da dor aguda ajudando a se concentrar.

Em algo.

— Porque deveria levá-la ali? Porque deveria fazer alguma concessão para você?

— Por que sua companheira tem que vê-lo.

— Ah, agora você diz que é minha companheira.

Quando ela aproximou-se mais, seu cheiro era uma mistura de casa, céu e mulher, a mente dele ficou atordoada. — Se isso me dá direito a cinquenta

por cento de seu ouro, então sim, sou sua companheira.

Onde estava sua hostilidade? Podia lidar consigo mesmo quando era uma feiticeira odiosa típica, mas isso era demais. — Se o ver, irá querê-lo. Então o quê? Não é como se pudéssemos levar conosco.

— Será suficiente tocá-lo, responder ao seu chamado.

Como um talismã.

— O que posso dizer para te convencer? Thronos, você não pode entender o que este elemento significa para mim.

Ele alou antes que considerasse suas palavras. — É a sua vida.

Seus olhos se abriram e ela assentiu com a cabeça. — Sim! O ouro é a vida. É tão bonito como o amor, tão divino como uma risada. — Ela segurou a mão dele, levantando-a. Quando passou os dedos pelo dorso, sobre a pele por cima do peitoral dela, ele reprimiu um grunhido.

98

— O ouro é isto... — ela pressionou a palma da mão dele sobre seu peito, — uma, —

moveu os dedos, — batida de coração.

O coração dele estava acelerado, quase parando. *Não aperte a pele macia dela... não aperte...*

Ela deitou as próprias mãos nas coxas, trocando seu peso para os braços endireitados, o que empurrou o dedo polegar dele mais fundo entre seus seios cremosos. — Você quer me mostrar seu ouro. Você quer meus dedos embrulhados ao redor do seu ouro, acariciando.

Tentando domá-lo? Com uma carranca, ele arrastou a mão para longe. — Seu poder não está funcionando.

— Eu não estava persuadindo você.— Ela avançou as mãos mais alto, quase

para a virilha dele. — Eu estava vendo se poderia conseguir que você substituísse por um certo substantivo a palavra *ouro*.— Ela apertou seus dedos polegares, indicando o que ela quis dizer.

Você quer me mostrar seu pau. Você quer meus dedos embrulhados ao redor do seu pau, acariciando. Quando ela olhou abaixo em sua ereção, ele quase balançou seus quadris. Sim, ele *queria* mostrar isto para ela. Então ela podia tocar, chupar...

Ele silvou em uma respiração entre seus dentes. Quanto mais disto seria esperado que ele resistisse? Ele precisou conseguir espaço entre eles. — Eu tenho condições antes de concordar.

— Me dê uma lista.

— Diga alguma coisa que diminuirá um grau a minha ira.

— Muito bem.— Ela olhou no teto por um momento antes de enfrenta-lo novamente. —

Eu tive sonhos sensuais com você mais cedo.

Se fosse verdade, isto estava de uma única vez o encorajando e enfurecendo.
— Uma vez?

Eu tive eles sobre você todas as vezes que dormi!

— Eu não disse que foi a primeira vez que fomos safados juntos. Em meus sonhos.

Os lábios dele se separaram. Que outras coisas safadas ela sonhou que ele estava fazendo com ela?

— Claramente isso aliviou uma grau a sua ira. Agora, qual é a próxima condição?

— Se eu estiver para mostrar a você meus tesouros, você devera me mostrar os seus. —

Ele disse, chocado por suas próprias palavras. Ele planejou conseguir respostas dela; de repente, já estava se imaginando tirando as roupas dela!

Nudez em sua cultura era tabu. Até maridos e esposas eram esperados estarem vestidos ao redor um do outro a toda hora. Quando ele tomasse Melanthe na Cama de Troth, existiria um lençol de reivindicação entre eles.

— Você quer que eu tire minha roupa para você? — Ela perguntou com um tom recatado.

99

Ele começou ir ladeira abaixo... Com a voz rouca disse, — Sim, se você entrar naquele templo, você ficará nua lá dentro.

— Certo! — Em um borrão ela se levantou e já estava na porta.

Ela consentiu? Apesar de seu sangue Sorceri, ele pensou que faria, pelo menos, um show de resistência, e que negociariam. Talvez ela só concordasse em mostrar os seios...

Ao invés, a feiticeira sem vergonha, concordou com tudo. Ele se sentiu como se estivesse em uma batalha unilateral, como se devesse estar chacoalhando a cabeça para entender sua nova posição.

Enquanto se apressava para se juntar a ela, ele perguntou-se, *Com o que mais ela concordará?* E sua boca foi ficando seca.

Ela sorriu para ele, os lábios se enrolaram orgulhosamente. Ela sabia de seu poder sobre os homens; tinha se utilizado dele sobre muitos. Ela pegou o braço dele entre os dela, deixando-os inexplicavelmente perto.

Então a sedutora esteve usando seus truques sobre ele? O pensamento deveria enchê-lo de raiva. Não de excitação.

Ele deve se lembrar que esta criatura era descendente das maiores feiticeiras que já viveram. Ele tinha que estar atento sobre todas as conquistas dela, todos que caíram antes dele.

— Existe uma alavanca escondida, então? Uma combinação para abrir?

— Sim. Uma combinação. — De acordo com as instruções, ele apertou um hieróglifo, girou outro, então ajustou um terceiro. — Vire-se quando eu abri-lo.

Novamente, ela foi contra às expectativas dele, concordando. — Como você descobriu isso?

— Não foi difícil, — ele disse, sem muita vontade de se explicar, sabendo que ela atribuiria sua compreensão ao seu suposto sangue demoníaco.

Apertar, girar, ajustar. A porta se abriu mais uma vez.

Ela correu passando por ele, como se temesse que ele mudasse de ideia. Só do lado de dentro, ela parou de correr. Quando os ombros esbeltos dela começaram a tremer, ele tentou ver a área através dos olhos dela.

O templo era redondo, construído de placas de ouro e tijolos maciços que pareciam captar e aumentar a luz fraca que se infiltrava. Uma plataforma estava no centro, com bancos de ouro a circundando, como assentos de uma arena.

O teto dourado era dividido em cinco partes, cada um com diferentes glifos, como aqueles na caverna. Mais havia sido esculpidos com ouro do chão ao teto.

100

Ainda se recuperando do ataque dela aos seus sentidos, ele decidiu colocar espaço entre ele e a tentação. Seis metros em frente a eles tinha uma estante brilhante. Ele saltou até ela, abaixando em um joelho para assistir o início do caso de amor de sua companheira.

Lentamente, ela estendeu a mão para uma das paredes...

Contato. Ela visivelmente estremeceu, como se tivesse tocado um fio vivo. Será que ela reagiria tão sensualmente durante uma relação sexual?

Com um olhar de adoração, ela correu os dedos sobre uma fileira de tijolos de ouro, seus olhos brilhavam.

Ela estava experimentando alegria. A última vez que ele experimentou por si mesmo tinha sido no último dia deles no prado. A chuva caía, e ele a levou debaixo de suas asas...

Agora ela se apressou à plataforma, girando sobre ela, rindo com prazer. Quando eram jovens, o som do riso dela fazia o coração dele inchar. Agora aquele som afetava uma parte diferente de sua anatomia.

Talvez ele experimentasse alegria novamente quando visse o corpo de sua companheira pela primeira vez.

* * *

Lanthe não respirou normalmente desde que entrou, ela prendeu seu olhar observando cada detalhe.

Felicidade corria por suas veias. O quão inteligente Thronos tinha sido por achar este lugar?

Mesmo estando em uma sala preenchida por ouro, a atenção dela se voltou para ele, abaixado naquela prateleira. Os músculos de seu torso dobrados com seus movimentos. Sua expressão dura, intensa e aquela posição como gárgula o fez parecer muito demoníaco.

Ela nunca tinha ido para a cama com um demônio antes. Huh.

No entanto, enquanto ela passeava pelo templo, a carranca dele estava constantemente se aliviando. Sem aquela carranca, ele era... deslumbrante.

Não havia mais como negar isso.... ou a atração dela por ele.

Algumas fêmeas poderiam considerar suas cicatrizes pouco apresentáveis. Lanthe pensava que elas o faziam parecer duro e Senhor da Guerra. Além disso, quem iria se importar com elas quando aqueles olhos de prata eram tão atraentes? Quando seu corpo de guerreiro parecia ter sido esculpido em granito?

Ele uma vez acreditara que ela estava “totalmente fora” de sua vida. Será que ele ainda se sentia assim? E por que ela estava pensando sobre isso ao invés de pensar em como transportar este ouro para Rothkalina ou calcular os quilates?

101

Por que ela tinha o desejo para espia-lo com a mesma fascinação? Ela se rendeu ao seu impulso, virando para ele. Ele pareceu surpreso pela observação dela, mas segurou seu olhar.

Eles estavam.... ela ousava dizer?.... Tendo um momento.

— Você me observa mesmo cercada por ouro? Talvez eu entre no ranking?

— A carranca voltou, como se ele estivesse se endurecendo. Ela quis chorar, *Não, não, não, só mais alguns minutos!*

— Nós fizemos um acordo, — ele disse. — Eu estou ficando impaciente.

Ela podia imaginar, ele esperou tanto para vê-la. E agora ela sabia que ele lutou com a luxúria e a curiosidade quando jovem.

Um acordo era um acordo. Ela teria a visão deste ouro nela, uma memória para durar para sempre. *A menos que eu possa retornar...*

— E sobre isso, feiticeira...

Como ela tinha planejado encantá-lo, isto seria um bom começo, mas o modo como ele estava abaixado adiante, como se à beira de se lançar sobre ela, a fez hesitar. — Se eu fizer isto, como sei que não tentará me tocar? Você não deveria, certo?

— Eu só pretendo olhar, — ele disse, entretanto ela podia sentir sua agressão crescente.

— Uh-huh.

— Faça isto, então. — Quando ela ainda hesitou, ele disse, — Não finja

timidez, sei que você fez isto com uma horda de homens antes de mim.

E só assim, o interesse dela foi reavaliado. Embora ela não tivesse vergonha, nem orgulho, do número de homens com quem tinha estado, seu golpe cruel a feriu.

Pelo menos agora ela entendia melhor o ressentimento dele. — Eu não acho que é uma boa ideia me colocar em uma situação sexual com você.

Ele rosnou para isso. — Depois de seu suposto ano de celibato, eu imaginava que você estivesse subindo pelas paredes por qualquer atenção masculina. E se não estou enganado, você está em seu período.

Ela corou, seus lábios afinaram.

— Eu ouvi contos de mulheres como você. — Nas sobrancelhas levantadas dele, ele enunciou as palavras, — Presa fácil.

Como poderia um Vrekener enlouquecido machucá-la tanto?

Porque uma vez ele olhou para você com perfeita aceitação, Lanthé. E ela temia estar procurando por ele desde que o perdeu.

102

Para que ficasse interessada em um homem, ele precisava fazê-la sentir-se especial, ainda que ela soubesse que era uma artimanha. Apesar do corpo alucinante e do passado doloroso de Thronos, ele não tinha nem uma chance. — Até nós, meninas “presas fáceis”, temos padrões. E

você, Thronos Talos, estão me deixando gelada.

Ele ridicularizou. — Eu podia te seduzir com facilidade. Você deu boas-vindas a dezenas antes de mim com minúsculo esforço de sua parte. Mas não tenho nenhuma intenção de tomar você, nem te tocar. Ambos são offendments. Eu só quero ver minha mulher.

— Você acha que pode resistir vendo sua companheira nua?

— Você pensa que não posso? — Uma luz de astúcia brilhou no olhar dele.
— Você Sorceri gosta de jogar? Fazer apostas? Então entrarei em uma aposta com você, eu primeiro.

Sr. Certinho quer fazer uma aposta.

— Se seu corpo me tentar para que o toque, então te direi como achei este templo e abri a porta.

— E se não tentar?

— O golpe em seu orgulho de feiticeira será recompensa suficiente.

Agora sim! Agora era imperativo tirar aquele sorriso do rosto dele. — Aceito sua aposta. —

Ela achou ter visto um lampejo de surpresa na expressão dele. — Nenhum sexo, entretanto.

Ele franziu o cenho, como se ela sugerisse algo absurdo. — Eu não criarei nenhum bastardo! Minha descendência já será metade Sorceri. Você pensa que eu permitiria que meu primogênito fosse ilegítimo ainda por cima?

Bastardo! Só Thronos poderia arruinar isto: Ela, em um templo totalmente de ouro com um homem fisicamente atraente. Ele era como um anti-Sorceri criado para a repelir.

Esqueça de encantá-lo! Ele não merecia a malícia dela. — Eu lembrarei disto.

— O quê?

— Que você mata a alegria onde quer que a encontre. — Ela ficou de costas para ele enquanto desabotoava o primeiro dos três botões laterais de seu peitoral.

A respiração dele teria acelerado?

Ela olhou por cima do ombro, viu as garras dele cavando na prateleira de ouro, a garganta trabalhando. A voz dele baixou um tom quando ordenou, —

Tire isto.

Ela desabotoou o segundo botão.

— É isso aí, — ele murmurou, suas palavras gotejavam com luxúria reprimida.

103

Enquanto ela estava desabotoando o último botão, ouviu algo de além da caverna principal, e parou. O som veio novamente, aumentando de volume em um movimento de descida pela lateral da montanha. Algo grande estava se aproximando. — Thronos, o que foi isso?

— Ouvindo *nada*. Continue.

— Vamos, demônio! — Ela começou a abotoar o peitoral rapidamente.

— Não existe nada para temer lá fora!

Quando o templo inteiro balançou, ela retrucou, — Oh, realmente?

Ele fez um som áspero de frustração; então ela ouviu o bater das asas dele. Ela girou ao redor para achá-lo em direção à ela, com aquele olhar determinado em seu rosto sombrio.

Os olhos dele pareciam ter escurecido, e ela podia jurar que os chifres estavam se endireitando; exatamente como faria um demônio quando ficava excitado.

Em outras palavras, *Thronos não mora mais aqui*.

Agarrando-a, ele vociferou, — Para me ajudar a superar uma dificuldade.

Até quando?!

Um rugido soou na caverna. Parecendo despertar de um torpor, Thronos soltou as mãos. E

ela podia ter jurado que o Sr. Certinho grunhiu um “*Porra*” .

DEZOITO

Thronos lançou-se para ela, empurrando-a para trás pela porta de pedra que levava à caverna principal. Ele a puxou para perto, em seguida, enrolou uma asa protetora ao redor dela.

— O que é isso? — Ela sussurrou.

— Senti cheiro de uma criatura, mas quase não confio em meus sentidos. Pensei que estavam extintos em todos os mundos.

Ele não poderia estar falando sobre um dragão, poderia? Quando ela ouviu uma grande besta respirando na entrada da caverna exterior, estremeceu. Duas luzes brilharam para dentro como o farol alto de um carro.

Thronos esticou a cabeça pela porta para pegar um vislumbre. O coração dele batia pelo que fosse que tinha visto.

Ela mergulhou nos pensamentos dele... em seguida, respirou fundo.

Um dragão estava com a cabeça na abertura da caverna, seus brilhantes olhos amarelos brilhando. O ar aquecido embaçado em torno de seu nariz. Suas escamas eram ônix e prata, brilhando como metal.

Ela trocou para a telepatia. *Este lugar, os bancos...*

Como se estivesse recitando algo, ele murmurou, — Sacrificar o puro, adorar o poderoso, contemplar um templo sem igual.

Então, este lugar era dedicado ao sacrifício de uma virgem para os poderosos dragões? Ela não se surpreendeu. Muitas culturas adoravam dragões demônios. Rydstrom tinha a imagem de um tatuado em seu flanco.

No reino de Grave em Rothkalina, nas terras áridas do reino, basiliscos3 vagavam selvagens.

Lanthe tinha ido visitá-los com Sabine algumas vezes. Sua irmã tinha o poder de se comunicar com os animais, e tinha chegado a conhecer um ou dois também.

Mas Lanthe não estava com Sabine. E este dragão parecia faminto por um sacrifício.

Se ela não estivesse petrificada, poderia ter rido. Lanthe não era mais a cereja de outrora; o dragão provavelmente a cuspiria como um caroço.

Os faróis brilhando na caverna se fecharam e apagaram. *Oh, deuses, o dragão tinha piscado.* Em seguida, toda a montanha balançou e garras deslizaram para dentro da caverna. A besta tinha enfiado sua pata letal dentro?

O dragão parecia que estava cegamente tateando em torno da caverna, atingindo todo o caminho até a porta. Ele deveria tê-los bloqueado!

3 Uma lendária serpente ou dragão com olhar e respiração letais.

105

Pum...pum...pum...pum.

Ah, sim, o dragão sabia que estavam ali, e os queria para seu deleite.

Thronos sussurrou, — Calma, Melanthe. Fique quieta.

Quieta? Será que ele achava que ela iria gritar histericamente? Exasperante!

Quieto você! Tenho alguma experiência com essas situações. Por exemplo, naquele palheiro, nunca fiz um som, mesmo quando dentes de forcado me esfaqueavam. Ela ergueu a mão, mostrando-lhe as duas cicatrizes de perfurações na parte de trás. Verdade que você teria que *realmente* olhar para isto, e ela normalmente usava luvas...

Ele apertou a mão dela, esfregando-a para lá e pra cá. Ela sentiu a raiva e confusão dele, mas ele não fez nenhum comentário.

Quando o dragão bufou com impaciência, Thronos puxou-a pela mão para o

lado dele e envolveu sua asa mais apertada. Ela franziu o cenho para ele.

Escamas metálicas de ônix e prata. Assim como tinha este dragão. Em Rothkalina, as escamas dos basiliscos eram vermelhas atenuadas.

A curiosidade o deixou bravo, e ela lançou um olhar ao redor da porta, antes de Thronos arrastá-la de volta. Este dragão era diferente de seus primos em Rothkalina de outra maneira.

Tinha quatro chifres em vez de dois. Assim como Vrekeners tinham quatro em vez do par habitual.

Como se aborrecido, o dragão atacou suas asas contra a encosta da montanha, causando uma chuva de areia e poeira, ainda mais fundo dentro da caverna. Por fim, deu um rugido de gelar o sangue, em seguida, voou para longe.

— Thronos, — ela murmurou, — você vem deste lugar.

* * *

— Você está louca? Não vim deste lugar. — Thronos estalou no momento em que estavam a salvo, libertando-a de sua asa. — Mais uma vez, feiticeira: Não sou um demônio! Vrekeners são descendentes dos deuses. Temos um propósito. — Seu tom era mais duro do que pretendia, porque... porque tinha sentido uma afinidade com a besta.

Não havia dúvidas da semelhança de suas escamas, seus chifres. Alguns diziam que demônios surgiram das mesmas impurezas que os dragões, que viveram e evoluíram dos mesmos tipos de planos infernais.

Tal como Pandemonia.

— Achava que os chifres dos Vrekener eram apenas para mostrar, — disse Melanthe com óbvia alegria. — Os seus esticaram quando comecei a me despir.

— Tomarei sua palavra sobre isto? — Mas como eles tinham doído!

— Aposto que tem um selo de demônio. Você não vai liberar seu sêmen até que esteja dentro de sua companheira.

Apenas esta feiticeira poderia fazer isso soar como uma enorme falha. Um macho Vrekener poderia ter orgasmos, mas nunca poderia ejacular até que primeiramente reivindicasse sua fêmea.

Thronos escrutinou seu cérebro por outra espécie além dos demônios que compartilhassem essa característica singular.

— Então, tenho um par de coisas em comum com os demônios. — Ele passou os dedos pelos cabelos. — Também tenho presas, isso me torna um vampiro? Meus olhos se tornam prateados, então devo ser uma Valquíria.

— Negar, negar, negar. Olhe para você, lutando para manter sua cabeça sobre a água com isso. Retornar a este reino está desmoronando sua fachada rígida de Vrekener, expondo sua verdadeira natureza demoníaca.

Quando ele viu as cicatrizes das perfurações de Melanthe, que tinham perfurado através da mão limpa, seus olhos ficaram como se estivessem em chamas. Quando tinha imaginado a dor que ela teria sentido, suas presas tinham se alongado, para rasgar a garganta de alguém.

Assim como um demônio.

Não, ele não era um demônio sangrento!

Então, por que tinha se comportado como um mais cedo? Ele disse a si mesmo que apenas olhava para sua companheira. Mas quando percebeu que ela estava realmente começando a desnudar seu corpo, percebeu que estaria impotente por não tocá-la.

Imaginara amassar os seios dela, sugá-los, lambe seus mamilos até que ela não aguentasse mais. No momento em que ela começou a tirar a blusa, ele já estava imaginando tabus ainda mais proibidos.

Colocar a mão no calor de suas calças e guiá-la para acariciar o seu comprimento. Colocar as mão por baixo de sua saia e explorar seu sexo com

dedos exploradores.

Reivindicá-la. Quebrar seu selo e passar sua descendência finalmente.

O dragão se foi; o que pararia Thronos agora? Ele passou seu olhar sobre ela, seus pensamentos escurecendo mais uma vez.

— Thronos, não é ruim ser um demônio, — ela disse, seu tom suavizando um toque. —

Algumas coisas simplesmente são, ok?

Com as palavras dela, ele ergueu os olhos para ela, sentia como se não conseguisse respirar o suficiente. Estava prestes a começar a loucura toda!

Devia deixar este lugar. Precisava voltar para Skye. Para a sanidade, a razão e a ordem.

Ela o fazia duvidar de tudo, exatamente como tinha feito quando eram crianças! — Se você pode criar portais, pode sentir outros? Sentir sua energia?

107

Ela hesitou, depois assentiu.

— Poderíamos encontrar o portal de Pandemonia. — Limites como este eram valiosos e vulneráveis. Eram muitas vezes escondidos. — Você vai me guiar, e eu vou te proteger.

— Ha! Nunca vou deixar um lugar como este para mergulhar através de um reino demoníaco devastado pela guerra. Você pode fechar a porta de pedra contra o dragão, e vamos esperar a nossa vez.

— Você e eu poderíamos contornar o combate. — A velocidade dela era considerável, fato que ele usou para amaldiçoar. — Vou mantê-la segura.

Ela cruzou os braços sobre o peito. — Nem sequer vou discutir isso. Vou ficar na minha casa dourada e dormir na minha cama de ouro e esquiara em

minhas pilhas de ouro como o Tio Patinhas.

O que isso significava. Outra referência à TV? — Não podemos ficar aqui. Cedo ou tarde, essa besta vai ficar frustrada o suficiente para cavar através de pedra.

Ela apertou os lábios. — Lá fora, vamos enfrentar nada mais do que perigo, ainda mais do que os exércitos de demônios homicidas. Há rumores de que este lugar está cheio de armadilhas.

— Que tipo de armadilhas?

— Você sabe como os humanos têm certas ideias do inferno? Bem, todas essas ideias devem se basear nas realidades de Pandemonia. Tormentas de fogo. Lendas de bestas infernais.

Prazeres sobrenaturais seguidos de punições. O condenado amaldiçoado a trabalhos repetitivos.

— Como Sísifo ter que rolar uma pedra por uma colina pela eternidade?

— Bingo.

Thronos não se intimidou. — Então temos que descobrir um portal o mais rápido possível.

— Não. Você nunca vai me convencer a deixar este templo.

Engrenagens zumbiram acima. O teto circular começou a girar. — O que está acontecendo, Thronos?

Pó de ouro choveu quando o teto deslocou-se para revelar uma abertura em forma de torta.

Um carnudo, escamoso braço disparou através disso, garras negras de dragão Tateando pelo chão ao lado deles.

DEZENOVE

Thronos retirou a mão, correndo para a caverna principal, então derrapou até parar um pouco além da porta. A abertura exterior estava bloqueada por outro dragão, aparentemente, o mesmo de antes! Será que tinha retornado com reforços?

Voltou para o templo. — Eles estão ficando com mais raiva, — ela gritou. — O fogo vem a seguir!

O dragão empoleirado na abertura do teto respirou tão profundamente que as tranças de Lanthe ergueram-se. Ela ouviu um assobio como um tanque de oxigênio perfurado. *Esse som deve ser o combustível dele.*

Assim que o fogo irrompeu, Thronos inclinou-se contra a parede, cobrindo-a com suas asas, dois escudos poderosos. A força das chamas era como um chute com força nas costas; ele caiu para frente contra Lanthe.

— Ah, deuses, você está bem?

Ele rugiu, — Por que eu não estaria?

Ele tinha feito uma piada? Agora?

— Pronta para sair? — O suor escorria pelo rosto tenso.

— Como? — Ela podia jurar que sentia cheiro de... ouro derretido. *Foi o fogo do dragão que derreteu isto?*

Quando as chamas recuaram, Thronos baixou a asa, olhando para fora. — O templo tem outra porta secreta.

Ela espiou através das duas dobras das asas dele. — Mas o dragão ainda está lá em cima.

— Ela viu alguma coisa que não podia estar certa. Em meio a uma poça de

tubulação quente de ouro derretido estava um medalhão vermelho com uma corrente correspondente.

Ouro vermelho. Isto tinha que ser ouro basilisco, vulgo, ouro do dragão.

— Para baixo! — Thronos a cobriu novamente, e mais uma vez uma rajada de chamas os golpeou. — Nós corremos quando ele disparar a próxima expiração.

— Eu-eu preciso pegar uma coisa.

— Suas luvas? Você não precisa delas!

— Primeiro de tudo, sim, eu preciso. Segundo, estou falando de um medalhão, atrás de você. Na lateral.

Ele olhou naquela direção. — Esqueça feiticeira. Cerrando os dentes, ele disse: — Passando os bancos há uma segunda porta. Corremos assim que estas chamas acabarem. Agora! — Ele a 109

empurrou para frente dele, as asas encobrindo-a, enquanto eles corriam em direção à parede em frente ao templo.

Quando os olhos de Thronos dispararam sobre as marcas, ela arregalou os olhos. — Você as leu! Foi assim que encontrou este lugar!

Ele começou a manipular as seções de ouro. — Tanto faz!

Assim que a porta dourada começou a abrir alguns centímetros, o dragão tomou outro fôlego. Ela ouviu aquele som sibilante.

A porta estava tão lenta... muito lenta! Pela fresta aberta, ela avistou um corredor sombrio, com degraus de pedra que levavam para baixo.

— Entre! — Thronos a levou para dentro.

Ela voou vários degraus para baixo antes da porta fechar atrás dela. Chamas os seguindo.

Ele as bloqueou com suas asas. Uma vez que estavam fora do alcance do fogo, ele disse: —

Para trás de mim! Nós não temos ideia para onde estamos caminhando.

Ela assentiu com a cabeça, mudando de lado para deixá-lo liderar, enquanto corriam mais para baixo. Uma passagem estreita como esta iria impedi-lo de usar suas asas para atacar. Agora que ela estava trabalhando com ele, de certa forma, as vulnerabilidades dele seriam dela também.

Se eles encontrassem aqueles Ghouls nesta área apertada, ela e Thronos seriam mortos, ou pior.

O ar ficou nebuloso. Vapor e fumaça sufocavam o corredor. À frente, uma abertura retangular parecia brilhar. *Uma saída!* Ela tropeçou. Ele olhou para trás.

— Estou bem!

Ele acelerou através da saída para um caminho...

Um caminho que era delimitado por um penhasco caindo em direção a um rio de lava. Ele rodopiava pela extremidade! Ela não pensou; sua mão disparou, agarrando a parte de trás das calças dele para puxá-lo para trás.

Ele deu-lhe um olhar irritado por cima do ombro. — Posso voar você sabe. — A lava irrompeu abaixo em um gêiser a centímetros do rosto dele. — Corra! — Enquanto corria pelo caminho sinuoso, ele posicionou suas asas sobre eles.

Eles quase não evitaram a enxurrada de lava. Olhando para trás, ela disse: — Se você tivesse caído e tentado voar, aquela lava o teria engolido.

Ele não podia negar isto.

— Acho que as palavras que está procurando são “Obrigado, oh grande e maravilhosa feiticeira”.

Ele estreitou os olhos. — Você me salvou de cair agora. Poderia ter me

mostrado a mesma consideração quando eu era um menino.

110

— Poderia ter avisado a minha família que a sua estava vindo para o chá e a decapitação! O

que mais você tem? Posso fazer isso o dia inteiro! — Ela ouviu uma rocha quebrar atrás deles. Os dragões estavam escalando a montanha em perseguição!

Quatro luzes brilharam do outro lado do cume, dos olhos dos dragões. Como holofotes de pré estreia de cinema dirigidos diretamente para o céu, eles apareciam pelo meio do vapor e da escuridão.

— Quando eles aparecerem no topo, iremos nos esconder, — disse Thronos.
— Por enquanto, alcançaremos o mais longe do caminho que pudermos.

Enquanto corria, ela podia ver que as montanhas de cada lado do planalto abaixo eram realmente o início de dois intervalos irregulares. Mais picos alinhados continuamente com o planalto e vales distantes, como dentes.

Mais adiante, ela desceu por um patamar. Estendeu a mão para ele, quase tropeçando quando isto se desintegrou em cinzas.

— Cuidado, Melanthe!

Como um efeito dominó, a trilha começou a desmoronar em cinzas, pé ante pé para o que pareciam ser léguas. — Estou cansada de alturas!

Enquanto corriam adiante, Thronos a manteve entre ele e a montanha. Mais abaixo no caminho deles, mais lava jorrava em seu caminho, forçando-os a saltar e esquivar.

Minério de prata fundido derramava pela encosta carbonizada, piscando na luz do fogo, distraindo-a.

— Olhos à frente, feiticeira!

Quando eles tiveram que saltar sobre uma seção queimada da borda e ela quase caiu, ele retrucou: — Segure-se em mim.

Sem dizer uma palavra, ela virou-se para saltar nos braços dele, fechando as pernas em torno da cintura, com os braços ao redor do pescoço dele. Quando ele apertou-a contra ele, ela disse: — Estou me acostumando a saltar em você.

Ele não reagiu enquanto partia mais uma vez. — Você está, então?

— Calma tigre. Eu quis dizer que continuamos tendo que correr por nossas vidas.

— Basta ver a nossa volta. — Enquanto se lançava através de outra vala, ele disse, — Não poderia tê-la avisado sobre meu pai.

— O quê?

— Não tinha ideia dos planos dele até *depois* que ele e seus homens haviam saído.

Mergulhei para a abadia, mas o tempo que levei até lá, ele já tinha matado seus pais.

A verdade sobre aquela noite. — Como ele descobriu?

111

— Meu professor me viu me esgueirando e me seguiu. — Thronos desacelerou para encontrar os olhos dela. — Nunca te traí, Melanthe. Estava tentado contar aos meus pais sobre você, eu sabia que o Hall se mudaria em breve, mas queria falar com você sobre isso primeiro.

Para a clara surpresa dele, ela disse: — Eu acredito em você. — Então, o olhar dela vagou por ele. — Eles estão subindo! Temos que nos esconder. — As asas de Thronos combinavam perfeitamente com esta face enegrecida e prateada da rocha, que chuviscava pelas pedras. — Que bom que você se mistura.

— Eu não me misturo.

— Encare isto demônio, você se mistura como um nativo do inferno. Felizmente para nós, as raças de dragões que cospem fogo não sentem cheiro muito bem.

— Como você sabe?

— Eu andava com um bando deles em Rothkalina. Minha irmã pode falar com eles. Eles são muito legais quando os conhecemos melhor, somente atacam invasores e tal... — Ela parou quando Thronos congelou no lugar, esticando a cabeça para cima. Ela seguiu seu olhar.

Pelo menos uma dúzia de dragões cercava o lado da montanha como morcegos revestindo o teto de uma caverna.

VINTE

— Somos os intrusos. — Thronos agachou, pressionando as costas contra a montanha. Ele estendeu as asas, cobrindo-os completamente e estava, maldição, se misturando.

Quando Melanthe moveu-se contra ele, murmurou, — Eles não nos viram. Estamos escondidos aqui. Basta pensar em outra coisa.

Durante um longo tempo, os sons de seu coração pareceram ruidosos como tambores no silêncio isolado sob suas asas.

— Você costumava nos prender assim quando éramos jovens, — ela disse finalmente em voz baixa. — Sempre senti que precisava sussurrar, como se estivéssemos acordados até muito tarde.

— Contamos nossos segredos.

— Lembra-se dos meses que passamos juntos? — Perguntou, olhando para ele contente.

Alguns minutos menos que os outros. Ele deu de ombros.

— Quanto tempo acha que vamos ter que esperar aqui?

— Podemos ficar todo o tempo que precisarmos. — Ele apenas acabou de dizer as palavras quando sentiu a seção à esquerda se desintegrar. Os dragões rugiam em reação. Logo, outro movimento à sua direita, ele e Melanthe ficariam em um precário pedaço de pedra nesta ilha.

— Mais alturas. — Ela mordeu o lábio inferior até ele que pensou que iria parti-lo.

Queria falar com ela, distrair sua mente da situação. Mas o que dizer?

Ela se encarregou do problema. — Se sobrevivermos a isto, vou voltar pelo

medalhão.

— O inferno que você vai. — Além disso, ela não encontraria aquilo se voltasse.

— Este não era um lugar onde tem ouro regularmente. É ouro vermelho basilisco, também conhecido como o ouro de dragão, em todos os reinos o ouro mais raro e valioso já conhecido.

Preciso tê-lo Thronos.

— Seu timing é terrível. Não posso acreditar que ainda está pensando nisto considerando nossa circunstância atual. — Ele falou. Estava olhando para baixo, vislumbrando as coxas de Lanthe abertas ao redor da cintura dele, sua saia perigosamente alta e seus pensamentos voltaram para o templo, para os tesouros que quase viu. Inclusive nesta situação, seu membro endurecia por sua companhia.

Como se isso não fosse incômodo o suficiente, a temperatura continuava aumentando.

Como metal, suas asas ainda estavam emanando calor pelos golpes diretos das chamas. O rio de lava abaixo não melhorava as coisas.

113

Enquanto a pele de Melanthe ficava mais vermelha, ele começou a suar. Uma gota caiu de sua testa na perna dela, no alto, na parte interna da coxa. Seus olhos se fixaram na queda e quando grudou na pele pálida, serena... antes de deslizar com um toque preguiçoso.

Ele queria seguir este caminho com sua língua, depois puxar a pequena calcinha de lado e descobrir o que a fazia gemer...

— Ummm... Thronos, talvez devêssemos mudar de posição? — Quando as coxas dela se flexionaram ao redor da cintura dele, ele olhou para cima.

Havia um brilho metálico inesperado nos olhos azuis dela. Seria interesse?

A necessidade de investigar, colocar a prova seus limites, era aterradora. *Lugar errado, hora errada, Talos.* — Boa ideia. Sim. — Mudaram as posições, até que ela ficou sentada com as pernas juntas, do seu próprio jeito.

— É interessante que possa ler os glifos. — Ela comentou casualmente.

— A linguagem poderia não ser demoníaca na natureza.

— Uh-huh. — Sua maneira de dizer que era uma mentira.

Ninguém conseguia levantar suas asas como esta feiticeira! — Você investe muito para me convencer de que sou um demônio. Quer que seja verdade, unicamente para que se sinta melhor consigo mesma.

— Você está mudando e sabe disso. Mentiu antes, quando disse que não ouviu nada, apesar de que um dragão se aproximava. Disse uma mentira para conseguir o que queria: olhar meu corpo. Mas um Vrekener nunca mente, verdade?

— Como sabe que agi como um demônio? Quantos de sua espécie caíram, presos em seus encantos?

Em lugar de responder, ela disse. — Esqueça. Se estamos a ponto de morrer, não quero brigar com você. — Limpou a umidade de sua testa. — Isto aqui parece uma sauna. — Seu olhar caiu para o peito dele, as cicatrizes visíveis entre os lados que sobrou de sua camisa.

Agora era a vez dela de seguir as gotas que se arrastavam pelo corpo dele. Observou enquanto serpenteavam sobre as subidas e descidas de suas cicatrizes.

Ela as mencionou mais de uma vez no dia anterior. O que importava no que ela acreditava?

Ele não deveria sentir-se incomodado depois de tanto tempo, mas em lugar disso ficava com estupefato frequência com seu reflexo, odiava cada cicatriz, cada relevo. Distraidamente as contornava quando estava na cama.

Sentia-se culpada por alguma delas? Era inclusive capaz disso? — Vá em

frente. — Ele a agarrou pelo pulso e a obrigou a explorar o dano que causou. — Sinta as marcas que me deu. —

Ele olhou para ela, avaliando sua reação.

114

Para sua surpresa, ela passou lentamente a ponta do dedo indicador sobre uma, uma linha sob sua clavícula. Seguiu outra, sua expressão pensativa.

Ainda que ele quisesse que Melanthe reconhecesse sua dor, para compreendê-lo, ficava incômodo com a avaliação dela. Estava a ponto de pará-la quando ela começou a traçar a pior delas, a que quase lhe tirou a vida.

O pedaço de vidro perfurou fundo. Tinha vagas lembranças de cada batida do coração causando agonia. E de sua mãe, recuperando-se da morte de seu companheiro, soluçando sobre a mão de Thronos, pedindo a todos os deuses por seu filho mais novo.

Ira. Ele agarrou o pulso de Melanthe.

Ela piscou para ele, como se despertasse de um transe. — O que foi?

— Alguma vez se arrependeu do que fez comigo? — Ele a soltou.

Ela se afastou, até que suas costas ficaram contra a asa dele. — Arrependimento não é para os Sorceri. Consideramos que é o equivalente a uma ofensa. Assim que não, não o faço.

Sim, estava começando a perceber cada mentira dela, algo em seu timbre de voz fazia com que suas asas se contraíssem. Além disso, ela sempre se inclinava para trás, como se quisesse colocar distância entre eles e piscava durante muito mais tempo. —Melanthe Mentirosa.

— É sua forma Vrekener de dizer merda?

— Então se sente culpada. — Ela era capaz de sentir. — Você deve ter ouvido que sinto dor quando voo. Parece que todos no Lore sabem. Sempre me perguntei se sentia alegria com isso.

Ela cruzou os braços sobre o peito. — Os Vrekeners não têm curandeiros para seus jovens?

— Claro que sim! Meus ossos foram fixados no lugar e se curaram.

— Então o que aconteceu?

— Eu forcei meus músculos rasgados antes de estarem curados, lesionou permanentemente minhas asas e perna. — *Além de minhas costas e a outra perna. Meu pescoço e os ombros.* — Fiz isto ao ponto de ficar imóvel em minha imortalidade.

— Você deveria saber que dor estava cortejando.

— O que você acha que me faria fazer isto, Melanthe? Eu estava no seu rastro antes de ter treze anos.

— Então, você abusou das suas asas e eu abusei do meu poder por causa de seus guerreiros e agora estamos os dois fodidos. Me culpe e vou te culpar. Uma vez mais, não tenho o dia inteiro para isso, demônio.

As sobrancelhas dele se arquearam. Durante todos estes anos, nunca imaginou que ela poderia ter uma razão legítima para odiá-lo.

115

— Talvez me sentiria culpada se você deixasse de me tratar como uma escrava e me insultar a cada passo. — Inclinou-se para frente agressivamente. — E pelo amor do ouro, chega de tentar me envergonhar por causa do meu passado sexual, apenas porque você nunca esteve com ninguém.

Por mais que ele odiasse este fato, não podia ser mudado.

— Então não esteve mesmo com ninguém. — Ela disse em tom mais tranquilo.

Ele não podia ler sua expressão e isto o frustrava como o inferno. Provavelmente estava rindo dele por dentro! — Diferente de sua espécie, Vrekeners se casam para a vida toda. Assim que não, não desfrutei de uma

horda de outras amantes, como você fez.

Outro relâmpago azul.

— Parece que você esteve com todos os homens, exceto aquele que o destino reservou para você. De mim, você correu.

— O que esperava que eu fizesse quando te via? Saltar em seus braços e esperar que não me enforcasse? Não tinha nenhum motivo para não correr de você.

Ele não tinha resposta para isso. Ele não era o companheiro dela. Ela lhe disse que apenas viveu a vida.

Sem mim. Como se ele nunca houvesse existido para ela.

Talvez isso fosse o que o enfurecia mais, o fato de ela tê-lo esquecido, quando cada um de seus momentos de vigília estavam cheios de pensamentos sobre ela.

VINTE E UM

Lanthe realmente sentia as sementes da culpa.

Vendo que as memórias dele tinham-na suavizado em direção a ele. E agora que o absolveu de todas as coisas que uma vez o culpou, ela encontrava dificuldades para manter o pior de seu ódio.

Na verdade, quase podia ver a si mesma e Thronos chegando a um entendimento, com exceção de quatro coisas.

Agora ele a odiava pelos ferimentos dele. Ele a odiava pela perda dos seus “anos e infância”. Ele a tratava como um prêmio de guerra. E tinha um nível patológico de ciúme e desconfiança.

Ela nunca iria convencê-lo de que o irmão dele havia tentado matá-la quando menina.

Nunca o convenceria de que era mais do que uma rameira, e tinha tolerância zero pela vergonha dele.

Sim, ela entendia o ciúme e a raiva melhor; mas não significava que poderia aceitar o seu desgosto.

Então, por que ela estava sentindo uma atração intensa por Thronos? Como agora, com o rosto determinado dele, suas asas cercando-a, e sua pele cheia de cicatrizes brilhando de suor.

Estas cicatrizes o deixavam endurecido, tão perigoso quanto tinha se tornado. O que ela achava... sexy.

E quando explorou as marcas, ela notou coisas sobre o corpo dele que não tinha antes.

O quão suaves eram as áreas sem marcas de sua pele bronzeada. Quão sensível sua carne era ao toque dela. Como seus músculos saltavam sobre os

dedos dela.

As calças dele estavam colocadas abaixo de seus quadris, e ela percebeu que ele não tinha uma marca de bronzado. Sempre ouviu dizer que Vrekeners desaprovavam a nudez em quaisquer circunstâncias. No entanto, em algum momento, quando ele estava fazendo a transição para a imortalidade, deve ter vadiado nu ao sol.

Muito *intrigante*.

Ele disse que tinha tido sonhos sobre ela todas as noites. Será que esteve pensado nela quando o sol beijara seu corpo robusto? Ela ficou sem fôlego, enquanto imaginava Thronos se tocar fantasiando com ela.

Quando ela ajustou sua posição sobre as pernas dele, ele rangeu, — Melanthe, precisamos encontrar um portal rapidamente. — Parecia que ele estava se esforçando para não olhar para o decote úmido dela, *e falhando*.

117

Ela olhou para baixo, viu-o enrijecendo. Se ela escorregasse um dois centímetros mais perto, seria capaz de sentir a ereção inchada contra seu quadril. — Estou a bordo com a ideia agora. — Porque a única coisa que temia mais do que dragões e hordas demoníacas, era ficar grávida de um Vrekener. Thronos era inteligente e inesperadamente sexy. Se ele conseguisse eliminar os insultos...

Ela não poderia dar a este macho vários dias para descobrir seus pontos fracos.

Então tentou se concentrar, sentir um portal no meio de toda esta confusão na montanha.

Fome e sede dificultavam ainda mais se concentrar. Além disso, seus sentidos pelo ouro estavam sibilando como loucos. Ela bateu a mão sobre o rosto, mas não tinha pó de ouro. Será que ainda estava sentindo aquele templo?

— Alguma coisa?

Ela sentia a vibração mais ínfima do poder do portal, como um eco. — Talvez. Não sei.

— Tente... com mais força.

Ela olhou para ele. — Afastese, — ela retrucou, em seguida, se arrependeu imediatamente. Por que estava sendo tão contraditória com ele? Não era o tipo de fêmea que sempre mantinha a calma, mas também não se precipitava com a raiva de machos, não com a sua história com os homens.

Então, se Thronos continuasse sendo um idiota? Não era como se ela fosse mantê-lo; eles não precisavam ter uma DR e chegar a um grande entendimento. Ela precisava apenas seduzi-lo para que pudesse voltar para Rothkalina. Se o enganasse com força suficiente, ele a levaria diretamente para lá!

De volta à encantadora. Ela se inclinou para ele, aproximando-se de sua ereção. — Me conte um segredo.

— O quê?

— Sempre que me aproximo assim de você, recebo um segredo seu.

— Eu não... por que está agindo de forma diferente? — Ele perguntou, a voz rouca.

Desconfortável, Thronos? — Você não tem estado em torno de muitas mulheres, não é? —

Ele não tinha nenhuma ideia de como encontrar o equilíbrio com ela, fazendo-a planejar tudo mais fácil.

Isto não era muito justo. Tudo bem, já que Sorceri se preocupavam apenas em serem justos quando isto os beneficiavam. Caso contrário, eles não eram fãs.

— As fêmeas não pertencem a uma frente de batalha, e eu passo a maior parte do meu tempo lá, por isso não.

Não pertenço? Ela e Sabine tinha estado na linha de frente de Pravus contra um exército de vampiros rebeldes. *Morda sua nova língua, Lanthe, morda-a!*
— Mas você está com uma mulher 118

agora, e ela está instituindo uma nova regra. Sob essas asas, você tem que me contar os seus segredos, — ela disse suavemente. — Considere isso nosso confessionário, a asa sauna da verdade.

Uma sobancelha levantou. — Asa sauna da verdade? Feiticeira peculiar. Você sempre teve uma imaginação fértil.

— Sei de algo que você pode me dizer. — Ela arrastou o dedo abaixo pela pele lisa de seu peito, mergulhando-o dentro da cintura de suas calças.

Ele soltou uma respiração afiada. *Puf.*

— Por que um anjo como você não tem nenhuma linha de bronzado?

Ele tossiu no punho. — Não temos telhados nos Territórios do Ar, não há necessidade deles, porque estamos sobre as nuvens. Como lhe disse, nos meses de minha transição, estive procurando por você. Muitas vezes chegava em casa, tomava banho, em seguida, desmaiava na cama antes de me vestir novamente.

— Eu teria gostado de ver isso, — ela disse com toda a honestidade.

— O que é isso, Melanthe?

— Isto é que percebi que posso morrer a qualquer momento. É minha responsabilidade como feiticeira é por para fora o meu melhor lado até o fim do caminho.

— Isso é o que sou para você? Outra mão de cartas que você está lidando?

Bem, sim. — Sabe o que eu acho? Acho que você está mal-humorado porque não conseguiu dar sua olhadinha no início. Leve-me para a segurança, e vou mostrar-lhe qualquer coisa que você quiser ver. — Ela abriu as coxas com um toque.

Parecia que ele tinha engolido um gemido. Ele mudou de posição novamente, provavelmente porque as calças estavam cortando sua circulação por lá.

— Você não tem alguma questão particular sobre mim? — Ela perguntou.

— Você disse que tinha sonhos sensuais sobre mim quando dormia. — Ele estreitou os olhos. — Diga, feiticeira, eu estava cheio de cicatrizes nos sonhos?

Ele estava ficando com raiva, porque isto era familiar para ele. *Me odiar é o que ele conhece melhor.*

Ela desbastou isso também. — Sim, você estava cheio de cicatrizes. E eu estava beijando cada um delas de cima para baixo. Você estava tão sensível, mas ansiava por mais, o seu grande corpo tremia.

Ele franziu o cenho. — Você não está... você não está mentindo.

— Não.

119

Em tom ríspido, ele disse: — Achava que uma Sorceri inconstante acharia as marcas desagradáveis.

— Thronos, temos problemas entre nós, deuses, sei disso, mas a falta de atração física não é um deles. — Uma verdade lamentável.

A esperança nos olhos dele quase fez Lanthe perder a coragem com seu plano.

— Você deve ter notado nossa crepitante química sexual. — Ela perguntou.

— Pensei que era apenas a maneira como alguém se sente em torno de um companheiro,

— admitiu. — No entanto, você sente isso por mim também. — Suas sobrancelhas se uniram. —

Então por que me disse que eu te deixava fria?

— Eu disse que sentia atração física. Mas acho que é difícil desejar um macho que me insulta e me magoa.

Em vez de abordar isso, ele disse: — Com quantos você sentiu essa química?

E aqui vamos nós.

— Quantos homens houveram Melanthe? — Ele perguntou em voz baixa, como se estivesse se preparando para sua resposta.

— Você nunca vai ter um número de mim.

— Então deve ser enorme.

— Sou mais do que apenas um número, — ressaltou. — Além disso, não é apenas o número que está te incomodando; é o fato de eu ficar com os outros depois que nos conhecemos, e de que você não pôde transar, assim como muitos. *Morda sua língua!*

— Por que você não se estabeleceu com alguém? Sei que alguns Sorceri casam para toda vida.

— Teria preferido me encontrar amando outro homem, feliz, com dez filhos? Ora, isso me faria uma mulher virtuosa! Você sequestraria uma mulher virtuosa para suas próprias necessidades egoístas? Você a separaria de seu amado marido e filhos?

Ele mordeu um som de frustração.

— Se os nossos sexos fossem invertidos, todos esperariam que eu tivesse amantes. Eu teria sido aplaudida por isso. Você teria sido reverenciado por sua pureza. E se eu fosse um homem demônio como você, teria levado milhares para a cama, em busca de minha companheira. Você sabe, — ela fez as citações do ar, — tentar.

Isso era como os demônios chamavam isto, quando tinham relações sexuais apenas para ver se uma fêmea iria quebrar seu selo demônio. Apesar de ser

um demônio, podia normalmente sentir o cheiro de uma fêmea, e se ela fosse sua companheira, a única maneira de estar cem por cento certo era através de relações sexuais.

120

Mostrando suas presas, Thronos rangeu, — Você já foi tentada por muitos demônios, então?

— Nunca estive com um. — Ele abriu os lábios, sem dúvida, para dizer que era “mentira”, assim, ela explicou, — Como os Vrekeners, os Sorceri estupidamente acham que demônios são selvagens. Não sabia disso até que Sabine se apaixonou por Rydstrom. No momento em que percebi que os demônios podiam ser descontroladamente atraentes, fiquei trancada em celibato por um ano.

— Você acha demônios descontroladamente atraentes? Achei que fosse atraída por uma mais polida e escorregadia mentirosa espécie.

Agora ela estava atraída por um macho de dois metros e dez de altura, que fervilhava de luxúria reprimida e sensualidade inexplorada. — Humm. Fisicamente, eu gostaria...

— Se pendure em mim, — ele retrucou.

As sobrancelhas dela se ergueram.

— Estou a ponto de precisar de minhas mãos.

Sem dúvida, ela colocou as pernas em volta da cintura dele e os braços em volta do pescoço mais uma vez. Ele tinha apenas se agarrado ao lado da montanha, quando o caminho se desintegrou debaixo deles, despertando os dragões mais uma vez.

121

VINTE E DOIS

Por trás das pedras desintegradas havia... uma abertura. Um túnel com não mais do que um metro e meio de altura revelou-se.

Apesar de sua claustrofobia, Thronos agarrou Melanthe com um braço, então balançou as pernas, esforçando-se para ir tão longe quanto possível. Seus chifres bateram no teto baixo, as pedras dentadas irritando os topos de suas asas.

— Como você vai se virar neste lugar apertado? — Ela perguntou.

— Não é meu ambiente favorito.

Ele achou que ela tinha murmurado, — Imaginei que as árvores estavam balançando. — O

que significava que tinha anoitecido na ilha da Ordem.

Ele estremeceu recordando o comportamento dela. Mas acreditou que ela era diferente então...

Um dragão empurrou o focinho pela abertura, sua respiração movendo os grãos, tornando difícil de enxergar. Efetivamente os aprisionando.

Sem outra escolha do que apenas seguir em frente! Uma luz vermelha derramava alguma abertura mais adiante; ele apressou-se, temendo que a besta disparasse neles.

Aquilo esticava, arranhando, remexendo as pedras. Thronos cobriu Melanthe com suas asas quando o teto começou a chover pedra e areia. Pilhas disso amontoou ao redor das pernas de Thronos como se fosse uma amпуlheta invertida.

O pânico ameaçou apossar-se, mas ele lutou contra. Eles tinham que sair antes que o túnel os sufocasse, enterrando-os vivos. Enquanto Thronos seguia

adiante, sua garganta parecia quase sufocada.

Quanto mais entravam, mais quente o ar ficava. Aquele clarão vermelho aumentava à medida que se aproximavam. Quando chegou lá finalmente e parou na abertura em arco, ele viu uma caverna maior, cheia de lava borbulhante. Um único caminho erguia-se se dividindo, um que parecia levar direto para o inferno.

Livrando-se das pilhas de pedras pesadas cercando suas pernas, ele lançou-se para fora da borda. Deslizando para baixo pelo caminho, então colocou Melanthe em pé.

Enquanto agitava a areia de seus cabelos, ele olhou em volta do túnel.

Completamente desmoronado. Apenas um caminho para seguir.

Ele voltou pelo caminho. Adiante, mais fluxos de lava rolavam junto a isto. Uma ponte de metal ao longe ardia em brasa. — Acho que estamos em um dos “covis” dos exércitos

— Então precisamos achar uma saída, antes que alguém nos veja.

122

— Sinto cheiro de comida cozinhando em alguma direção, — ele disse, — e cadáver apodrecendo do outro.

— Então há um acampamento e uma área de enterro? Vamos nos dirigir para a última.

Estará menos povoada, menos guardada.

Enquanto entravam em silêncio, ele manteve a mão no braço dela, no caso de precisar protegê-la rapidamente. Com cada passo mais adiante naquela caverna desmoronada, seu mal enfraquecia.

— Quando se encontrar indo através do inferno, continue andando, certo? — Ela perguntou, lançando-lhe um olhar entrecerrado. Novamente, ele não reconheceria o olhar, mas achou que isto seria... paquera.

Ele tentou se focar, para que não fossem capturados ou mortos, mas não conseguia parar de repassar novamente a interação deles debaixo de suas asas, e como ela parou seu dedo debaixo da calça dele. Ele tinha estado a uma batida do coração de pegar a mão dela e fazê-la sentir o que estava fazendo com ele. Imaginou como gemeria o nome dela, enquanto ela alisava seu eixo pelo couro. Ele apenas se entregaria ao desejo de lambar o suor do pescoço dela.

Encontrar aquele portal do reino se tornou ainda mais importante, porque o senso de certo e errado parecia estar se corroendo. Ele não podia mais confiar em si mesmo para seguir as leis de seu povo.

Ele era o príncipe dos Vrekeners, um general de cavaleiros. No entanto, a facilidade com que o tinha debaixo de seu feitiço! Sabia que ela estava usando suas artimanhas com ele, mas isso não diminuía o efeito do charme dela.

Até que pudesse retornar para casa, precisava enrijecer-se contra ela, uma tarefa que seria ainda mais difícil depois da descoberta dele de hoje.

Química sexual é viciante.

Sempre que sentia aquela eletricidade que faiscava entre eles, a dor de seus antigos ferimentos diminuía sob o calor da excitação.

Ela lançou lhe um olhar interrogativo. — No que você está pensando?

— Química, — ele respondeu.

Os lábios dela curvaram, e ela o deixou com seus pensamentos.

Toda sua vida, ele especulou como ela reagiria à suas cicatrizes. Ficou surpreso ao saber que não tinha problemas com ele fisicamente, simplesmente dúvidas, assim como tudo mais.

Até ela admitiu que a química entre eles crepitava.

Da elevada altura, ele olhou abaixo para a maldade do Lorean. Observando que um offendment era quase tão ruim quanto cometer um, então sempre se

virava, mas aqueles 123

vislumbres o ensinaram muito. Viu imortais viciados em feitiços intoxicantes, implorando por qualquer coisa mais.

Thronos nunca entendeu o vício antes. Agora se perguntava o que ele não faria para mais desta crepitante interação com sua companheira.

Ele poderia parar de insultá-la?

Talvez devesse ir ainda mais longe e cortejá-la. Quando menino, tinha feito isto e teve sucesso. Ela gostou de receber presentes. Ainda bem que ele tinha roubado aquele medalhão do templo.

Quando eles fugiram do dragão, Thronos esticou sua garra para isto. Agora o tinha escondido em seu bolso.

Um pensamento vago passou por sua mente. *Com quantas joias ela foi presenteada por outros machos? Para recompensá-la por sexo?* Seu aperto aumentou ao redor do braço dela, seus chifres doendo para marcá-la novamente.

Só porque tinha o objetivo de tratá-la melhor, não significava que poderia esquecer disso.

A raiva ainda vivia dentro dele...

— É estranho que não vimos uma alma, — ela disse, franzindo o cenho para o aperto dele.

Ele finalmente aliviou o aperto. — Não há nada de valor para guardar. Além disso, eles provavelmente ainda estão no campo de batalha.

Depois do que pareceram léguas, a trilha bifurcava, as duas ramificando em direções opostas.

— Qual o caminho para o cadáver podre? — Ela perguntou a ele.

Ele acenou para a direita, e eles continuaram se movendo.

Ao se aproximaram da área da sepultura, o fedor tornou-se opressivo. Outra caverna se abria, maior do que a primeira. Provavelmente tinha sido escolhida por seu tamanho, porque estava cheia até o teto com uma montanha de ossos, corpos decapitados, e crânios com chifres.

O monte tinha um rastejante e ondulante casaco de ratos. A escorregadia massa disparava para dentro e para fora dos restos, como se ao longo de caminhos.

Quando os olhos de Melanthe se arregalaram com a visão horrível, ele a puxou para trás.

— Não há nenhuma saída. Vamos pelo outro caminho.

— Você está tentando proteger meus olhos inocentes? — Isto pareceu diverti-la. — Tinha apenas nove anos quando as cabeças dos meus pais caíram da cama deles, e rolaram em minha direção como brinquedos impertinentes. Quando tinha onze anos, usei um fragmento do crânio de minha irmã para colher sua massa encefálica e colocá-la de volta novamente. Não tenho sido inocente desde que minha vida emaranhou com os Vrekeners.

124

Se seus cavaleiros verdadeiramente tivessem caçado duas meninas Sorceri, os ataques teriam sido intermináveis. Um verdadeiro inferno. *Vrekeners nunca abandonam sua caça.*

— Sem mencionar o tribunal de Omort, — ela disse. — Nunca pude ignorar as coisas que testemunhei lá.

— Desejava ter podido tê-la poupado disso, — ele disse honestamente.

— Você poderia ter me poupado de alguns. No ano passado quando deixou aquela armadilha para mim, eu estava na Louisiana para recuperar minha irmã, para que ela pudesse tomar sua dose de morsus. Ela estava morrendo. Por sua causa, tive que fugir, ficando completamente virada em uma cidade estranha. Estava perdida e frenética. Por sua causa, não pude salvar Sabine. Quando o portal fechou em sua perna, estava certa de que você estava

convenientemente puto do seu lado. Do meu lado, chutei sua perna, amaldiçoando-a. Até que ouvi Omort das sombras, em meu quarto, rangendo: “E você ousa retornar sem ela?”. — Ela visivelmente estremeceu. — Nunca tinha estado tão perto da morte como estive então. Nunca.

Então obrigada, Thronos.

— Não tinha como saber disso. — Um ano atrás, ela quase foi assassinada por seu irmão. A ideia de Melanthe morrer, enquanto Thronos era incapaz de protegê-la...

Será que teria sentido a perda, mesmo através dos mundos?

Ela encarou o rosto dele. — Tentei viver minha vida. E você a arriscou. É um milagre que eu tenha sobrevivido há isto tanto tempo. Falando nisso... — Ela atravessou em direção ao túmulo, agarrando algo. Puxou uma espada maltratada do fundo. Alguns ossos e crânios caíram como um pequeno deslizamento.

Ela colocou a espada estendida sobre um dos ombros. — Você está pronto?

Ele assentiu, e eles partiram mais uma vez, os pensamentos dele tumultuados. *Nunca tinha estado tão perto da morte.*

Por causa dele. Não, ele não poderia ter previsto o que suas ações poderiam provocar, porque nunca lhe ocorreu que Melanthe fosse uma prisioneira de Omort.

Será que presumiu o pior sobre ela todo este tempo?

De volta à bifurcação, escolheram a outra direção. O caminho começou a dividir regularmente, algumas rotas levavam para baixo, algumas para cima, conectando com plataformas ou mais cavernas. Ao longo das plataformas estavam cavidades de diferentes tamanhos.

— Não posso acreditar que estamos em um covil subterrâneo de demônio, — ela murmurou. Ela não soou nervosa com isto, mas intrigada, como se os dois estivessem em um safári infernal.

O instinto dele continuamente lhe pedia que tomasse o caminho mais alto, mas ele não achava que houvesse um ponto de entrada no topo deste covil, então tentava mantê-los em algum nível.

O barulho e os odores tornaram-se um tumulto quando se aproximaram do acampamento demônio, situado em uma daquelas cavernas maiores. Cautelosamente encontraram uma vantagem em uma plataforma elevada, onde ele e Melanthe poderiam fazer uma avaliação da maior parte do acampamento. Isto estava ocupado por dúzias de diferentes tipos de demônios: fogo, gelo, pus, tempestade, sombra, pungência, e mais. Todos pareciam estar retornando daquela batalha.

Thronos achou isto estranho, que membros de tais variedades de demonarquias estivessem trabalhando juntos. Seria o outro exército tão diversificado?

Aqui, os guerreiros se regeneravam de danos, alguns renovavam as carnes, alguns membros inteiros. Outros comiam, bebiam, ou se prostituíam. Cerca de trinta apressadas demônios serviam os machos, com filas se formando.

E minha companheira me considera relacionado a estes brutos? Ele rangeu os dentes com o pensamento, afastando-se das cenas pecaminosas.

Melanthe, porém, parecia bastante confortável com o que estava testemunhando. E ela parecia estar escutando algo.

— Venha feiticeira, — ele murmurou. — Sinto o cheiro de uma saída próxima. —

Finalmente, uma saída deste buraco infernal literalmente.

Ela não o seguiu. — Só um minuto. Estou lendo a mente deles, obtendo o reconhecimento do terreno.

Ele hesitou. — E?

— Esta guerra vem acontecendo desde antes até mesmo dos demônios mais

antigos nascerem, a milhares de anos. Cada noite, os exércitos marcham para a batalha. Eles rompem todas as manhãs, porque os dragões voam de suas colmeias para limpar o planalto. Se os demônios estão voltando agora, será que amanheceu enquanto descíamos até aqui?

— Talvez. Aqueles dragões na montanha estavam provavelmente esperando para se alimentar dos derrotados. — Como se fossem treinados. Bestas astutas. Não era de se admirar que houvessem alguns corpos naquelas sepulturas afinal.

— Os dragões têm sido anormalmente hostis ultimamente, — Melanthe continuou. — Os demônios temem que a última fêmea tenha morrido, deixando um bando de machos assassinos agressivos. É apenas uma questão de tempo antes de atacarem os demônios. Oh, oh, esta é boa...

Nós estamos em uma toca chamada Infernal. É protegida por este fosso de lava por fora e é o lar dos Infernais. Eles lutam com os guerreiros do Lugar Profundo, também conhecido como o Imensurável. Um lugar profundo é igualmente difícil de romper. Há somente uma entrada, e você tem que navegar por um labirinto em ruínas para alcançá-lo.

126

— Pelo que eles estão lutando?

— Portais. Os Infernais tem o Primeiro Portal do Inferno e a Segunda Chave. Mas os Imensuráveis tem o Segundo Portal e a Primeira Chave. Em outras palavras, cada um deles têm um portal do inferno e uma chave que não funciona sozinha em seu próprio portal. Cada lado luta para proteger seu portal e apropriar-se da chave do outro. Ambos os exércitos estão desesperados para partir, mas nenhum deles pode teletransportar-se daqui. Eles não têm ideia de como as chaves e os portais se combinam. Alguns acreditam que a guerra eterna é um castigo por algo.

— Há um portal dentro deste covil? Com seu poder, você poderia usá-lo sem a chave?

Ela balançou a cabeça. — Se estiver bloqueado, tem estado impedido por

uma razão.

Contra alguém.

— Então podemos pegar uma chave daqui para usar com o portal dos Imensuráveis? — E

se eles conseguissem sair deste Inferno vivos, ele a arrastaria para o Lugar Profundo também?

Ele não sabia o suficiente sobre os perigos de Pandemonia para deixar Melanthe escondida, o que significava que ela teria que acompanhá-lo até outro covil de demônio, sem qualquer reconhecimento antecipado. Quem sabe para o que ele poderia estar levando-a?

A única outra opção seria passar vários dias mais no inferno. Longe de sua casa, sua âncora.

Eu ao menos reconhecerei a mim mesmo?

Sem mencionar que ele não poderia esperar mais tempo para reivindicar Melanthe. —

Procuraremos pela chave, então. Nós a acharemos. Matarei qualquer demônio que entrar no nosso caminho.

— Espera aí, tigre. Quando foi a última vez que você comeu? Ou dormiu? Estamos saindo de uma estadia em uma prisão, se lembra? Deveríamos pelo menos achar comida e água. Talvez passar o dia nos recuperando. Podemos retornar quando eles voltarem para o campo de batalha.

Ele não podia discutir com a lógica dela. — Muito bem. — Ele a guiou em direção à saída que sentiu o cheiro.

Através de uma ponte de pedra estreita, ele viu uma abertura. Raios de luz solar turvos oscilavam através dela.

Eles estavam quase atravessando a ponte quando um demônio Volar desceu dentro da área logo abaixo, começando a remover pedaços de sua armadura.

Thronos e Melanthe achataram-se contra a parede de uma alcova.

Eles não poderiam alcançar a saída sem serem vistos por aquele Volar. Thronos poderia levá-los, mas não antes que o macho desse o sinal de alarme.

Olhe Thronos, seu irmão perdido a um longo tempo.

Mais telepatia? No entanto ela soava quase travessa, assim pode perdoar a intrusão, assim como a insignificância.

127

Quando ela encontrou o comprimento da pedra na alcova escura e sentou-se, ele cautelosamente juntou-se a ela. Das sombras, ele inspecionou o Volar. Seu tipo tinha características em comum com os Vrekeners, ele supunha. Suas asas eram semelhantes na forma, com linhas de pulso brilhantes e suas garras eram iguais. Mas o Volar tinha apenas dois chifres, e suas asas completamente negras.

O demônio compassou pela área, parecendo aguardar alguém. Momentos mais tarde, uma pequena demônio de subespécie indeterminada apareceu. Eles correram um para o outro e começaram a se beijar.

Thronos virou a cabeça, mas Melanthe se debruçou para frente com ânsia. *Um encontro secreto! Oh, maldito Thronos. Estamos presos aqui até que eles tenham terminado.*

— Eles não estão prestes a... aqui?

Ela sorriu maliciosamente.

— Vire-se, Melanthe. — Assistir um offendment...

Você nunca assistiu?

— Isto não se faz!

Com as palavras baixas de Thronos, o Volar nitidamente virou, esquadrinhando as sombras.

Thronos segurou a respiração até a companheira do Volar chamar a atenção do macho de volta para ela.

Eu poderia ler a mente dele também.

Thronos queria dizer-lhe para ignorá-los, para pensar sobre qualquer outra coisa, mas ele não podia arriscar o som.

Este Volar é o líder dos Infernais e é novato no campo de batalha. Ele agradece aos deuses por sua companheira, roubada durante uma invasão ao Imensurável. Se não fosse ela, ele não encontraria o fogo do dragão.

Entretanto estava tudo muito bem, Thronos precisava de informações pertinentes. Ele não podia acreditar que estava para fazer isto, mas... abaixou suas proteções contra Melanthe, o que chamou a atenção dela. Então ele pensou nas palavras: *Você pode me ouvir?*

Ela sorriu suavemente. *Gosto de conversar com você deste jeito.*

Você pode descobrir por ele onde está a chave?

Isto é praticamente a última coisa na qual ele está pensando agora! — Ela se abanou.

O Volar e a demônio começaram a se beijar até mais apaixonadamente, fazendo Melanthe suspirar. Quando o macho murmurou em Demonish, ela traduziu. *Ele disse a ela que a ama, e não poderia resistir a este inferno sem ela. E ela disse que se sente do mesmo jeito! Eles estão desesperados um pelo outro.*

128

Ela não é nenhuma guerreira. Deve ter sido uma seguidora de acampamento. — Uma prostituta.

E daí? Ela está com ele agora.

Mas ele sabe que muitos outros viram sua companheira. Eles a tocaram e deram-lhe prazer.

Você pensa que isto importa para ele?

Thronos sabia que isto era um terreno perigoso, mas respondeu honestamente. *Não posso ver como não seria.*

Não seria porque ele obviamente conhece a verdade realmente. A honra não vai para o primeiro macho que ela levou para a cama; vai para o último macho, com o qual passará a eternidade. Ele. Ele provavelmente caminhará ao redor deste lugar sentindo-se com três metros de altura, superior a tudo.

Thronos nunca pensou sobre isto deste modo. *Eu serei o último macho que você levará para cama.*

Isso veremos. Ela virou-se para ele com uma careta. Sabe, lá em cima, no céu, eu tenho certeza de que as coisas fazem sentido e todos agem como é esperado deles, e as surpresas são poucas. Mas fora do céu, a vida pode ser confusa, dolorosa e terrível. Então a maior parte de nós gosta de ter prazer onde podemos encontrar. Ela o alfinetou com um olhar. E não julgamos qualquer um que faz o mesmo.

Poderia Thronos nunca achar prazer onde o encontrasse? Por um momento, considerou o quanto a vida seria fácil se ele fosse um mero demônio. Aquele Volar poderia acasalar com sua fêmea sempre que sentisse desejo de gozar. Ele não tinha que se preocupar sobre leis, ou expectativas ou os Contos dos Troth.

Como um demônio, Thronos poderia perdoar a devassidão de Melanthe, porque não estaria em posição de julgar. Assim que a levasse para o Inferno, ele poderia encontrar um lugar para assumir seus deveres de demônio. A ideia de reivindicá-la neste longo dia, sem repercussões, era tão sedutora que quase gemeu de desejo.

Seu eixo doía por ela, seus chifres também. Uma parte dele se perguntava, *Por que lutar com algo que necessitava tanto?* Sua companheira estava necessitando também. Ela estava no seu período, e ele tinha um instinto direcionado ao prazer dela.

Um gemido tirou a atenção dela do casal. Ele mantinha os olhos sobre ela.

Eles estão tão apaixonados. Anseio emanava dela.

Ela tinha dito que o ouro era “tão bonito quanto o amor”. Ela queria o amor para si mesma?

129

Sua companheira era tão contraditória. Ela estava endurecida pela violência e morte. Mas ele também viu a alegria dela no templo e agora seu desejo.

Como uma menina, ela tinha sido pensativa e gentil. Seus olhos normalmente estavam iluminados com diversão, especialmente quando o provocava, fazendo-o rir de si mesmo. Todo os dias ele vinha da melancólica Skye para aquele prado, para levitar e brincar. Eles se adaptaram tão facilmente juntos.

Alegre, gentil, pensativa. Ela poderia ter retido aquelas características depois de tudo o que passou?

Antes de considerar as palavras, ele perguntou, *Você já se apaixonou?*

Nunca conheci o amor romântico.

Isto o surpreendeu. Com nem um único dos machos com quem ela esteve?
Por quê?

Com uma sobrelanceira levantada, ela respondeu, *Não encontrei meu futuro marido ainda.*

Você não sabe o quão errada está sobre isto.

Humm.

Que tipo de resposta era esta? Fêmea irritante!

O dois abaixo começaram a fazer sons desenfreados de paixão. Isto também lhe pareceu estranho, já que Vrekeners eram... discretos quando acasalavam.

Enquanto Melanthe assistia, as pálpebras dela ficaram mais pesadas. *O que estava a afetando assim?* Amaldiçoando sua fraqueza, ele deu uma olhada.

A demônio tinha suas pernas e braços enrolados em torno do Volar, enquanto ele apalpava o rabo dela por baixo das saias longas. Esta era a mesma posição que Thronos e Melanthe ficaram repetidamente! Ela estava imaginando Thronos acariciando-a e apalpando-a?

O Volar tomou os lábios da fêmea em um beijo profundo, então os aliviou no chão de forma que ela ficasse montada nele. *Como Lanthe tinha estado montada em mim, as elegantes coxas dela flexionadas ao redor de minha cintura.* O Volar mexeu algo por baixo da saia da demônio, então com suas próprias calças. Erguendo a fêmea, ele lentamente a abaixou, rosnando com prazer.

Nisto, Melanthe avançou ainda mais, colocando a mão espalmada no banco de pedra.

Tinha ossos pequenos e era pálida. Não aquela que trazia cicatrizes.

Ele moveu sua própria mão para mais perto. *Conte-me com quantos você fez isto.* Desde que ela tinha se recusado a dizer um número antes, sua imaginação estava desenfreada.

Isto? Eles estão fazendo amor, então minha resposta é nunca. — Antes de ele poder discutir, ela disse, *Há uma diferença entre sexo e fazer amor.*

130

Ele ouviu isto ser dito, claro. Mas não tinha nenhuma experiência. Entretanto estava desesperadamente curioso sobre o que ela considerava ser diferente, não queria destacar sua própria ignorância de tais assuntos.

Quando o Volar falou, Melanthe traduziu novamente. *Ele disse que esteve pensando nela a noite toda, querendo apenas voltar para ela.* Com um sorriso, ela adicionou, *Ele disse que será carinhoso com ela tanto quanto ele possa.*

E depois o que? Thronos recusando-se a lhe perguntar, e ele acabou dizendo, *Fêmeas parecem ternas.* Não era uma pergunta embaraçosa; meramente uma observação.

Humm. Às vezes.

Feiticeira enigmática!

Ela arqueou as sobrancelhas para ele. *Eu deixaria que meu companheiro soubesse exatamente o que desejo a cada passo do caminho. Ele nunca teria que se preocupar quanto a isso.*

Ela queria dizer ele ou os machos em geral? Uma das razões que odiava o passado dela era porque não tinha nenhuma experiência. Se ela o comparasse a outros amantes, como ele podia inocentar-se também?

Ainda se ela lhe dissesse exatamente o que procurava... *Quando você me disser o que deseja, eu lhe darei isto. Qualquer coisa.*

Ela tinha avançado a mão para mais perto da dele? *E sobre offendments? Alguns dos atos que eu poderia almejar não tem nada a ver com procriação.*

Com comentários como este, ela deixava a mente dele em chamas! *Ouvirei estes atos agora.*

Ela deu-lhe um sorriso misterioso que o deixou tenso tanto quanto suas palavras tinham.

* * *

Desde que Thronos a capturou, Lanthe viu facetas completamente novas nele, e cada uma a confundia mais.

Um Senhor da Guerra com dor, rugindo em uma tempestade de raio.

Um demônio dominante no templo.

Um protetor que a salvou de dragões.

Agora ela podia sentir o conflito dentro dele. Sua curiosidade sexual e impulsos negados há tanto tempo, o aferroavam para aprender sobre seus próprios desejos, e observar outros, entretanto ele acreditava que isto era proibido.

O quão chocante estas visões deveriam ser para ele! *Acho que meu anjo é um voyeur iniciante.*

131

Você me conduz a um caminho sombrio, feiticeira. Thronos pareceu surpreso que realmente estivesse observando, mas desesperadamente intrigado.

Você realmente nunca viu outros no auge? As mãos deles sobre o banco estavam se aproximando mais.

Nunca. Eu me virei todas as vezes. Seu dedo mindinho roçou o dela, e até aquele pequeno contato disparava correntes em sua pele.

Então por que está olhando agora?

Porque me vejo como ele e você como ela. Porque sofro por aquilo que quase aconteceu naquele templo.

A demônio gemeu ruidosamente. As garras do Volar cavando o chão rochoso.

Lanthe engoliu em seco. *O que você planejou fazer comigo?*

Pela primeira vez em minha vida adulta, não há nenhum plano, apenas impulsos. A mão de Thronos de repente cobriu as dela. As dele estavam quentes, ásperas e calosas.

Ela o encarou. Os cabelos escuros e espessos caíam sobre a testa, quase alcançando seus olhos vívidos. A cor deles era igual ao minério que derramava da montanha.

Prata derretida iluminada pelo fogo.

Sua camisa se agarrava aos ombros largos e ao tórax musculoso. Sua normalmente apertada mandíbula estava relaxada, a linha sombria de seus lábios suavizada, permitindo-lhe um vislumbre de sua verdadeira fisionomia: máscula, irresistível, digna de suspiros.

Seu coração tamborilou. Irresistível Senhor da Guerra.

O rosto dele estava corado com a excitação, como se tivesse acabado de descobrir a paquera.

Oh, espere. Ele provavelmente tinha.

O que você teria me permitido no templo, Melanthe?

Ela sentiu como se estivesse ofuscada, perdendo quaisquer inibições que pudesse ter com este macho. Pela forma como ele encarava os olhos dela, sabia que eles estavam metálicos, coloridos com o desejo dela. *Honestamente não sei.*

Ele franziu o cenho, quando ela puxou a mão para longe.

Se eu baseasse minha decisão apenas pela atração física, então... Ela virou a palma da mão e abriu os dedos para ele.

Ele perdeu o fôlego. A mão dele disparou para a dela, os dedos entrelaçando.

Eles se encaixavam... perfeitamente.

132

Você teria me recebido? Separado suas coxas para mim? Ele pressionou sua palma na mão dela, aumentando seu aperto tão sensualmente.

Ela mordeu o lábio inferior. *Isto não é baseado apenas em atração física, é?* Como poderia o simples contato das mãos deles deixá-la tão excitada? Seus mamilos endurecidos, seu sexo ensopado.

Desviando o olhar dos dele, ela virou-se em direção ao casal. O Volar lançou à sua demônio um aberto olhar de adoração. Agarrando os seios dela, ele contraiu o quadril, balançando a fêmea entusiasmada.

Será que Thronos percebeu que tinha começado a esfregar a mão contra a de Lanthe, em sincronia com as estocadas do Volar? As mãos deles estavam quentes com a fricção, e cada movimento de Thronos enviava prazer

ondulando pelo corpo dela.

Ela exalou uma respiração trêmula. Será que ele poderia fazê-la gozar com isto? Um significado completamente novo para o termo trabalho com as mãos...

Ela o pegara olhando para ela, enquanto observava; então olhara para ele enquanto seu olhar chamejante assistia a cena. Uma vez que estavam se comunicando telepaticamente, era fácil deslizar nos pensamentos dele.

Ele estava relutantemente apreciando esta espiada, porque ela obviamente o fazia, mas também porque era um segredo maldoso entre eles, algo que estavam fazendo juntos. Ele queria mais segredos entre eles. Ela escondeu um sorriso quando pegou outros pensamentos dele. Ele estava perguntando-se quanto mais seu eixo inchado poderia machucá-lo, tinha que haver um limite.

Oh, havia! Eles descobririam isto juntos?

Quando a demônio pegou os chifres do Volar nas mãos, Thronos soou como se tivesse abafado um gemido. *Você fez isto comigo antes.*

Você gostaria que eu fizesse novamente?

Hesitação. Em seguida, *Não posso mentir. Gostaria muito disso. Suas mãos macias em mim, manuseando-me.*

Mesmo com o canto dos olhos, ela viu o pulsar do membro dele dentro das calças. Seu sexo apertou em reação.

Quando o Volar rasgou a blusa camponesa da demônio para sugar um seio, as pálpebras de Lanthe ficaram pesadas, seus próprios seios incharam no bojo de seu peitoral.

Thronos moveu a mão na dela mais rápido. *Faria aquilo com você a cada oportunidade.*

Mataria para fazer isto agora.

Ela virou-se para ele, encontrando seus olhos fascinantes cheios de promessas. De alguma maneira ele estava seduzindo-a. O virgem estava seduzindo a sedutora!

133

Se ele tinha este poder sobre ela, e fizesse um movimento para reivindicá-la, como poderia resistir a ele? Durante este período, isso poderia significar um desastre!

Grávida do bebê de Thronos Talos? A ideia era muito louca até para contemplar.

Quando a demônio gritou, tanto ela quanto Thronos viraram para o casal.

O Volar posicionou sua fêmea de quatro, erguendo sua saia. Ele tomou-a com ternura, tanto quanto podia, mas agora sua natureza de demônio estava claramente à frente. Com um empurrão animalesco, ele a penetrou por trás, produzindo um gemido sensual. Depois de cada estocada, ele usava as asas para puxar seu corpo para trás, assim ele podia mergulhar para frente novamente. E novamente.

Eu poderia pegar você deste jeito.

Ela mal conteve um gemido. *Se você apenas olhasse para mim como ele olha para ela, eu consideraria isto.*

Quando os dois abaixo gemeram e grunhiram em abandono, o ritmo deles atingindo o auge, Lanthe enfrentou Thronos.

Ela sentiu-se tonta com a excitação, desejando-o mais do que jamais pensou ser possível.

Preciso beijá-la, Melanthe.

Irresistível. Ela estava assentindo?

Pelo menos aqui, eles não poderiam fazer qualquer coisa mais que beijar. As coisas não poderiam sair do controle.

Nosso primeiro beijo verdadeiro. Os lábios dele estavam a centímetros dos dela...

Um grito da Demonish soou. Ela ofegou. Um par de sentinelas blindados os tinha descoberto.

134

VINTE E TRÊS

— Vamos! — Thronos pegou Melanthe nos braços, carregando-a em direção à ponte e à saída que cheirou.

— Minha espada! — Ela estava tentando alcançá-la.

— Não temos tempo. — Disse enquanto corria, estourando pelo lado de fora. Esta era uma continuação da mesma rota na montanha onde se esconderam antes? Com mais dragões famintos? *Não posso voar antes de ter certeza.*

Uma densa folhagem negra e prata se estendia pelo caminho, formando uma cobertura desde cima, o sol nebuloso por fim havia se levantando.

Enquanto corria impetuosamente pela montanha, Melanthe olhou por cima do ombro. —

Mais estão vindo!

Ele olhou para trás. Dois se converteram em meia dúzia. Eram demônios pathos robustos, uma raça malvada. A armadura deles podia entortar suas garras.

— Onde vamos?

A trilha conduzia à um vale arborizado entre os dois lados irregulares. — Há uma selva aí abaixo. Poderíamos nos esconder entre as árvores.

— Está se dirigindo à uma floresta em Pandemonia?

— Tem uma ideia melhor? — Quanto mais baixo descessem, mais perto do

rio de lava ficariam. O suor brotava dele, as cinzas secavam sua boca. Os demônios estavam em seus calcanhares.

— Sinto como se estivesse cozinhando!

— Quase chegamos. — A trilha finalmente se desviou da lava, conduzindo diretamente para a selva.

Enquanto ele e Melanthe se aproximavam da borda do mesmo, disse, — Estão muito perto! Não poderemos despistá-los.

— Então posso lutar. — Deixou-a, preparando-se para lutar contra os sentinelas. — Fique atrás de mim. Mas fique perto. — Ele virou-se para enfrentar os guerreiros que os perseguiam, posicionando suas asas abertas.

Pelo canto do olho viu duas marcas no mármore que ladeava o caminho. Mas não podia desviar sua atenção para ler os glifos.

Espadas foram desembainhadas, os sentinelas se alinharam.

Pararam na frente dele, justo fora do alcance. Justo na linha das marcas.

135

— Vamos então! — Ele abriu as asas, antagonizando. — Lutem comigo! — Mas eles não cruzaram aquela linha, viraram e murmuraram.

Assim que havia algo neste bosque que inclusive estes demônios temiam?

Um instante depois, ouviu um zumbido ensurdecador acima deles deixando-os arrepiados com sua intensidade! Melanthe gritou. Ela estava fugindo dele?

Ele deu a volta, viu em enxame negro passando através da copa das árvores, como se estivesse sendo derramado.

— Espere Lanthe! — Gritou enquanto corria atrás dela. O enxame já estava entre eles, uma multidão de vespas negras grandes com ferrões venenosos.

Seu zumbido parecia vibrar o mundo inteiro, como se o cérebro tivesse se

transformado em purê.

BUZZZZZZZZZZ

Melanthe colocou as mãos nos ouvidos, ainda a toda velocidade no caminho.
— Não posso suportar este som!

BUZZZZZZZZZZ

Usando suas asas para bater nas vespas, lutou para atravessar a nuvem e chegar até ela, reprimindo um grito com cada picada que apunhalava sua pele!

E este som estava a ponto de deixá-lo louco.

Aproximando-se dela, esteve a ponto de tropeçar em outras marcas no mármore ao longo da rota que dizia:

A PRAGA QUE ERA...

O que significava isso? *Maldito lugar confuso!* Ele se colocou sobre Melanthe, prendendo-a dentro de suas asas ao chocar contra o chão.

BUZZZZZZZZZZ

Inclusive com suas asas protegendo-os, o som era ensurdecedor.

—Thronos, eu... não posso! Há muito barulho. Minha cabeça!

BUZZZZZZZZZZ

Envolveu os braços ao redor do corpo trêmulo dela. — Shh, shh, eu sei... — Como demônios iria tirá-la dali? Quando mal podia pensar com este som?

No entanto, então... diminuiu.

Já tinham ido embora? Levantou a cabeça para olhar.

136

A massa negra imponente parou diante das pedras, flutuando no ar como se houvesse uma linha imaginária que não podia cruzar.

Logo começaram a se dissipar, seu zumbido retrocedendo.

Olhou para as pedras, onde estava escrito:

A PRAGA QUE É...

Ele se levantou sobre ela. — Melanthe? Está bem?

Entre respirações ela disse. — Minha cabeça ainda sente como se um martelo tivesse caído sobre ela.

Ficou em pé, ajudando-a a se levantar. — Foi picada? — Enquanto ele a

olhava, passou as mãos pela própria pele para arrancar os ferrões.

— Algumas vezes antes de fugir. — Arrancou os ferrões de seus braços, deixando marcas vermelhas. — Porque pararam?

— Acho que tinha razão sobre a existência de armadilhas em todo este reino. Estou começando a pensar que há um mosaico de zonas de perigo e chegamos na margem de uma. — O

que não daria por um mapa!

— O que diz as marcas?

— De um lado: “A praga que era”. Do outro: “A praga que é”.

Afastou o cabelo dos olhos. — Soa como sinais de tráfico demoníaco. Como, se voltarmos à área do enxame, as placas diriam: Cuidado zona perigosa.

— A praga se foi porque saímos da zona de perigo?

— Apenas para entrar em outra? — Perguntou ela com o rosto pálido.

Percebeu que ela não estava suando. Com este calor? Não era bom. Não era esse um sintoma de calor?

Sentia cheiro de água, mas estava longe, vários quilômetros de distância. Ainda que a maioria dos imortais pudesse ficar sem água durante dias, ela não era como a maioria dos imortais. Lembrou-se da frágil criatura que era, aproximou-se. — Vem aqui, Melanthe.

— Estou bem.

Ignorando seus protestos, pegou-a nos braços e a apertou. Começou a caminhar pela trilha, tentando minimizar o puxão em sua perna. Com cada passo, ela relaxava um pouco mais em seus braços. As vezes, ela se queixava dizendo que podia caminhar por sua conta.

— Porque não descansa? Temos um longo caminho até a água. — Talvez não haveria sequer nada por perto para a feiticeira comer. Ela comeu tudo o que

tinha.

137

Isso foi há duas noites?

Neste curto tempo, ela aproximou-se dele, até que seus pensamentos e emoções eram um caos. — Tente dormir, Melanthe.

— Enquanto me carrega? Quando estamos em um lugar cheio de serpentes do pântano, demônios, dragões e pragas?

— Vou cuidar de você.

— Há. Nunca, não vai acontecer...

Dez minutos mais tarde, ela estava apagada, a cabeça contra o peito dele, as mãos contra ele. Dormiu em seus braços, e sentia-se como um de seus maiores feitos.

Sem dúvida, isso significava que confiava nele? Enquadrrou os ombros. Ela acreditava que ele a manteria a salvo contra todos os perigos que o rodeavam.

Ele franziu o cenho. Ou então ela estava esgotada pelo calor.

Interiormente espantado com este pensamento, ele olhou o rosto relaxado dela, com os lábios entreabertos no sono. Esta não era a primeira vez que observava seu sono. Quando eram jovens, se encontraram em um prado, olhando para as nuvens tentando identificar suas formas.

Às vezes, ela cochilava nos braços dele enquanto ele levantava os cabelos negros dela ao sol para vê-los brilhar.

Seu passatempo com as nuvens sempre o fez sorrir porque pensava que todas e cada uma parecia uma criatura ou outra. “Está se parece com uma árvore.” Dizia. Ela respondia. “Ou um esquilo com em suas patas traseiras com a boca cheia de nozes.” Ele respondia. “Uma cabana com uma chaminé.” Suspirava. “Ou um coelho muito gordo. Com orelhas curtas.”

Uma vez que acordava de seu cochilo, levantava a cabeça de seu peito para dizer sonolenta. “Quando estamos separados, alguma vez olha para as nuvens? Alguma vez sente minha falta como sinto a sua?”

Mais Melanthe. Muito mais.

E isso o deixava em conflito. Thronos ouviu falar do efeito de uma companheira, a forma como a mera presença da companheira era um bálsamo para todos os males. Sua companheira era tão relaxante como um ciclone.

Depois do Inferno, sua frustração sexual habitual aumentou dolorosamente. Mas experimentou esta nova... fascinação pela mulher em seus braços. Ela era uma mulher com seus próprios desejos. Queria descobrir todos eles para que pudesse zombar dela e deixá-la louca por ele.

Ele a esteve ofendendo com frequência, mas não podia sentir pesar. Quando usou sua mão, foi o ato mais sensual que jamais desfrutou.

138

Ele ainda ardia pelo beijo que quase aconteceu. Neste momento, pensou que o queria tanto quanto a queria.

E depois disso? Inclusive mais delícias esperavam! *Se alguma vez me olhasse como eu a olho, talvez reconsideraria.*

Thronos predisse um futuro sombrio para eles. Mas poderia compartilhar prazer a partir disso?

Melanthe era miséria. De verdade pensou nisso apenas no dia anterior? Agora percebia, Melanthe era dúvida.

Sempre duvidou de suas crenças. Lembrou-se da época em que tentou explicar o que era para ele. Tinha apenas nove anos, no entanto ela questionou algo que pensou ser absoluto.

“Lanthe quando for mais velha, será minha.”

Ela piscou para ele sobre uma guirlanda que estava trançando. “Como

posso ser sua quando sou de mim mesma?”

“É minha companheira. Sabe o que isso significa?”

“Sorceri não têm companheiros.” Apontou.

“Mas você me pertence.”

“Isso não soa justo.”

“Isso... não soa?”

“Seremos melhores amigos. Isso soa mais justo.”

Agora que estavam juntos há três dias, ela o fez duvidar da palavra dos Vrekeners. Ele...

acreditava nela sobre os ataques.

Ele olhou a pálida mão sobre seu peito. Estas cicatrizes fracas ainda o enchiam de raiva. Ela disse que teve que reprimir seus gritos. Não entendia como pôde com tão pouca idade. Era porque cresceu acostumada com a dor? Ou porque tinha medo de ser descoberta?

Durante séculos, ele acreditou que sua existência estava cheia de jogos desenfreados, o sonho de feiticeira. Agora, sabia que passou anos com Omort e seus venenos foram infernais para ela. Fugindo dos ataques Vrekeners. Inferno.

Quando criança, Melanthe chorou por causa da morte de um coelho.

No entanto, ela teve que recolher o cérebro de sua irmã.

Talvez Thronos deveria se considerar afortunado por ela não ter crescido cruel como os outros Sorceri que conheceu fora dos Territórios.

Mas cruel ou não, uma vez que recuperasse a persuasão, usaria contra ele. A

qualquer dia, qualquer hora, sua feitiçaria voltaria e ele estaria indefeso contra ela.

Se pudesse chegar à Skye antes deste momento, ele poderia usar a habilidade de uma das quatro foices de fogo de seu povo.

Ela teria ainda mais razões para odiá-lo, mas ele nunca a perderia novamente.

Tão logo como o pensamento surgiu, também surgiu culpa. Ainda que os Vrekeners não acreditassem que um poder poderia ter uma alma, Melanthe sim. Nunca poderia fazer isso com ela. O que o transformava em um grande hipócrita. Ele era quem a pressionava para usar feitiços, com o fim de salvar vidas.

Com a volta iminente de sua persuasão, sua única esperança seria convencê-la de não usá-

la contra ele. Ele exalou. Em outras palavras, ela o faria em sua primeira oportunidade.

Como conseguir que fosse para casa com ele e ficasse ali?

Seu coração acelerou quando percebeu a resposta: ela ficaria com o pai de seus filhos.

Ela estava no período fértil agora. Quem sabia por quanto tempo?

Sim, engravidá-la seria um grande offendment, mas em tempos desesperados...

Inclusive se conseguisse escapar para Rothkalina, Thronos ainda teria a esperança de voltar a vê-la. Ainda que Rydstrom, O Bom, fosse um demônio, ele nunca iria fechar as portas de seu reino para um pai procurando ficar perto de seus filhos.

Thronos podia entrar em Melanthe. Esta noite. A chave para o portal poderia esperar... até que ele a fizesse sua.

Estava sucumbindo a este pensamento porque era uma possibilidade? Ou

porque a desejava tanto que estava disposto a fazer qualquer coisa para tê-la?

140

VINTE E QUATRO

Lanthe abriu suas pálpebras para encontrar Thronos olhando para ela com uma expressão curiosa no rosto. Ela não podia acreditar que desmaiou. O ritmo de sua respiração a acalmou, assim como voar com ele na ilha tinha feito.

— Quanto tempo fiquei apagada? — Embora ainda estivesse com sede e com fome, ela se sentia descansada.

— Umas duas horas.

— Me sinto melhor agora. — Seus vergões já haviam desaparecido. — Eu posso andar.

Com clara relutância, ele a colocou em pé, equilibrando-a com sua grande mão no ombro dela. Ela olhou ao redor. Eles estavam em uma floresta densa, cercados por árvores tão grandes, que faziam sequoias parecerem mudas. Elas deviam ser Moonrakers, um tipo frequentemente encontrado nos planos dos demônios.

Não só a pedra deste reino era preta, mas também a maior parte da folhagem era ônix e prata. Até mesmo a casca lisa dos Moonrakers era negra.

Embora houvesse pouca luz solar, apenas alguns raios furtivos atravessavam as copas das árvores, flores enormes cresciam em profusão, sutilmente perfumando o ar.

Ela inspecionou uma flor. Suas grandes pétalas escuras eram brilhantes e estavam abertas.

No centro havia um pistilo prata do tamanho de um taco de beisebol. Seu pólen brilhava como pó de ouro branco.

Outras plantas tipo salgueiro-chorão balançavam acima dela, as folhas prateadas refletiam o brilho do sol, como os mosaicos das asas de Thronos

faziam. Como uma feiticeira obcecada por metal, Lanthé achou esse local hipnotizante, mas sua atenção não podia desviar-se dele por muito tempo.

Como no templo, ela se virou das infinitas maravilhas para encará-lo, um imponente Senhor da Guerra Vrekener que não poderia intrigá-la mais.

— Então, há alguma nova ameaça com a qual deva me preocupar?

Ele balançou a cabeça.

— Quando foi a última vez que você dormiu por mais de uma ou duas horas?

— Antes de ser capturada três semanas atrás. E você?

Ele deu de ombros.

— Semanas.

— Então o que nós faremos agora?

141

— Eu tenho acompanhado este caminho coberto mais fundo para dentro da floresta, em direção ao cheiro de água. — Ele disse. — Há presas ao nosso redor. Eu poderia pegar alguma coisa, mas duvido que você comeria.

— Como da primeira vez que você tentou conseguir comida para mim?

Todos estes anos depois, ele brincou, — O coelho me viu chegando.

Uma gargalhada escapou de seus lábios tão rapidamente, tão inesperadamente, que ela quase bateu as mãos sobre a boca.

— Muito cedo?

Outra piada! E mais...

— Você se lembra!

— Tudo. — Ele estendeu a mão, colocando uma de suas tranças atrás da orelha.

Por que ele estava sendo tão bom para ela? Teria ela o enganado tão rapidamente? Ela ficou inconsciente por algum tempo!

Ele inclinou a cabeça para ela e continuou andando, parecendo perdido em pensamentos.

As sobrancelhas dela se uniram quando seus sentidos de ouro alfinetaram novamente. Eles tinham saído do Inferno, mas ela pensou que a proximidade com o templo ainda estava mexendo com seus sentidos. Agora, ela olhava ao redor procurando a fonte. Seu olhar sempre voltava para Thronos.

Ela apostaria seu melhor elmo que este Vrekener tinha ouro nele. Mas como?

Os olhos dela se arregalaram. Será que ele havia recolhido aquele medalhão? Se fosse assim, e se desse a ela esta noite...

O Vrekener iria se dar bem.

Não, não! Nenhum sexo com Thronos. *Lanthe má!* Limpando a garganta, ela disse, — Um Karat por seus pensamentos. — Quando ele hesitou, ela perguntou, — Você está se debatendo pelo que vimos?

— Não tanto quanto eu deveria.

— Pergunta: Pessoas como você e eu são chamadas *offendmenters*⁴?

— Pode se divertir, feiticeira. — Ele disse, sem calor.

— Sempre. Então, hoje à noite nós roubaremos uma chave e usaremos um portal?

— Isso é o que tínhamos discutido.

4 Pessoas que cometem *offendements*, delitos, ou seja, pessoas infratoras.

— Mas, o Thronos angelical não se recusa a roubar? — Ela perguntou em um tom brincalhão. — Eu lembro de uma vez que pedi para você roubar para mim. Você ficou com vergonha de mim, empinou seu nariz e disse “eu nunca tomarei o que não me pertence”.

— Você me pediu para esvaziar os cofres de Skye Hall!

— Qual é o seu ponto?

Ele abriu a boca para explicar, então deve ter percebido que ela estava brincando.

Mais ou menos. — Se abrirmos um portal, como você confiará em mim para não direcioná-

lo para Rothkalina?

— Você tentou um para Rothkalina da última vez e nos trouxe para Pandemonia. Eu acredito em que você apontará para o reino mortal. É um alvo muito maior. De lá posso voar para Skye.

— Ainda disposto a me levar para o céu? Veja, não estou dizendo que nunca irei para sua casa. Claro, não estou desdizendo isto também.

Ele levantou suas sobrancelhas.

— Nós só podemos casar lá. Eu devo reivindicar você na Cama de Troth, minha cama eterna.

Ela sabia de algumas facções que tinham a mesma tradição, basicamente as que não estavam sempre lutando por sua própria sobrevivência. Quando um macho nascia, uma cama era criada para que ele dormisse por toda sua vida e, eventualmente, trouxesse sua companheira para ela.

— O que a cama tem a ver com o casamento?

— É assim que o Vrekeners se casam. Quando eu reivindicar você no Cama de Troth, estaremos casados.

— Nenhuma cerimônia com milhares de pessoas? Nenhum vestido maravilhoso e presentes de ouro? Nenhuma comemoração com muito vinho doce?

— Nós não precisamos de uma cerimônia. De qualquer forma, minha casa é o único lugar onde sei que posso mantê-la segura.

Hunf.

— O que alguém como eu comeria lá em cima? — Vrekeners eram onívoros, mas preferiam carne.

— Nós temos uma ilha inteira dedicada ao cultivo. É a única que paira abaixo das nuvens.

— Eu ouvi dizer que é sóbrio lá em cima. No Castelo Tornin, eu vivo no luxo absoluto, com todas as comodidades modernas.

143

— Não sei o que são essas comodidades modernas, Melanthe.

Ela suspirou. É claro que ele não sabia.

— São coisas as quais não poderia viver sem. — Lanthé e Sabine tinham sofrido um período de vacas magras nos primeiros anos de suas vidas e sentiram que mereciam ser mimadas. Agora que Lanthé tinha partido de sua torre do castelo para a prisão da Ordem, para viver sem seu conforto básico, no inferno, a feiticeira gananciosa que existia nela exigia que retornasse à seus mimos. — Se seu reino está acima das nuvens, isso não o deixaria mais alto do que a mais alta montanha mortal? Vrekeners podem estar acostumados com a altitude e as mudanças de temperatura, mas eu iria sofrer. Outros Sorceri devem sofrer.

— De modo algum. As mesmas forças e guardas que escondem os Territórios e mantêm as ilhas juntas, fornecem ar respirável e calor.

— Forças e guardas? Parece magia para mim. Aposto que em algum momento de sua história, um Vrekener era íntimo com um de nós.

— É possível. — Ele admitiu. — Temos máquinas que podem mover e moldar as ilhas, e engenheiros para manipular as máquinas, mas não sabemos qual é a fonte do poder.

Interessante. Ela imaginou engenhocas à vapor movidas por feitiçaria. Em outra vida, ela poderia ter gostado de ver tal coisa. *Mas nesta vida...*

— Só porque não quero ir para Skye não quer dizer que não possamos namorar. Se você me acompanhar até Rothkalina, eu poderia apresentá-lo à adoráveis dragões.

— Se eu chegar a considerar isto, então saberei que você está me enfeitiçando, — disse ele. — Sua irmã iria conspirar para me matar no segundo em que eu entrasse nesse reino. Você esquece que testemunhei a manifestação dos poderes dela.

Quando Sabine tinha obrigado o pai de Thronos a ver seu pior pesadelo. O quer que ela tivesse mostrado a ele tinha feito com que o homem enfiasse as garras nos olhos.

— Sua irmã não parece ostentar sequelas das... mortes.

— Não é de se surpreender, elas a deixaram enfraquecida, indiferente à tragédia.

Quando Lanthe a acusara de não se preocupar com nada, Sabine tinha respondido, “Isso não é verdade. Eu me preocupo muito com nada.”

Lanthe acrescentou:

— Pelo menos, ela era indiferente antes de Rydstrom aparecer. Mas ela tece ilusões sobre seu rosto, então raramente sabemos o que ela está sentindo.

— Quantas vezes ela morreu?

— Mais de uma dúzia. Nem todas pelos Vrekeners. — Quando ele ergueu as sobrancelhas, ela admitiu, — Sorceri conspiraram contra ela. Os humanos a executaram por ser uma bruxa. E

assim por diante. — Ela fez uma pausa e depois disse, — E quanto ao seu próprio irmão? Será que ele não irá conspirar para me matar? *Poderia muito bem estar considerando isto.*

— Aristo? Admito que ele odeia os Sorceri. É a causa de muita discórdia entre nós.

— Então ele é como seu pai?

— Sim. Mas se Aristo prejudicar você, a mulher predestinada de seu irmão, seria como me prejudicar. Seria como matar meus futuros filhos. — Ele segurou o olhar dela. — Nós consideramos companheiros sagrados.

Thronos nunca vai acreditar em mim. Lanthe lembrou de Sabine se lamentando de que ela não conseguia fazer o guerreiro Vertas, Rydstrom, confiar nela, só porque tinha sido uma jogadora Pravus que mentiu para ele e o enganou para encarcerá-lo no calabouço. Sabine suspirou, “Como eu saberia que agir como minha palavra fosse algo bom?” *Eu ouço você, irmã.*

— Tio Aristo aceitaria seus futuros filhos? — Lanthe perguntou. — Você deixou claro que o sangue Sorceri seria um prejuízo para qualquer criança que tivéssemos.

— Eu estava com raiva quando disse isto. Eu não amaria menos um mestiço.

— Mas outros poderiam tratá-los com desprezo.

O rosto de Thronos ficou frio e objetivo.

— Não vou tolerar o menor desrespeito aos nossos filhos.

Nossos filhos. — Você não está preocupado com a insanidade que mancha minha linhagem?

Ele esfregou as mãos sobre o rosto.

— Mais uma vez, eu estava com raiva quando disse isso.

— Era verdade. Minha mãe não estava bem. Comigo, você corre o risco de ter filhos loucos.

— Eu a encontrei uma vez.

— O quê? Quando?

Ele contou a ela sobre o breve encontro, quando ele tinha visto a mãe dela adorando o ouro. Ela o havia chamado “olhos de águia”.

— Espere, Elisabet sabia que eu estava vendo você?

Ele acenou com a cabeça.

— Sua mãe era inofensiva, Melanthe. No entanto, meu pai assassinou os pais de minha companheira. — Os olhos de Thronos ficaram foscos. — Eu olhei para ele naquela noite na abadia e vi um estranho. Eu sofria por sua morte, mas deuses, eu o culpava. Eu perdi você por causa dele.

— Ele olhou para cima bruscamente, como se não tivesse a intenção de dizer tudo isto.

145

— Por que você não me contou sobre minha mãe?

Limpando a garganta, ele disse, — Eu queria. Mas nunca pareceu ser o momento certo.

Ela mal podia acreditar que sua mãe tinha conhecido esse segredo. Por que Elisabet não temia um ataque? Lanthé teria que perguntar para Sabine sobre isso.

— Os Sorceri mestiços têm poderes? — Perguntou Thronos.

— Normalmente, mas os Vrekeners roubaram tantos poderes que eles não estão reencarnando. As crianças nascem sem almas.

Seus lábios se estreitaram, mas as rodas estavam obviamente girando.

— Quantos anos você tinha quando descobriu sua persuasão?

— Era bem jovem. Eu disse a Sabine para fechar a boca. Ela não conseguiu abri-la por uma semana, nem mesmo para comer. Ela estava morrendo de fome, mas ninguém conseguia descobrir o que estava acontecendo com ela. Você sabe, esse tipo de coisa acontece com as crianças Sorceri.

Em vez de parecer horrorizado com a perspectiva, ele confiantemente disse,
— Nós podemos lidar com isso.

Foi então que ela percebeu o quanto mais estável e mais calmo ele tinha ficado desde a ilha. Ela apostaria que estável era o seu normal, a menos que ele suspeitasse que sua companheira tinha dormido com seu irmão entre sua série de outros homens.

Não queria dizer que ela não iria reclamar de suas besteiras.

— Oh, vamos lá, Thronos. O que você faria com jovens Sorceri? Se tivéssemos uma filha adolescente e sua saia fosse curta, eu acharia que seria ainda mais bonito se fosse mais curta.

Como você reagiria a isso? E se ela não tiver roubado ouro até completar doze anos, eu a colocaria na terapia.

— Você está exagerando.

— De modo nenhum. Você não iria saber de tudo. — Mas isso nem valia a discussão, porque se ela e Thronos acabassem juntos e ela ficasse grávida, a realidade se provaria muito diferente: Ela iria felizmente contar-lhe a boa notícia, blá blá blá. Ele ia perguntar-lhe se ele era o pai. Ela iria decapitá-lo em uma crise maníaca de raiva...

— Aproveitando o assunto Vrekener, você esperaria que eu me vestisse de forma diferente lá em cima?

Ele passou seu olhar sobre ela.

— Não atrás de portas fechadas. — Ele deve ter percebido que ela achou suas palavras censuráveis, porque ele acrescentou, — Eu tenho certeza que você

não gostaria de se destacar como a fêmea menos vestida nos Territórios.

146

— Você acabou de me dar um título a aspirar. E, além disso, atrás de portas fechadas eu não iria vestir nada.

Suas sobrancelhas se ergueram.

Ela bateu o queixo.

— A menos que eu esteja com vontade de vestir couro ou renda.

— Couro. — Ele engoliu em seco. — Ou renda.

Então, ela franziu a testa.

— Que história é essa de não ter telhados?

Parecendo ocupado com suas próprias imaginações, ele levou um momento para responder.

— Nós nos sentimos mais confortáveis com nada além do céu acima de nós.

— Sim, mas você não pode ouvir casais fazendo sexo o tempo todo?

Ele esfregou a nuca, como se a pele lá tivesse se aquecido.

— Estamos bem nestas questões.

Ela parou de andar.

— O que isso significa? Às vezes isso não pode ser controlado.

— Vrekeners tomam cuidado para não ficar muito... excitados.

— Eu não entendi. E quanto à jovens recém-casados com tesão? E quanto à você, Thronos?

Eu descobri que você quase dificilmente tem gelo em suas veias.

— Supõe-se que evitar atos verdadeiramente libidinosos ajude. — Olhando para ela, ele disse, — Eu já vi homens com marcas de mordidas em seus braços, de onde tinham abafado suas reações. Essa é uma prática bastante comum.

Ela sabia que estava chocada, mas isso era muito errado.

— Qual é o ponto, se você não ficará muito excitado? Eu acho que você nunca ouviu a frase

“fazer o teto tremer”? *Especialmente porque eles não tinham tetos.*

Vendo seu olhar vazio, ela disse, — Quando você joga sua cabeça para trás e ruge de prazer? Vamos, rugir não é apenas para a batalha. — Ou para desencadear a fúria de uma tempestade.

— Numa situação sexual, isso indicaria... uma significativa perda de controle.

Ela começou a reconhecer a expressão que ele tinha agora, que dizia: “Isto é contrário a tudo que sei. Mas, deuses, diga mais.”

147

— Se fizéssemos sexo, “muito animado” seria apenas o começo. — Ela explicou. — Em seguida viria o ponto sem volta, quando estamos com raiva de nossas roupas por ficarem no caminho e nossos quadris se moveriam por conta própria e nós não conseguiríamos nos beijar profundamente o suficiente e seus dedos apertariam as curvas da minha bunda e minhas unhas cravariam em seus músculos.

— E depois? — Disse ele com voz rouca.

— Em seguida, vem a parte realmente divertida do programa. — Ela estava se envolvendo nisso, saboreando a reação virginal do Vrekener: encantamento total. — A respiração ofegante, lambidas, bramidos, lamentos, sugadas, irracionalidade animalesca, prestes a explodir, entrar em erupção, morrer em êxtase.

Uma respiração aguda escapou dos lábios dele. Ela adorava o som que ele fazia.

— E depois?

— A última parte é difícil de colocar em palavras. É melhor explicar com exemplos. Vamos apenas dizer que seríamos tudo, menos quietos.

Quando ele tentou falar, sua voz áspera saiu um tom mais baixa. Ele tossiu e finalmente conseguiu, — Entendo.

Ela esperava que ele fosse fazer algum comentário sobre seu passado sexual, algo como:

“Com homens você bramiu? Será que todos eles fizeram você entrar em erupção com prazer?”

Mas ele não o fez, então ela perguntou, — E sobre os que voam?

— Huh? Oh. Não é educado voar sobre a casa dos outros.

— Ouvi dizer que todos os edifícios têm a mesma aparência e todas as paredes são brancas, sem cores para serem vistas.

— Eles são uniformes.

— E não há uma gota de vinho em seu reino? Sem jogos ou diversão?

— Correto. — Ele estava descrevendo um flutuante, caído, estéril, sufocante, inferno melancólico.

Ela ficou surpresa por ele ter reconhecido essas coisas sobre sua casa, mesmo sabendo o quanto ela não iria gostar.

— O que você esperaria que eu fizesse todo o dia?

— Talvez atos altruístas, ajudar os outros. Ou até mesmo meditação. — Ele parecia ter encontrado o equilíbrio novamente. — Você poderia ler sobre

nossa cultura, estudar a história Vrekener.

Ela costumava gostar de ler sobre história, mas só se não fosse chato.

— Será que esses objetivos seriam tão ruins assim?

148

Sim, sim, mil vezes sim. O que trazia a pergunta: Como exatamente ele planejou fazer com que ela fique lá? Uma vez que seus poderes estivessem reestabelecidos, ninguém poderia segurá-

la.

Ela mudou de assunto.

— Thronos, se há um grupo dissidente lá em cima com sua própria programação, então o que impedirá que alguém, *seu irmão*, me ataque agora?

— Ela esperava que ele negasse, vociferasse.

Em vez disso, ele disse, — Se alguém desobedeceu minha ordem e tentou ferir você, ou sua irmã, vai pagar por isso.

— Qualquer um? Absolutamente qualquer um?

Ele deu um curto aceno de cabeça.

— Eu lhe dou minha palavra. — Disse ele, sem ter ideia do laço que tinha acabado de se meter.

E era por isso que Lanthe raramente mantinha suas promessas.

— Você está começando a acreditar em mim?

— Eu aprendi a ouvir o que você diz. E sei quando você fala mentiras.

Seus olhos o apunhalaram. Isso poderia ser desastroso! Droga, como é que ela falava?

Se ele notasse sua aflição, ele deixaria passar.

— Há água em frente. Mas eu também sinto poços de resinas. — Segundos depois, ele apontou uma depressão rasa preenchida com algum tipo de gel cor âmbar. — Resina prenderá você como um piche de força imortal. Pise onde eu pisar.

Em um poço mais à frente estava um animal morto, uma besta réptil não identificável que foi capturada pelas pernas. Predadores tinham comido suas entranhas.

Lanthe estremeceu. E se um imortal como ela ficasse preso? Aqueles predadores iriam mastigá-la, mas ela iria sobreviver ao calvário, somente para se regenerar e servir para alimentações subsequentes.

Potencialmente para a eternidade.

Ser imortal tinha suas desvantagens.

— Eu estive pensando em algo, — disse Thronos. — Como Rydstrom perdoou Sabine?

Ah, então o Vrekener estava movendo sua mente em direção a um perdão para Lanthe?

Com sua nova confiança tênue nela, ele estava começando a buscar mais entre eles. Ele provavelmente imaginou que poderia largar um pouco de sua ira se ele a absolvesse.

149

Um problema: Lanthe não via seu histórico sexual como algo que precisasse de absolvição.

Especialmente não dele.

Será que ela gostaria que Thronos não a tivesse encontrado com Marco? Claro. Será que ela queria o perdão de Thronos por dormir com aquele vampiro?

Inferno. Não.

— Por que você pergunta?

— Dizem por aí que Sabine o aprisionou para usá-lo como escravo sexual, atormentando-o até que ele concordasse em se casar com ela. Então ele a fez sua escrava.

Ela piscou para ele.

— Como essas coisas seriam ruins? — Quando ele a olhou espantado, ela disse, — Eles gostam de bondage, escravidão, mestre/sub, um calabouço real com algemas e roupas próprias.

Palmas e orgasmos negados. Você sabe, BDSM típico. Mas, não se preocupe, eles já faziam isso antes que se tornasse interessante.

— BD o quê? — A expressão de Thronos era impagável, parte confusa sobre a linguagem, parte horrorizada, parte fascinada. Ela apostava que este anjo tinha um traço perverso inexplorado.

— Olha, não é para entendermos. Funcionou para eles. — Toda a verdade era muito maior.

Sabine queria derrubar Omort, aproveitando o reino para ela e Lanthe governarem, enquanto ganhavam o controle do misterioso e demoníaco Poço das Almas, no Castelo Tornin. Ninguém nunca tinha esperado que Sabine se apaixonasse por Rydstrom, muito menos Sabine.

Thronos ajudou Lanthe a pular um poço de resina.

— Responda a pergunta!

— Tudo bem. Rydstrom foi capaz de perdoá-la, porque ele teve uma vingança semelhante.

Tudo o que ela fez com ele, ele fez com ela.

— Então o semelhante para mim seria ir para a cama de outras mulheres. O

que é impossível.

— Então, para minha sorte, não estou buscando seu perdão. Estou feliz de ter experiência e conhecer a minha própria mente.

Ele parecia estar rangendo os molares, mas não fez nenhum comentário a denegrindo.

— Olha, minha irmã foi para Rydstrom virgem. Em cem anos ou mais, você acha que ela vai imaginar como seria conhecer um outro homem? Talvez sim, talvez não. Mas você acha que Rydstrom vai se preocupar que ela está imaginando isto? — Ela continuou, — todas essas fêmeas virgens por aí terão sempre que imaginar. Eu não. Estou informada. Fiz a minha parte, e agora estou pronta para me estabelecer pelo longo curso da eternidade.

150

— Isso é algo a considerar, eu suponho. — Então suas sobrancelhas se uniram. — Por essa lógica, em cem anos você vai se perguntar se estou pensando em outras mulheres.

Com a voz rouca, ela disse, — Thronos, me entenda: se eu decidir ir para a cama com você, não haverá dúvida. Você ficaria completamente desfeito, absolutamente tomado, para sempre meu. Se você alguma vez ficar dentro de mim, você será quebrado em um nível molecular, alterado irremediavelmente.

Sua expressão disse a ela que ele queria muito ser alterado irremediavelmente.

— Você garante isso por causa de sua... experiência?

Quando apenas deu de ombros, ela esperava que ele se lançasse em um discurso inflamado sobre o seu passado. Mais uma vez, ele evitou.

No entanto, ela não achava que isso era porque ele tinha mudado de opinião. Ele pode não estar chamando-a de rameira, mas ele ainda devia pensar nela como uma.

Lanthe tinha uma teoria sobre a mudança dele. Antes, ele a via como um objeto sexual para outros homens, depois do Inferno, a via como um objeto sexual para si mesmo desfrutar e, infelizmente, ela acreditava que ele já havia aprendido sua primeira lição de como um parceiro sexual em potencial: *Aja como um idiota e não vai ganhar nada.*

O que significava que ele estava passando o tempo e mordendo a língua até que conseguisse o que queria.

Assim como todos os outros homens com quem ela tinha estado.

VINTE E CINCO

— Oh, olhe! Uma fruta pitha. — Melanthe estendeu a mão para uma abóbora preta sobre sua cabeça, fora de seu alcance. Roçou a parte inferior da mesma como um pequeno gatinho.

Ele puxou a fruta para baixo, cheirando-a. — Pode ser venenosa.

— Nasce em Rothkalina.

Ele abriu a abóbora para ela. Por dentro estava succulenta e cheirava doce.

Quando lhe entregou as metades, ela colocou um pedaço na boca e logo fechou os olhos com deleite.

— Tem certeza disso? — Perguntou. — Mesmo os Sorceri sendo vulneráveis à venenos?

Ela já estava terminando a primeira metade. — Há venenos e venenos, — mastigando disse, — mas tenho certeza.

— Como se curou do morsus de qualquer forma?

— Quando Omort morreu, a dona do veneno; uma fêmea Fey apelidada de Hag, a Bruxa do Porão, nos entregou os antídotos. Do contrário teríamos morrido.

No entanto, outra vez Melanthe poderia ter perecido enquanto longe de sua proteção. — E

a Fey te salvou mesmo você a chamando de Bruxa?

Melanthe deu de ombros, comendo outro pedaço, mastigando alegremente.

Levando seu olhar para ela, Thronos se encostou perto dela. Mesmo que sentisse o cheiro da água próxima, ele ainda não tinha encontrado a fonte e estava ficando cada vez pior. A noite normalmente era longa ali, e quando o

sol começasse a descer lentamente, os dragões retrocederiam para o campo e seria possível ver suas sombras nas copas das árvores.

Ele e Melanthe decidiram voltar ao vale demoníaco à noite, mas ficaram sem água. E ele ainda não tinha se recuperado em absoluto.

Além disso, ele tinha planos para eles...

Quando uma brisa soprou, levantou todas as flores e ela finalmente deixou a fruta. — É

bonito aqui. — Seus cabelos negros combinavam com as pétalas de flores. Ainda olhando-a, ele disse. — Sim, bonito.

Desde que Melanthe descreveu como seria a cópula entre eles, encontrava dificuldades para olhar outra coisa a não ser para ela. Quando a levasse para sua casa, para a cama de Thoth, não queria ouvir seu grito de êxtase? Thronos não iria querer esvaziar os pulmões enquanto soltasse sua semente dentro dela?

152

Esteve vacilando sobre sua decisão de reclamá-la esta noite, até o momento em que ela disse estas palavras e ele sentira seu sangue se esquentando. Depois disso, ele sabia que nada poderia detê-lo. Tudo o que precisava era um lugar seguro para colocar seus planos em prática.

Mas, como conseguir que ela ficasse nua em seus braços? Sua pele ruborizou quando percebeu que isso significaria que ele também teria que ficar nu.

Nu. Na frente dela.

Ele iria descobrir uma maneira.

Encontrando outra fruta pitha, usou sua garra e fez um buraco na parte inferior para beber.

O gosto era doce, mas bem vindo. Entregou outra abóbora perfurada para ela. Quando um pouco de suco escorreu por seu queixo, ela sorriu com malícia,

como costumava fazer quando criança.

Esse sorriso lhe afetava de maneira diferente, mas com a mesma força. Ele queria o beijo que quase conseguiu antes.

O que ela viu na expressão dele a fez murmurar. — Thronos?

Antes que pudesse evitar, segurou o rosto dela entre as duas mãos e inclinou-se mais perto dela.

— Ow, tigre! — Ela empurrou contra ele. — Prometeu água. Ainda posso sentir o cheiro perto.

Surpreendeu a si mesmo por deixá-la ir. A medida que engolia sua decepção, captou um movimento pelo canto do olho.

Uma bolha de água estava flutuando através do ar entre eles. Ele e Melanthe observaram em silêncio. Sem dizer uma palavra, ambos se apressaram na direção em que vinha.

Ele se lançou na frente dela. — Eu vou na frente. — Passou junto a ela pela clareira rodeada de árvores Moonraker. As raízes massivas rodeavam a zona, como paredes, enquanto os ramos se juntavam acima como um teto. Bolhas cheias de água flutuavam como globos de gelo, estalando contra o dossel impenetrável.

As gotas caíam sobre a clareira como uma chuva de verão, logo se levantava novamente.

Nenhum pedaço do céu podia ser visto, fazendo com que esta selva literalmente se sentisse como uma bolsa tênue de luz e som.

Quando Melanthe deu um passo, uma gota caiu por um ramo de prata. Bolhas foram colocadas em liberdade pelas flores que rodeavam as raízes das árvores.

— Isso é selvagem! — Gritou Melanthe. — Como um círculo Fey ou uma clareira encantada. Vamos nomear este lugar... Clareira Zero-G! — Ela fez uma bolha estourar em sua mão para beber.

— Deixe-me provar a água primeiro. — Quando ela lhe ofereceu a mão, ele inclinou-se para cheirar e saborear. — Limpa.

Depois que ambos saciaram sua sede, uma grande bolha flutuou por suas cabeças. A água caiu como se um balde estivesse inclinado sobre ele, um toque fresco sobre sua pele coberta de cinzas. Lançou a camiseta molhada sobre uma raiz e logo esfregou o rosto, cabelos, peito e braços.

Outra bolha estourou sobre o ombro de Melanthe, fazendo-a estremecer. Thronos observou como cada gota lentamente se arrastava pelo corpo dela até desaparecer.

Quando ela soltou uma gargalhada, ele perguntou, — O que?

— Faz cócegas!

Mais cedo, ela riu no templo. Então, ele a fez rir na caminhada. A única coisa que poderia fazer aquele som sensual ser melhor? Ele causá-lo.

As sobrancelhas dele se uniram quando percebeu que já riu mais no dia de hoje do que ele e todos seus cavaleiros sombrios fizeram em séculos.

— Ah! As gotas estão subindo por minha saia!

— Gotas de sorte. — Disse ele em voz alta.

Sim, porque ela o olhou inquisitiva, como se estivesse avaliando-o. Ou tomando uma decisão.

Vá até ela, beije-a!

No entanto, quando ouviu toques de corneta à distância, lembrou-se dos perigos deste reino. Esta estranha clareira poderia ser a única fonte de água ao redor, o que os fazia um objetivo.

Thronos saltou em uma árvore Moonraker para vigiar.

* * *

A água fria caía ao longo das costas de Lanthé, molhando seu cabelo e sua pele quente.

Nunca viu um lugar como esta clareira e estava decidida a saboreá-la, ainda que Thronos a houvesse abandonado.

Depois de beber a água, sentou-se na grama de prata, tirando as botas. — O fato de você não usar uma saia não significa que não pode aproveitar tudo isso.

Ele agachou-se em um galho, explorando o bosque, parecendo tão sexy, quanto demoníaco.

Ela não sabia como ele podia continuar negando seu sangue demônio quando a evidência era óbvia. Além das semelhanças com os dragões e sua adaptação sem problemas a este lugar, ele ainda podia ler a escrita demoníaca!

154

Talvez isso fosse devido à herança genética, transmitida através do sangue, uma lembrança formada ali.

Pelos antepassados dele.

Agora que Thronos voltou à seu “reino de origem”, seu próprio comportamento estava mudando. Sua raiva se suavizou e de fato estava fazendo mais piadas. Nas últimas vinte e quatro horas, provavelmente cometeu mais offendments do que em toda sua vida. Ela podia ser a culpada por isso, mas não pelas outras mudanças.

A voz dele, já um estrondo barítono, ficou mais rouca. E seu linguajar estava se deteriorando rapidamente. Ao longo do dia, começou a elevar seu corpo a dois metros de altura, de maneira diferente, não havia tanta tensão em seus ombros, nem rigidez em sua coluna. Até mesmo seus chifres pareciam mais orgulhosos de alguma maneira.

Ele não apenas soava como um demônio, mas se parecia com um. E ela

estava descobrindo que tinha uma queda por um.

Sabine adorava ter um amante demônio. E Lanthe?

Talvez o reino de Feveris fosse precisamente onde ela e Thronos deveriam ir. Na terra da luxúria, ali não sentiria nenhuma culpa por dormir com um inimigo Vrekener. Sem medo do futuro.

Espere. O que estava pensando? Ela era filha de uma Sorceri, uma hedonista nata. Tomava seu prazer onde encontrasse e ria na cara da culpa.

Bom, sempre e quando não ficasse grávida.

Thronos poderia ser uma fonte inesgotável de prazer. Ela adorou zombar dele antes e queria um pouco mais. — Volte aqui para baixo, — ela torceu o dedo para ele, — com todos os outros offendmenters.

Apesar de que parecia não querer nada além de unir-se a ela, ele ficou onde estava.

— Estou vigiando. É meu trabalho te proteger.

Devido a seu instinto, sim. Ela suspirou. Agradecia a proteção, mas desejava que o fizesse porque queria, não porque sentia-se obrigado.

Por uma vez, lhe encantaria ouvir um homem dizer “Eu vou fazer isto, não pelo que você pode fazer em troca por mim, mas porque simplesmente gosto de você”.

Era Thronos diferente de Felix? Thronos queria uma descendência. Felix tinha fome de poder.

Ambos buscavam algo dela; no entanto, realmente não se preocupavam com ela. Eles apenas viam o que podiam conseguir dela, como poderiam usá-la.

155

Coisas que não importavam, porque ela tinha um plano para voltar para Rothkalina: *seduzir o Vrekener*. Depois, nunca teria que ver Thronos

novamente.

— Vamos, não seja desmancha prazeres. Poderá sentir qualquer coisa se aproximando. —

Quando ele não fez nenhum movimento, disse, — Acho que você não sabe como se divertir.

— Porque iria estar versado em algo que não experimentei desde nosso último dia juntos?

Ela franziu o cenho. Que... triste.

Mas não queria pensar nisto quando estava ali para a diversão que tinha agora.

— Thronos talvez não consigamos chegar à Pandemonia vivos. Era para termos morrido várias vezes nos últimos dias. Estas coisas me lembram...

— Do quê?

— Você está atado à seus deveres sagrados... e eu aos meus.

— Isso eu tenho que ouvir.

— Sou obrigada à mostrar gratidão por cada segundo de vida que me dão e desfrutá-lo ao máximo. Porque deveriam os deuses, ou o destino ou que for, conceder mais destes preciosos segundos se perdemos os que já nos proporcionou? Isso é exatamente como... você está preparado para isso? OURO. Há apenas uma certa quantidade dele para aproveitar. Os Sorceri acreditam que “O Fim do Ouro” virá algum dia. Mas a vida pode ser brilhante e gloriosa até então e precisamos saboreá-la.

Ele arqueou as sobrancelhas. — Brilhante.

— Você não aproveita as moedas que ganha. À meus olhos, você é mais offendmenter do que eu.

— O que faço com elas, então?

— Sua mente está sempre no passado.

Ele franziu o cenho. — Você está tanto no passado quanto eu.

— Talvez, mas geralmente me lembro das coisas boas. Como o quão divertido era brincar junto na pradaria.

Thronos ficou em pé. — O que está olhando?

Ela sondou, mas encontrou os escudos dele levantados. Bem. Afastou-se dele, decidida a desfrutar da Zero-G e sua chuva de bolhas, tudo por ela mesma.

Ela avistou um ramo de folhas que se arqueava para baixo ao lado de um tronco liso, as bolhas mais pesadas fluíam abaixo, como uma espécie de chuveiro. Desejou poder tirar toda a roupa e finalmente, tomar o banho que tanto ansiava.

156

Uma bolha estourou contra a parte posterior de sua cabeça.

Com um suspiro, ela deu a volta e outra bolha estourou contra seu braço.

— Thronos!

Ele estava movendo sua asa, por que estava brincando com ela, se divertindo.

Ela soltou um grito quando outra golpeou seu peito, a água fria escorrendo pelo peitoral dela. E uma vez que as gotas desceram, viajaram por todo seu corpo.

Abriu os braços. — Dê o seu melhor. Aposto que não pode me acertar. — Apontou para o umbigo. — Oh, espera, esqueci, Vrekeners não apostam.

— Vou fazer outra aposta com você. Se te acertar, tem que tirar o peitoral.

Ele sem dúvida estava conseguindo paquerar. — E se não acertar?

— Terá que tirar o peitoral.

Os lábios dela se curvaram. — Acho que terei de lhe ensinar mais sobre apostas, demônio.

— Por uma vez, a palavra não pareceu lhe incomodar; claro que havia praticamente ronronado. —

Sinceramente, adoraria tirá-la, morro por um banho nesta cascata na extremidade das árvores. —

Ela apontou a direção com o polegar. — Mas estamos de volta no mesmo barco que antes. Como posso ter certeza que não vai perder o controle?

—Melanthe, você *quer* ficar nua para mim.

Este lado autoritário dele era uma coisa quente. — Quero? — Ela soava completamente segura, inclusive para seus próprios ouvidos. Talvez pudessem brincar esta noite, tirar vantagem frente à necessidade deles. Eles não tinham que ir além.

Seguramente o sexo fora do casamento era um offendment que Thronos nunca cometeria, não importava até onde iriam. *Eu não criaria nenhum bastardo.*

— Você me disse que se a mantivesse em segurança, me mostraria algo que iria querer ver,

— ele disse. — Cumpri minha promessa e quero ver tudo.

Ela arqueou as sobrancelhas. Sexy Thronos. E uma promessa era uma promessa, não?

Lanthe não queria tirar a roupa para ele, mas ele estava certo; ela disse isso mesmo. Queria que a visse e a desejasse. Queria experimentar a reação dele ao olhar sua companheira pela primeira vez.

Se simplesmente segurar a mão deste macho a levou ao limite...

Com este pensamento, ela sondou a armadura, desejando tirá-la. Como fez no templo, começou a abrir sua saia, soltando os ganchos escondidos. Com um balanço do quadril, a saia caiu a seus pés.

Deixando-a com uma calcinha preta.

157

Ela sorriu ao ouvir as asas dele se abrirem.

Colocando os braços sobre os seios, ela levantou a cabeça para encontrá-lo agachado, o corpo tenso. Seus chifres estavam rígidos. Não havia dúvida disso.

Era inconfundível. Uma resposta à ela. A medida em que o olhar seu seguia estas longitudes orgulhosas, seus mamilos se endureceram e seu sexo ficou molhado.

— A calcinha também, — ele disse com voz rouca. As escamas de suas asas brilharam mais e moveram-se mais rapidamente do que ela já viu.

Ficando de costas para ele, colocou os polegares ao redor da renda, puxando-a sobre as pernas. Quando chutou a calcinha para longe, ele pareceu engolir seco.

— Pronto? — Perguntou.

— Muito. — A palavra soou rouca.

— Tem certeza?

— Melanthe. — Grunhiu em advertência.

Ela deixou cair seu braço e voltou os ombros para trás. Ele escutou um dos pensamentos dele que a fez sentir uma onda de satisfação.

Mãe. Dos. Deuses.

158

VINTE E SEIS

Thronos mal havia se recuperado da visão de seu perfeito traseiro quando ela se virou para ele, soltando toda a força de sua beleza. Ante a visão aconteceu três coisas: Ele quase caiu da árvore;

Seu eixo ficou duro tão rapidamente que ficou tonto;

Decidiu que faria frente a qualquer perigo que aparecesse.

Sabia que seus seios eram generosos. Agora via que eram perfeitos, brancos como leite, um pouco mais cheios na parte inferior e coroados com mamilos vermelho cereja.

Se ele fosse um homem de fantasias, juraria que estas pontas estavam endurecendo sob seu olhar ávido. Seu membro começou a palpitar.

A cintura dela se estreitava até os quadris bem formados. Os pelos negros em seu monte de vênus eram pequenos e aparados. As pernas longas e ágeis. Imaginou-as dobradas ao lado de seus quadris enquanto ela montava seu eixo ou com os joelhos do lado de sua cabeça enquanto ela se sentava ao alcance de sua língua.

— Vou me lavar, então. — Disse ela, em tom casual. Parecendo inconsciente do efeito que tinha sobre ele, deu um passo em direção à cascata, inclinou o rosto para a água e começou a banhar-se.

Se ela confiava que ele poderia se controlar; estava enganada.

Mas considerando a forma como sua ereção doía, o coito seria breve. Decidiu ter a primeira liberação atrás dele, então seduzi-la lentamente.

Teve um último e breve pensamento sobre os perigos e estar alerta, mas então ela esfregou a água sobre os seios, o espetáculo mais impressionante que já presenciou.

Conclusão: o plano de se acasalar com ela assim que possível era muito apropriado.

Nunca afastando os olhos dela, ele estava apenas vagamente consciente de que suas trêmulas mãos começaram a soltar suas botas.

Enquanto enxaguava os cabelos, ela percebeu que ele estava tirando a segunda bota. —

Não disse nada sobre tirar sua roupa.

— Tenho a intenção de tocá-la.

— Não seria isso um offendment?

Ele assentiu com a cabeça lentamente.

— Eu tenho alguma opinião sobre isso? — Ela afastou o cabelo para trás dos ombros.

159

— Disse que se a salvasse das serpentes do pântano, deixaria que a tocasse.

— Oh. Isso. Não disse que poderia fazê-lo enquanto estivesse nu.

Em resposta, saltou para o chão, avançando para ela.

* * *

Lanthe estava em uma posição precária. Desejava Thronos. Se fosse sincera consigo mesma, teria que admitir que sua atração por ele era maior do que por qualquer outro homem.

Mas tocar levava à reivindicar.

Iria ter que confiar que Thronos não seguiria seus instintos mais primários. Geralmente, os machos nunca lhe davam muitos motivos para confiar neles. E este já estava duro como uma rocha, o pau dele lutava contra o couro da

calça.

Thronos começou com sua calça enquanto se aproximava, os dedos cheios de cicatrizes soltando-a, os músculos do estômago flexionados. Quando o zíper se abriu, ela seguiu o rastro escuro de pelos até seu umbigo...

A calça caiu. Sua boca se abriu ao mesmo tempo. Bom. *Thronos estava completamente ereto.*

Planejava reivindicá-la? Com isso?

Percebeu que ele não se sentia a vontade, evidentemente não estava acostumado a ficar nu ao redor de outra pessoa. Mas, pelo que parecia, sua necessidade era mais ardente do que sua imaculada modéstia.

Quando se aproximou mais, ela deu um passo para trás contra o tronco liso da árvore, colocando a cortina de água entre eles. Com o segundo de trégua, decidiu outra vez ir apenas até certo ponto com ele. Poderia controlar a si mesma, apesar de seus hormônios, apesar do corpo que ele acabava de revelar!

Ele continuou avançando, deixando que a água escorresse por suas costas e suas asas.

Balançou o cabelo escuro, linhas úmidas escorriam pelas maçãs do rosto dele. Entre seus estreitos quadris, sua ereção sobressaía com avidez.

Ela balançou a mão para ele. — Ainda nega seu sangue demônio? Prova A. Caso indeferido.

Além de seu tamanho quase desalentador, seu pau era magnífico. O eixo reto e grosso, com uma proeminente veia pulsando visivelmente. A cabeça estava tão inchada que a fenda estava quase escondida. Seus testículos eram grandes e pareciam que precisavam ser lambidos e beijados.

Quando pôde arrastar seu olhar para cima, foi agraciada com a visão de todo o corpo dele em sua glória nua. Os robustos músculos dele eram ideais para a altura. Os ombros largos apenas destacavam os quadris.

Por cima dos planos esculpidos do torso dele, os peitorais eram rígidas lousas de masculinidade. *Seriam estes escuros e planos mamilos sensíveis?* O pensamento a fez enroscar a língua na boca.

As cicatrizes cruzavam seu peito. Uma descia até o redor dos quadris, outra profunda roçava a coxa esquerda dele. Mas não conseguia diminuir sua atração de forma alguma.

Ele era bronzeado em todas as partes. O sol o beijava desde a parte superior de sua cabeça até o apetitoso eixo em pé. Uma de suas pernas parecia inchada, como se os tendões estivessem em nós e seu pé se curava para dentro. *A causa de fazê-lo mancar.* Pensou que ele estivesse lutando para manter seu pé de forma normal para esta leitura.

Desejou que não fizesse isso; mas os machos eram tão bobos com estas coisas. *Não mostre fraqueza, grrrr.*

Viu tudo dela; ela queria uma visão similar dele, assim, saiu da água e deu voltas ao redor dele. Quando ele percebeu o que ela estava fazendo, levantou o queixo como se estivesse armando-se de coragem esperando sua reação. Mas não se moveu.

Revelando-se entre duas asas reluzentes que se estreitavam, seu traseiro era uma obra de arte que a induzia à ronronar. A fenda de seu traseiro estava tão tensa que ela inclusive se perguntou se poderia mordê-la.

Enquanto ela continuava ao redor, ele permaneceu imóvel, o que lhe permitiu comê-lo com o olhar. Agora que sabia como se sentia sobre a aparência dele, o achava tremendamente valente.

Às vezes Lanthé não era tão valente quanto poderia ser, certamente não como todos os demais que viviam ou inclusive visitaram Tornin, assim que aplaudia qualquer um que demonstrasse essa qualidade.

Thronos não deveria ser recompensado pela valentia dele?

Quando parou de frente para ele uma vez mais, ele observou o rosto dela. Procurando alguma pista de seus pensamentos?

— Thronos, se te disser honestamente o que penso de seu corpo, depois irá me dizer o que pensa do meu? — Ele não disse nada em voz alta.

— Feiticeira peculiar. Sim, o farei. — E então conteve o fôlego.

— É tão grande. E duro. Quando olho seu corpo... faz com que fique molhada.

Os lábios dele se separam com uma exalação. *Puff*.

* * *

Thronos ainda estava surpreso com as palavras dela. Seu corpo despertava o dela? Apenas com isso ela o deixava duro como uma pedra.

161

Então, o olhar dela caiu para seu peito. Suas cicatrizes. Ficou em pé nu na frente dela, enquanto ela se concentrava nas partes mais odiadas de seu corpo.

Ela inclinou-se para frente. Beijou uma cicatriz.

A cabeça dele caiu para trás. Era sua maneira de pedir perdão? De mostrar arrependimento? Houve outro roce dos lábios dela, como uma pluma.

Se esta era sua forma de expressar arrependimento, ele seria incapaz de não perdoá-la.

— E agora? O que acha do meu? — Perguntou contra sua pele.

Quase tenho um orgasmo apenas te olhando. Preciso lambe cada centímetro de sua pele.

Quero segurá-la sob mim para chupá-la... durante horas. — É linda. — Disse por fim, entre dentes, colocando as palmas das mãos contra o tronco

atrás dela na altura de sua cabeça. Suas asas se aproximaram dela. Prendendo-a.

O olhar dela desviou para uma e outra, mas não disse nada.

— Incrivelmente linda. — Inclinou a cabeça até seu pescoço, inalando profundamente sua essência, deixando-a sentir sua respiração. Deuses, ela cheirava inconcebivelmente correta para ele. Não podia evitar acariciar seu pescoço. Isso a fez tremer novamente. Então ele arrastou os lábios junto ao ouvido dela, raspando. — Provavelmente vou acordar para descobrir que isto não é real, apenas outro sonho com você.

— O que acontece quando tem estes sonhos? Tenho certeza que tem uma lei contra masturbação.

Ele assentiu com a cabeça e logo confessou. — Acordo me debatendo, golpeando contra algo e logo acaba.

Soltou um suspiro trêmulo para si mesma.

— Fantasiei com você, com todas as coisas proibidas que queria fazer, durante centenas de noites e agora está aqui comigo. — ele disse, sua voz cheia de incredulidade. — Se apenas um de meus sonhos se tornasse realidade.

— O que gostaria que acontecesse?

Preciso estar enterrado dentro de você! Mas... — Melanthe, começaremos com um beijo.

— No Inferno, havia decidido que seu primeiro beijo de verdade seria muito diferente do beijo que roubou freneticamente na primeira vez que a capturou. Poderia ser terno.

Quando colocou um dedo sob seu queixo, inclinando a cabeça dela para cima, ela lhe perguntou. — Fez isso alguma vez antes?

Ele negou com a cabeça.

— Lembra quando me ensinou a nadar?

162

No lago na pradaria. — Lembro. — Ela estava aterrorizada a princípio, segurando-se nele, mas ao final desta tarde, ela ficou na água como um filhote selkie⁵. — Ensinou-me o básico e logo o instinto se encarregou. Talvez poderia te ensinar o conceito básico dos beijos?

— Sim.

— Poderia roçar seus lábios contra os meus algumas vezes, para se acostumar com a sensação. Logo, quando estiver pronto, pode deslizar a língua dentro para encontrar a minha.

Levantou um joelho ao lado dela, prendendo-a, como se inconscientemente temesse que pudesse escapar de uma vez mais. — E depois?

— Então, lenta e sensualmente poderia lambe a ponta da minha língua.

— Sim. — A inchada longitude dele ficou ainda mais dura.

— Vamos esperar que isso não nos deixe loucos. Quando isso acontecer pode tomar minha boca mais profundamente. Apenas faça o que gostar e provavelmente também irei gostar.

Com um assentimento, inclinou a cabeça para roçar seus lábios contra os dela e retroceder.

Outra vez. Os lábios dela eram cheios. Quando a respiração dela ficou rasa, ele inclinou-se para aprofundar o beijo.

Enquanto entrava lentamente entre os doces lábios dela, ela segurou-se em seus ombros apertando os músculos quando sua língua encontrou a dela. O contato foi eletrizante! Gemeu dentro da boca dela, pensando que teria um orgasmo instantaneamente.

Considerando a pressão no seu eixo, parecia provável.

Ainda que quisesse ter sua primeira liberação de outra maneira, agora percebia que iria desperdiçar a experiência.

Thronos procuraria chegar até o final...

Ela começou a lambar em reposta, com leves voltas de sua língua que faziam a cabeça dele flutuar. Ainda assim, mantinha um ritmo lento, preguiçoso, brincando com ela, como se tivesse todo o tempo deste mundo. Foi recompensando com um sedutor gemido.

Quando ficou mais agressivo, ela murmurou contra seus lábios. — Sim, sim. — Colocou uma mão sobre o peito dele e deu a volta até que seus dedos apontaram para baixo. Centímetro a centímetro foi descendo a mão.

Entre o beijo e seu toque, estava inundando-a de excitação. Muita! Seu membro sacudiu como se fosse ao encontro dela na metade do caminho. No momento em que ela o alcançasse, ele gozaria na mão dela.

Rompendo o beijo, ele segurou os pulsos dela, prendendo-os por cima da cabeça. Os olhos dela brilhavam, seu corpo tremia, por causa dele. *Dele*.

5 Os selkies são mitos que vivem como focas no mar, mas mudam a sua pele para se tornar humanos na terra.

163

Com a voz trêmula ela disse, — Bem, já entendeu como se faz. Mas, não quer que toquemos um ao outro?

Ele engoliu um gemido de angustia. — Não tem ideia. — Lembrou-se como Volar usou as asas para acariciar a diabinha. Fixando seu olhar em Lanthe, Thronos começou a passar sua garra pela clavícula dela.

Os olhos dela se abriram como pratos. — Oh, está me tocando com suas asas!

— Se colocar as mãos em você...

Ela pareceu perceber seu dilema.

— Acredite em mim, não vou machucá-la, Melanthe.

Pouco a pouco sentiu o corpo dela relaxar sob sua exploração.

Enquanto arrastava a garra entre os seios dela, sua necessidade de segurá-los foi avassaladora. Apertou os punhos, cravando as unhas nas palmas das mãos até o sangue começar a sair.

A garra dele passou suavemente pela parte inferior dos seios, estes perfeitos e pálidos globos. Seriam um paraíso de suavidade sob suas ásperas palmas.

Quando finalmente foi para um de seus mamilos, ela estremeceu, arqueando-se para ele.

Então sentiu o cheiro da excitação dela. *Deuses queridos*. O delicioso cheiro do sexo dela preparando-se para receber toda sua longitude...

Quase o deixou de joelhos.

Quanto mais poderia suportar?

VINTE E SETE

Oh, meu ouro. Como ela temia, Thronos tinha se tornado irresistível.

O beijo dele fez seus dedos do pé enrolarem. Ele havia nascido para aquilo, o que a fazia pensar para o que mais ele tinha nascido.

Até quando ele a explorava, mesmo sendo estranho, estava excitando-a. A ideia daquela garra letal a acariciando suavemente mexia com a mente dela.

As asas dele haviam sido um símbolo de seu medo. Quão perversa seria se ela sáísse agora? Talvez ela gostasse de ser perversa?

Seus mamilos endurecidos imploravam por atenção, que ele parecia determinado a não dar. Ele nunca iria colocar as mãos nela? Ela entendia sua atitude, ele temia gozar muito depressa.

Depois de uma espera tão longa, quem poderia culpá-lo?

Com olhos em chamas de desejo ele baixou a asa, circulando o umbigo dela.

Certamente ele não iria mais para baixo.

— Thronos, espere. — Ele não podia. E, deuses, ela não podia desejar que ele...

A curva suave de sua garra mergulhou entre suas pernas.

Ela poderia ter tentado fugir, mas ele tinha seus pulsos presos, seu corpo encaixado.

Ele começou a acariciar seu sexo, e foi... prazeroso. A garra era firme contra ela enquanto ele a passava sobre seu clitóris necessitado.

Para frente e para trás.

Isto é tão estranho. E pervertido. E eu gosto muito!

Ela fechou os olhos, perturbada por não estar mais perturbada por isso. Ela tinha uma suspeita: Thronos poderia fazer praticamente qualquer coisa com ela e ela iria gostar.

Porque ele era seu companheiro? Ela estava lutando contra o destino?

Sorceri não acreditam em destino!

Parecendo perder sua batalha interna, ele deu um gemido de frustração, liberando os pulsos dela.

Seus olhos se abriram quando as palmas dele pousaram em seus ombros. Ele estava sangrando, de cravar as garras nas mãos? Carmesim quente misturado com a água fria dos córregos.

165

Se pensava que havia algo errado com ela antes, agora estava convencida, porque achou estimulante o sangue ardente dele derramar-se em sua pele, como se a estivesse marcando, como ele tinha feito naquele túnel quando ele pintou seus lábios.

E apesar de seu sangue estar sendo lavado, ela podia jurar que tinha sentido o calor dele cruzando seus seios doloridos e os mamilos endurecidos. Sobre seus quadris e bunda. Entre o sangue e as carícias com a estranha garra, ela estava tremendo com a necessidade.

Ela respirou fundo, mantendo-se imóvel enquanto as mãos dele a percorriam, começando a descer. E o tempo todo a garra dele acariciava seu clitóris.

O olhar paralisado dele seguiu as mãos. — Nada mais bonito. — Seu tom era admirado.

Por que parecia tão incrivelmente bom estar com ele? Ele parecia tão perdido, oprimido por esse prazer, faminto por isso.

Porque ele tinha estado. Então como ele reagiria a primeira vez que fizessem sexo? Se eles fizessem. Como seria sentir esse magnífico pênis mergulhando dentro dela? Imaginar a fez gemer.

Para sua surpresa, ela sentiu um vislumbre de poder jorrar, depois outro. A feitiçaria começou fluir dentro dela, como se ela fosse um recipiente vazio esperando para ser preenchido.

Seus lábios se curvaram com prazer.

Espere... as mãos dele tinham acabado de ultrapassar seu tórax? Ele as moldou sobre sua cintura, então as descansou em seus quadris. Ele retirou a asa de seu sexo, deixando-a ansiar pela liberação. *Perversa*.

Sem aviso, ele pressionou uma coxa musculosa entre as pernas dela. Ela não conseguiu abafar um grito. Posicionado assim, seu pau desenfreado cutucou contra ela, a cabeça bulbosa esfregando ao longo de seu torso úmido.

Provocando-a.

Ela desejava que seu pau, comprido, espesso e latejante a preenchesse. Por iniciativa própria, seus quadris balançaram em convite enquanto ela lentamente montava sua perna.

— Eu sinto sua excitação, sua umidade. Eu sinto o cheiro disto. — Contra o pescoço dela, ele murmurou, — Antes desta noite acabar, quero saber o seu gosto, levá-lo para dentro de mim.

— Oh! Ohhh. Nós podemos definitivamente dar um jeito.

— Peça ao seu macho para beijá-la lá. Apesar de proibido, eu faria isso para você. — O que não era proibido em sua mente? — Eu faria isso até que você gozasse para mim.

Eu tenho que pedir por isto? Com um dar de ombros mental, ela abriu os lábios... apenas para fechá-los quando as dúvidas surgiram. *O que ele deve pensar de mim agora?* Tão fácil como ele tinha previsto?

No entanto, quando ele moveu a coxa contra o sexo dela, esses escrúpulos se desvaneceram.

Afinal, ele cobriu seus seios com suas palmas ásperas! Ele estremeceu ao senti-la. Ela deu um grito baixo enquanto sua cabeça pendia.

Ele respirou várias vezes, as narinas dilatadas, como se estivesse apenas se prevenindo de gozar. Com um som gutural, ele começou a amassá-la. — Fêmea tentadora. — Segurando um seio pronto, para receber sua boca?, Ele baixou a cabeça, — Preciso sugar você.

Ela choramingou, — Com toda certeza!

Mais baixo, mais baixo. Ela observou-o dar uma lambida molhada sobre um de seus mamilos endurecidos.

— Sim, Thronos! — Vagamente, ela percebeu, *a língua dele é pontiaguda.*

Demônio imoral.

Gemendo, ele passou os lábios em torno de seu mamilo, sugando-o com puxões gananciosos.

Ela começou a ofegar, — Você me faz sentir tão bem. — Passando seus dedos pelo cabelo dele, ela o segurou mais perto.

Contra seu seio, ele murmurou, — Seus mamilos são tão doces. Tão doces quanto seus lábios. Como eu tenho ansiado por isso! Ansiado por você.

A descrença e temor em sua voz a fez derreter por ele. Os pensamentos não blindados dele também, *Isto é real, Talos. Você está com ela. Isso está acontecendo. Não tinha ideia de como seria prazeroso...*

Thronos não deveria ser assim.

Ela teria ansiado por ele também, se ela soubesse que seria assim.

Dando ao bico um grande chupão, ele se mudou para o outro mamilo, rosnando em torno dele. A coxa dele continuava se balançando, seu pau deslizando para cima e para baixo em sua barriga. Sua língua pontuda a estava fazendo esquecer por que ela deveria resistir a ele. Ela estava em um paraíso de sensações. Acrescente a isso o seu perfume masculino e luxúria

mal aproveitada...

Quando ele parou com os beijos e se levantou, ela deu um grito frustrado.

— Tenho que ficar mais próximo de você.

Mais perto?

Ele colocou um de seus braços ao redor dos ombros dela e o outro no pescoço. Enquanto ele continuava a pressão, ele envolveu-a mais apertado em suas asas, mais apertado, até que seus corpos escorregadios estivessem espremidos, seu pênis preso entre eles.

Isto era uma coisa Vrekener?

167

Com cada uma de suas respirações irregulares, o peito dele arfava contra seus seios e seus mamilos doloridos. Ela podia sentir o coração trovejando.

Os braços dela estavam presos em suas laterais, ela deveria estar em pânico. Ele era um Vrekener, mas ela nunca tinha se sentido tão segura. Seus corpos estavam tão perto, ela não poderia dizer onde ele terminava e ela começava. E, naquele momento, ela não queria estar em nenhum outro lugar, em nenhum outro mundo.

Será que ele a envolveria assim para o sexo? *Lanthe pervertida está aqui.*

Ela tinha planejado prendê-lo em seu mindinho, em vez disso, ele a havia enrolado em suas asas! Ele a havia deixado quase irracional de desejo. Desejo quente, liso, inchado.

A cada vez que ele contraía essas asas, seus gemidos se aprofundavam. Ele iria gozar desse jeito.

Ela gozaria também, direto sobre a coxa musculosa dele.

— Eu esperei tanto tempo por você. — Pressionando beijos em seu pescoço, ele bombeou seus quadris mais rápido contra o corpo dela. Seus mamilos

passavam no peito dele com cada um de seus empurrões.

Quando ela ondulou contra a perna dele para raspar seu clitóris, ele deu um grunhido brutal.

— Você gosta de minhas asas ao seu redor? Aprisionando-a a mim?

— Sim!

— E se eu nunca deixá-la ir, feiticeira?

Ela gemeu em resposta. A pressão se manteve crescente, até que ela estava à beira de gozar.

— Não pare, Thronos!

— O prazer... — Ele falou em um tom de admiração enquanto a balançava.
— É quase uma agonia. — Seus bíceps incharam quando ele a apertou. — Estou perto!

Sua cabeça disparou para a frente e colocou a boca no pescoço dele. Ela estava perdendo o controle, como nunca antes havia acontecido. Com a língua sacudindo, ela chupou a pele dele com impulsos devassos.

Aprisionando seu pênis grosso e trabalhando dentro de mim. Ou lambendo seu latejante comprimento venoso.

O que ele pensaria dela se ela se ajoelhasse diante dele, com os lábios entreabertos para ser alimentada...?

— Ah, deuses, mulher! — Seu pênis empurrou na bainha apertada que haviam criado enquanto se balançava mais rápido e mais duro. — Nunca soube... — Mais rápido. Mais duro...

168

Com o corpo maciço tremendo, ele jogou a cabeça para trás, os tendões tensos como cordas. Então ele rugiu.

De uma forma que ele não deveria fazer.

Através de seus lábios, ela sentiu as reverberações em sua garganta. Ela estava prestes a passar pela borda com ele, gemendo com abandono.

Apesar de ela não sentir a semente, as asas dele ondulavam em torno dela cada vez que seu poderoso eixo pulsava. Outro berro agitou a noite. E outro, outro... e mais... e mais...

Ele devia estar precisado muito disto!

Quando esses espasmos secos finalmente diminuíram, ele deu um último tremor, deixando-a à beira do abismo.

— Você gozou? — Ela murmurou. *Nenhuma semente significa demônio.*

Recuperando o fôlego, ele descansou sua testa contra a dela.

— Mais duro do que eu jamais poderia ter imaginado. Você me fez tremer o teto. —

Desprotegido, ele murmurou, — E agora, eu não sinto nenhuma dor no meu corpo.

Ele levantou o rosto, encontrando os olhos dela. Suas pupilas estavam dilatadas de seu prazer recente, sua íris... mais escura? O que ele estava pensando sobre seu primeiro orgasmo com outra? E assim, essas dúvidas malditas retornaram. *O que ele está pensando sobre mim?*

— Agora é a sua vez. — Ele afrouxou um pouco o aperto ao redor dela. Quando ele arrastou as costas de seus dedos em um de seus seios, então mais abaixo, as pálpebras dela ficaram pesadas. — Como minha companheira gosta de ser acariciada? — Ele passou os dedos pelos cachos de seu sexo.

Se ele tocasse em seus clitóris, ela iria perder a cabeça. E se ela se deixasse levar totalmente, ela estaria confirmando tudo que ele disse sobre ela. — Espere. — Hoje mesmo ele a havia chamado de “fácil”, e ela estava provando que ele estava certo! Com este pensamento, ela ficou tensa, seu orgasmo iminente se dissipando. — Eu não posso fazer isso.

— Não, querida, você não quer parar. Eu sinto o cheiro do quanto você precisa de liberação.

Desesperadamente!

A feiticeira nela estava clamando: *O prazer está lá para ser tomado!*

A mulher vulnerável dentro dela murmurou: *Se ele envergonhar você depois disso, vai doer para sempre.*

— Deixe-me cuidar de você, Melanthe. Você deve estar com dor.

— Eu... não posso. — Ela virou a cabeça.

VINTE E OITO

Ela havia deixado que outros homens a satisfizessem, apenas ele não.

Thronos perfurou a árvore, rachando o tronco, mas Melanthe não o enfrentou.

Antes que dissesse algo que logo lamentaria, afastou suas asas, caminhando longe dela.

Encontrou sua calça, quase rasgando-a pela frustração.

Tocá-la havia superado todas suas fantasias. Nunca conheceu uma mulher que pudesse ser tão suave, tão sensual. Mas ela o rejeitou. Ele falhou em vencer a resistência dela, ele havia...

falhado.

E ele foi incapaz de resistir à sensação dela. Suas pernas ainda estavam instáveis pela alucinante liberação. Seu membro gostou tanto da culminação que já estava preparado para a seguinte imediatamente.

Nunca se cansaria dela! Puxando sua calça úmida pelas pernas, fechou-a sobre seu ainda furioso eixo, logo pegou a camisa. No momento em que se vestiu, ela já havia colocado a saia e abotoava sua armadura.

Uma vez mais as coisas não foram bem. Uma vez mais Tronos não sabia onde se encontrava. Havia sido este um prazer extraordinário seguido de um castigo?

Ou simplesmente um plano frustrado para deixá-la grávida? — Porque deixou que outros homens lhe dessem prazer e eu não?

Ela lhe devolveu o olhar. — Porque nenhum deles me ridicularizaria se me deixasse levar. E

nenhum deles me considera uma rameira. Havia coisas que queria fazer com

você, coisas que queria que fizesse comigo, mas ouvi sua voz em minha cabeça, zombando e dizendo com desprezo que eu era uma presa fácil.

Ele queria que superassem isto, para começar novamente. Assim poderia tocá-la de novo, segurá-la perto. Deuses, quão erótico foi, com a pele de suas asas moldando as curvas do pequeno e delicado corpo dela. Envolvê-la assim satisfaz alguma necessidade primitiva dele, o fez sentir que a levava dentro dele. — Não vou insultá-la assim novamente.

— Não, apenas pensará. Thronos, quero ficar com um homem que goste de mim. Não com um que me odeia e que se vê obrigado pelo instinto a estar comigo de qualquer forma.

— Não te odeio, Melanthe.

— Há três noites me comparou com um osso quebrado!

— Pensei que era diferente então.

— Ah sim, assumiu que dormia com meu irmão. Ainda assim, depois que resolvemos este pequeno mal entendido, estive tentando me envergonhar. Esperava que perdesse o controle com 170

você? Quando despreza meu comportamento? Espera que em um estalo de dedos eu me esqueça disso?

— Porque surgiram estes pensamentos no meio do que estávamos fazendo? Seu *eu* pudesse limpar temporariamente de minha mente todos os homens que vieram antes de mim...

Ela ofegou.

Ele passou uma mão pelo rosto. — Isso saiu pior do que eu tinha intenção.

— E demonstra meu ponto por completo.

— Apesar de uma vez eu ter querido te machucar, já não quero mais.

— Porque esta mudança?

— Antes era cruel porque pensava que você era má. Por séculos, acreditei. Esta ira em meu interior cresceu e cresceu. Ficou fervendo ali por tanto tempo e senti como se fosse explodir se não deixasse sair.

— Thronos, não a deixou sair por que esteve guardando-a para mim. Talvez tenha apagado um pouco seu ressentimento, mas ascendeu o meu.

— Quer que simplesmente me esqueça com quantos homens dormiu? Cada vez que você e sua irmã deixavam Rothkalina, sabia que era porque estava à caça de um poder. Sabia que havia dormido com outro feiticeiro de quem roubou suas habilidades. — Caminhou, sua perna começava a doer novamente, um contraste com aqueles momentos nos quais tudo o que sentiu foi o luxurioso corpo dela contra o dele e o calor de seu prazer. A dor era pior ainda depois de sua ausência temporária. — Isso me deixava em um fodido conflito. Inclusive quando estava furioso porque alguém feriu minha companheira, me encontrava atormentado pelos ciúmes. Cada vez que deixava que outro te possuísse... — Parou para olhá-la. — Melanthe, não há palavras para descrever a dor.

Ela levantou o queixo. — Não posso mudar o passado. Não o faria mesmo se pudesse.

— Por quê? Devo supor que estes amantes foram tão incríveis que não poderia suportar perder nenhum deles? — E no entanto, seu primeiro encontro sexual com Melanthe resultou com ele derramando-se sobre seu ventre sem nenhum orgasmo para ela.

Excelente, Talos.

— Não me arrependeria do meu passado, porque então não seria eu. Fiz coisas e tive experiências. O que significa que apenas amarei alguém que possa me aceitar como sou. Não há nada pior que um homem que vê a uma mulher e pensa: ela seria perfeita se apenas...

— Acha que penso isto?

— Sei que o faz! Melanthe seria perfeita se apenas fosse uma virgem criada em um convento, inocente em relação aos homens. Se apenas ela pudesse

voar, dizer a verdade e ir por aí sem roubar/beber/apostar. Se apenas fosse uma Vrekener.

171

Ele não podia negar estas coisas. — E pensou o que sobre mim?

— Se apenas risse. Se apenas apreciasse o ouro e cada minuto da vida. Se apenas compreendesse que sou mais que um número.

Ele deixou sair um som de frustração. — Não quero pensar desta maneira! Mas me destroça saber que estive com outros e não posso parar de imaginá-la com eles! O ciúme me rasga por dentro!

— Preciso saber. Poderá alguma vez esquecer meu passado?

— Não irei machucá-la outra vez, não como fiz.

— Isso não foi o que perguntei. Poderá superá-lo?

Não queria mentir, mas não via como poderia ignorar o que ela fez por séculos. — Tem que me dar um tempo para colocar minha cabeça em ordem. Por muitos, muitos anos, minha vida foi simples. Tinha um trabalho a fazer, algo em que me concentrar. Agora? Sempre estou confuso.

Apenas preciso de tempo.

— Quanto tempo planeja me dar para me acostumar com a vida em Skye Hall? Para me vestir diferente, para me comportar diferente. Inclusive fazer amor de forma diferente. Quanto tempo seria permitido para chegar a ser alguém que não sou?

Ele enterrou as mãos nos cabelos. — Então me diga algo para mudar minha forma de pensar. Você sempre me fez repensar as coisas. Faça agora!

— Não posso, não quando reduz meu passado a um número imaginário de homens. Saiba que você está prestes à se juntar a eles.

— O que isso significa?

— Apenas que, como você, todos eles falharam em me conquistar. Quando finalmente encontrar aquele com o que supostamente devo estar, lhe darei algo que nenhum outro reivindicou.

— O que é?

Ela fixou o olhar no dele. — Meu coração.

Algo dela que poderia possuir e que nenhum outro teve antes.

— Você não é diferente de Felix. Ambos desejam algo de mim. Mas nenhum de vocês me querem.

— Não sou como este feiticeiro! Daria minha vida por você. Sabe disso.

— Devido ao seu instinto. Lembra quando gritou comigo, dizendo que era obrigado a me perseguir, do contrário teria arrancado minha cabeça? Se é o instinto que o impulsiona a estar comigo, então muito bem poderia ser enfeitiçado contra sua vontade.

172

A culpa floresceu, ele lutou contra seu instinto quando este o incentivou a demonstrar bondade por ela. Teve numerosas oportunidades para limitar seu sofrimento e em cada uma delas optou por sua miséria.

— Estamos nos enganando, Thronos. Com nossa história, estes três últimos dias serviram para recapitular. O dano já foi feito há muito tempo.

— Você é quem está tentando fazer com que esqueça o passado.

— Não que o esqueça! Que o veja de outra forma. — Ela beliscou a ponte do nariz. — Por que sequer estou tentando? É como discutir com uma demoníaca parede voadora. Simplesmente não posso fazer isto contigo. — Sentou-se para calçar suas botas, negando-se a olhá-lo.

Ignorando-me uma vez mais. Mantendo-a em sua vista, ele andou pela clareira.

No entanto, ainda que sua raiva tivesse esfriado, começou a sentir-se como o pior hipócrita. Quem era ele para julgá-la? Ele planejou cometer um offendment para engravidá-la, para prendê-la, apesar de que não estavam casados.

Atrevo-me a julgar?

Porque não podia superar o passado? Ele iria destruí-la antes que tudo houvesse terminado.

Ela foi caçada, atacada e envenenada na maior parte de sua vida. Era um milagre que houvesse algo de bondade nela! Poderia ter feito coisas realmente imperdoáveis. Em troca, ela viveu sua vida.

Sem ele.

E isso era realmente o que não podia perdoar.

Por anos, disse a si mesmo que as ações delas o mudaram para sempre, uma corrente de água fazia sulco na rocha, assegurando-se que ele sempre a desprezasse.

Mas no fundo, não temia que a verdade fosse toda o contrário? Que nenhuma força do universo poderia mudar seus sentimentos por ela?

Lembrou sua conversa com Nix, quando ela disse como encontrar Melanthe. Ele esteve afogando-se em frustração porque teria que esperar todo um ano para capturar sua companheira, pressentido que iria ficar louco entretanto, quando a Valquíria disse: “Vou lhe dar um conselho, Thronos Talos. Antes que Melanthe se convertesse nisto, ela era aquilo...”

Ele não soube o que a Valquíria queria dizer. Agora, ao olhar para sua companheira, a resposta veio a ele.

Antes de Melanthe se converter em minha inimiga, ela era minha melhor amiga.

VINTE E NOVE

Quando Lanthé se levantou, vestiu-se mais uma vez, e percebeu que estava transbordando de poder.

O que significava que acabou de seduzir Thronos. Ela virou um sorriso pretensioso em direção a ele. *Vou para onde meu rabo se sentir feliz.*

Ele parou de andar. — Melanthe, nós não temos que resolver isto tudo de uma vez. Não podemos esperar percorrer tudo tão cedo. Vai levar tempo, veremos quando chegarmos em casa.

Por um louco momento, ela pensou, *talvez eu deva ir com ele*. Havia rumores de que os Vrekeners armazenavam todas as feitiçarias que recolhiam, em um cofre em Skye Hall; Thronos estava planejando levá-la direto para lá.

Tão excitada como se sentia agora, ela poderia comandar Aristo para beijar seu rabo Sorceri e mandá-lo libertar todas as habilidades de sua espécie que tinha roubado (talvez tomar uma ou duas ou dez para ela e Sabine).

Lanthé seria uma superstar Sorceri, não mais presa pelos gostos de Portia e Ember!

Espere um minuto. Certamente Thronos tinha que se preocupar com o estrago que ela poderia causar até lá? — Não entendo, Thronos. Como acha que irá me manter em cativeiro?

Você não tem um colar, e minha convicção é a renovação para uma vingança... — Ela parou de falar, compreendendo o amanhecer. — Oh, meu querido Deus. V-você planeja tomar meu poder.

Por um breve instante, ele fez uma careta?

Ela lutou para respirar, sentindo-se como se tivesse tomado um soco no peito. O rosto dele borrou quando os olhos dela lacrimejaram. — Você roubaria minha alma? Me transformaria em uma reprodutora sem sentido para você?

— Eu não faria isso com você!

— E você quer saber por que não quero ter filhos com você! Você tomaria a alma deles, também? — Ela colocou um punho sobre o coração. — Pressionaria uma foice de fogo no peito deles? — Quando ela começou a recuar para longe dele, a feitiçaria espiralou ao redor dela.

— Não! — Parecia que a ideia o apavorava. — Pensei em fazer isso com você, mas logo desisti.

Sua voz tremia com fúria quando ela disse, — Acabei com isso. Com você. Acabamos.

Quando ele caminhou na direção dela, ela o comandou, — Congele no lugar. — Ela ficou surpresa com a facilidade com que exercia sua persuasão, sua magia fluindo sem entraves. Talvez o nervosismo dela o tivesse afetado.

174

Afinal, toda vez que tinha usado isto no passado, poderia ter alertado os Vrekeners para baixo sobre si mesma e Sabine. Sem chance disso agora.

Embora Thronos lutasse contra o comando, ele foi obrigado a obedecê-la. — Puta merda, Melanthe, não use seu feitiço em mim! Você não pode compreender o que é para mim, perder o controle do meu corpo e da mente. — Quando ela apenas levantou as sobrancelhas, ele disse, —

Não faça isso agora. Estamos caminhando na direção certa. Você não pode negar a mudança entre nós.

— Porque não sabia o que você estava tramando! Ordeno que permaneça nesta clareira por 24 horas. Isso deve dar-lhe algum tempo para meditar.

Incrédulo, ele rugiu, — Você não acredita que passei o suficiente disso? E aonde vai?

Roubar uma chave para si mesma?

— Exatamente. — Se ela chegasse a ambos os covis dos demônios antes do

amanhecer, o exército ainda estaria preso em conflito. Não apenas poderia seguir os sons de suas escaramuças, como iria encontrar alguns demônios dentro de suas respectivas tocas.

Claro que, com seu senso de direção, ela deveria se perder rapidamente.

Mesmo que de alguma forma chegasse ao reduto dos Imensuráveis, estaria ladeado por um labirinto de ruínas. No entanto, esperava encontrar seu caminho dentro e fora delas? Ela não conseguia nem encontrar o caminho para fora de um minimercado humano.

Como se lesse sua mente, Thronos disse, — Como vai saber para onde ir? Se você seguir esse caminho de volta em direção ao Inferno, vai ter que atravessar a zona de pragas.

Ou ela poderia seguir o caminho contrário ao Inferno por um tempo, em seguida, cortar para o norte (ou sul, ou o que for) para chegar ao planalto. O Inferno estaria de um lado, o Lugar Profundo do outro.

Ela tinha a linha na agulha, obteria o reconhecimento do terreno, e decidiria a sua estratégia. — Eu tenho um plano.

Ele balançou a cabeça com força. — Você vai se matar.

— Vou ficar bem. Consegui todos esses anos sem você. — É claro que ela sempre teve Sabine para protegê-la.

— Você conseguiu, mas nunca estive no Inferno.

— Discutível. — Talvez Lanthe pudesse finalmente proteger a si mesma, tirar as rodinhas para se tornar uma fodona como sua irmã.

Lanthe lembrou-se de um tempo, séculos atrás, quando perguntou a Sabine, “Por que você é muito mais ousada e corajosa do que eu?”

Sabine tinha lhe dito: “A ilusão é a realidade, Lanthe. Se você parecer ou agir como toda poderosa por tempo suficiente, acho que vai se tornar uma.”

Lanthe endireitou os ombros. — Uma última coisa. Lamento ter que dizer isso, na verdade não lamento em absoluto, mas seu irmão foi aquele que me apunhalou com um tridente e arrancou o cérebro de Sabine. Ele e seus homens são os únicos que nos caçam.

— Aristo? Do que está falando? Você nunca encontrou meu irmão.

— Olhei em sua mente e vi sua lembrança da nossa primeira reunião após sua queda. Vi o rosto de seu irmão, mas certamente não foi a primeira vez.

Enquanto Thronos ficava boquiaberto com as palavras dela, ela disse, — Agora, a mão sobre aquela medalha. — Ela não podia acreditar que estava tão envolvida com ele que tinha quase esquecido sobre isso.

Ele relutantemente removeu a peça do bolso, entregando-o como ordenado.
— Como você sabe?

— Você pensou que eu não iria sentir esse ouro? — Ela passou as pontas dos dedos sobre a suavidade reluzente. *Ouro vermelho. Em suas mãos.*

Era do tamanho de um relógio de bolso, com as melhores gravuras em toda a superfície, retratando... chamas. Ver isto a lembrou de seu sonho na ilha, de uma mulher dizendo: “Desvie do mundos em chamas.”

Lanthe enrolou a corrente no pescoço, dizendo a Thronos, — Continuei esperando que você me desse um presente deste. Agora percebo que provavelmente você usaria isto contra mim.

— Isso não é verdade. Eu tinha a intenção de dá-lo a você.

— Como você achou que eu reagiria? Como poderia ter expressado minha gratidão? Talvez você tenha aprendido uma lição Sorceri: nunca deixe para amanhã o que pode aproveitar hoje

— Se você me deixar aqui desse jeito, não vou ser capaz de me proteger.

— Então ordeno que permaneça nesta clareira por 24 horas, a menos que haja uma ameaça à sua vida.

— Droga, Melanthe! Você não pode imaginar como isso parece para mim, sentir a força de sua feitiçaria novamente? Isto me dá arrepios! — Seus músculos incharam enquanto se esforçava contra seus comandos. — Não há nenhum sentimento mais horrível. Quando pulei pela janela... e não pude voar... — Sua voz ficou rouca. — Ver o chão chegando cada vez mais perto, e não conseguir mover minhas asas. Eu só queria... mover minhas asas. Olhe em meus pensamentos agora... veja aquela memória!

Fazê-lo seria como olhar por cima do ombro, quando ela deveria estar fugindo. Ela fez isso duas vezes com ele, e lamentou as duas vezes.

Com uma maldição por dentro, ela deu uma sonda de luz em sua mente.

176

Ela viu o chão chegando mais perto. Ouviu seu instinto gritando dentro dele para se salvar.

Sentiu as emoções dele agitadas quando seu corpo se recusou a obedecer, quando percebeu que estava prestes a morrer.

Uma opressão de choque. Um terror visceral.

Em um menino tão jovem.

— Você sabe por que nunca gritei durante o caminho para o chão? — Ele perguntou em voz baixa. — Porque o medo me roubou o fôlego.

Ela se retirou dos pensamentos dele tão rapidamente quanto entrou neles. Lágrimas pinicavam seus olhos, mas fez um esforço para não chorar.

— Agora você entende qual a sensação disto, de agir em oposição ao instinto, a tremenda vontade de sobreviver! Mas reviverei aquela noite novamente se isto fizer você ficar aqui comigo.

Ela lembrou-se de que ele ainda planejava sequestrá-la. Que pensou em roubar sua alma!

Que estava indo para servi-la em uma bandeja ao seu irmão. Repassou como

ele a lançou naquela árvore e a levantou pelo queixo. E os comentários dele.

Alguém como você. Eu mesmo arrancaria a cabeça. Deveria deixá-la cair.

Se permitisse que ele a tratasse como merda, então ela não era melhor do que ele. Quando estiver em apuros... Ela afastou-se dele e foi embora.

— Melanthe me abandonar, não é exatamente novo! Estou cansado de persegui-la! Toda minha vida você me repeliu uma e outra vez. Vá embora, então. Boa viagem!

Quando ela se afastou, o ouviu xingando-a, mas endureceu-se contra ele. Quanto mais cedo chegasse aos covis, mais cedo poderia estar de volta em Rothkalina. Ela poderia estar de volta ao castelo a tempo para o jantar!

Ela encontrou o caminho arborizado em que tinham viajado, em seguida se encaminharam para longe do Inferno. Em teoria.

Durante a hora seguinte, ela seguiu a trilha, a floresta arborizada crescia esparsa. Cada vez que pensamentos de Thronos cintilavam em sua mente, ela dizia a si mesma: *Não pense na queda dele, Lanthe.*

Ela chegou à uma bifurcação na trilha, com outra marca inscrita na rocha que não conseguia ler. Poderia ir direto ou virar à esquerda. Imaginando que na marca lia-se *Vá para a esquerda para passar a linha pela agulha*, ela virou-se naquela direção, preparando-se para o perigo.

Quando nada aconteceu, ela se arrastou para adiante.

E assim por diante, pelo que pareceu uma eternidade. Certamente o dia logo romperia. Ela estava começando a pensar que o tempo se movia diferente neste reino, nada incomum para reinos demoníacos. Por fim, as escaramuças ficaram mais altas.

177

Não pense sobre a queda dele.

Oh, a quem ela estava enganando? Thronos não tinha caído. Ela atacou e

machucou o único Vrekener inocente entre o grupo. Sim, tinha sido uma menina traumatizada, mas ele não tinha merecido o horror que tinha lhe infligido.

Ela tinha acabado de admitir para si mesma que tinha estado... errada, quando surgiu em um grande descampado, o mato dando lugar ao terreno escarpado.

Por um momento, ela pensou que o sol estava nascendo, então percebeu que estava vendo demonstrações de poder dos demônios sobre o planalto. Mísseis incendiários dispararam.

Estilhaços de bombas congeladas, arcos de granizo atravessavam a noite. Magias de batalha cascadeavam como fogos de artifício da Disney.

Ela tinha enfiado a agulha! De um dos lados dela estavam rios de lava. Quilômetros à frente dela estavam ruínas. Ambos os covis tinham sentinelas de frente para eles, ou como Lanthe gostava de chamá-los, guias.

Então em qual deveria entrar primeiro? Uni, duni, tê... Ela foi em direção ao Inferno.

Sabine nunca acreditaria que sua irmã tinha encontrado seu caminho até aqui, bem, qualquer lugar. Lanthe mal podia esperar para contar-lhe, falar com ela sobre todas as coisas que tinha aprendido e sentido.

Ela também teria que jogar limpo sobre o quão perto ela e Thronos tinham estado.

Thronos. Com seus olhos de partir o coração e memórias trágicas. Com sua expressão determinada. Com seus beijos de torcer os dedos dos pés, e o ciúme teimoso.

Nenhum dos quais ela se preocupava porque estava indo para casa. Nada mais permanecerá sobre Thronos, só porque ela o tinha machucado não lhe dava o direito de condená-

la a Skye!

No momento em que sentiu o calor da lava, a culpa diminuiu sob o peso do

ressentimento.

Feitiçaria começou a faiscar em sua pele. Thronos a tinha raptado, esperando que ela desistisse de toda sua vida pela dele. Ela foi capturada, passou por maus tratos duradouros, amordaçada de sua sexualidade.

Melanthe da Sorceri Deie era uma feiticeira com poderes à espreita. Mesmo que o inferno tremesse!

Quando aquelas sentinelas se aproximaram com espadas desembainhadas, ela sorriu. —

Bem, Olá, rapazes. — Com um aceno de sua mão, ela hipnotizou o par, ordenando-lhes que a levassem para a caverna, protegendo-a com suas vidas, e dizendo aos outros que ela era a mulher de seu líder.

Então ela pediu-lhes para levá-la até a chave.

Simples como uma torta.

TRINTA

Durante a maior parte da noite, Thronos tinha lutado contra a feitiçaria.

Ele não sabia o que o chocava mais: a revelação sobre seu irmão, ou que Melanthe o tinha enfeitiçado, sem hesitação.

Mas sua persuasão seria inútil contra os demônios, ou a praga! Se ela morresse, ele iria...

Ele iria o quê? Vrekeners simplesmente não continuavam sem seus companheiros.

Há muitos anos, depois de ele ter se curado do pior de seus ferimentos, sua própria mãe tinha encontrado consolo no suicídio, incapaz de viver sem seu pai.

As sobrancelhas de Thronos se estreitaram. Por esse raciocínio, enquanto a vida de Melanthe estivesse em perigo, a dele também estaria.

No mesmo instante, ele sentiu o comando dela desaparecendo. Em minutos, ele tinha se livrado dos laços invisíveis.

Sua cabeça girou para cima. Se ele fosse para cima, ele não poderia ver os marcadores de aviso das zonas de perigo. Ele teria que se arriscar. Ele bateu suas asas, atirando-se para o céu com sua dor de costume. Ele pairou sobre a copa, acompanhando-a pelo seu feitiço e seu aroma fascinante.

Enquanto ele a rastreava, ele reviu todas as coisas que ela havia dito sobre Aristo. Ao longo dos séculos, Thronos e Aristo tinham crescido separadamente, vendo-se pouco. Não havia um Vrekener vivo que insultava os Sorceri mais do que Aristo. A voz de seu irmão ecoou em sua cabeça: “Eles mataram meu pai e aleijaram meu irmão mais novo. Morte até o último deles!”

Aristo até ameaçou as guardas Sorceri dos Territórios do Ar, até que ele viu o

quão impopular esse movimento seria.

A acusação de Melanthe era possível, logisticamente falando. Levou anos para Thronos se curar, aprender como caminhar e voar novamente. Ele tinha entrado em sua adolescência antes que fosse capaz de viajar longas distâncias. Consumido pela ânsia de localizá-la, ele não teve nenhum interesse na política.

Ele havia suspeitado que as coisas estavam erradas? No último século, notícias preocupantes tinham chegado até ele, mas sua mente tinha se mantido focada na busca, e ele facilmente as desconsiderava.

Porque todos eles eram da conta do Rei de Skye.

E agora sua companheira tinha adicionado mais uma preocupação. Sim, Thronos ouviu o que ela dizia. Quando ela lhe contou sobre Aristo, ela estava inclinada para a frente de forma agressiva, os olhos arregalados. Suas asas não se contraíram.

179

Não era de se admirar que ela estava desesperada para evitar sua casa. Ele tinha que convencê-la de que ele poderia mantê-la segura. Ele não tinha nenhuma dúvida quanto a isso, um Vrekener protegendo seu companheiro era mais forte do que qualquer outro de sua espécie.

E nenhum homem lutaria mais ferozmente por sua fêmea.

Mas, uma vez que Thronos a pegasse novamente essa noite, o que a impediria de comandá-lo de novo? E se ela lhe ordenasse para esquecê-la, como ela tinha ameaçado na ilha?

Antes, ele havia questionado se isso não seria uma benção.

Agora, a ideia fez seu coração bater com medo, e o suor brotar em sua testa.

Quanto mais ele se aproximava das fortalezas dos demônios, mais altos os conflitos ficavam. No céu sobre o planalto, Thronos viu mais demônios Volar travando batalha. Então, membros de uma mesma demonarquia haviam se

tornado inimigos?

Se o que Melanthe disse era verdade, então essas criaturas eram seus irmãos demônios. É

claro, se o que ela disse era verdade, então os Volars seriam preferíveis do que Aristo.

Thronos respirou profundamente para sentir seu perfume, buscando sua feitiçaria. Seu rastro era confuso, parecendo levar a ambos os acampamentos.

O mais fresco levava ao Lugar Profundo. Com seu labirinto.

Thronos podia voar, mas será que esses Volars o avistariam? E se o labirinto fosse feito para impedir a entrada de inimigos, provavelmente haveria minas aéreas plantadas acima dele.

Ele desceu, apressando o passo para o labirinto. As ruínas eram uma profusão de formas, pilares, discos, restos de arcos e paredes, que criavam jogos de luz enganosos e um número infinito de esconderijos.

Ameaças poderiam estar em qualquer lugar. Em todos os lugares. Será que ele encontraria o corpo maltratado dela nessas ruínas? Ouviria seus gritos quando ela fosse atacada por demônios? Seus pulmões queimavam, ele aumentou o ritmo ainda mais.

Na entrada para o labirinto havia uma placa escrita com glifos estrangeiros. As marcações pareciam vibrar, antes de se tornarem legíveis para ele.

**EIS O LUGAR PROFUNDO, TOCA DOS ABYSMALS,
POSSUIDORES DA PRIMEIRA CHAVE, GUARDIÕES DO
SEGUNDO PORTÃO DO INFERNO. INFORTÚNIO PARA TODOS
OS QUE ENTRAM**

NAS ENTRANHAS DESTE REINO.

Exatamente quão profunda era esta caverna? Vrekeners odiavam todas as coisas profundas. Ele avançou de qualquer forma...

Seus olhos se arregalaram. *Melanthe!*

Aparentemente, ela estava saindo, parecendo entediada enquanto passeava pelo labirinto.

* * *

180

Ótimo. O desmancha prazeres tinha se libertado. Ele estava pingando de suor, parecendo que havia corrido ou voado maratonas para chegar até ela.

A emoção espontânea que ela sentiu ao vê-lo só piorou seu mau humor.

Ele correu em direção a ela, mas ela continuou andando, seus planos para um portal estavam em espera por esta noite. Escapar do Inferno não seria tão simples como ela imaginava.

— Melanthe, espere!

Infelizmente, ela não seria capaz de comandá-lo tão facilmente depois de seus gastos de feitiçaria. Ela havia drenado muito de seu poder, mas esperava que não fora em vão.

Thronos a alcançou e pegou-lhe o braço, mas seu olhar fulminante o fez largá-la.

— Você está segura? — Ele perguntou ofegante.

— Como você se libertou? Alguma coisa te atacou? — Ela já estava debatendo seu próximo passo.

— Não no sentido literal. O que você estava fazendo lá? Você perdeu o juízo, entrando nessa caverna sozinha?

Ela deu de ombros.

— Você simplesmente entrou? — Ele franziu o cenho. — Espere. Você tem duas chaves.

Meus deuses, você foi ao Lugar Profundo *e* ao Inferno!

Em volta do pescoço, de cada lado de seu medalhão de valor inestimável, ela tinha amarrado duas chaves de aparência antiga para um Portão do Inferno, porque ela já tinha roubado ambos os tesouros.

Quase idênticas, cada chave era do comprimento do seu dedo mindinho. Em uma das extremidades estava um arco de filigrana, a outra extremidade era plana, entalhada, e gravada.

No geral, elas eram tão delicadas e elegantes quanto Pandemonia não era.

E como bônus, elas também eram feitas de ouro de dragão. Ela agora usava três peças do inestimável ouro basilisco.

Pegar as chaves tinha sido a parte fácil. Escondidas dentro de cada fortaleza que era seu portal. Além disso? Uma chave. Ela pensou que teria que roubar para cumprir sua missão, mas a única segurança tinha sido manual: guardas grosseiros.

Guardas grosseiros que agora estavam dormindo como bebês.

Com seu talento, as chaves poderiam muito bem ter estado sob o capacho da frente.

— Eu as roubei facilmente. — Ela disse a Thronos. — Sua companheira “deficiente” ainda é uma feiticeira ladra, lembra?

181

— Então, todos esses demônios brutais têm estado presos em uma guerra sem

fim, e você conseguiu fazer o que exércitos não conseguiram em uma eternidade? — Ele parecia um pouco...

maravilhado.

Ela passou a mão em um ombro, depois no outro.

— Deixe-me fazer do meu jeito.

Infelizmente, os portais acabaram sendo mais complicados do que ela suspeitava. Cada um ficava escondido em uma pedra, com gravuras ao redor de toda a abertura. No Lugar Profundo, nuvens e videiras foram retratadas, indicando um reino celestial. O do Inferno era cercado por presas pingando, como se a abertura fosse uma boca faminta.

Devia ser um acéfalo, *Eu vou para o reino celestial, Alex*, mas, assim era Pandemonia.

Poderia ser um truque ou um teste.

Pior, eles eram portais de antigamente, basicamente enormes vácuos, o que significava que ela não poderia mergulhar um dedo e depois voltar.

Pior ainda, ela não poderia orientá-los. Mesmo que ela tivesse as chaves, esses portais estavam permanentemente apontados em uma direção, como os trilhos de um metrô, e ela não tinha ideia de onde eles levavam.

— Eu não posso acreditar que você as pegou. — Thronos pegou a corrente, levantando as chaves. Ele inspecionou as extremidades gravadas, uma mostrava presas pingando e a outra vinhas. — Por que você continua aqui? Você ia... voltar para mim? — A esperança em seu tom puxou algo dentro dela.

Ela pegou suas chaves de volta.

— Não.

Ele fez uma careta.

— Então por que você ainda está aqui?

— Porque os portais são mais complicados do que eu esperava. — Não porque ela hesitou em abandonar Thronos em um reino do inferno.

De modo nenhum.

— Eu não quero apressar nada. — Ela poderia se sair melhor se ficasse na clareira Zero-G

por mais um dia. Ela poderia ficar melhor se esperasse para criar seu próprio portal.

Ela olhou através dele. Estava finalmente amanhecendo. Seu tempo de crime tinha acabado por hoje. De qualquer forma, antes que ela fizesse outra incursão para qualquer campo, ela provavelmente deveria recarregar. Surpreendentemente, ela não tinha usado sua persuasão, mas um pouquinho não faria mal.

Sem uma palavra, ela voltou para a clareira.

182

— Para onde vamos? — Ele perguntou quando se aproximavam de uma moita.

Nós? Otimista.

— *Eu* acabei de roubar as duas posses mais valiosas neste reino. — Ela lançou um olhar cauteloso sobre seu ombro. — Eventualmente aqueles demônios vão querê-las de volta. *Eu* estou voltando para a clareira.

— Eu te levaria lá voando, mas os dragões logo sairão em busca de alimento. — Disse ele.

— Vou guiá-la de volta.

— Claramente, não preciso da sua ajuda. — Mal ela disse isso e eles chegaram a um cruzamento onde o caminho se dividia em três, pedras

gravadas marcavam cada um. Ela não se lembrava disto.

Ela deu de ombros. Uni, duni, tê... Ela se virou para o caminho da direita.

— Você não quer aquele.

Ela olhou para ele com os lábios franzidos.

— Por que não?

— A marcação diz: *O Longo Caminho*. O que não soa muito promissor.

— E os outros?

— Um diz: *Para o Lago Congelado*. O outro: *Trilha da Besta do Inferno*.

Ela foi em direção ao Lago Congelado, com a intenção de sair do caminho, logo que as coisas ficassem frias.

Ele permaneceu ao lado dela.

— Melanthe, eu preciso falar com você sobre o que me disse. Sobre meu irmão.

— Você vai descobrir a verdade por si mesmo em breve. Tudo o que eu te disse pode ser verificado.

— Você era jovem, e isso foi há muito tempo. Talvez você o tenha confundido? As garras de Aristo são prateadas, as asas seriam como qualquer outro cavaleiro.

— Ele costumava beber de uma garrafa de ouro. — Quando Thronos empalideceu, ela disse, — Ah, então você se lembra dela? Mesmo se eu pudesse esquecer seu rosto, eu nunca esqueceria seu ouro.

Thronos engoliu em seco.

— Talvez ele não quisesse machucar você naquele palheiro.

— Depois que minha mão foi apunhalada, o próximo tridente cortou minha orelha. Antes que outro pudesse aterrissar, Sabine correu para distraí-lo. Se não fosse por ela, seu irmão teria me ferido até a morte. Veja, não me importo se você acredita mim...

— Eu... acredito em você.

— Você acredita? — Apesar de quão angustiante devesse ser. — Então faça algo sobre isto.

Você deve ir para Skye para limpar a casa.

— Eu pretendo. Vou fazer o meu irmão ver a razão quando voltarmos.

Ela tropeçou. Ela não sabia qual parte de sua declaração a deixava mais perplexa, o fato de que ainda pretendia que ela fosse com ele, ou que planejava reabilitar Aristo.

— Eu odeio ter que dizer isso a você, mas seu irmão é mau. MAU. Do tipo que você não pode reabilitar. Encare isso, Thronos, no departamento de irmãos, nós dois perdemos.

— Você espera que eu mate Aristo sem tentar resgatá-lo? Eu também pensei que você fosse má, mas decidi não te machucar.

— Ele não vai ser como eu. Você está se preparando para uma decepção. E isto é seu negócio. Eu só quero voltar para minha casa. — Ela começou a avançar novamente. O arbusto começou a diminuir. À distância, ela podia ver um campo.

Ele andou atrás para manter o olhar fixo nela.

— Eu não posso permitir isso. Não vamos nos separar. Depois de tanto tempo sem você, como eu poderia liberá-la agora?

Ela acenou com a mão brilhando com a energia azul na frente do rosto dele.

— Você não terá escolha.

Ele fez uma carranca para a mão.

— Melanthe, pare e discuta isso comigo.

— Temos os mesmos problemas de antes. Quando você conseguir ver além do meu número, então talvez nós possamos conversar.

— Então, se eu pudesse ver além disso, você viria comigo para Skye? Então usaria seu poder para me fazer esquecer os homens com quem já estive. — Ele disse, como se tivesse acabado de ter essa ideia e a achasse excelente. — Se isso é o necessário, então vou me sujeitar à sua magia mais uma vez.

Ela cerrou os punhos azuis, odiando-o por magoá-la mais uma vez, odiando que ele nem sequer entendesse como ele a estava machucando.

— Eu deveria fazer você pensar que sou totalmente virgem, ou que talvez só tenha tido uns dois amigos de foda? Que tal uma conquista por século? — Sua voz aumentava a cada palavra, ela gritou, — Eu odeio a maneira como você me faz sentir!

184

— Não é o que quero! Mas não sei como lidar com isso. Eu não posso simplesmente agir como se não tivesse me sentido irado. Como se eu não tivesse caído de joelhos com o ciúmes... —

Ele parou, franzindo a testa para um par de marcas no mármore que margeavam o caminho.

Apenas duas linhas foram esculpidas nelas.

Thronos já tinha atravessado sua fronteira.

— O que elas dizem? — Ela perguntou, recuando.

Ele os leu, olhando para cima com perplexidade. E então as coisas realmente ficaram estranhas.

TRINTA E UM

Nas marcas estava escrito:

A DOR CONFESSA TUDO.

E O TEMPO NÃO IMPORTA.

O que isso queria dizer? Chega deste lugar maldito! O que esta zona teria em estoque? A menção da dor não o preocupava; ele conhecia a dor, poderia lidar com qualquer agonia física.

Mas o que dizer de Melanthe?

O sol estava começando a elevar-se, nuvens púrpuras ao fundo como um halo sobre seu cabelo preto. Ele tinha acabado de dar um passo na direção dela quando avistou um movimento.

Ele não acreditou no que estava vendo, bem atrás dela estava uma besta do tamanho de um tanque, com olhos vermelho sangue, presas gotejando, e ossos pontudos sobressaindo de sua espinha.

Um cão do inferno.

— Pare Melanthe.

Ela o fez. Com os olhos arregalados, ela sussurrou, — Algo está atrás de mim, não é?

Ele deu um breve aceno.

A pele cor de fuligem da besta parecia ser densa o suficiente para repelir espadas. E garras.

Mas se Thronos pudesse alcançá-la e conseguisse ergue-los para o ar...

O cão do inferno ergueu o focinho. Farejando seus cheiros, soltou um uivo de arrepiar.

Quando ele investiu neles, Thronos precipitou-se para ela.

Ele não alcançou Melanthe. Outra besta colidiu com ele de lado, uma locomotiva de força que quase o jogou para fora de suas botas.

Um segundo cão do inferno.

Thronos colidiu com o chão. Quando sua visão clareou, ele encontrou uma pata gigantesca que o alfinetava pela cintura. Ele lançou sua asa para cima, uma garra cortando.

O golpe nem sequer perturbou a pele grossa da besta.

— Corra Lanthe!

Ela já estava correndo em sua direção, como se um cão do inferno a perseguisse, porque isto acontecia. Ela correu com uma rapidez frenética.

186

Melanthe era rápida. Aquilo era mais rápido ainda.

Thronos lançou outro golpe de suas asas, e outro, comprando tempo para olhar por cima de seu ombro, observando cada detalhe de sua possível rota de fuga.

Atrás dele estava um campo aberto franjado de árvores Moonraker. Para o oeste, um cume de uma montanha carbonizada assomava sobre o campo. Sobre isto estava dezenas de dragões, que se atropelavam pelo território. A colmeia deles? Eles arranhavam a pedra preta por vantagem e soltavam grandes correntes de fogo. Rochas despencavam.

Um par de dragões decolou daquela altura, encabeçando na direção do vale do demônio.

Lutando no ar, eles rasgavam pedaços de carne um do outro, chovendo escamas para baixo.

O amanhecer; alimentos sobre o chão. Mais dragões viriam.

Quando Melanthe passou rápido por Thronos, ela chorou, — Pare de brincar

com eles e mate-os!

— Por que eu... — ele forçou seu corpo da esquerda para a direita evitando presas estalando... — não pensei sobre isto?

Se a pele da besta fosse impermeável, teria apenas algumas vulnerabilidades. Tão rapidamente quanto pôde, Thronos chicoteou suas asas, as garras atravessando o rosto da criatura. Antes que o cão pudesse mordê-las, ele deu um grito, cavando, então rasgando suas asas para os lados.

Suas garras atravessaram os olhos da besta, fatiando até os ossos de suas órbitas.

O sangue jorrou. A besta ganiu de dor, cegamente tropeçando em direção ao arbusto. Um erro. Dúzias de enormes répteis parecendo predadores arrebataram o cão indefeso para as sombras.

Com uma investida aleatória de suas asas, Thronos pulou em pé, tropeçando atrás de Melanthe, à dor percorrendo sua perna ruim. Ele esticou a cabeça ao redor. *Onde ela estava...*

Ele a viu por um momento, iludindo o cão em seu rabo. Ele avançou, quase enfiando seu pé na resina. — Cuidado com a resina! — Aquela cova estava coberta com juncos de prata, quase indistinguível do resto do chão.

Arriscando-se com os dragões, Thronos saltou para o ar. Ele não poderia alcançá-la antes de o cão fazê-lo. Então puxou suas asas apertado e mergulhou, apontando para a besta propriamente. No último segundo, ele rolou lançando um ombro no flanco do cão, tirando o equilíbrio dele.

Enquanto chacoalhava a confusão para longe, Thronos enlaçou o rabo carnoso, prendendo-o entre seu braço e torso, cavando com suas garras. Rangendo os dentes, usando toda a força que possuía, ele arrastou o rabo enquanto começava a girar. Como se lançando um disco, ele girou a besta. Novamente. E novamente. Com um berro, lançou a coisa, enviando-a voando pelo ar.

Quando isto aterrissou contra a montanha, pedras despencaram. Seu corpo mole desmoronando.

Cães despachados. Nervoso para correr para ela Thronos quase caiu de cara no chão. Seus pés parando a meros centímetros da resina! Ele deu um puxão com toda sua força.

Mais dragões lançaram-se do cume, indo em direção ao planalto. A montanha tremeu como a força de um terremoto, pedras caindo.

Melanthe estava prestes a passar por um desfiladeiro estreito. Desta distância, ele podia ver um deslizamento de rochas colidindo na direção dela.

— As pedras, Lanthe!

Ela os tinha avistado, derrapando até parar. Virando ao redor, ela voltou em direção ao campo. Em direção a ele. — Depressa!

O céu choveu pedras. Elas crivaram a clareira, agitando o chão com cada impacto.

Tum, Tum, Tum.

Ela se esquivou, evitando uma pedra pontiaguda carbonizada. *Se isto a atingisse...*

Seu corpo teria sido pulverizado. Ele se esforçou com mais força, trabalhando suas asas para livrar suas pernas. Ela poderia ter morrido.

Uma morte verdadeira. Ele ouviu falar que Sorceri morriam por enfermidades e por feridas de perfurações, pelo amor dos deuses.

Ela tinha quase voltado para a clareira. Correu por baixo de uma daquelas árvores gigantescas para encobrir-se, pulando agilmente por cima das raízes.

Então ela... parou. A parte de cima de seu corpo sacudiu para frente antes que recuperasse o equilíbrio.

Os olhos deles se encontram. — Melanthe?

Ela perscrutou para baixo, franzindo a testa.

Ela... Não. Ela não poderia ser pega em uma cova. — Estou indo até você! — Cada músculo do corpo dele tencionou. Entretanto os tremores pararam, as investidas das pedras continuando.

Ele podia ouvir a ensurdecadora descida delas pela montanha.

Um monólito do tamanho de um caminhão de lixo estava indo rumo à árvore de Melanthe.

Ela olhou para cima horrorizada, curvando-se para baixo.

— Não, não! — Ele se debateu, chutando, suor escorrendo por seus olhos, as asas palpitando. *Que porra!* O refluxo estava esfriando a resina, somente solidificando seu aperto.

No alto da árvore, um galho gigante segurou a pedra. Ele e Melanthe compartilharam um olhar de alívio.

188

Até que ouviram a primeira rachadura da madeira acima dela. O galho estava prestes a ceder. Ela começou a lutar em um frenesi.

Ele nunca chegaria até ela a tempo! Ele deflagrou suas garras para romper suas pernas, cortando até a pele. Quando o galho da árvore de cima estalou, a pedra caiu sobre o próximo. Este já estava se curvando...

Ele reprimiu os gritos enquanto cortava, cortando através dos músculos de sua panturrilha, expondo o osso. Segurando a perna sangrando com as duas mãos, ele torceu suas mãos. O osso não quebraria!

Ela murmurou, — Thronos? — Através daquela distância, ele ouviu-a distintamente, sentiu o timbre de puro medo na voz dela. Ela devia saber que uma pedra grande daquela a mataria.

— Estou indo! — Mesmo com suas garras arrancando pedaços de carne de sua outra perna, o processo estava levando tempo demais, demais! Três vezes

falhou tentando quebrar uma perna!

Craaaack. Seu osso estalou ao mesmo tempo em que o galho da árvore o fez. Uma perna livre! Mas a pedra estava caindo como um rolo compressor, esmagando um galho atrás do outro, até que travou diretamente sobre Lanthé, a menos de seis metros acima da cabeça dela.

Uma defesa final. Ele poderia alcançá-la a tempo, e teria forças para puxá-la de sua própria cova?

Ela ficou parada, como se temesse fazer muitos movimentos.

— Comece a cortar! — Ele gritou enquanto partia para a outra perna, equilibrando-se mesmo enquanto passava suas garras afiadas.

Ela não respondeu. Sem diminuir a velocidade de sua tarefa horrível, ele a olhou. Ela estava levantando as mãos nuas, com suas minúsculas unhas rosa. Sem luvas. As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dela.

O último galho de árvore estava prestes a cair; lascas tremulavam sobre ela, espanando suas tranças. — Diga a minha irmã que eu a amo... — ela limpou seus olhos... — e no que diz respeito, aqueles meses no prado... eu fui feliz. Muito feliz.

— Não, NÃO! — Ele estava livre da cova! Usando as asas, as mãos, e o que restou de suas pernas, ele acelerou em direção a ela.

Os olhos deles se encontraram novamente, as lágrimas escorrendo dos dela. Ela ergueu o queixo e deu-lhe uma saudação de piloto.

A madeira quebrou. A pedra caindo.

Um segundo Melanthe estava lá. No próximo ela tinha desaparecido, esmagada.

Morta.

Ele berrou, — NÃÃÃÃÃO!— Ela não podia ter ido!

Quando ele alcançou a pedra, achou que poderia farejar sangue e... ossos triturados.

Porque não havia restado mais nada dela.

Com um grito estrangulado, cavou suas garras pela pedra; usando suas asas para propulsão, ele empurrou com toda a força que lhe restava.

Não movendo isto nem um centímetro. *Ela está morta.*

Outro empurrão desesperado. Nem uma porra de um centímetro.

Ela estava morta. Ele sentia isto. Sabia disso.

Rugindo em agonia. Ele tinha cinco valorosos séculos de ódio para dar àquela pedra, sua nova inimiga. Outro empurrão. Outro. E outro. E outro. Ele martelou seus chifres nela até que o sangue escorresse abaixo em seus olhos.

No meio deste frenesi, as memórias dela relampejaram por sua mente.

Dele dizendo a ela que se casariam quando eles ficassem mais velhos...

— *Isso me faria uma princesa do céu? — Ela perguntou com uma risada. — Será que teríamos muito ouro lá em cima?*

— *Você me terá, e você gosta muito mais de mim do que do ouro! — Ele lhe fez cócegas, perseguindo-a em torno do prado, enquanto ela gritava de tanto rir.*

Da primeira vez que ele a tinha levado para voar...

Ela espiou por cima do peito dele, seus olhos arregalando, tão azuis quanto o céu que cruzavam. — Thronos, isto... isto ... nunca mais vamos descer!

Deles quando crianças pegos pela chuva, bem no dia em que o pai dele mais tarde tinha invadido a abadia.

Thronos a pegou em seus braços, e ela se debruçou contra ele.

Quando as gotas ficaram mais fortes, ele espalhou suas asas sobre sua cabeça, criando um abrigo. — Sempre terei espaço para você também.

Ela se aconchegou contra ele. Enquanto observavam a chuva cair, ela suspirou, — eu amo você, Thronos.

O coração dele pareceu aumentar em seu peito, e teve que engolir em seco o nó em sua garganta para responder-lhe.

Ele desperdiçou o tesouro que recebeu.

Suas garras e chifres tinham ido, mas ele não moveu a pedra. O sangue de suas mãos e da cabeça pintava seu inimigo.

190

Aquela pedra... nem uma porra de um centímetro.

Imóvel. Assim como ele estava.

Lágrimas o cegavam quando percebeu que a pedra seria a lápide dela. Thronos fechou os olhos e tomou conforto em saber que eles compartilhariam aquilo.

191

TRINTA E DOIS

Melanthe sussurrou, — Tem alguma coisa atrás de mim, não é?

Os olhos de Thronos dispararam bem abertos. Ela estava diante dele no prado, congelada, seus cabelos pretos aureolados por nuvens roxas.

Sem uma marca sob ela. Ele estava sem ferimentos também.

— O que é isso, feiticeira? — Ele murmurou. — Sério? — Claro que não; ele deveria estar delirando, ainda sentado em seu próprio sangue, com as costas contra a lápide, sonhando. Mas e se isto... — Você não tem nenhuma memória do que apenas ocorreu?

— Nós estávamos lutando, como de costume, — Melanthe retrucou baixinho.
— Foco, Thronos, o que está atrás de mim ?

Aquele mesmo cão do inferno uivou e atacou; com um grito, ela disparou passando por Thronos.

— Melanthe, cuidado com a resina! — *O que diabos está acontecendo? Estou no inferno.*

Não, talvez um deus benevolente estivesse lhe dando uma segunda chance de salvá-la!

Com esse pensamento, ele deu uma meia-volta rápida, preparando-se para o ataque pelo flanco. Sabia o que estava por vir. O segundo cão saltou; Thronos evadiu enquanto suas asas atacavam, cegando a besta.

Um a menos.

Ele tinha acabado com o cão antes desta vez. Os eventos seriam diferentes; ele poderia proteger Melanthe antes que o outro animal chegasse mais perto. Ele ergueu-se para o céu, planejando pegá-la em seus braços.

O cão perseguindo Melanthe deve ter ouvido as asas de Thronos arrebatá-lo; ele desviou dele...

De repente, o corpo dele amassou. Sua pata dianteira ficou presa na resina!

Veja se você gosta disso, besta!

O par de briguentos dragões se lançaram do pico, em seguida, enviaram um tremor pela montanha. Enquanto Thronos envolvia Melanthe, as duas criaturas o viram no ar e mergulharam para ele.

Novas ameaças. Se o inferno estava conspirando para impedi-lo de salvar sua companheira... *Eu vou derrotar o inferno.*

Os dragões expeliram fogo, mas ele escapou das correntes entrecruzadas. Mergulhou sob eles, indo para uma camuflagem no terreno.

192

Thronos aterrissou, caindo de quatro, começando a correr como se de uma linha de partida. Ele arriscou um olhar para trás. Como esperava, o par tinha abandonado sua busca, continuando para o planalto para uma refeição garantida. Mas mais apareceram, então ficou no chão. Com o cão de fora, ele tinha mais tempo...

Seu terceiro passo foi o último.

Seus pés ficaram presos novamente. Outra maldita cova! Ele tinha feito exatamente como o cão! — Oh, vamos lá! — Ele gritou, lutando para se libertar. — Melanthe! Não corra, se você se mover mais um centímetro, vai morrer!

Ela não podia ouvi-lo, estava prestes a entrar naquele desfiladeiro. Com as pedras caindo!

Ela derrapou até parar, em seguida, virou-se para correr para o campo.

— Não vá para baixo daquela árvore! — Ele cerrou os dentes, puxando com toda a força.

Ela contornou, esquivando-se daquela primeira pedra em forma de seta, a carbonizada de antes.

— Não vá para a árvore! — Ela estava indo para a árvore! — Há um buraco entre as raízes!

Ainda sem ouvi-lo, ela pulou por cima das raízes. Então...tarde demais. A parte superior do corpo dela sacudiu para frente antes que recuperasse o equilíbrio.

Ela murmurou, —Thronos? — Mesmo daquela distância, ele podia ouvi-la distintamente, sentindo o timbre de puro medo na voz dela.

Os olhos deles não se reuniram neste momento; ele estava muito ocupado cortando suas pernas. *Quebre os ossos de uma só vez ou ela morre.* — Espere um pouco! Estou indo até você!

Cada músculo em seu corpo ficou tenso. Ele já podia ouvir a lápide descendo.

Rasgando, chutando, suor queimando seus olhos. A lápide quebrando o galho no alto da árvore.

O osso de Thronos rachou, em menos tempo do que da outra vez! *Posso fazer isso, posso alcançá-la!* Com uma perna livre, ele se atreveu a olhar. — Estou indo! — O próximo galho mais abaixo está se curvando.

Ela sabia que uma pedra tão grande a mataria. Ela lutou ferozmente.

— Apenas espere! — Ele reprimiu um grito enquanto cortava, golpeando através do músculo da panturrilha sangrenta de sua outra perna. Esta levando muito tempo, demais!

A pedra caiu como um rolo compressor, esmagando galho após outro até que pendeu diretamente sobre Lanthe, a menos de seis metros acima de sua cabeça.

A defesa final.

— Thronos? — Ela paralisou, como se temesse fazer algum movimento.

— Não vou deixar você ir! Estou indo até você! Não acabamos ainda, Melanthe.

— Gostaria que as coisas tivessem sido diferentes, — ela disse, a voz engrossada pelas lágrimas.

— Elas vão ser! Lute, Lanthe!

Seus olhos se encontraram novamente. — Diga a minha irmã que eu a amo.

— Erguendo o queixo, Lanthe deu-lhe uma saudação.

Segunda perna livre! O galho da árvore estava prestes a cair. Ele foi para o ar, mergulhando para ela; ela manteve seu olhar sobre ele, como se tomando coragem.

Craaaack. A pedra caiu. Ele colidiu com isto. Um instante tarde demais.

— NÃÃÃÃÃO!

Ele enfiou as garras na pedra; usando suas asas para a propulsão, empurrou com toda a força que lhe restava. *Arruinei minha segunda chance!*

Ele dirigiu seus quinhentos anos de ódio... para si mesmo. *Eu sou o inimigo.* Ele teve três noites fugazes com sua companheira, e aproveitou todas as oportunidades para assustá-la, para envergonhá-la e feri-la. Como se centenas de anos fugindo de sua espécie não tivesse sido dor suficiente.

Eu desperdicei o que me foi dado, nunca compreendendo o tesouro.

Ela está morta.

Outro empurrão. Outro. E outro. E outro. Ele deu um rugido agonizante, arranhando a pedra em um frenesi. Enquanto martelava seus chifres nisso, a loucura ameaçando, seus pensamentos levantando voo em direções estranhas. Ele lembrou o final daquele encontro que teve com a mãe dela...

— *Melanthe nunca será o que precisa que ela seja. Você não pode quebrar*

minha filha, e essa é a única maneira dela te amar.

Thronos engasgou, — Eu não quero quebrá-la! — Melanthe é perfeita como ela é!

— Então vai ter que quebrar a si mesmo, olhos de águia.

Perfeito, se apenas? Melanthe fosse perfeita.

Se ela estivesse viva.

Quando o sangue escorreu de seus olhos, ele os fechou. *Por favor, deuses, me deem apenas mais uma chance.*

* * *

— Tem alguma coisa atrás de mim, não é?

194

Os olhos de Thronos se abriram. Melanthe estava diante dele, dolorosamente linda, sem uma marca em cima dela. O sol estava começando a subir, nuvens roxas no fundo como um halo sobre seus cabelos pretos.

O uivo do cão do inferno marcou o início.

O Inferno conspirando.

Minutos depois, a pedra estava prestes a cair sobre Lanthe.

Estava faltando uma asa e uma perna em Thronos. Cortes e perfurações o cobriam. Os predadores reptilianos no arbusto que tinha arrebatado o primeiro cão do inferno vinham em direção a ele neste momento.

Não deveria ter ignorado essa direção. Não iria da próxima vez.

E se ele não conseguisse uma próxima vez? E se três fosse o limite?

Ele orou a quaisquer deuses que estivesse ouvindo: *vou fazer isso até que eu*

acerte. Vou fazer isso por toda a eternidade se for preciso, mas vou salvá-la...

195

TRINTA E TRÊS

Lanthe passou os dedos no corpo convulsionando de Thronos, em seguida, pulou para trás.

Seu olhar correu de uma marca no mármore para a outra, olhando para a ameaça.

Um minuto, ela e Thronos estavam discutindo. No próximo, seus olhos tinham rolado para trás na órbita e ele caiu como uma pedra. Ele estava agora inconsciente, agarrado ao chão como se atingido por uma doença sobrenatural.

Qual zona ele tinha cruzado? O setor do pesadelo? O cinto nocivo do ar? As marcas estavam inscritas com glifos estranhos, e seu tradutor atualmente estava se contorcendo, desmaiado no chão.

Ameaçadoras nuvens fechadas, escurecendo parte da manhã. Uma chuva fina começou a cair; relâmpagos riscando acima. O que fazer? Apesar de ele ser um pé no saco, ela não podia deixá-lo assim.

Era quase como se sentisse o mesmo tipo de lealdade com Thronos, que tinha com Sabine.

Mas Sabine nunca a tinha machucado do jeito que Thronos continuava a fazer.

Mesmo assim, Lanthe iria arrastá-lo para fora da zona. Todos os dois metros dele.

— Thronos, você é um pé na minha bunda, — ela retrucou para a forma inconsciente dele.

— Aqui estou eu, salvando a sua mais uma vez! Quero isto anotado.

Cuidando para não cruzar as marcas, ela estendeu a mão para os pés dele, arrastando-o para ela. No instante em que puxou sua cabeça para fora da zona, seus olhos se abriram, encarando-a. — Melanthe?

Ela baixou os pés dele e ele ficou em pé. Com sua íris totalmente prateada, ele olhou ao redor, como se o perigo estivesse no horizonte. Ele cheirou o ar.

Em voz baixa, ele rangeu, — Não é real? — O olhar enlouquecido em seu rosto a fez afastar-se dele.

Então ele se virou para ela. — Não é real. — Ele moveu-se para mais perto.

— Hum, o que está acontecendo, Thronos?

— Você está aqui. — Sob a chuva fraca, ele estendeu a mão para ela, cobrindo o rosto dela com as mãos trêmulas. Seus polegares roçando ao longo das maçãs do rosto dela. As sobrancelhas dele se juntaram e apertou os lábios.

Ela tinha visto essa expressão de anseio antes, e depois daquela ausência de três dias, quando o chamou de demônio. Então, há muito tempo atrás, quando ele finalmente voltou ao prado deles, seus olhos tinham dito a ela, *estou praticamente perdido sem você*.

196

— Eu quero seu futuro, Melanthe, — ele murmurou asperamente agora. — Não me importo sobre o passado. Nós vamos resolver a porra dos detalhes.

De onde isto tinha vindo? Por que ele mudou...

Os lábios dele desceram sobre os dela. Como em seu sonho, seu gemido aflito retumbando contra a boca dela. Parecia que ele ia morrer se ela não correspondesse ao seu beijo.

Um beijo de reivindicação. Um beijo de “não tem volta”.

Apesar de seus problemas com ele, ela encontrou-se separando os lábios debaixo dos dele.

Ele gemeu de novo, como se estivesse concedendo muito mais do que um beijo. Quando a língua dele mergulhou, os olhos dela se fecharam em êxtase.

Os lábios dele lentamente se inclinaram, sua língua sensualmente defrontando com a dela.

Para alguém com tão pouca prática, ele estava se transformando em um beijador devastador. As mãos dela se entrelaçaram ao redor do pescoço dele, seus dedos dos pés enrolando quando eles começaram a compartilhar respirações.

Quando se afastou, a deixou atordoada, piscando para ele. — Thronos, acho que está foi a melhor conversa que já tivemos.

* * *

Ele não soltou Melanthe, apenas manteve as mãos tremendo no rosto dela.

Ela estava cheia de vitalidade, feitiçaria e vida. Ele saboreou o bater do coração dela, o percurso de sua força vital.

Cada maravilhosa respiração que ela dava.

Embora inicialmente parecesse atordoada, e satisfeita, suas sobrancelhas estavam se juntando. — O que está acontecendo com você? — Ela abaixou as mãos, esquivando-se das garras dele. — Você teve uma convulsão, e agora não está pensando com clareza. Você de repente percebeu o quão estúpida é esta obsessão sobre o meu passado?

— Eu quase perdi você. — Ele rangeu as palavras, incapaz de processar o que tinha acabado de acontecer... o que tinha visto e sentido.

— Do que você está falando?

— Você... você me arrastou para fora disso. — Ele abriu e fechou os punhos, precisando de suas mãos sobre ela. — Me resgatou disso.

— Do quê?

— Do Inferno. Eu estava na minha versão pessoal do inferno.

— O Inferno o fez mudar de ideia sobre meu passado?

197

Ele acenou com a cabeça. — Você falou sobre as armadilhas quando chegamos pela primeira vez, sobre trabalhos repetitivos. Acredito que eu estava em um ciclo de algum tipo. Em cada repetição, não importava o que fizesse, não conseguia salvá-la. Você... morria. Era esmagada por uma pedra.

Ela arqueou as sobrancelhas. — Típico. A prostituta sendo apedrejada até a morte.

Com a voz rouca, ele disse, — Não fale assim. Por favor. — Ele tomou-lhe a mão, não querendo deixá-la ir.

Ela olhou para ele como se estivesse medindo as emoções dele, as que ele não se preocupava em esconder. Como tinha sido estúpido! Ele queria fazer uma vida com ela, um casamento e uma família. Para ter todas estas coisas, ele precisa apenas olhar para o futuro deles.

Isto estava lá... para pegar!

Ela estava.

A não ser que ele já tivesse arruinado as coisas além da reparação.

— O que as marcas dizem? — Ela perguntou.

— A Dor confessa tudo. E o Tempo não importa. — Ele agora compreendia que aquilo que tinha acabado de passar não era real.

Mas a lição tinha sido.

— O que isto significa?

— O tempo não importa quando se permite repetir. — Com a mão livre, ele colocou uma mecha do cabelo negro dela atrás da orelha. — E a dor clareou

meus pensamentos sobre nós.

— Isso soa... intenso.

Você não faz ideia. — Precisamos nos mover para longe da borda desta zona. Se cruzarmos isto, poderemos ficar lá pela eternidade. E prefiro passar a eternidade com a praga do que assim.

— Ele roçou as costas dos dedos ao longo do delicado queixo dela, prometendo para todo o Lore, a todos os deuses, que iria proteger esta mulher por toda a eternidade.

— Você não parou de me tocar, Thronos.

— Você vai ter que se acostumar com isso...

A corneta de guerra do demônio soou, não muito longe, à distância.

Ela olhou por cima do ombro. — Eles não iriam sinalizar um ataque durante o dia...

— A menos que estivessem vindo por aquelas chaves. Vamos colocar alguma distância entre nós e eles.

— Onde? Não podemos voltar. E não sabemos para qual caminho a borda desta zona se estende.

198

Ele esticou a cabeça para o céu, reprimindo um palavrão. — Não podemos ir para cima.

Delineados por explosões de raios, um bando de demônios Volar pairavam acima. Um prévio contingente? A posição deles prendia Thronos e Lanthe contra a zona do inferno.

As costas deles estavam contra uma parede invisível.

199

TRINTA E QUATRO

— Se eu levá-la para o ar, eles vão arrancá-la de mim. — Thronos rosnou enquanto o chão começava a vibrar sob seus pés.

— Outros estão vindo! — Gritou Lanthe. Um pouco além do arbusto, soldados demônios estavam mirando na direção deles.

— Eu terei que lutar com eles daqui.

Ela o tinha visto sair vitorioso contra uma série de fantasmas, mas demônios eram astutos.

Com relutância, Thronos soltou a mão dela, firmando suas asas para atacar.

— Fique atrás de mim, na borda das marcas. Os demônios não vão chegar perto delas.

Ela foi para trás.

— Mas não cruze a linha, Lanthe...

A primeira onda quebrou o arbusto. Eram muitos deles!

Em um borrão, espadas se arquearam, assobiando em volta de Thronos. Ele bateu com as duas asas. Cabeças rolaram pelo chão como bolas de boliche com chifres. Sangue pintou a grama prata de vermelho.

Mais demônios avançaram. Mais morreram. Quando as asas de Thronos chicoteavam como velas, ondulando no ar, uma névoa fina de vermelho pulverizou em seu rosto.

Qualquer demônio que atacou pagou com sua vida. Thronos decapitava com uma eficiência impiedosa.

Mas eles continuavam vindo. Até os demônios na parte de trás começaram a atirar em Thronos, arremessando uma chuva de lanças e punhais, granadas de

fogo e de gelo.

Ele teve que usar uma asa como um escudo constante contra o céu enquanto mais guerreiros se aproximavam, fervilhando como formigas saídas de um monte chutado. Ele desviou a saraivada, mas estava ficando mais lento, gastando muita força. Ele não poderia atrasá-los por muito mais.

Era uma questão de tempo.

Então ele morreria, e ela seria capturada. A menos que ela fizesse algo.
Quando estiver em apuros... Portal!

Ela tinha algum poder, mas seria suficiente para criar um portal para um mundo diferente, sob pressão, apenas dois dias depois de seu último?

Isso nunca vai acontecer.

200

Ainda assim, ela levantou a mão, dispersando sua feitiçaria para a borda da zona do inferno. Enquanto ela trabalhava para abrir a costura desta realidade, Thronos deve ter sentido a energia, ele se virou para ela com suas asas abertas molhadas de sangue, um aviso em seus olhos: *Não fuja de mim.*

Ela ofegou. Nos flashes, ele parecia com uma... lenda.

Como um anjo vingador.

Do inferno.

Cada centímetro de sua pele estava coberta de sangue dos outros, e do seu próprio também. Havia cortes em sua carne que atravessavam cicatrizes antigas. Austero contra o carmesim, seus olhos estavam totalmente ônix, e fixos em Lanthe enquanto ele começou a abrir caminho em direção a ela.

Uma fenda se abria, tirando sua atenção dele! *Vamos, portal! Vamos!* Quase grande o suficiente para ela entrar. *Rothkalina, Rothkalina, Rothkalina*, ela repetiu como um mantra.

Não havia nada para impedi-la de sair de Pandemonia. Ela poderia abandonar Thronos para se salvar? Para voltar para sua família?

Depois daquele beijo...

Olhe para trás para ele de novo, e você vai se arrepender. Ainda assim, no limiar, Lanthe mordeu os lábios e se virou.

— Não faça! — a voz dele era predominante dolorida, como se já soubesse que ela o deixaria para trás. — Não fuja de mim, cordeirinho!

Cordeirinho.

Ele não a tinha chamado assim desde que eram crianças. Ela lembrou de seu último dia juntos, quando eles se sentaram debaixo de suas asas. Ela suspirou dizendo que o amava. Sua voz estava grossa quando ele respondeu: “*Eu-eu também te amo, cordeirinho.*”

Droga! Ela não podia deixá-lo.

Apesar de os demônios o estarem perseguindo, ela soltou um palavrão e esperou por ele.

Eu não posso acreditar que estou fazendo isso!

Ele parecia tão chocado quanto estava. No entanto, ele lançou a ela uma expressão determinada, aquela que agora reconhecia. Isso significava que ele acreditava estar prestes a vencer todas as dificuldades e triunfar.

Ele continuou lutando para alcançá-la, mas com a atenção dividida, seus ataques não foram tão eficientes. Ela podia ver os demônios circulando-o no ar e no solo. Alguns espreitavam entre Thronos e Lanthe.

201

Ele nunca a alcançaria. E havia olhares maliciosos voltados para ela. Demônios prontos para matar. Ou pior.

Pense, Lanthe! Ela não podia usar a persuasão em tantos, especialmente nos

que estavam mais atrás. Ela fez uma carranca. Será que ela precisava?

Como Sabine tinha dito a ela: *A ilusão é a realidade.*

Lanthe arrancou a corrente de seu pescoço, segurando-o acima da cabeça. As peças retiniram alto.

— Vejam o que eu peguei! — Alguns demônios fixaram seus olhares nas chaves brilhantes.

Infundindo seu comando com feitiçaria, ela gritou: — Olhem, Pandemônios, *olhem.* — Luz azul espiralou em volta dela, até que ela estava irradiando tão brilhantemente como o relâmpago acima.

Mais guerreiros se sossegaram, murmúrios abafados flutuando sobre a multidão. Na calmaria, Thronos seguiu em sua direção.

Ela ergueu as chaves acima dela.

— Vocês querem isso? — Sua magia se refletiu nos olhos dos demônios mais próximos. —

Ou devo simplesmente desintegrá-las com minha luz azul mortal? *Ha!*

Os demônios arfaram.

— Eu sou uma deusa grande e terrível, Guardiã das Chaves e a Rainha do Inferno. — Ela apontou para Thronos. — Ele é o poderoso... Leitor de Palavras. — (Foi o melhor que ela conseguiu.) — Parem de lutar com ele! — Outro comando.

Os demônios mais próximos a ela pararam imediatamente. Com as sobancelhas erguidas, Thronos se apressou para ela. Ele murmurou, — Leitor de Palavras?

Lanthe não tinha acabado ainda. Ela disse à multidão, — Apesar de partirmos agora, voltarei com essas chaves. *Voltarei para mais ouro.* Mas apenas se vocês conseguirem a paz aqui.

— Estabilidade geopolítica torna mais fácil o transporte do tesouro. — Entendido? — Ela colocou o colar de volta.

Quando o limite instável do portal começou a oscilar e encolher, Thronos correu para ela.

O espaço seria largo o suficiente para eles passarem?

Ele colocou-a contra si em seu caminho para o portal.

— Você me esperou. Pela primeira vez, você não fugiu de mim! — Em seu ouvido, ele murmurou, — Você nunca vai se arrepender disto. — Segurando-a com força, ele mergulhou para a abertura no último segundo.

A fenda foi selada atrás deles enquanto eles entravam de cabeça em um novo mundo.

TRINTA E CINCO

— Ahh! — Lanthé gritou e se encontrou debaixo de uma cachoeira com água batendo em sua cintura.

Ela passou o antebraço para limpar seu rosto. Thronos estava diante dela, preenchendo sua visão.

Ele a puxou da cascata, agitando seu cabelo escuro.

— Onde estamos? — Ele estava limpo do sangue de demônio que o cobria.

Virando-se para examinar seus arredores, ela piscou contra a luminosidade do dia. O sol era uma bola de ouro em chamas no céu. Passado um campo de flores cor de sangue, ela viu areia rosa e um mar calmo da cor de grama nova. Esta enorme cachoeira e piscina eram do mesmo tom.

Eu conheço esta praia rosa. Conheço este odor. O ar estava abafado, com cheiro de... Havaí, flores, e sexo .

Oh, não, não, não podia ser isso!

Então o sol começou a brilhar. Feveris era normalmente ensolarado porque suas nuvens eram translúcidas, quando passavam na frente do sol, elas cintilavam como uma estrela.

— Oh, meu ouro, aqui é Feveris.

— Estamos na Terra da Luxúria? — Thronos disse no mesmo tom que um humano diria:

“De verdade, nós somos vencedores de Powerball?”

— Isto não pode ser, eu aponte para Rothkalina!

— Quanto tempo teremos até perdermos o controle? — Sua voz estava ficando rouca.

— Menos de dez minutos. Isso é o quanto estive aqui antes que meus servos me arrastassem de volta. Eu só queria ver se os rumores eram verdadeiros. — Ela perdeu a noção do que estava dizendo porque Thronos estava sorrindo.

E era glorioso.

Os raios do sol atingiram os olhos dele, fazendo sua incandescente íris parecer prata derretida. Seus lábios firmes curvados, revelando mais de seus dentes brancos e uniformes, e aquelas presas. Ela sentiu o desejo louco de tocar uma dessas pontas com sua língua. Com o rosto relaxado, as cicatrizes dele pareciam desaparecer.

Era a primeira vez que ela o via sorrir desde que era um menino.

Lutando para recolher seus pensamentos, ela perguntou, — Por que você parece tão satisfeito consigo mesmo?

203

— Primeiro, você está viva. Mais, você me salvou de um exército de demônios e esperou por mim. Pela primeira vez! E então você nos trouxe para Feveris. Talvez você queria vir aqui comigo tanto quanto eu queria vir com você? Acho que estou gostando de você.

Ela queria negar, mas não podia. Algo tinha acontecido em Pandemonia, uma mudança em seus sentimentos por ele. Será que um broto frágil de afeto havia surgido em sua cabeça?

Ilusão era realidade. Aja como parceiros por tempo suficiente, adivinhe o que você vai se tornar...

Broto estúpido.

— Eu já sinto os efeitos deste lugar. — Ele passou o olhar sobre o corpo dela, fazendo a pele ruborizar.

— Eu também. — Ela admitiu. Sob a cascata, a água da piscina era agradável e suave. Brisa morna acariciava seu rosto, acalmando-a.

Antes, ela tinha se preocupado em se deixar levar com ele. Ela se preocupava com o que ele pensaria sobre ela. Agora, a decisão havia sido tirada dela. Ela subconscientemente os havia guiado até aqui?

— Por que você me esperou, Melanthe? — Ele estendeu a mão e passou as pontas dos dedos na bochecha dela, lançando um sorriso orgulhoso. — Por que minha brilhante companheira me salvou?

Porque esta jornada inteira parecia maior do que os dois? Porque quando ele a chamou de cordeirinho, seu coração doeu pela perda da amizade entre eles?

— Não foi nada de mais. Mas não pretendia vir aqui!

O sorriso dele esmaeceu pelo tom de voz dela, e ela queria retirar o que disse. O que estava acontecendo com ela? Ela só precisava de tempo para pensar!

Ela tentou marchar para longe dele na piscina, mas suas botas estavam cheias de água.

Com uma maldição, ela tirou uma, depois a outra, jogando-as para fora.

Ele deve ter visto isso como um convite para tirar suas próprias roupas. Ele arrastou os restos de sua camisa sobre a cabeça. Diante do corpo que ele estava revelando, ela não conseguia desiludi-lo.

— Eu pensei que os Sorceri eram hedonistas? — Ele tirou as próprias botas. — Nós estamos em um plano dedicado somente para o prazer. Você devia se alegrar.

— Se perdermos o controle e fizermos sexo, será desastroso! Eu poderia ficar grávida.

Ela podia pedir para ele retirar no último segundo, mas duvidava que um virgem teria a força de vontade necessária, especialmente quando seu instinto estaria clamando para ele quebrar seu selo demônio e derramar sua semente.

— Seria tão ruim ter um filho comigo?

— Você quer dizer um bastardo? — Ela respondeu. — Olhe, eu sei que você está realmente empolgado para ter filhos e tudo mais. Mas, para mim, ficar grávida seria como ficar presa. — Ela lembrou a si mesma que os Sorceri eram estéreis em geral. As chances de isso acontecer eram esmagadoramente pequenas.

— Honestamente, não estou tão empolgado como eu estava, — disse ele. — Antes, eu pensava que nossos filhos seriam a única coisa que teríamos em comum, e criá-los seria a nossa única ocupação. Agora percebi que há muito mais para fazermos. — Ele levou a mão dela à sua virilha, ao eixo rígido lutando contra as calças encharcadas.

Em um piscar de olhos, ela estava tão excitada quanto ele.

— Como sexo? — Típico macho. E este nem sequer sabia o que estava perdendo!

— Não só o sexo. Você poderia me ensinar todas as referências que não conheço.

Poderíamos viajar pelos reinos juntos, explorando mundos. — Com cada uma de suas palavras roucas profundas, sua força de vontade diminuiu. — Você gostava de explorar comigo, não é?

Ela gostava. Suas aventuras selvagens em Pandemonia tinham deixado Lanthe eufórica e confortada.

Mas havia mais a considerar!

— E a nossa história? As nossas famílias? A guerra entre nossas facções? Não resolvemos nada entre nós. — Mesmo enquanto ela expressava suas preocupações, sua mão começou a acariciar o comprimento dele.

— Nós vamos, — disse ele, engolindo um gemido. — Mas agora não é o momento. Neste momento, estamos em Feveris, juntos, depois de sobreviver à Pandemonia. Nós desejamos um ao outro. Negar o prazer entre nós seria

como desperdiçar nossas moedas. — Ele enrolou o dedo sob o queixo dela. — E isso é algo que nós não fazemos.

Demônio irresistível. Sua ansiedade estava diminuindo, o feitiço de Feveris tomando conta.

Ainda assim, ela lutou contra ele.

— Usando minhas palavras contra mim? — Ela baixou a mão e se arrependeu imediatamente. — Se sucumbirmos às magias daqui, como poderemos escapar?

— Quando tivermos queimado o pior da luxúria, você pode me convencer a não sentir os efeitos de Feveris. Eu vou nos manter focados até que você possa criar outro portal.

— E mais uma vez você quer que eu use meu poder em você.

— Nós não temos escolha. Eu já estou perdendo o controle. Por enquanto, perca-o comigo.

205

— Thronos... — Ela sentiu uma pontada súbita em todo o ombro. *Que diabos?* Mas quando ela olhou para baixo não havia nenhuma marca, e a dor diminuiu. Isso foi esquecido quando ele alcançou seu peitoral, abrindo os fechos.

Ele arrancou a peça, jogando-a para a praia como um Frisbee.

A luz solar encontrou seus seios nus. Ela não podia evitar de se arquear em direção ao calor, revirando seus ombros. As dúvidas remanescentes recuaram como as ondas preguiçosas do mar nas proximidades.

Quando os seios balançaram com o movimento, Thronos ficou paralisado, como se estivesse presenciando um milagre.

— Melanthe, eu nunca quis nada como quero isso. — Com suas garras negras se ondulando, ele pegou a saia dela. Logo esta se juntou ao peitoral. — Eu

devo reivindicar minha linda companheira. — Ele tentou tirar a calcinha, mas na pressa a renda cedeu.

Uma vez que ela estava sem nada além do colar, seus olhos a percorreram avidamente. Ele não retirou o olhar dela enquanto começou a tirar as calças, se atrapalhando com os cadarços.

Como ele devia estar nervoso! Será que ele se preocupava se estaria à altura de seus amantes do passado? Apesar de sua inquietação, ele tinha o olhar determinado. Ele sabia o que queria, e sabia que estava prestes a conseguir.

Ele arrancou as calças, arremessando-as para a praia também, o couro molhado fazendo um som característico.

E então ele estava nu. Névoa da cachoeira pontilhava sua pele bronzeada, gotas se agarravam a seus músculos esguios. Logo abaixo da superfície, Lanthe podia ver o eixo dele pulsando.

Ela sondou os pensamentos dele, encontrou os bloqueios abertos. Ele ansiava por sentir seu sexo, prová-la.

Reivindicá-la.

Seu olhar encontrou o dela. *E ele quer que eu saiba estas coisas.*

Talvez eles pudessem apenas libertar algum vapor sem consumir qualquer coisa?

Ela enrijeceu quando sentiu dor em seu antebraço, como uma queimadura fresca. Ela se afastou para procurar por uma marca, não encontrando nenhuma.

— O que é isso?

— Nada. — Provavelmente estresse residual do reino inferno. — Absolutamente nada.

Parecia que ele tinha mais a dizer, então ela estendeu a mão para seu pênis, curvando os dedos em torno dele, o que, aparentemente, roubou-lhe o

pensamento. Seus lábios se separaram, e ele não podia deixar de se mover contra seu aperto.

206

Quando ela traçou o polegar sobre a cabeça esticada, seu eixo empurrou na palma de sua mão, continuando a crescer.

— Você é realmente grande. — Disse ela enquanto acariciava-o da base à ponta.

Ele teve que limpar a garganta para falar, — Fêmeas gostam de grande.

— Só se elas estão preparadas para isso, e ele seja usado corretamente.

A preocupação venceu sua testa.

— Como devo preparar você?

— Eu terei certeza de que você me deixará pronta. — *Porque o sexo era inevitável?* Estava começando a parecer que sim.

Ela continuou a acariciá-lo enquanto ele balançava contra seu punho, mas quando ela segurou os testículos, ele ficou completamente imóvel.

— Melanthe. — Ele disse roucamente, agarrando-lhe o pulso para parar sua mão. — Tem muitas coisas que estou doido para fazer com você. Eu quero que isso dure.

— Hum. Que coisas? — A propósito, ele estava olhando fixamente para seus olhos, ela sabia que eles deveriam estar brilhando.

Em um tom angustiado, ele disse, — Preparar você?

— Mostre sua garra.

Sem uma palavra, ele fez.

Ela pegou a mão dele entre as suas. Quando ela guiou seu dedo em sua

essência, as pálpebras dele ficaram pesadas. Com os olhos nos dele, ela deu um gemido suave.

— Meus deuses. — Ele engasgou, seus chifres esticaram-se totalmente. Ela pegou seu pensamento: *Como eu poderia caber dentro dela?*

Caber? Não, eles não tinham que fazer sexo! Ela disse a si mesma, até quando ela estava acenando para ele mover seu dedo. Uma vez que ele começou a empurrar, ambos estremeceram.

Seus clitóris inchou para ter atenção, seus lábios se abrindo em torno do dedo dele. Logo ela estava ofegante, beijando e lambendo a pele quente do peito dele.

No entanto, logo ele tirou a mão. Levantando-a à boca, chupou o dedo, seus olhos fechados.

— Oh! — A respiração dela acelerou. Quem era esse homem sexy? — Ohhh.

Quando ele tomou todo o seu gosto, soltou o dedo.

— Eu quero mais disso, Melanthe.

207

Ela deveria abordar o sexo oral com ele? Ele pode querer mais, mas poderia se scandalizar. O feitiço de Feveris a fez se sentir despreocupada: *Fale sobre isso. Ele vai totalmente amar!*

— Falando em me preparar? Eu acho que sexo oral pode ajudar...

Em um piscar de olhos, ele estreitou-a em seus braços. Avançando através da água, como se algo os perseguisse, ele a levou para a borda da piscina. Subindo, ele caminhou em direção ao mar, baixando-a em um tapete de flores sob as palmeiras.

O olhar dele parecia seguir as gotas que escorriam para baixo de seu corpo quando se juntou a ela. Suaves raios de sol eram filtrados pelas folhas da palmeira, fazendo seu colar brilhar.

Com um olhar interrogativo, ele estendeu a mão para o colar. Embora ela estivesse relutante em removê-lo, mesmo por um minuto, ela não queria que nada a distraísse deste macho. Ela assentiu, e ele se aproximou.

— Eu realmente ia dar isso para você, como um presente de namoro.

— Você arriscou sua vida por um presente?

— Quando é o que sua companheira escolheu... — Ele sorriu. Então se moveu entre as pernas dela, segurando-a por trás dos joelhos, levantando até que ela trouxe os pés para cima.

Ela se levantou sobre os cotovelos, precisando ver toda a reação dele. A julgar pelo olhar atento em seu rosto, nada poderia impedi-lo.

Ele colocou as mãos ásperas nas coxas dela, abrindo-as até que os joelhos ficaram bem afastados. Uma brisa soprava ar abafado contra seu sexo liso.

Mesmo que ela não soubesse que era a primeira dele vez nesta posição, a forma como ele olhava fascinado iria denunciá-lo. Seus olhos ardentes ficaram extasiados, sua expressão dizendo, *Misericórdia*.

Os pensamentos dele invadiram sua mente: “*Sua carne primorosa... tão delicada. Queria ataca-la..*”. Quando ele lambeu os lábios em antecipação, a visão daquela língua pontuda a fez tremer.

Com uma voz quase irreconhecível, ele disse, — Eu tive minha vez na clareira. Você vai ter a sua agora. — Seu olhar perfurou o dela. — Veja se isto acontece.

Isto? Seu orgasmo? Ele estava dizendo a ela, a sua maneira, para o guiar, porque ele nunca tinha feito isto antes.

Quando ela deu um aceno instável, ele abaixou para pressionar a boca em uma de suas coxas. Com uma lambida terna ele disse a ela, — Não se segure, Melanthe...

* * *

Quando ele provou o sabor dela em seu dedo, Thronos soube que coisa proibida ele faria. E

então ela sugeriu isto? Que ela quisesse seu beijo o estimulou como nada que ele já houvesse imaginado.

Ele mal conseguia pensar além da dor em seu eixo. Seus chifres haviam se esticado e doíam junto com ele.

Ele sabia apenas duas coisas com certeza:

Sua companheira era incomparável, e o reluzente sexo dela uma coisa bela.

E ele era o homem vivo mais sortudo.

Então ele franziu a testa quando sentiu uma fincada de dor em seu torso. Ele olhou para baixo, não viu nenhuma lesão que correspondesse, apenas velhas cicatrizes.

Sua dor foi esquecida quando ela revirou os quadris, como se para atrair a boca dele. Ele gentilmente separou as dobras rosadas com seus polegares, olhando fixamente para a profundidade sombria que revelou. Sua entrada. Enquanto se perguntava novamente como ele caberia nessa pequena abertura, seu eixo empurrou, forçando-se para ela.

Suas sobrancelhas se arquearam com interesse, ele esfregou a profundidade com o dedo, rompendo o núcleo escorregadio. O creme dela era mais escorregadio do que a água, e doce.

O sabor inebriante de sua companheira.

Enquanto a cabeça dele descia, sua fêmea sensual estava ofegante em antecipação, os olhos azuis brilhando como metal.

Ela gritou quando ele mergulhou a língua direto em sua abertura. Agora que ele tinha saboreado o gosto dela, não entendia como tinha vivido toda sua vida sem isso. Ele lambeu os lábios, estremeceu, em seguida voltou com uma

fome voraz.

— Oh, ohh! — Enquanto ela ondulava, ele seguia seu sexo, penetrando a leve abertura com a ponta da língua.

Ele olhou para avaliar a reação dela. Suas mãos encontraram seus seios exuberantes e começaram a apertar. A expressão dela estava perdida. Quando a brisa soprou, ela arqueou as costas, os mamilos endurecendo ainda mais.

Ele esfregou as mãos nas coxas dela, abrindo as pernas ainda mais. Enquanto ele dava pequenas lambidas, ela apertava os mamilos duros, os bicos que ele logo sugaria para seu lazer.

Seu quadril começou a balançar, sua ereção pendurada, como uma haste de aço. A pressão aumentou dentro dele. Mesmo assim, seus lábios se curvaram para ela. Porque Melanthe parecia estar fora de si com o prazer.

Ele também. Como não estaria quando as dobras chamejantes dela ficavam cada vez mais úmidas contra sua língua?

209

Entre beijos, ele murmurou, — Lanthe, eu não posso voltar.

Para a vida sem ela. Sem compartilhar isto.

Ela enrolou um braço sob a cabeça como um travesseiro. Sua mão livre desceu sobre sua barriga lisa, a palma da mão se curvando sobre seu montículo. Franzindo a testa ele se afastou, sua respiração entrecortada contra a carne rosada dela.

Ela o olhou nos olhos, depois roçou a ponta do dedo sobre o pequeno botão no ápice de seu sexo.

— Se você lambe meu clitóris assim... — Ela lentamente se masturbou, esfregando para frente e para trás enquanto sua língua umedecia seus lábios.

Dizendo a ele como ela gostaria de ser beijada.

Em seguida, a mão dela voltou para o peito, para mamilos tão duros que pareciam pulsar.

Ele avidamente se inclinou, lambendo seu clitóris como ela tinha instruído.

— Sim, Thronos! Assim. — Ela gritou, ganhando outra lambida. — Agora o seu dedo.

Coloque-o de volta dentro de mim enquanto você me beija.

Ele penetrou seu canal quente e excitante, enfiando e retirando seu dedo enquanto a lambia.

— Ah! É tão bom! — Ela estendeu a mão para agarrar os chifres dele.

No contato, ele gritou contra ela.

Ela o soltou como se tivesse queimado.

— Desculpe.

Desculpe? A ideia dela o manipulando era insuportavelmente erótica.

— Pegue em mim novamente!

Uma vez que ela timidamente o fez, ele tremeu em sua mão, assaltado pelas mesmas correntes que faiscavam sempre que suas peles se tocavam. Com a voz baixa ele ordenou, —

Aperte-os enquanto eu me divirto aqui.

Em tom de pergunta, ela respirou, — Quem... é... você... — Mas ela obedientemente os esfregou, matando-o com prazer.

Acariciá-lo deste modo a deixou ainda mais molhada! Ele rosnou e girou.

— Você gosta disso também. — Não era uma pergunta.

— Mais. — Ela ofegava, esfregando-o mais rápido.

Suas leves lambidas ficaram mais ferozes. Enquanto seu pequeno broto inchava para ele, ele gemeu com espanto. *Talvez eu devesse...*

Ele sugou seu clitóris entre seu lábios...

— Oh, meus deuses! — Ela gritou, arrancando um grito de resposta de seus pulmões.

Quando ela se contorceu por mais, ele quase gozou. Ele começou a chupar seu botão como um doce delicioso, seus gemidos o fazendo vibrar.

Ela ficou louca, sua cabeça se debatendo, seus seios estremecendo. Ela fez uma série de sons imperceptíveis, então, conseguiu, — Não pare, Thronos. Tão perto! Oh. OHH!

Orgulho. *Está acontecendo.*

Ela apertou contra a boca dele, gemendo, — Você está quase me fazendo gozar... tão forte... para você.

Seus movimentos, suas palavras, fizeram o pau dele pular, ameaçando se soltar. Ele tinha acabado de sentir a vagina dela apertar em torno de seu dedo quando ela gemeu com êxtase.

Feitiçaria saiu dos olhos e mãos dela, o suficiente para acender um céu noturno.

Assim que ele provou seu orgasmo... o pensamentos deixaram seu cérebro.

TRINTA E SEIS

Lanthe ofegou com um espasmo final, de derreter os ossos. Ela nunca tinha soltado feitiçaria assim!

Provavelmente porque ela nunca teve um orgasmo tão cataclísmico.

Ele a tinha chupado tão divinamente, penetrando-a tão profundamente... mas isto foi mais.

Este era Thronos. Todo ele.

No entanto, ele continuava a lambar sua carne tão sensível, continuando a enfiar o dedo nela. Quando puxou seus chifres para alavancá-lo, ele agitou a cabeça, então ela puxou com mais força. Ele beliscou a coxa dela em advertência!

Arfantes respirações atravessavam os lábios afinados dele, ele rangeu, — Não terminei com você, mulher. — Então ele enfiou novamente.

— Não posso! Não tão... cedo... — Ela calou-se, porque a forte língua dele estava lambendo-a em submissão. A boca dele estava conquistando.

Logo ela alcançaria um ponto onde ele poderia fazer qualquer coisa com ela.

E Lanthe pensou que ele sabia disso.

Ela ergueu-se em seus cotovelos novamente, observando com perplexidade enquanto os olhos dele ficavam completamente negros. Talvez não devesse ter desejado um amante demônio.

— Thronos? — Ela engoliu com ansiedade e desejo. Estaria Feveris trazendo seu eu mais primitivo?

Quando as garras restantes dele agarraram a bunda dela, erguendo-a até sua boca, a cabeça dela caiu para trás sobre as flores. Com um selvagem rosnar,

ele enterrou o rosto entre as coxas dela, lambendo-a furiosamente.

— Oh! Ohhh! — O controle dela se foi, ela arqueou as costas como uma completa devassa.

— Sim, Thronos! — Com cada uma de suas lambidas cruéis, a feitiçaria a preencheu novamente.

Os redemoinhos faziam cócegas em sua pele e acariciavam seu rosto. Ela agarrou apertado em seus chifres, prestes a gozar para este macho. Novamente.

Para Thronos Talos.

Desavergonhada, ela alavancou-se nos seus chifres enquanto resistia para cima.

Era como se o chicoteasse.

Ela mal podia agarrar-se enquanto sua cabeça se movia, debatendo-se de um lado para outro, enquanto ele a lambia, um demônio selvagem, enlouquecido com luxúria.

212

Lanthe queria saborear o abandono dele, lembrar-se disto para sempre, mas não podia lutar com seu orgasmo em ascensão.

— Não pare, preciso chegar ao...

Ele rosnou entre as pernas dela, — Sim, sim, dê-me mais disto. — Então enfiou nela...

O êxtase colidiu nela. A força disso arrancando o ar de seus pulmões. Ela prendeu a respiração apenas para perdê-la novamente com um grito desesperado. — Thronos! — Seu corpo se contorceu, sua visão obscurecendo. Com cada espasmo, seu sexo apertava o impulsivo dedo dele.

A consciência obscureceu, seus pensamentos esvaziaram até que seu coração

finalmente desacelerou o ritmo frenético.

Com suaves beijos junto às suas coxas, ele a soltou finalmente. Ela pensou que o ouviu resmungar asperamente contra sua pele, — Sem volta.

Oh, Thronos. Seu amante demônio devastador.

Ainda recuperando seu fôlego, ela ergueu-se de joelhos diante dele. Ele se sentou nos calcanhares, seu pau grosso se projetando na vertical, rígido como granito, a cabeça inchada. Ele inalou profundamente, como se recuperando o controle de si mesmo. Em um momento, ele parecia com um demônio prestes a morrer de necessidade. No próximo, parecia orgulhoso, vibrando com satisfação masculina.

Ele deveria estar orgulhoso. Tinha apenas espremido lhe dois orgasmos de abalar a mente.

Mas o feitiço de Feveris era potente. Ela não era. Quando olhou para seu eixo inchado, o desejo floresceu mais uma vez. Outra brisa soprou; ele podia sentir o ar refrescante sobre aquela apertada parte dolorida dele?

Ele estremeceu, respondendo sua pergunta. Uma gota translúcida subindo da fenda. Ele pareceu chocado por sentir a umidade lá.

— É pré-esperma, — ela murmurou. — Isto é o mais próximo que já estive de ejacular?

As sobrancelhas dele uniram. — Sim.

Porque ele estava com sua companheira. Apenas para ela iria lançar sua semente, apenas dentro dela. Mas pareceu que uma gota escapou. A língua retorceu na boca dela por isto. Não podia dizer qual parte dela estava mais faminta pelo eixo dele: seu sexo ou sua boca.

— Melanthe, eu preciso reclamá-la, — ele bufou.

Ela perguntou-se se eles poderiam simplesmente evaporar, evitando a relação sexual.

Quão ridículo isto parecia agora. Ele iria estar dentro dela hoje. Mas isso não significava que não poderia beijá-lo primeiro, à moda antiga.

213

Ela queria dar-lhe aquele prazer, porque ele tinha acabado de levá-la à alturas desconhecidas, mas também porque estava experimentando sentimentos por ele.

Sentimentos que exigiam uma saída.

Ela precisava dar excessivos beijos sobre as cicatrizes que ele odiava. Para agradecer seu invencível coração por nunca sucumbir. — Podemos fazer isto daqui a pouquinho, Thronos?

Pensei que poderia saboreá-lo agora.

— Saborear? — Sua voz estava rouca.

— Você pode deitar-se de costas?

Ele assentiu com a cabeça, os olhos arregalando de repente, quando compreendeu plenamente o que ela estava oferecendo. O olhar orgulhoso que ostentava transformou-se em um de descrença.

Assim que ele reclinou-se com as asas estendidas sobre o campo, ela se estabeleceu entre suas pernas. — Você está pronto?

Em resposta, ele impacientemente contraiu os quadris, seu musculoso torso flexionando, seu delicioso pau balançando, a visão mais erótica que ela já tinha testemunhado.

* * *

A luxúria confundia os pensamentos dele.

Thronos queria tomar sua companheira, mas depois do que tinha acabado de experimentar... ele não aguentaria.

Ele estava abalado com o quanto precisava dar-lhe prazer assim. Que macho não estaria desconfortável, quando tinha acabado de descobrir algo que estava certo de que morreria sem?

Ela começou a beijar abaixo por seu peito, segurando seu olhar com olhos cintilantes.

Pressionando os lábios na cicatriz acima de seu coração, permanecendo lá por longos momentos.

Quando ela aninhou sua bochecha lisa contra a carne marcada dele, ele pensou que a ouviu respirar, — Invencível.

Será que ela quis dizer... seu coração?

Ele estava confuso antes. Agora? Não sabia como deveria reagir, o que deveria dizer.

Ela continuou mais abaixo, enviando sua mente em um turbilhão. O cabelo dela tinha começado a secar em cachos sedosos ao redor de seu rosto e ombros. Quando o vento fez os cachos dançarem sobre sua pele, ele pode sentir cada mecha.

Encantadora...

Ele sentiu como se estivesse assistindo algum tipo de mistério sendo desempenhado, algo que sabia que estava acontecendo, sem qualquer ideia dos funcionamentos internos.

214

Com mãos tremulas, ele segurou a cabeça dela, mal contendo o desejo de guiá-la até seu membro dolorido.

Então, em seguida ela desceu para... sua coxa? Ele estremeceu de surpresa quando ela pressionou beijos mais amorosos ao longo do comprimento daquela cicatriz.

Como no sonho que ela descreveu, ele queria mais. Nunca imaginou que ela

poderia transmitir afeto com este ato.

Ela beijou seu tornozelo e a panturrilha danificada, fontes de dores extenuantes para ele.

No princípio, ele quis que ela sofresse culpa e arrependimento.

Não mais.

Existia mil coisas que queria lhe dizer. — Melanthe... — Mas ele calou-se quando ela se moveu para sua ereção, pegando-a.

Seu eixo pulsava com o aperto suave dela. A umidade brilhando através da coroa. Ela se importaria com aquilo? Quando estava prestes a beijá-lo lá? Ao seu modo de pensar, parecia quase indelicado com ela. Ele estava chocado com o quão pouco domínio tinha sobre seu corpo.

Ele estava literalmente nas mãos dela...

Ela cobriu a gota quente com a língua.

Uma respiração perplexa escapou dele. Com um tremor, ele deu-lhe outra gota.

Os lábios dela enrolaram, como se ele a agradasse. Sem indelicadeza? *Erótico*. Ela gostava disto. Esfregou aquela gota com o polegar na cabeça, em círculos entorpecentes. — Isto faz você se sentir bem?

— Lanthé, você sabe que faz. — Ela estava lhe provando? *Agora?*

Ele olhou para baixo na curva sedutora de seus lábios vermelhos. Desejava que pudesse ler a mente dela.

Porque temia estar prestes a perder a dele.

Ela o esfregou até que sua cabeça inundasse, disparando luxúria dentro dele. Suas garras cavaram no fundo de suas palmas quando visões surgiram...

De empurrar em sua boca. De erguê-la pelos quadris e plantá-la em seu

pulsante eixo.

De jogá-la no chão, assim ele poderia cobri-la, empurrando fundo dentro de seu invólucro apertado e molhado.

Visões não. *Impulsos*. Deuses o ajudassem se ele perdesse o controle.

De repente sentiu a língua dela... contra seu saco sensível. — Unh! — Seus joelhos escancararam, dando-lhe carta branca para fazer como desejasse.

215

Ela deu uma leve chupada em um de seus testículos, então no outro, quase terminando tudo! Ele não respirou quando ela se ergueu sobre seu eixo.

Com sua mão em torno da base, ela guiou a cabeça em direção à boca para passar a ponta através de seus lábios vermelhos. Então sua pequena língua úmida circulou a cabeça chamejante.

Ele não conseguiu reter um grunhido surpreso.

Então franziu o cenho ao sentir uma dor chamuscar em seu braço, como se a pele estivesse queimando. Quando olhou para isto, não havia nada e logo esqueceu.

Ela lambeu a coroa, lançando movimentos rápidos na parte inferior, fazendo-o rosnar o nome dela. Mal se recuperou daquele novo deleite, quando ela fechou os lábios nele, com uma sucção sublime.

— Deuses todo-poderosos. — Seu quadril se ergueu rapidamente. A boca dela deslizou ainda mais abaixo...

A única coisa que poderia fazer isto ficar melhor seria se ela estivesse escarranchada na língua dele ao mesmo tempo.

Quando ela olhou para cima em seguida, o pegou lambendo os lábios por mais do gosto dela. Suas sobrancelhas juntaram. Gemendo ao redor dele, ela tomou seu comprimento até mais agressivamente. Mais fundo.

Finalmente a profundidade que ele desejava.

Quando seu controle deteriorou, ele aconchegou o rosto dela para dar estocadas rasas entre seus lábios. Ele ergueu uma asa, alargando-a para acariciar o rabo dela. Quando esfregou aquelas curvas flexíveis, ela estremeceu.

Seus pesados testículos contraíram como se seu corpo estivesse se preparando para gozar.

De jeito nenhum poderia conter-se. — Não pare Melanthe! Preciso mais disso. — Mais dos deslumbrantes olhos dela, de seus provocantes lábios. — Perto, docinho. Bem perto. — A cabeça dele inclinou para trás, os olhos se fechando.

Espere. Ela parou? Ele a encarou novamente.

Ela acabou com aquela sucção molhada e quente! — Melanthe?!

Ela debruçou-se para beijar-lhe o umbigo, deixando-o torturado com a necessidade e confuso. Então ele sentiu os peitos roliços dela descansar em cada lado de sua ereção.

Desesperado pelo contato que perdeu, ele revirou o quadril. Seu eixo deslizando ao longo do colo dela. — Bons deuses.

Outra remexida do quadril, e ele cresceu mais uma vez. — Gozarei assim... entre seu seios perfeito...

216

Ela balançou a cabeça, avaliando o expressão dele. Então, com um sorriso sensual, ela arrastou seu peito abaixo do corpo dele para retornar ao seu beijo, adicionando a estimulação de sua mão.

Com o punho dela bombeando a base de seu eixo umedecido, ela o chupou com ganância e puxões arrepiantes.

— Ahhh! — Nada poderia ser tão bom. Nada, nada... — Estou prestes a

gozar!

Enquanto chupava e bombeava, ela aconchegou seus testículos com a mão livre, dando-lhes um aperto eletrizante que o trouxe diretamente sobre a borda.

O prazer explodiu. Ele lançou a cabeça para trás e rugiu, um som que nunca poderia ser contido.

Contra sua língua esperta, o comprimento dele pulsou novamente, as costas curvando ao mesmo tempo.

Ela torceu até o último tremor dele, forçando-o a percorrer este prazer... mais e mais... Um ápice a ponto de parar o coração, era quase assustador.

Ele deu-lhe apenas uma gota ou duas de esperma, mas ela avidamente mergulhou sobre ele para mais. Como se tivesse esperado uma eternidade para tomá-lo dentro dela.

Quando ela deixou seu corpo sem osso, e a mente confusa, ela deu-lhe um último suave beijo, então se enrolou contra o lado dele. Enquanto ambos ofegavam, ela colocou a mão em seu peito, descansando a coxa por cima dele.

O tempo passou. A descrença e a satisfação travando uma guerra em seus pensamentos nebulosos.

Melanthe começou preguiçosamente a arrastar as costas das unhas em seu peito. Brisas moviam-se sobre eles, enquanto ele flutuava sem dor, descobrindo o que era a felicidade. *Eu experimentarei isto com ela pelo resto de minha vida eterna?*

E ele nem ao menos a tinha reivindicado.

Estava ávido para, nada mais do que descansar com sua companheira como se isto fosse um êxtase todo para ele. Ele se perguntou quanto tempo levaria para o desejo pela fêmea o agitar novamente. Perguntou-se quantas vezes por dia ela o deixaria atendê-la. Depois que a reivindicasse, uma vez que

encontrou aquele aconchego, como poderia ter forças para deixá-lo?

Estas seriam suas preocupações agora? Ao pensamento, ele sorriu preguiçosamente para o céu. Puxou-a mais para perto, pressionando os lábios sorridentes contra a testa dela.

Quando eram jovens, eles tiveram uma cúmplice camaradagem. Estar com ela provou, sem esforço, que a interação deles era cheia de harmonia e afinidade, com facilidade.

Agora, depois de compartilhar prazer com ela, ele acreditava que podiam se tornar mais próximos novamente, que podiam reacender a conexão que compartilharam.

217

E mais.

Quando um raio de luz oscilou através das palmeiras, ele ergueu os cabelos negros dela para o sol, apenas para observá-los brilhar...

— Às vezes me sinto tão confortável com você que esqueço nosso passado, — ela disse em uma voz lânguida. — Às vezes sinto como se nada tivesse nos separado, e apenas ontem estivéssemos olhando para as nuvens juntos.

— Eu estava pensando sobre nossa camaradagem. Isto ainda está aqui entre nós.

— Humm. Algo está, — ela murmurou.

Como se um alarme soasse, ele pegou uma mudança sutil em seu tom. Quando a mão dela começou a descer, a tensão renovou dentro dele.

Porque Feveris não estava satisfeito. Ele permanecia ereto, e o quadril de sua companheira começou a se mexer, roçando o calor escorregadio de seu sexo contra ele. Êxtase.

— Você está duro como ferro.

— Você me deixa deste jeito. — Ele virou-se para ela, aconchegando seu rosto. — Está pronta para mais? Eu posso lhe dar isto.

A preocupação cruzou o rosto dela, mas ainda assim ela assentiu. — Tenho que senti-lo dentro de mim.

Mesmo com seu eixo exigente tensionado, o peito dele retorceu com emoção. — Não quero que lamente isto.

Ela deitou-se nas flores e estendeu-lhe a mão, seu cabelo como uma nuvem ao redor de sua cabeça, cachos negros como a noite contra as pétalas vermelho sangue. Ele soube que nunca esqueceria esta visão pelo resto de sua vida imortal.

— Mal posso esperar passar esta febre com você. — Os olhos dela estavam luminosos, dizendo-lhe coisas que ele não tinha a experiência para reconhecer.

Ele sentiu uma vulnerabilidade nela que não esperava.

Quando se ajoelhou entre suas coxas, ele disse, — Não se preocupe Melanthe. Serei bom para você. Serei verdadeiro com você.

— Se fizermos isto, nós poderíamos estar dando um passo que não haverá mais volta.

— Diga-me que quer isto.

Ela mordeu o lábio inferior. — Eu quero.

Então isto será feito. Ele a tomaria como sua companheira.

218

Ao pensamento, o olhar dele foi atraído para a coluna lisa do pescoço dela. Suas presas doendo, como se para marcá-la.

Machos Vrekener não mordiam suas companheiras em reivindicação. Derrotando a compulsão, ele agarrou sua ereção, passando seu polegar sobre

a cabeça, enquanto o apontava em direção a sua abertura minúscula. — Não quero machucá-la.

— Vá devagar no início. — Com um sorriso em seu tom, ela disse, — Seja delicado durante o tempo que puder.

Ele balançou o quadril na direção dela. Assim que a umidade beijou sua pele sensível, ela deu um gemido, ondulando, enviando a coroa deslizando para cima e para baixo de suas dobras molhadas.

Um grunhido rebelou-se do peito dele. Queria a excitação dela por toda parte dele. Em sua língua, em seus dedos, cobrindo seu eixo.

Ele colocou as mãos em ambos os lados da cabeça dela, aliviando o quadril para frente. Os incontroláveis impulsos o atormentavam, e teve que ranger os dentes para impedir-se de mergulhar de uma vez. Ele investiu apenas um centímetro em seu núcleo, quando todo seu corpo estremeceu. — Meus deuses! — Outro centímetro. — Melanthe, vou querer isto todas as horas do dia. Você é...

— Doce! — Uma fêmea disse a menos de um metro atrás deles. — Uma quente ação interespécies! E nem tive que me inscrever neste canal!

TRINTA E SETE

Por um instante, Lanthe se perguntou se Thronos iria ignorar a interrupção e continuar.

Olhando para a fome intensa em seu rosto, ela poderia dizer que ele estava se debatendo sobre isso...

Mas, então, seu instinto protetor ou seu decoro o fizeram parar. Com uma maldição surpreendentemente vil, Thronos se retirou. Enquanto ele se colocava em pé, também levantou Lanthe, colocando as costas dela contra seu peito e envolvendo seus corpos com suas asas.

Lanthe estreitou os olhos para a mulher de cabelos escuros que veio sobre eles. Era ninguém menos que Nïx, a Sabe Tudo.

— Por que você está em Feveris, Nïx?

— Eu estou em Feveris? Estamos? — Sua voz era melodiosa, seus olhos âmbar divertidos.

Ela tinha um maldito morcego empoleirado em seu ombro. — E se nós não estivermos?

— Eu já estive aqui antes e sei como é. — Lanthe não podia acreditar que tinha acabado de ser pega debaixo de um Vrekener. Será que Nïx diria à Sabine? Sublinhando as palavras, Lanthe disse, — Sem falar que fomos enfeitiçados com o desejo sem fim.

— No entanto, vocês não têm nenhuma vontade de transar comigo?

Lanthe murmurou, — Talvez um pouco. — Nïx era bastante atraente.

— Ei! — Thronos puxou Lanthe para mais perto.

— Compreensível. — Nïx girou seu cabelo longo. — Vocês dois vistam-se, e

depois a gente conversa.

Quando a Valquíria se virou, Lanthe girou dentro do círculo das asas de Thronos para encará-lo.

— Nós estávamos enfeitiçados. — Eles não poderiam ter sido enfeitiçados.

— Claro. — Ele disse solenemente.

— Nós devemos ter sido. — Caso contrário, Lanthe esteve muito perto de deixar Thronos Talos reivindicá-la durante seu período mais fértil. E ela estava prestes a empurrar o quadril até colocá-lo dentro dela mais rápido!

Se ela ficasse grávida do bebê de um Vrekener... de um bebê dele...

A expressão dele era inescrutável. Ele estava com raiva de si mesmo por seus atos?

— É claro. — Ele repetiu. — A Valquíria deve estar enganada.

— Uh-huh. — Mentira.

220

Ele soltou Lanthe para que eles pudessem encontrar suas roupas. Ela correu para seu colar de imediato.

A Valquíria virou de volta para eles logo que Lanthe e Thronos terminaram de se vestir. Nïx usava uma camiseta que dizia: *Eu perdi meu coração na Ilha Imortal!*

Lembrando como Nïx ajudou Thronos, Lanthe estreitou seus olhos.

— Você disse a ele como me capturar. Por que você me traiu?

— Traí?

— Eu tenho corrido dele por séculos. — Ou ela tinha estado. *Temos agido como amigas o suficiente...*

— Sério?

— Você pode parar de responder perguntas com perguntas?

— Posso?

— Ugh! — Lanthe queria estrangulá-la!

— Vocês dois tem papéis a cumprir.

— Que papéis? — Thronos rosnou.

Nix acenou com a mão em um arco acima dela enquanto respirava: — Papéis futuros!

Espere... *Ilha Imortal*?

— Você estava na ilha prisão da Ordem, não estava?

— Estava? — Nix perguntou com um sorriso tímido.

— Você falou comigo quando eu estava inconsciente! — Lanthe relampejou um olhar de compreensão. — Você bateu no meu rosto com uma tora!

— Você ousa me acusar de tal coisa?! — Nix estalou, suas emoções Valquíria produzindo relâmpagos acima. — Ultrajante! Eu não faria isso! — Então, ela franziu a testa abruptamente. —

Eu bem que poderia ter batido em você no rosto com uma tora.

— Você falou comigo sobre reinos e incêndios. Por quê?

— Você estava no reino mortal, depois Pandemonia, agora aqui, e logo... lá. Você realmente é a mais fofa diabinha catalisadora!

— Catalisadora? Você tem guiado meus portais! Você... você manipulou meu subconsciente. — Lanthe não tinha sentido como se esta viagem fosse maior do que apenas ela e Thronos? Será que Nix queria que fossem para Pandemonia para mexer com aqueles demônios?

Para trazer a paz para o inferno? Afinal, pelo que aqueles exércitos lutariam agora?

221

Ou Nix queria as delicadas chaves que Lanthe agora usava? *Não sem uma luta, Valquíria.*

Nix murmurou, — Em um reino, ferir. Em um reino, abandonar. Em um reino, partir. Em um reino, brilhar.

Lanthe havia se machucado em Pandemonia, como se as feridas abertas do passado tivessem sido novamente cortadas. Para finalmente curar?

— Então, aqui, eu tenho que partir?

Nix sorriu inexpressivamente.

— Do que você está brincando, Valquíria? — Thronos parecia estar lutando para não perder a calma. Ele devia estar arrependido de suas ações, tanto quanto Lanthe.

Ignorando-o, Nix perguntou à Lanthe, — Como seu poder está vindo, feiticeira? Você olha para ele como um pote que precisa ser preenchido. Quando na verdade, é um músculo que tem sido muito pouco flexionado.

Esta notícia era excitante!

— Então quanto mais eu usar, mais forte será?

— Use, use, descanse. Use, use, use, descanse. Use, use, use, use, descanse...

— Entendi!

Para Thronos, a Valquíria disse, — Gostou de suas férias em Pandemonia? Feliz que economizou uns dias doente? Você sentiu tudo... liberado? E se vangloriou? Aposto que aquele plano fez suas partes moles formigarem.

— De uma vez por todas, diga, mulher: os Vrekeners são demônios?

— Diga, homem: isso importa? — Ela disse revirando os olhos.

— Sim! Absolutamente. Nós somos uma demonarquia?

— Qual seria a diferença em sua vida agora se você fosse um demônio? Você seria capaz de rastrear. Grande coisa.

Lanthe podia sentir sua enorme decepção. Porque ele ainda não tinha as respostas conclusivas que procurava? Ou porque Nix não negou que os Vrekeners eram demônios?

— Eu vou fazer um acordo com você, Thronos, — disse a Valquíria. — Vou te dizer onde você realmente está, se sua companheira guardar algo para mim.

— Guardar o quê? — Lanthe nem sequer tinha uma bolsa com ela.

Nix arrancou um cacho de seu cabelo escuro brilhante, olhando diretamente para ele.

— Este é o único, você sabe.

222

Lanthe não sabia.

— Qual?

— Aquele que escraviza todas as Valquírias. O ponto crítico com o açoite.

— Certo. — Lanthe disse devagar. — Seu cabelo escraviza? — Ela girou para Thronos, como se ele pudesse dar sentido às divagações de Nix.

A Valquíria assentiu.

— Muito. — Esticando suas garras, ela cortou um cacho, então olhou em volta, murmurando, — Com que vou amarrar isto? — Ela sorriu para o morcego, que agora tinha uma corda em sua assustadora pequena boca. — Obrigada, Bertil! — Nix amarrou a ponta do cacho apertado, entregando-o a Lanthe. — Em seu bolso, por favor.

Lanthe revistou sua roupa.

— Eu não tenho um bols... — Com certeza, havia um bolso oculto em uma das faixas de couro de sua saia. — Tudo bem, pode me entregar.

— Estou pronto para uma explicação, Sabe Tudo. — Thronos disse à Nìx. — Melanthe e eu sentimos a influência deste lugar, não há como negar isso.

Os olhos da Valquíria brilharam como seu raio.

— Ou talvez vocês dois simplesmente queriam uma desculpa para terem um ao outro.

Aqui, você foi capaz de contornar a regra de sexo antes do casamento. Aqui, Lanthe imaginou que você não poderia pensar mal dela, porque ela não teria controle sobre suas ações.

— Então onde nós estamos? — Thronos exigiu.

Um cheiro repentino soprou sobre Lanthe, como... vômito. De onde vinha isso?

— Muito bem. Eu direi só a Thronos. — Nìx passeou até ele, na ponta dos pés.

Quando ele se inclinou para ela, colocando seus rostos próximos um do outro, uma súbita irritação atingiu Lanthe. *Ciúme? Não, claro que não.* Ainda assim, ela assinalou, — Ei, eu sou parte disso também!

O que quer que Nìx estivesse sussurrando fez os olhos de Thronos se arregalarem. Quando ela terminou, ele se endireitou, parecendo mais pálido do que Lanthe jamais havia visto. Suas cicatrizes embranquecidas.

Nìx se virou para ela.

— Por mais que eu quisesse ficar e discutir meus planos para a Ascensão, uma dica: haverá lembrancinhas! Tenho uma reunião que foi marcada cento e vinte e cinco anos atrás. Tome o cuidado com o meu cacho, Lanthe. — Então, a Valquíria olhou para o céu, os olhos girando como mercúrio. Uma

fração de segundo depois, um raio a atingiu.

223

Quando a fumaça se dissipou e seus olhos se reajustaram, Nix havia ido embora.

Os Loreans há muito tempo se perguntavam como Nix viajava o mundo(s). *Raios. Quem diria?* Thronos apressou-se para Lanthe, agarrando seus ombros.

— O que está acontecendo? — Ela estremeceu quando a dor em seu lado começou a esquentar novamente. Ela começou a sentir mais queimaduras por toda parte em suas pernas.

— Você precisa acordar comigo.

— O que está errado com você? Eu não estou dormindo. — Ela olhou além dele. Os campos de flores estavam oscilando? Seu nariz agora estava queimando com aquele cheiro medonho.

As mãos dele a apertaram.

— Nada disso é real. É uma alucinação compartilhada, para não lutarmos contra nossa prisão.

— Prisão?

— Aquele último portal nos trouxe para... para um lugar traiçoeiro. Na barriga de uma besta. Ele vai querer nos manter, imortais são uma fonte constante de reposição de nutrientes, mas nós vamos lutar.

Ele estava dizendo que ela era a comida de alguma coisa? Um de seus piores medos.

— V-você está me assustando.

— Eu vou tirar você daqui, mas você vai ter que criar um portal logo em seguida, ou seremos drogados e presos mais uma vez.

— Isso não é engraçado!

Em um tom mórbido, ele disse:

— Não, Lanthe. Não é.

TRINTA E OITO

Fortaleza de Thrymheim, Northlands

Casa de Skathi, deusa da caça

Reunião do Conselho das Deusas

Pauta: Petição para deidade apresentada por Phenix, a Sabe Tudo, primogênita Valquíria

— Nix, você sabia sobre esta reunião há décadas e décadas, — Riora, a deusa do impossível disse. — Você não podia ter se preparado melhor?

Nix piscou para Riora enquanto caminhavam pelos ruidosos corredores esculpidos na Montanha de Godsbellow, um cume continuamente agitado por trovões. — Eu não entendo por que está dizendo isso.

— Você está vestindo uma camiseta e chinelos, está carregando um morcego adormecido, e está deixando um cheiro forte que só pode ser de ácido gástrico. — O morcego arrotou em seu sono, expelindo uma bola de névoa verde. Que depois se esmagou contra os seus lábios. — Isto é uma reunião formal. Kali está vestindo os doze crânios.

Os olhos de Nix se arregalaram. — Eu deveria ter caprichado! — A sua excitação despertou o morcego, que rastejou por cima da camiseta dela até se colocar sobre o ombro. Com um dar de ombros, Nix abriu sua mochila, apanhando folhas de papel.

Riora olhou de forma aprovadora, esperando um resumo dos grandes trabalhos e ações de Nix, um currículo divino para defender a sua causa... Então franziu o cenho quando a Valquíria se virou para colocar um anúncio de um carro Bentley “pouco usado” em uma das paredes sagradas de Thrymheim. — Como sua amiga, tenho que lhe dizer que a atmosfera na sala de reuniões de Skathi é tensa. A maior parte das deidades pensam que você se meteu em coisas complicadas demais. O interrogatório será intenso. — Vindo

da sala, podia-se ouvir as deusas debatendo se Nix tinha “o que era preciso”.

— Quem está aqui?

— A maioria das deusas. Em pé, levitando, ou através do quarto de projeção astral.

— Como acha que vou me sair? — Nix perguntou.

Riora balançou a sua cabeça. — Nada é impossível com você, razão pela qual eu sempre gostei de você.

Nix balançou a cabeça pensativamente. — Fora algumas outras deidades, você sempre foi a minha favorita.

Riora franziu os seus lábios, e ela e Nix entraram.

225

O enfoque do quarto era uma grande mesa de madeira com três discos giratórios concêntricos. O primeiro media todos os tempos. O segundo era um mapa perpetuamente variável do mundo mortal, conectando domínios. O terceiro monitorizava os atos celestiais que eram praticados em todos os reinos. O centro da mesa era oco, com uma plataforma no meio.

Várias deusas, ou suas projeções astrais, estavam na audiência. Efetivamente presentes estavam as deidades bruxas Hekate e Hela; Lamia, a deusa da vida e da fertilidade; Wohpe, a deusa da paz; Saroh, a deusa do Jinn; E a deusa Grande Ursa, protetora dos shifters. Entre muitas outras...

Com um aceno de encorajamento, Riora deixou Nix e tomou seu lugar à mesa que estava guardado.

A legendária Skathi presidia. Ela parecia exasperada, não se preocupando em esconder seus sentimentos sobre a petição de Nix.

A Valquíria não pareceu notar o desgosto da deusa. Com aquele morcego em seu ombro, despreocupadamente ela foi em direção à plataforma no centro da mesa giratória. Quando se aproximou, um caminho se abriu, a madeira

desaparecendo e reaparecendo atrás dela, como um sonho.

Sobre a plataforma, Nïx girou para Skathi. Era sabido que aquele que olhasse para os olhos da deusa, ele ou ela experimentaria todo o medo e toda a tristeza de Skathi para todo o sempre.

Ainda assim, Nïx corajosamente encontrou o olhar dela. O que pareceu surpreender a deusa.

Limpando a garganta, Skathi deu início à reunião e tomou a sua cadeira.

— Nós passaremos sem formalidades para limitar a duração desta reunião. Nos reunimos porque Phenïx, a Sabe Tudo, apresentou uma petição para se juntar ao nosso panteão de deusas.

— Skathi juntou os seus dedos. — Diga-nos em suas próprias palavras: Por que deveríamos lhe dar as boas-vindas em nosso grupo santificado?

Com os olhos brilhantes e ofegante, Nïx disse, — Bem, faço mímicas, — ela demonstrou enquanto Riora colocava a sua testa na mesa. — Sou excelente em beber cerveja de um barril, pendurada pelos pés, — Nïx procurou por um barril para demonstrar, — dois de meus três pais são deuses, e tenho um poder de deusa.

Skathi levantou as suas sobrancelhas. — A despeito do seu talento para mímica, tem uma coisa óbvia contra você: Sangue humano. Um daqueles seus três pais era mortal.

— Não parece me diminuir. — Nïx colocou o dedo polegar nela mesma. — Afinal, só nesta Ascensão, eu orchestrei a morte de Crom Cruach. — O deus do canibalismo. — Hmm, Skathi, ele não era a sua maldição para tomar conta? Certo, então. — Ela rejeitou sumariamente este assunto com as mãos. — Nós acertaremos as nossas contas no bar.

Skathi brilhou, e as chamas de seu templo subiram mais alto. Então, um conjunto de trovões agitou a montanha, parecendo acalma-la. — Uma deusa é medida pela companhia que ela

mantém. Ainda assim, você é próxima de Loa, a sacerdotisa vodu, uma mera lojista que pratica as artes mais escuras?

— Loa prefere ser conhecida como Comerciante.

— Você percebe o poder que ela tem?

Nix suspirou. — Conto com ele.

Sedutoramente, Lamia observou, — Debaixo de sua direção, La Dorada, a Rainha do Mal, surgiu.

— Dora e eu somos muito próximas. — Nix abriu os braços. — Todavia, serei a primeira a admitir que ela tem defeitos. Muito amuada quando acorda. E com Dora, é sempre eu eu eu, ligue, ligue, ligue.

— Por que você a ressuscitou? — Skathi exigiu.

— Ninguém mais iria fazer isto! — Nix disse, quando o seu morcego se debruçou ao lado de sua orelha. Ela acenou e então murmurou, — Encontre-me perto do candeeiro. — Ela olhou ternamente enquanto a criatura voava longe com um grito alto.

— Atenção! — Skathi estalou.

— Sobre o que nós estávamos conversando? Vamos ser rápidas, então. A hora de dormir do Bertil já passou.

Mandíbulas caíram com a temeridade de Nix.

Não falando para ninguém em particular, Nix disse, — e porque nós vamos precisar dela.

— Quem? — Lamia perguntou.

— Dora. — Como se falando com uma criança, Nix disse, — Você me perguntou por que eu a ressuscitaria, e estou respondendo à sua pergunta. — Ela estreitou os seus olhos. — Todas vocês estão embriagadas?

— Continuando, — Skathi falou. — Você reivindica um poder de deusa, alegando saber tudo, ainda assim não pode nem achar a sua irmã Furie.

— Achar? Como em “trazê-la para a luz”? — Ela perguntou, deixando o panteão confuso com o quebra-cabeça originado pelas suas palavras.

Hekate disse, — Você tem trabalhado em aliar facções de imortais para a Ascensão, ajudando Loreans de espécies diferentes a achar os seus companheiros. Pelo que entendo, vamos ter uma erupção de híbridos nas gerações futuras.

— Os híbridos são formidáveis, — Nîx assinalou. — Pense sobre a Rainha Emmaline dos Lykæ, a Rainha Bettina dos Vampiros, e Mariketa, a Esperada, líder da Casa das Bruxas. Mais, as Valquírias adoram os híbridos, uma vez que temos três pais imensamente diferentes. Eu acho que você podia nos chamar *triflings*. — Piscada grande.

227

— Por que você está incansavelmente semeando híbridos e renovando alianças antigas? —

Hekate perguntou. — Para batalhar que inimigo?

Nîx respirou, — O Møriør.

As outras deusas ficaram tensas com a menção do Portador da Destruição. Elas não falavam de Møriør de forma leve. A Valquíria parecia não perceber a confusão que causou. —

Todos os sinais estão lá. Eles descem sobre nós. Apesar da Ascensão existir para selecionar a população imortal, mortais e semideuses deviam temer este aqui.

Lamia ofereceu, — Nîx os sentiria primeiro, — e ganhou olhares.

As chamas de Skathi cresceram e cresceram. — Você cuidou de planejar uma defesa contra o Møriør? Você brinca com o destino do Lore inteiro, Valquíria!

— Não uma defesa. Um ataque. Por que sair das masmorras por qualquer coisa inferior a isso? Eu não estou interessada em uma liga rural. Razão pela qual estou aqui. Só uma divindade, com os recursos do panteão, pode unir todas as facções.

— Você acredita que pode liderar esta ofensiva? Contra eles?

— Revisão: Transcrição desta reunião. Veja: comentário da liga rural.

Skathi balançou a cabeça para trás. — Todo o seu sarcasmo.

— Multifacetado.

— Respostas não ajudarão a sua causa. Você é muito impertinente sobre estes procedimentos.

Em um momento, o comportamento brincalhão desapareceu de Nix, suas íris de âmbar ficaram rodando, cheias de mercúrio. — Porque eu já vi o resultado.

— E qual é?

— Você se moverá para que eu perca a minha petição, dizendo que devo ter uma causa, uma área de poder, uma especialização do meu poder de deusa. Afinal, você é deusa da caça, a Grande Ursa é deusa dos shifters, Lamia é deusa de alguma coisa.

Quando Lamia fez uma carranca, Nix deu de ombros. — Eu chamo as coisas como as vejo.— Então se dirigiu a todas as deusas, — Vocês acreditam que esta área do poder deva ser uma área importante. Como a previsão já foi feita, parabéns para a deusa Pronoea, esperam que eu falhe. Bem, de fato, vou revelar a minha especialização, e todas vocês compreenderão a inevitabilidade dela.

Skathi franziu os seus lábios. — Nos surpreenda, Valquíria.

Nix pausou dramaticamente. — Eu subirei das cinzas dos antigos caminhos para me tornar Phenix, a deusa das... Ascensões.

TRINTA E NOVE

Na barriga da besta, a escuridão infernal só foi interrompida pela sujeira verde brilhante.

Thronos tinha despertado para se encontrar preso contra uma superfície mole, fixado na posição vertical por veias parecendo tentáculos de carne que serpenteavam em torno de seus braços e pernas.

Cavidades gosmentas cobriam cada veia. Naquele momento, uma secretou lodo verde sobre sua roupa desintegrada, sua pele, suas asas.

Uma dor chamejou, fumaça subiu. Ácido! O ar pútrido era nocivo, escaldando seus pulmões. Ele se debateu, a necessidade de voar surgindo dentro dele, mas ele não conseguia se soltar.

Nix tinha lhe dado apenas quatro minutos para libertar a si mesmo e Melanthe.

Ele correu os olhos à sua direita. *Lanthe*.

Ela estava na mesma situação que ele, ligada ao que parecia ser uma parede do estômago, cercada por grandes pústulas brilhantes. Ela permanecia inconsciente, sem dúvida, acreditando que ainda estavam em Feveris.

Ácido tinha devorado partes da pele dela também, até a maior parte de seu peitoral de metal. O ouro de dragão indestrutível ao redor de seu pescoço a protegeu enormemente.

Uma pústula estourou ao lado dela, tentáculos mais grossos emergiram da ferida para varrer pedaços de sua carne pálida.

Para consumi-la.

Com um berro, Thronos se debateu com toda sua força, sacudindo seus braços. Quando o tentáculo que prendia seu braço direito se esticou, ele olhou

em volta, vendo milhares de outros imortais ludibriados, inconscientes. As paredes do estômago pareciam continuar por quilômetros.

Em uma torrente de bile, a veia tentáculo em torno de seu braço se rasgou. Ele usou suas garras para cortar outra. Em suas pernas, ele hesitou, olhando por cima dos ombros e então para baixo. Centenas de metros abaixo dele, uma piscina borbulhante de ácido verde aguardava sua queda. Quão danificadas estavam suas asas?

Rezando para que elas o sustentassem, e a Melanthe, ele livrou suas pernas. Despencou, desenrolando suas asas, fazendo uma careta de dor. Mas, mesmo no denso miasma, ele foi capaz de subir a parede de volta para ela.

Apesar de ele ter ouvido gemidos fantasmagóricos de uma legião de seres, ele não conseguia pensar em ninguém além de sua companheira. Nix tinha lhe dito que este estômago era muito grosso para ser cortado, que ele seria drogado novamente antes que conseguisse sair. Ela tinha avisado que ele teria apenas duzentos e quarenta segundos a partir do momento que 229

acordasse até que uma névoa venenosa fosse dispersa, lavando suas memórias e mandando-o de volta para o lugar de seus sonhos mais cobiçados.

Ele lançou um olhar por cima do ombro. Na parede oposta do estômago, algum tipo de glândula bulbosa, de pelo menos seis metros de diâmetro, estava inchando. Para expelir a névoa?

Era uma corrida contra o tempo! Um portal era sua única esperança. Ele voou para Melanthe.

Thronos desejava não ter que acordá-la até que a tivesse levado deste lugar, ele ouviu falar de Loreans que enfrentaram tal horror e nunca recuperaram suas faculdades, mas ele não tinha escolha.

Segurando a veia tentáculo enrolada em torno do braço dela, ele cortou a superfície emborrachada, apontando o final que gotejava ácido para longe do corpo dela.

Os olhos dela se abriram. Ela respirou fundo, em seguida, lançou um grito

ensurdecedor.

Ele redobrou seus esforços, atacando outro tentáculo.

— Não, não, isto não está acontecendo. — O rosto dela se enrugou. — Diga-me que isso não está comendo minha pele!

— Melanthe, você tem que se acalmar. Você tem que criar um portal.

A cabeça dela se debateu contra a superfície podre, afastando os fios queimados de seu cabelo.

— É por isso que parecia que eu estava queimando em Feveris! — Uma vez que ele a libertou e a pegou em seus braços, ela se agarrou a ele. — F-faça isso parar! Eu farei qualquer coisa. Apenas me faça acordar!

— Nós estamos acordados. Mas se não sairmos deste lugar, ficaremos aqui pela eternidade. Em Feveris, você restabeleceu seu poder.

— Você disse que não era real!

— Não pareceu real? — Ele desejou aos deuses que tivesse sido. — Você tem poder, agora mesmo. Eu preciso que você o use. Lembre-se, é um músculo.

Ela correu o olhar a sua volta, gritos saíram de seus lábios. Aquela glândula inchou, ameaçando explodir.

— Não, olhe para mim! — Ele levantou seu queixo. — Eu sei que você pode fazer isso.

As lágrimas dela ameaçaram derramar, devastando-o.

Ele murmurou, — Você pode fazer isso, cordeirinho.

Com isso, ela disse, — Eu-eu vou tentar.

Quando os olhos dela começaram a brilhar, ele murmurou, — É isso.

Ele a sentiu enrijecer em seus braços. Apesar de seu terror, ela chamou seu poder, ele podia percebê-lo jorrar, invencível.

Outros poderiam? Cativos inconscientes gemiam mais alto.

Feitiçaria faiscou ao redor dela, crescendo e crescendo, brilhando para fora dela como o amanhecer, puro e imaculado, azul oprimindo o verde rançoso.

Vagamente, no fundo de sua mente, ele se perguntou como já considerou a luz de sua magia, algo além de... maravilhoso.

Passaram-se alguns segundos.

Ela caiu contra ele.

— Eu consegui. — Ela ofegou.

— Onde? — Ele girou em círculos. Nenhuma abertura. A névoa viria a qualquer momento.

— Deveria estar aqui! Eu fiz um portal. Eu senti acontecendo.

A glândula estourou, expelindo uma névoa verde.

— Droga, não!

Relaxamento atravessou o corpo de Lanthe.

— Assim é melhor. — Ela sorriu para ele enquanto seus olhos se fecharam.

— Não, fique comigo! — Outra volta. Nada. — Onde está a droga do portal?

Com medo, ele olhou para baixo. Uma estreita abertura nesta realidade estava esperando, cercada por um rio de ácido.

Quando o portal começou a fechar, ele murmurou uma prece, envolveu suas asas ao redor de Lanthe...

E caiu.

Quando eles caíram pela fenda, ele percebeu que um ser os tinha seguido.

231

QUARENTA

Lanthe despertou para o silêncio retumbante do mar.

Quando ela abriu os olhos, viu o escuro oceano pressionando ao redor dela e Thronos. Na penumbra, o rosto dele mostrava dor enquanto ele lutava para segurá-la e levá-los para segurança.

Eles haviam se livrado daquele pesadelo só para chegar à outro.

Ela o apertou com mais força, para que ele pudesse usar os dois braços para nadar. A água estava clareando. Pelo menos havia uma superfície!

Eles estavam no meio do caminho quando seus pulmões atingiram seu limite. Ela agarrou-o, precisando de ar... quase respirando água involuntariamente. Ele nadou ainda mais rápido, seu coração batendo contra o ouvido dela.

Eles quebraram a superfície em um dia tempestuoso, aspirando o ar enevoadado enquanto rolavam em ondas gigantes. Ela piscou contra a água do mar, tentando se orientar.

— Onde estão...? — Ela parou de falar quando a cabeça de Thronos esticou-se. Ela se contorceu para olhar por cima do ombro, viu uma parede de água que parecia chegar até o céu.

Inconcebivelmente alta. Prestes a cair sobre eles.

Ele já havia chutado para propulsão, atirando-se para o voo. Mas se ele não conseguisse subir o suficiente...

Sua mente não conseguia aceitar o tamanho da onda, como uma montanha líquida que caía.

— Mais rápido, Thronos!

A mandíbula dele estava apertada, o coração parecendo que ia explodir.

— Não me solte, Lanthé!

Quando a onda começou a quebrar sobre eles, ele girou no ar, envolvendo suas asas com força ao redor dela. A onda colidiu contra eles tão rápido que a água tornou-se sólida como tijolos.

O impulso os arremessou em direção à costa, um penhasco de pedra irregular. Quando eles se chocaram contra ele, as rochas rasgaram as asas dele como um monstro com presas, tentando arrastá-la para longe de Thronos.

Eles se abraçaram.

A onda os sugou de volta para o mar.

Eles se agarraram com mais força.

232

A força os arremessou sobre os recifes de coral, antes de catapultá-los de volta contra a parede. Mas, quando ela retrocedeu pela segunda vez, eles... ficaram.

De alguma forma Thronos havia se agarrado ao penhasco com uma mão que tremia.

Apertando os dentes, ele saltou mais alto, puxando-os para fora do alcance das ondas. A próxima crista bateu logo abaixo de seus pés, a espuma lambendo suas pernas, mas não conseguia se agarrar a eles.

Ele os arrastou até que chegassem ao topo do precipício. Na borda, ele a empurrou adiante dele em terra firme, e depois a seguiu.

Eles deitaram no chão pedregoso, as respirações pesadas, tossindo água do mar. Abaixo deles, o penhasco balançava com cada batida de onda.

— Melanthe, fale comigo. — Ele disse entre sorvos de ar. — Você está ferida?

Ela balançou a cabeça. Mais uma vez, ele a manteve em seu casulo pela

maior parte do tempo.

— Apenas algumas feridas de... de onde estávamos. — Partes de sua pele tinham sido arrancadas pelo ácido, então sugadas.

Ela tinha sido comida. Ainda estaria, se não fosse por Nîx. Só que a Valquíria os tinha enviado para lá em primeiro lugar! *Por que, por que, por quê?*

A maior parte do peitoral de Lanthé tinha sumido, os restos escassos de sua saia se agarravam à seu quadril.

— Quanto tempo você acha que ficamos... lá?

— Pode ter sido horas ou dias, — ele respondeu. — Até semanas. Eu duvido que nossa percepção de tempo em Feveris correspondesse à duração real.

— Certo. — Ela nunca teria palavras para transmitir a alguém como aquilo tinha sido horrível. Só Thronos conseguiria entender aqueles tentáculos, o pus, a queimadura.

Lanthé estremeceu. Ela simplesmente não podia pensar sobre aquele lugar agora, sem enlouquecer.

Quando ele rolou para a beira do precipício, olhando as ondas como se procurasse alguma coisa, ela percebeu que uma de suas asas parecia pior do que o normal, os mosaicos ainda mais inclinados.

— Quão mal você está?

Por cima do ombro, ele disse, — Eu tenho um braço e uma asa machucados. Poderia ter rachado meu crânio. Nada de muito importante.

Só isso?

233

— O que você está procurando?

— Eu acho que alguém, ou algo, nos seguiu. Era difícil ver lá, mas acredito

ter avistado um ser.

— Qualquer um que nos seguiu está provavelmente morto. Ninguém poderia se libertar dessa corrente. — Ela fez uma careta. — Como você conseguiu?

— Eu não sou tão fraco quanto você pensa. — Como se para provar seu ponto, ele se arrastou a seus pés. Sua camisa tinha sido comida ou se rasgado, a maior parte de suas calças de couro havia se desintegrado com o ácido. — Sou um homem imortal no auge.

— E isso é o equivalente a um imortal normal. Nossos corpos deviam ter sido despedaçados.

— Bem, eles não foram. — Ele estendeu a mão, ajudando-a a ficar de pé.

Quando ele a firmou, ela perguntou, — Você acha que nós tivemos ajuda sobrenatural?

— É tão difícil acreditar que fiz isso sozinho? — Ele olhou fixamente nos olhos dela quando disse, — Talvez você me deixe forte.

Ele parecia tão sério sobre isso que ela decidiu não discutir a questão.

— De qualquer forma, obrigada por me trazer para a segurança. Continuamos a salvar a bunda um do outro, não é?

— É assim que deve ser, não? — Ele parecia estar falando mais do que essa simples pergunta, então ela mudou de assunto.

— Onde você acha que estamos?

— Eu não faço ideia.

Ela voltou a atenção para si mesma. Apesar de seu colar estar ileso, seu peitoral não tinha conserto, as bordas irregulares cortavam a pele já danificada dela. Ela desabotoou o último clipe teimoso, então a descartou. Não que ela se importasse, mas seu cabelo era longo o suficiente para cobrir a maior parte de seus seios. Na parte de trás, seus cabelos tinham sido devorados, em um corte curto involuntário. Suas botas pareciam ter sido

regadas com ácido, mas pelo menos as solas cobriam a maior parte de seus pés.

Sua saia tinha apenas alguns fios de couro sobrando. Por causa de Thronos, ela girou a roupa para cobrir a parte da frente, o que fez com que seu traseiro ficasse de fora.

Ele lançou seu olhar sobre o torso dela.

— Você está mais queimada do que eu pensei. Precisa descansar e se regenerar.

— Onde? Nós não temos nenhuma ideia de quais perigos nos cercam.

234

— Então, precisamos chegar a um lugar mais alto, enquanto minha asa se cura. — Ele examinou o horizonte.

Ela viu apenas terreno plano, uma folha de pedra ardósia cinza que combinava com o céu sombrio.

— Se houver um lugar mais alto. — Mas ele podia ver mais longe que ela.

— Vamos. — Ele tomou-lhe a mão.

Embora a rocha tivesse inúmeras crateras, ideal para suas botas comidas pelo ácido, ela disse, — Posso andar sozinha.

— Eu sei que você pode. — Ele continuou segurando a mão dela. Depois da zona do Inferno, Pandemonia, ele parecia ter uma necessidade constante de tocá-la.

Ainda temia que algo a levasse para longe dele?

O que quer que ele tivesse visto havia mudado esse homem. Então, o que iria acontecer com ele quando eles se separassem de vez...?

Por agora, de mãos dadas, eles partiram, desviando ao redor de buracos

maiores.

— E se isto for outro sonho? — Ela perguntou. — Aquela alucinação era tão realista. —

Você sabe, Thro, aquela em que estávamos tendo uma quente ação interespécies.

Ele acenou com a cabeça.

— Eu me sinto como se tivesse te *conhecido*. Quase.

— Temos sorte que nada disso aconteceu. Você não cometeu nenhum offendment. E eu quase não engravidei.

— Se não estávamos enfeitiçados, então por que sentimos tal frenesi um pelo outro?

Ela não tinha que ler sua mente para saber que o *cara* em Thronos queria contar os dois orgasmos que deu a ela.

— Efeito placebo talvez? Tudo o que sei é que Feveris, ou a falsa Feveris, não muda nada.

— Acho que sou seu companheiro, tanto quanto você é a minha. — O Thronos arrogante estava de volta.

Ela repetiu sua resposta padrão.

— Sorceri não têm companheiros.

Quando ele abriu a boca para discutir, ela levantou sua mão livre.

— Estou muito cansada para isso, Thronos. Pelo menos espere até que toda minha pele se regenere antes de começar a discutir.

Com uma carranca, ele começou a avançar mais uma vez, em direção a um

horizonte de nada.

N'ix tinha dito a ela para deixar os mundos em chamas. Como Lanthe poderia afetar um lugar como este? E ela não tinha sido exatamente uma tocha naquela barriga.

Lanthe pensou que poderia pelo menos aprender algo desta experiência, de suas viagens.

Tudo o que ela havia aprendido da falsa Feveris era que Thronos podia ser sensual como o pecado, e que ele tinha uma língua, pontuda, muito talentosa.

Oh, e ficar íntima com ele tinha alterando as coisas.

Para ela.

Quando eles estiveram nos braços um do outro... foi como se nada pudesse separá-los...

Enquanto o terreno ficava ainda mais desafiador, ele a pegou pelo braço, ajudando-a.

Deuses, sua consciência sobre ele estava nas alturas. Ela não podia, não podia, não podia estar se apaixonando por Thronos.

Condenação nem sequer começava a descrever um futuro junto com ele.

Se ela dissesse à Sabine “Eu quero ficar com um Vrekener”, sua irmã não teria nenhuma dúvida de que Lanthe tinha sofrido uma lavagem cerebral. O que tornaria Sabine e Rydstrom assassinos.

Como Lanthe poderia impedi-los de matar Thronos? Oh, espere, ela não podia.

Uma rajada salgada de vento uivava acima da planície, gelando sua pele nua. Para escapar de sua triste realidade atual, ela se perdeu em pensamentos de sua irmã e sua nova família estendida, ansiando a nostalgia. Ela tinha tanta saudade de Sabine que doía. Ela sentia falta de Rydstrom, seu alicerce de estabilidade. Ela sentia falta de suas sobrinhas gorgolejantes, com seus

cabelos loiros felpudos e grandes olhos violeta.

A mais velha, por segundos, era chamada Brianna, Bri para encurtar, e a mais nova era Alyson, ou Aly. Cadeon e Holly quiseram dar o nome de pessoas queridas para suas meninas, mas por fim, a atração de nomes de três sílabas que podiam ser encurtados para apelidos de três letras foi muito grande para Holly (ela tinha uma obsessão por três, frustrada por gêmeas).

Aly e Bri eram selvagens. Todo mundo havia ficado preocupado se Pravus tentaria contra as vidas delas, como o caminho desta Ascensão, Holly certamente tinha sido cercada por eles, mas não houve nenhuma causa para alarme.

As sobrinhas de Lanthe eram brilhantes, já podiam até rastrear. Se elas sentissem perigo, ou a hora do banho, simplesmente teletransportavam seus traseiros com fraldas para longe.

Quando tinham fome, elas rastreavam direto para o peito de sua mãe, o que ainda assustava a tranquila Holly. Cadeon era barulhento, sussurraria elogios para elas. As gêmeas e os seios.

236

O travesso irmão mercenário de Rydstrom tinha finalmente se saído bem, abandonando seu passado de soldado-da-fortuna para construir uma vida e começar uma família com sua companheira. Como Rydstrom e Sabine, Cadeon e Holly eram tão opostos quanto podiam ser.

Talvez as diferenças mantivessem as coisas interessantes. O olhar de Lanthe foi impotentemente atraído para Thronos.

Mas nenhuma de suas facções estavam em guerra. Nenhum de seus irmãos iria querer matar o outro.

Ela sentiu... desespero sobre o futuro. Porque ela não poderia ter Thronos? Ela desejava não saber quão quente o peito dele era quando a abraçava, ou como seria fazer amor com ele.

Lanthe era uma feiticeira que tinha o que queria, quando queria...

Mas não poderia ter isso.

O desespero prontamente virou ressentimento. Thronos tinha feito isso com ela.

Tinha a deixado maravilhada. Feito-a imaginar mais.

Depois de alguns minutos de silêncio, ele disse, — Eu não consigo parar de pensar sobre Feveris.

Ela puxou a mão da dele.

— Tente! — Quando outra rajada os atingiu, ela olhou em volta e chutou uma pedra. —

Todo esse sofrimento é como estar na droga de “Os Bandidos do Tempo”⁶, e eu cansei!

— Não sei que bandidos são esses, Lanthe.

— É claro que não. — Porque ele nunca havia assistido a um filme em sua vida eterna.

Eles não tinham nada em comum, exceto por algumas experiências compartilhadas na infância e recentes orgasmos alucinantes.

* * *

Extremos.

Agora Thronos sabia como seria perder Melanthe para sempre, impotente para salvá-la, obrigado a vê-la morrer.

Mas também vislumbrou como seria reclamá-la como sua mulher. Nenhuma experiência havia realmente acontecido, que o fazia se questionar se ele estava realmente aqui com ela agora.

E ela perguntava por que ele continuava a tocá-la?

Em seus últimos dois reinos, ele e Melanthe tinham sido testados juntos, fazendo-o se sentir mais próximo dela. Ainda assim ela estava se afastando.

6 Título original: *Time Bandits*, de 1981, narra a aventura de seis anões guiados pela Criatura Suprema que conduzem um garoto através do tempo e encontram grandes personagens da História.

237

A situação não estava ajudando. A pele dela estava machucada. Ela devia estar congelando por causa de sua regeneração, e ainda um pouco chocada por estar onde estavam.

Ela estava provavelmente faminta também. Ele não tinha ideia de quando haviam comido pela última vez. *Quantos dias ou semanas ficamos dentro daquela besta?* Além disso, ele suspeitava que o tempo de Pandemonia se movia de forma diferente. Ele apenas podia imaginar quanto tempo ele e Melanthe estavam desaparecidos.

Ele a ajudou a atravessar uma vala, seus pensamentos se debatendo entre quatro coisas: a preocupação com a segurança imediata dela, reviver sua morte naquelas voltas angustiantes, recordar o seu orgulho quando ela manipulou os demônios para salvá-lo e saborear a forma como ela respondeu a ele em seu sonho de Feveris.

Neste último, ele baixou seu escudo mental, deixando-a ouvir suas reflexões alto e claro.

Ele repetiu o calor molhado dela beijando a cabeça de seu eixo... a pressão do sexo dela começando a apertar a coroa enquanto ele avançava para dentro dela... seu pulso acelerado, porque ela precisava dele também...

— Não foi real! — Ela insistiu.

— Me pareceu bastante real! — Ninguém conseguiu levantar as asas dele como ela fez! —

Droga, eu conheço seu gosto. Eu conheço seus gemidos. Por que você está tão ávida para negar o que nós sentimos?

Era como se ela se considerasse fraca por ter se rendido a isto. E tudo que eu sinto é força.

— Porque isso nunca aconteceu! — Com as sobrancelhas erguidas em desafio, ela disse, —

Se essa alucinação realmente aconteceu, então o cacho do cabelo de Nix não deveria estar no meu bolso? — Ela enfiou a mão na tira de couro cheia de água, uma das últimas restantes.

Ela retirou um cacho do cabelo da Valquíria.

Ele ficou boquiaberto. *Poderia Feveris ter sido real?*

Melanthe franziu a sobrancelha em confusão.

— Não, não. Nix deve ter plantado isto em mim quando ela me atacou na ilha. Ela poderia ter colocado quando eu estava inconsciente. Ou talvez ela também estivesse dentro da besta? —

Melanthe colocou o cacho de volta em seu bolso. — Não olhe para mim assim!

— Como se eu tivesse feito você gritar de prazer? — Ele se aproximou dela.
— Encare isto, feiticeira, eu quase a reivindiquei como minha, e você adorou.
— Eles estavam muito próximos. —

Você me queria dentro de você. Você queria mais. Nada pode mudar isso.

— Isso teria sido desastroso! — Ela olhou meio enfurecida, meio cautelosa.

Ele estendeu a mão e passou o polegar no lábio inferior dela.

— Eu quero voltar para onde estávamos antes de sermos interrompidos.

— Um macho querendo sexo comigo. — Ela se afastou dele. — Que novidade.

— Você sabe que eu quero mais do que apenas sexo. — Ele agarrou o braço dela, puxando-a para perto mais uma vez. — Eu quero tudo de você.

Os lábios dela se separaram, mas ela pareceu se recompor.

— Só porque Sorceri não ficam com remorso, não significa que façamos qualquer coisa. O

que você quer que aconteça entre nós apenas... não dá. Nós somos muito diferentes. Nossas famílias e facções nunca aceitariam.

— Talvez uma relação entre outra feiticeira e outro Vrekener seria impossível. Mas já passamos por muita coisa. Temos conquistado um ao outro. Você não pode negar isso. Se você relevasse toda a discussão que nos rodeia, poderia me aceitar?

Ela não respondeu, e não o olhava nos olhos.

— Olhe para mim, Melanthe.

Quando ela finalmente o encarou, ele olhou fixamente em seus olhos, vendo a mesma vulnerabilidade que viu quando estava prestes a reivindicá-la.

Ele achou que estava começando a entender...

Em Pandemonia, ele descobriu que sua companheira ansiava por amor. Ela nunca tinha encontrado isso com outra pessoa, e claramente não iria se contentar com nada menos. Ela lhe disse que daria seu coração somente para o homem certo.

Eu sou esse homem.

Olhando para ela agora, ele compreendeu que ela se sentia vulnerável, porque seu coração já estava em jogo. Ele acreditava que poderia fazer Melanthe se apaixonar por ele, reivindicando algo dela para ele.

— Deixe-me ir, Thronos.

— E se eu disser nunca? — Naquele momento, ele percebeu exatamente como ele deveria lidar com a magia dela em Skye. A solução foi tão óbvia, que ele quase deu um tapa na testa.

Com um gemido de frustração, ela chutou a canela dele. Ele segurou a nuca dela, puxando-a perto para um beijo.

Uma rede metálica desceu sobre eles.

Ele gritou, abrindo suas asas, prendendo a si mesmo nas linhas pesadas.

— Oh, deuses, é como tentáculos! — Ela caiu no chão, encolhendo-se para longe da malha.

— Tire isso, tire isso!

— Estou tentando! — Quando ele arranhou o metal, faíscas estouraram.
Misticamente protegido.

239

Assim que ele percebeu criaturas estranhas sobre as faíscas, Melanthe gritou,
— Sentinelas Sthenos!

Antes que ele pudesse alcançá-la, ela tinha sido arrancada de debaixo da rede. Ele se lançou para ela, se debatendo para se libertar, até que uma das criaturas imponentes segurou Melanthe como se fosse uma boneca e pressionou um tridente em seu pescoço.

Eles estavam cercados por uma dúzia de Sthenos malignos, gorgonas com quase três metros de altura e serpentes do mar carmesins no lugar de cabelo. Cada sentinela carregava um tridente.

— Solte-nos. — Melanthe ordenou, luz azul emanando de seus olhos e mãos. Nada. —

Liberte-nos agora!

O maior Stheno, e obviamente o líder, disse, — Seus poderes não funcionarão em nós, feiticeira. Fomos divinamente blindados.

Hora de lutar, então. Ele moveu seu olhar enquanto calculava seus próximos movimentos, até que o Sthenos segurando sua companheira a ameaçou com mais do que um tridente.

Serpentes marinhas deslizaram para baixo até um de seus ombros graciosos, seus dentes arreganhados, línguas bifurcadas se contraindo.

Melanthe engoliu.

— Seu veneno... Eu posso não me recuperar disto.

Ele congelou, levantando as mãos.

O líder disse, — Você cometeu um erro ao invadir Sargasoe, reino de Nereus.

— O deus do mar? — Melanthe perguntou.

— A divindade Nereus, nosso senhor e mestre. Você vai encontrá-lo em seu castelo, onde ele faz banquetes para celebração. Dependendo do estado de espírito de Sua Alteza, vocês serão os convidados, ou o entretenimento.

QUARENTA E UM

O Sthenos saltou e vendou seus cativos, fazendo mais perigosa para Lanthe a descida do precipício até o nível do mar. Ela quis dizer à eles que nunca poderia encontrar o caminho de volta aos domínios de Nereus. Mas eles não tinham exatamente batido papo.

Como é esse deus? Thronos perguntou a ela na interminável caminhada ao longo da praia.

Lanthe supôs que o Vrekener tinha superado o desligamento telepático dele. *Nereus é um festeiro malandro, como uma cruz entre Pan e Loki. Ele é notório por seus jogos e manipulações.*

O que acontece se formos o “entretenimento”?

Provavelmente algo que fará com que você queira tomar um chuveiro fervente e esfregar sua pele com lã de aço. Vamos colocar desta forma: Eu não penso que serei capaz de rebolar minha saída disso.

Não sei o que quer dizer rebolar, Melanthe.

Suspiro. *Eu ouvi que Sargasoe é um reino escondido no reino humano. Como Skye Hall. A meta será conseguir que Nereus nos transporte daqui.*

Sem sacrificar demais eles mesmos...

Você acha que pode enfeitiçar ele?

Se ele pode proteger Sthenos de meu poder, não existe uma chance. E ele provavelmente me mataria por tentar.

Thronos ficou mudo, parecendo perdido em seus próprios pensamentos.

Embora a pele de Lanthe curasse gradualmente durante o longo passeio, ela era drenada ao acompanhar o rápido Sthenos. As metades mais baixas deles

eram rolos gordos de serpente, como Cerunnos, exceto que Sthenos, gorgonas eram todas fêmeas. E mais, eles tinham serpentes como cabelo. Oh, e mãos de metal e garras.

Sempre que Lanthe tropeçava nas areias movediças, seu guarda pessoal Sthenos a levantava com aquelas garras que cavavam em seu braço.

Depois da barriga da besta, isto não era nada. Certo?

Errado.

Uma explosão de vento no oceano a esbofeteou. Quando Lanthe cambaleou e foi arranhada novamente, ela estalou, — Cuidado com as garras, puta!

Melanthe? Ela poderia com tudo menos ver Thronos levantando as sobancelhas. Só porque ele estava calmo e contido não significava que ela teria que estar. Ele teve seu acesso de raiva, seu mantra na ilha da Ordem, e agora era a vez dela.

241

Eu não tenho mais porra nenhuma para dar. Certo, Vrekener? Ela atingiu seu limite. Estava cheia de atravessar portais, cheia de ser capturada, cheia de ser comida ou a comida em potencial.

Nós vamos escapar mais uma vez. Não se preocupe.

Por que você está tão tranquilo?

Ele ficou quieto por longos momentos. *É minha natureza. O que você viu naquelas primeiras noites e dias não era... eu.*

Ela tinha imaginado que calma era sua característica padrão. Então para todos os outros atributos atraentes dela, ela podia adicionar *não psicótico*.

Finalmente a comitiva diminuiu a velocidade, entrando em algum tipo de lugar vazio. Uma caverna do mar?

Eles desceram por quilômetros. Quando a pressão fez suas orelhas

repetidamente estalarem, ela percebeu que estavam no fundo do oceano. Sem voo para Thronos, ainda que ele ficasse livre.

Ela sentiu compaixão por ele. O medo dele de profundidade era como o medo dela de alturas. Ela não podia imaginar o quão difícil isto deveria ser para ele.

Provavelmente tão difícil quanto ela acharia Skye. Ainda assim, ela perguntou, *Você está bem com isto?*

É temporário.

Em outras palavras, ele não estava, mas lidaria com isto.

Em Pandemonia, ela lhe disse sobre coisas loucas ocorrendo com crianças Sorceri, e ele confidencialmente disse “Nós podemos lidar com isto”.

Nós.

Ela e Thronos trabalharam bem juntos.

Deuses, ela não precisou concluir que o Vrekener seria um bom pai. Seu relógio biológico tocando. *O melhor. Nenhum seria melhor!*

De repente Lanthe ouviu engrenagens zumbindo, os dentes da engrenagem clicando, como se um portão estivesse abrindo. Eles entraram em uma área morna, úmida, e os equipamentos zumbiram mais uma vez. Atrás deles, uma tranca fechou com um silvo. O odor de salmoura permeava tudo.

Tirando as vendas, Thronos balançou sua cabeça na direção dela, como se estivesse com fome de um único olhar.

Estou bem. Ainda aguentando.

242

Quando ele lhe deu um aceno com a cabeça de encorajamento, ela o induziu a inspecionar Sargasoe, a toca legendária de Nereus.

O corredor tinha sido esculpido de pedra com reluzentes estriamentos de

coral rosa e azul.

Um brilho de água escorria de todas as paredes, parecendo fazer parte da decoração.

A área era iluminada com... candeeiros; basicamente eram tigelas de vidro onde águas-vivas luminescentes nadavam em círculos. Abundantes reflexos ondulantes, como sob a água, fazendo as paredes parecer balançarem.

— Adiante, — o Sthenos comandante falou atrás deles.

Conforme Lanthe e Thronos marchavam mais para dentro, grandes seções do chão de pedra moviam-se e retraíam, revelando o mar.

A construção deste lugar era espetacular.

Espelhos abundantes. Sombras e luz dançando pelo domínio. Olhos brilhantes apareciam de passagens escuras.

Isto parecia totalmente como a toca de uma deidade caprichosa, notória por seus jogos.

Ela também sentiu um portal permanente abaixo dali. Como conseguir que Nereus os deixasse usar?

Eventualmente seu grupo entrou no que deveria ser um tipo de galeria sob a água.

Existiam janelas arredondadas enormes em intervalos regulares, da maneira como pinturas poderiam se enfileirar em uma parede de museu.

Quando Lanthe passou pelo primeiro, seus olhos ficaram atentos. Navios estavam empilhados, como se fosse um ferro velho. Ela virou para Thronos. *Você está vendo isto?*

Faz sentido que casa do deus do mar seja um vórtice. Um imã místico. Nós estamos em um abismo; tudo afunda neste nível.

Na próxima janela, ela semicerrou os olhos para a escuridão, vendo pedras

preciosas do tamanho de bolas de futebol, dispersas pela areia. Filas de sentinelas mercriaturas deslizando por ali. Eles eram humanoides até certo ponto, mas em vez de pernas, ostentavam rabos de sereia, e tritões de tentáculos.

A próxima janela revelou um submarino com letreiro russo em sua armação, e o que parecia como parte de um porta-aviões. Isto era muito selvagem!

Apesar de todo o sofrimento de Lanthé para chegar à Sargasoe, ela estava excitada por ver um lugar tão exótico. Mas o que estava por vir? A premonição de Nix ecoava em sua mente: “Em um reino, ferir. Em um reino, abandonar. Em um reino, partir. Em um reino, brilhar.”

Então Lanthé deveria partir daqui? Ela mordeu seu lábio, olhando para Thronos. Partir era uma palavra com vários significados, um dos quais era *separar*.

243

Ela já sentia um portal. E se Nereus oferecesse dois caminhos diferentes: Um para Skye e um para Rothkalina?

Ela estava pronta para se separar de Thronos? Apesar de todas as suas estrondosas negações de mais cedo, o pensamento provocava dor em seu peito. Se apenas uma relação entre eles não representasse tantas dificuldades insuperáveis.

Quando eles passaram por um espelho, ela se virou, não querendo ver seu reflexo. De repente todos os danos em seu corpo começaram a remendar. As algemas ao redor de seus pulsos desapareceram, e ela se sentiu fresca como se tivesse saído do banho. Com um suspiro, ela olhou para si mesma.

Ela agora vestia uma saia preta de couro, uma malha com manga, e botas de couro. Seu top era tecido de fios de ouro e prata, com tramas mais densas do metal sobre a frente para esconder seus seios. Luvas elegantes de metal cobriam as mãos e antebraços, e ela detectou uma máscara em seu rosto.

Vestida com a roupa formal Sorceri! Suas mãos voaram para seu colar. Ainda

lá!

Ela girou ao redor para o espelho. Sua máscara era de safira azul, acentuando seus olhos.

Seu cabelo tinha sido enroscado ao redor de um capacete significativo de ouro, com tranças selvagens emoldurando seu rosto. Não curto nas costas, mas longas madeixas tinham crescido, à esquerda descendo pelas costas.

Ela se sentiu mais como uma feiticeira, menos como comida. Estava começando a apreciar as gentilezas de Sargasoe! Ela olhou para Thronos, e seus lábios se abriram.

O Vrekener estava... Lindo de morrer.

Os danos recentes dele desapareceram, e ele estava vestido com roupas novas. Calção de couro e botas. Um cinto de couro largo para destacar o quadril estreito.

Uma camisa de algodão, branca, moldada sobre seus músculos e talos de asa como se sob medida. Que ela supôs, tinha sido feita por uma mão divina.

Ela estava encantada por sua altura, construído, diabólico, amante demônio. Ou amante que pretendia ser. Ele tinha os atributos físicos para atrair qualquer fêmea, mas Lanthe também admirou como ele estava tão orgulhoso e robusto, pronto para batalhar mais uma vez.

Ela e Thronos continuaram a ser desafiados. Eles continuaram a superar, protegendo um ao outro. Talvez ele estivesse certo; Talvez eles fossem o casal Vrekener/Sorceri que poderiam bater todas as probabilidades.

— Isto é real? — Ele perguntou, olhando em volta de seus guardas. — Entre as viagens e Feveris, estou incerto.

Ela estava acostumada à magias como essas, Thronos, nem tanto. — Eu penso que é.

— Siga os sons para o banquete, — o líder Stheno disse, usando seu tridente para apontar corredor abaixo. — Não tenham ideias de fuga. Para que vocês saibam, só existe uma maneira de sair de Sargasoe.

Quando ele se virou para longe, um pensamento surgiu em Lanthe. — Espere! Onde estão minhas roupas anteriores? Existia uma mecha de cabelo...

— Seu oferecimento foi recebido, — O líder disse, as serpentes em sua cabeça oscilando.

— É a razão de vocês estarem vivos.

— Oh. — E então Lanthe e Thronos estavam a sós. — Espero que Nix não precise daquilo de volta.

Quando ele inclinou sua cabeça para ela, Lanthe percebeu que ele nunca a tinha visto tão arrumada e centrada antes. — Então, o que você acha?

— Suas roupas são reveladores. Não vai incomoda-la ir ao banquete seminua?

Antes de Melanthe poder responder, um grupo de ninfas do mar escassamente vestidas começou a levantar de um recorte no piso. Nereidas. As fêmeas eram todas deslumbrantes, e vestidas com nada além de pequenas saias de espuma do mar.

A cada momento uma ninfa emergia da água e sacudia seu cabelo para trás, parecendo se mover em câmera lenta.

O Lore acreditava que Nereus tinha sido preso em Sargasoe ou por outro poder, ou por sua própria agorafobia⁷. Sua solidão o levou a criar uma nova espécie de ninfa para servir como suas concubinas e empregadas.

As fêmeas pararam e olharam fixamente para Thronos, apontando para as asas dele com olhares admirados e rindo animadamente atrás das mãos.

Lanthe supôs que ele fosse o primeiro macho com asas que elas já viram. Não muitos Loreans nascidos em Skye viajam para a parte inferior do oceano.

Na frente dos olhos de Lanthé, o flerte das ninfas transformou-se em desejo descarado.

O que Thronos pensa sobre o interesse delas? Quando elas fixaram seu olhar sobre ele, ela cavou em sua mente, mas achou suas proteções.

Porque ele estava tendo pensamentos luxuriosos sobre elas e não queria que ela conhecesse?

Imbecil. Típico macho.

Então isto é ciúme. Como Thronos viveu com isto por tanto tempo?

Ela imaginou punhais nas fêmeas. *Para trás, ninfas. Ele é meu.*

7 Medo de lugares públicos e espaços abertos.

245

Meu?

Meu.

Apenas pensar naquela palavra era como um tiro ativando uma avalanche de emoção.

Ela e Thronos tinham literalmente ido ao Inferno juntos. *Como parceiros...* Eles se tornaram um time, e a ideia de separar-se dele, ou compartilhá-lo com ninfas, machucava.

Quando o grasnar das Nereidas finalmente diminuiu, Lanthé disse, — Talvez eu deva ficar sem este top? Desde que as ninfas não vestem nenhum, eu não quero estar exagerada no traje.

Ele falou só para ela. — Isso não vai acontecer.

— Você tem certeza? Você parecia tão encantado por elas, quanto elas por você. *Ciúme é uma porcaria.*

A expressão dele era inescrutável. — Eu fiz isso? Hmm.

O que isso quis dizer?

Thronos mudou o assunto, — Se nós fomos curados e vestidos, escapamos do destino

“entretenimento”?

— Não, não necessariamente. — Ela não parecia estar chiando para Thronos; parecia estar conspirando. — Isto poderia ser parte do jogo. Cuidado. Eu ouvi que se o convidado o chateia, Nereus o golpeia.

Tão logo ela e Thronos se aproximaram dos sons de festança, ela endireitou seus ombros, sentindo como se estivesse indo para um evento no tribunal do Castelo Tornin.

Debaixo do reinado de Omort, o Imortal.

Intrigas, enredos e maquinações estavam constantemente em jogo. Abaixar a guarda podia significar ter um poder roubado, ou a morte.

Ela estava pronta para isto, tinha sido treinada em uma zona de guerra como nenhuma outra.

Fora de uma porta em arco, ela murmurou, — Nossa meta é conseguir que ele nos transporte daqui. Só siga minha liderança. Lembre-se, nada pode ficar em nosso caminho de fuga.

Certo?

— Entendo. — Ele fixou suas asas o máximo que pôde, até que sobressaíram ligeiramente passando seus ombros largos.

— E, Thronos, este deus do mar se considera um Casanova. Eu vou ter que paquerar, e você precisa deixar isto rolar.

— Claro, — ele disse, mas passou o braço sobre os ombros dela. — Lidere o caminho.

Eles entraram no salão para encontrar a festa em pleno andamento. A área estava resplandecente com brilhantes conchas e guirlandas de grama do mar. Pérolas do tamanho de bolas de boliche adornavam as paredes e tetos. Havia mais recortes de piso revelando o mar; ninfas servindo pratos e jarros surgiram a partir deles.

Centenas de convidados estavam presentes. Vários representantes do Lore, desde seres dos oceanos até das florestas, mas nenhum do ar.

Além de mercriaturas, ela viu selkies com seus casacos de pele, ninfas de árvore, e Sátiros.

Kobolds e gremlins corriam sobre os pés. Lanthé até viu um *fuath* sem nariz, um entre as espécies de maus espíritos da água. Eles tinham pés de pato, uma loira juba desgrenhada nas costas, e um rabo eriçado.

E todos pareciam perdidos.

A mesa de jantar era imensa, uma superfície pesada de vidro colocada sobre tubos de coral.

As cadeiras eram feitas de madeira flutuante e polida. Nereidas sorridentes serviam bebidas para os convidados. Outras dançaram e tocavam instrumentos.

Assopraram uma concha para sinalizar sua chegada, anunciando eles como, — Melanthe da Sorceri Deie, Rainha da Persuasão, e Príncipe Thronos de Skye Hall e todos os Territórios do Ar.

— Bem-vindos, meus convidados de honra! — Um macho falou da cabeceira da mesa.

Deve ser Nereus. Ele era notavelmente alto. Seu cabelo longo e barba vermelha tinham mechas loiras. Ele usava apenas a parte inferior de uma toga, exibindo os músculos de seu tórax lubrificado, braços, e ombros. Faixas de ouro cercavam seus bíceps corpulentos.

Seus olhos verde-esmeralda vagavam sobre ela com tanta intensidade que os braços de Thronos apertaram-se ao redor dela.

Nereus acenou para eles. Na superfície, ele parecia estar em um estado de bom humor. No entanto, havia uma corrente de algo em seu olhar, algo que fazia seu semblante nobre, quase assustador.

Ela podia lidar com o assustador. Lanthe lançou-lhe um sorriso brilhante. *Era hora do show.*

QUARENTA E DOIS

Uma vez que o deus saudou Melanthe e Thronos, todos os foliões os encararam.

Entretanto não tão atentamente quanto Nereus cobiçava a companheira de Thronos!

Pelo canto da boca, ela disse, — Apenas sorria e acene, rapazes. Sorria e acene.

Como ela estava falando com um único macho, Thronos entendeu que isto era outra referência cultural que não entendia.

Durante toda a caminhada até aqui, ele trabalhou para permanecer tranquilo, porque sentia que Melanthe estava se aproximando do ponto de ruptura. Talvez ela estivesse, mas não mais.

Agora ela parecia com um cavaleiro prestes a entrar em uma contenda: focada e confiante, mas ainda ciente dos riscos.

— Juntem-se a mim aqui, — Nereus chamou. Na outra extremidade da mesa, ele apontou para um par de cadeiras à direita de seu trono.

Por que ele os acomodaria em tal lugar de honra?

As festividades irromperam mais uma vez, a música reiniciando. O cântico das ninfas era estranhamente relaxante, mas Thronos sabia que precisava ficar atento.

Ele avaliou seus arredores.

Saída: apenas a entrada e pisos entalhados.

Adversários: desconhecidos. Então consideraria cada ser, um inimigo em potencial; exceto as ninfas inocentes.

Desvantagens: eles estavam nas profundezas do oceano, não exatamente seu campo de batalha preferido. Uma semana atrás, ele teria dito que este era seu pior pesadelo.

Agora, sabia o que era perder sua companhia.

Enquanto ele e Lanthe caminhavam em direção à mesa, Thronos trabalhou para limitar seu manquejar, em situações hostis, oponentes sempre vigiavam as debilidades. Entretanto seu braço e asas estavam curados, seus antigos ferimentos ainda o atormentavam.

Outros convidados já estavam acomodados, alguns Loreans que nunca tinha visto antes. A maioria vestida com togas provocativas, as cabeças decoradas com guirlandas. Thronos contou com a sorte de estar vestido com as tradicionais vestes Vrekener.

Em algumas seções da mesa, reservatórios cheios de água estavam suspensos para o conforto de mercriaturas. Eles bebiam bastante de taças de conchas. Embora os reservatórios fossem transparentes, tentáculos tateavam ou... sondavam.

248

Isto apenas não está certo. Mas Thronos não mostrou nenhuma reação.

Mais abaixo, na mesa, ainda estava mais luxurioso. Ninfas empoleiradas sobre joelhos ou escarranchadas em machos, às mãos ocupadas debaixo do tampo de vidro da mesa. Pelo modo como uma ninfa estava se contorcendo sobre o colo peludo do Sátiro, Thronos imaginou que o macho tinha que estar dentro dela, escondido por sua saia de espuma do mar.

Melanthe lançou lhe um olhar por baixo de seus cílios, provavelmente pensando que ele não podia lidar com a perversidade destas cenas. Depois do Inferno, estava ficando cada vez mais acostumado.

Enquanto ele e Melanthe passavam, os foliões lançavam olhares amorosos para ela. Como não podiam? Nenhuma das fêmeas aqui poderia se comparar com ela. Ela era uma feiticeira sensual, abençoada com uma beleza

incomparável.

Ele não a via vestida assim em anos. Seus cabelos trançados brilhavam à luz do corredor.

Seus olhos eram azuis céu por trás da máscara.

Ele a imaginou vestindo estas peças de vestuário nos Territórios. Em comparação com as Nereidas de seios nus rodeando Sargasoe, Melanthe parecia quase recatada. Thronos supôs que todos eram parentes, uma realização surpreendente de tudo ou nada para um pensador ter.

Nereus disse para a multidão, — Todos participem cordialmente da libação, do banquete com fartura de comidas, e encham meu salão com alegria!

Melanthe murmurou para Thronos, — Libação? Fartura de comidas e alegria? Em outras palavras, este é seu tipo especial de inferno. — Ela o fez soar como um desmancha prazeres. Ela o *chamou* de desmancha prazeres.

Ele podia ser alegre se quisesse. Se fosse tão importante para ela...

No entanto, com cada novo detalhe que registrava neste salão, ele tinha mais certeza de que aquela “festança” nunca seria sua atividade favorita. Ele estava acostumado à ação, normalmente para procurar por Melanthe.

Agora simplesmente queria começar uma vida com ela.

Uma vez que se acomodaram ao lado de Nereus, com troca de saudações formais, o deus estalou os dedos e duas serviçais ninfas chegaram.

Elas despejaram vinho para ela e cerveja inglesa para Thronos, novamente mostrando um grau de desconcertante interesse nele. Mais cedo, ele notou o desprazer de Melanthe sobre isso.

Quando a sentiu se aprofundando, ele protegeu seus pensamentos, querendo que ela se perguntasse o que ele estava pensando pela primeira vez.

— Meus viajantes queridos, este é um tempo de celebração, — o deus do mar explicou; para os seios de Melanthe. — Entretanto um inimigo violou nossas

paredes no último mês, ele não procurou nenhum de meus descendentes! Queria apenas quitar uma pequena dívida.

249

— Felicitações, Nereus, — Melanthe disse calorosamente, levantando sua taça.

Nereus finalmente encontrou o olhar dela. — E agora tenho novas e interessantes visitas em minha mesa. Meus convidados para o jantar têm sido tão chatos ultimamente. — Ele acariciou sua longa barba. — Tenho tido que executá-los apenas para salvar a noite!

Ainda sorrindo serenamente, ela perguntou para Thronos, *Agora você entende os riscos?!*

Chegamos até aqui. Não quero morrer em Sargasoe.

Estou apenas deixando isto rolar, não é? Embora o olhar dele mal tenha deixado seus seios.

As asas de Thronos se retesaram com a necessidade de lançar-se contra o macho, suas presas e garras preparando-se para rasgar a carne.

Como se fosse um demônio. Mas ele refreou sua raiva.

— Um brinde está em ordem! — Quando Nereus ficou em pé, Melanthe tossiu, seus olhos se arregalaram sobre o deus. Para o que ela estava olhando?

Oh. Nereus era grosseiramente equipado, tanto que quando se ergueu, seu membro balançou como um pêndulo debaixo do tecido fino.

Melanthe olhava estupidamente. *Ele tem seu próprio suporte de apoio! Você poderia se aconchegar a isto como um travesseiro de corpo.*

Thronos apertou a mandíbula. *Conseguiu uma visão completa?*

Alguma! Ninguém acreditará em mim quando eu contar sobre isto.

— Aos nossos náufragos, — Nereus disse, com um grande gesto em direção à eles. — Que possam encontrar tudo o que buscam em meu domínio.

Seu tom fez as asas de Thronos se contorcer, mas quando Melanthe deu uma cotovelada nele, para que levantasse sua taça, ele brindou. Ainda que não conseguisse afastar a sensação de uma ameaça.

Beba isto. Nereus pode obrigá-lo se ele quiser.

Olhando com cara feia para a taça, Thronos tomou a bebida, e achou a cerveja... deliciosa.

Ele bebeu o conteúdo da taça, antes que percebesse.

No mesmo instante, uma Nereida veio na direção dele com um jarro, pressionando os seios em seu rosto, enquanto despejava.

Com os seios nus em seu rosto, tudo o que conseguiu pensar era: *Espero que Melanthe esteja vendo isto.*

* * *

Lanthe logo teria que caminhar em uma linha muito fina. Ela precisava intrigar e despertar Nereus, o libertino debochado. E precisava fazer aquilo sem inflamar o ciúme de Thronos além de seu controle.

250

Fácil como uma simples torta ; exceto que não era.

Quando Nereus virou-lhe sua total atenção, ela sentiu como se uma ribalta tivesse acabado de se iluminar. — Você gosta de seu vinho Sorceri? O negociante me assegurou que é doce o suficiente para agradar as línguas feiticeiras.

Lanthe tomou um gole. — Delicioso! Não é frequentemente que tenho apreciado isto longe de casa.

— Como você veio parar na costa de Sargasoe?

— Oh, é um longo e chato conto.

Chato? O inferno que é.

Cale-se. Preciso me concentrar aqui.

Então continue, teça seu feitiço. Quase posso ter pena do deus do mar.

Ela colocou sua mão sobre a de Nereus. — Ao invés disso, vamos falar sobre você. Não é todo dia que conheço uma divindade.

— O que você gostaria de saber, feiticeira? Se estou atraído por seus encantos?

Certamente. Próxima pergunta.

Ela sorriu para Nereus, mesmo quando sentiu Thronos se virando, recusando-se a assistir a interação deles. — Que inimigo ousado se atreveu a descer até Sargasoe?

— Um vampiro, — Nereus respondeu. — Talvez você o conheça, Lothaire, o Inimigo do Antigo. Estava em dívida com ele, mas não mais!

— Suspeito que metade do Lore esteja no infame livro de dívidas dele. — Infelizmente Rydstrom estava; ele e Sabine estavam caçando o diabólico vampiro ao longo do último ano, pensando que um sanguessuga morto não poderia cobrar. Até poucos dias atrás, Lothaire tinha sido prisioneiro da Ordem, obviamente tinha escapado agora.

No passado, Lanthe considerava o Inimigo do Antigo um dos mais sexy machos do Lore.

Mas agora...

Seu olhar deslizou sobre Thronos. Ele nem sequer agia como se estivesse com ela, apenas tomava um gole em sua taça, encarando o entorno. *Devagar com a bebida, tigre.*

Apenas acabe logo com isto.

Ela voltou-se para Nereus, interiormente franzindo o cenho quando um pensamento lhe ocorreu. O deus disse que seu inimigo Lothaire esteve aqui no último mês. Entre Pandemonia e a barriga da besta, quanto tempo ela e Thronos perderam? Sabine deveria estar descontrolada de preocupação!

Nereus observou, — Não esperava ver uma feiticeira e um Vrekener como companheiros de viagem.

251

— O preço da passagem aérea era mais barato, — ela disse com uma piscada.

Ele sorriu, revelando dentes certinhos e brancos. Um belo sorriso. Presas tornariam isto melhor. — Sim, mas sinto que você é uma hedonista como eu. E o Vrekener não é.

— Curiosamente, ele e eu compartilhamos uma conexão predestinada.

Você. É. Minha.

Thronos, tenha dó! Ela agarrou seu vinho novamente.

Nereus mudou de assunto. — Detecto grandes coisas sobre você. Você é uma apreciadora sensual, não é?

Ela parou sobre a borda de sua taça.

— De um hedonista para outro, — ele continuou, — acho refrescante quando as mulheres sabem seu caminho para o quarto. Uma fêmea humanoide que passa a ser uma conhecedora dos machos, é uma das criaturas mais desejadas em reino náuticos.

— Não tanto em outros reinos.

Em um tom perplexo, Nereus perguntou, — Por que será que o sexo é o único empenho onde um macho espera que sua parceira esteja em um patamar de iniciante?

Lanthe não conseguiu impedir o sorriso que espalhou-se por seu rosto. — Por

que será?

Nereus olhou para os lábios sorridentes dela por longos momentos, depois inclinou-se com um olhar apreciador. — Você quer me conhecer, mas eu quero que nós conheçamos um ao outro.

— Ele poderia também estalar as juntas. — Então diga-me, qual o passatempo favorito de uma feiticeira como você?

— Beber vinho e assistir TV. — Ela ilustrou o primeiro com um profundo gole de sua taça.

— Admirável. E como você reagiria se desenvolvesse brânquias? — Ele perguntou, como se estivesse listando uma lista mental de perguntas.

— Perguntaria como assessorá-las.

— E sua posição sobre compartilhar machos?

— Geralmente não sou fã. — O imbecil estava entrevistando-a! — Tenho alta manutenção, normalmente mais de um macho com quem poderia lidar.

Thronos bufou. Ele poderia muito bem ter dito, — Reze.

— Em cinco anos, onde você se vê? — Nereus perguntou. — Com mais que uma dúzia de desova? Ou menos?

— Absolutamente menos de uma dúzia.

— Animaizinhos de estimação na cama. Sim ou não?

252

— Depende do animalzinho.

— Por exemplo, um receptáculo de Nereidas.

Sim, Melanthe, diga-nos. Como você se sentiria?

Ouro me preserve. — Posso passar essa?

Nereus hesitou, então deixou-a passar naquilo. — Se você pudesse encontrar algum Lorean, vivo ou morto, quem seria?

Finalmente uma pergunta que não era carregada de um tom nojento. Com toda a honestidade, ela teria gostado de uma chance de conversar com sua mãe.

Ela desejava que pudesse dizer a Elisabet que agora entendia o quão difícil deveria ter provado ser um recipiente de uma Ascensão, ser banida de sua família Sorceri Deie, deixar sua casa e tudo o que ela conhecia.

Para gerar uma criança como Omort.

Lanthe sabia agora que Elisabet fez o melhor que podia. Seu pai, também.

Mas Lanthe nunca poderia responder honestamente. Então ela disse levianamente, —

Naturalmente, seria você, Nereus.

Se o deus notou que seu humor mudou, não indicou isto. Ainda que ela sentisse os olhos penetrantes de Thronos nela.

— Feiticeira lisonjeira, — Nereus repreendeu falsamente, mas ela podia dizer que ele estava contente. As perguntas retomaram. — Qual é sua arte e música favorita, através de todos os planos e mundos?

Ela sentiu-se relaxar. Este era um assunto fácil para ela. — Na arte, eu aprecio os mestres Helvitan. O modo como aqueles vampiros usam o solo da raiz sanguínea sobre uma tela de carne curada, é nada menos do que inspirador. Na música, gosto de um gênero mortal chamado top cem. Ou, claro, Draiksulian clássico. Aquelas Feys sabem como compor uma melodia animada.

Notei mais cedo que suas Nereidas estavam tocando sereيناتas8 do século XIII. Adorável.

— Elas realmente estavam! Não achei que alguém notaria. — Ele estreitou os olhos verdes.

— Você é claramente bem educada. Como você é na trívia?

Às vezes ela jogava jogos de trívia com Sabine, Rydstrom, Cadeon, e Holly, passando da terceira rodada para a quinta rodada. — Acho que não sou tão ruim. Quando era jovem, frequentemente eu lia para passar o tempo.

— Então responda isto: Quem era o líder da Rebelião do Séculos Três no reino de Quondam?

⁸No original: sirenades. Junção das palavras Siren com Serenade, que significam: Sereia e Serenata, respectivamente.

253

Ela esperava uma pergunta capciosa de um deus malandro. — Realmente, esta rebelião foi no reino de Quandimi. O líder foi Bagatur, o Artesão de Batalhas.

Nereus deu um risada forte, seu peito lambuzado retumbou. — Achei que a deixaria perplexa.

— Minha irmã e eu estudamos líderes cruéis para pegar dicas. Estávamos certas de que governaríamos os mundos em um grande co-reino.

Pelo canto do olho, ela viu Thronos lançar lhe um olhar interrogativo. *Você conhece um grande número de coisas.*

Talvez valesse ver meu inútil passatempo de TV? Não sou uma boba cabeça vazia. É por isso que não me afeiçoei à sua sugestão de que eu estudasse história Vrekener e passasse o tempo em contemplação.

Justo o suficiente.

Nereus também ficou impressionado com seu conhecimento. — Acho que você é bastante educada sobre arte e cultura, e os modos do mundo. Fiz minha decisão. — Sua mão pousou sobre o joelho dela. — Com sua beleza e

proezas sexuais, você seria ideal para desovar.

Ele a tinha entrevistado. Ela olhou para baixo, os músculos dos braços de Thronos salientaram, quando ele cerrou os punhos.

Você disse que lidaria com isto! — Ela tomou um gole de sua taça para ganhar tempo.

Thronos esvaziou a dele. *Se você estivesse sozinha, teria recebido Nereus?*

Anatomicamente, eu teria preocupações. Então como ela deveria tirar Nereus fora deste caminho de desovar? Isca e troca? Quem ela poderia lançar debaixo do ônibus?

Isto chegou até ela em um instante. — Meu querido Nereus, enquanto estou lisonjeada que você pense em mim para tal honra, temo que não possa trair minha Rainha. — Morgana era uma garota crescida. Ela poderia lidar com um deus apaixonado.

— Não entendo.

Lanthe tirou a mão dele de seu joelho. — Seguramente você sabe do interesse de Morgana em você? Ela fala constantemente com entusiasmo sobre seu prodigioso... intelecto.

— Eu não estava ciente disto.

— Passar por cima da Rainha das Sorceri nisto seria um engano fatal. — Realmente, irrita-la provaria ser fatal em tudo.

Morgana era uma Rainha em dois sentidos. Da mesma maneira que Lanthe era a Rainha da Persuasão, com a habilidade de persuasão maior do que qualquer outra, Morgana, a Rainha das Sorceri, possuía a habilidade de controlar seus súditos e seus poderes completamente. Mais, ela também era a regente das Sorceri.

254

— Morgana é tão temível, então? — Nereus perguntou.

— Nós somos todos bastante impotentes diante dela. — Bem, com exceção de sua arqui-inimiga La Dorada, que, aliás, tinha se elevado para esta Ascensão. — Tomar algo de Morgana seria um ato de traição.

Ele coçou a barba. — Terei que pensar nisto.

Lanthe fez o suficiente para desviá-lo?

Um exército de Nereidas começou a servir o prato principal: Lagosta ainda na concha, com legumes do mar como acompanhamento.

— Isto parece incrível! — Lanthe disse, entretanto ela nunca tocara a lagosta.

— Aproveite, minha feiticeira encantadora. — Quando Nereus ergueu-se, ela empurrou seu olhar para cima, antes de conseguir outra encarada. — Permita-me circular de forma que meus outros convidados não a acusem de me monopolizar. Não sou o único que considera a matança, uma solução para asneiras sociais.

— Claro. Não se apresse. — Ela acenou um adeus, então virou sua atenção para Thronos, que estava agora estatelado sobre sua cadeira, as asas relaxadas, um olhar penetrante em tudo.

Provavelmente ponderando como matar um deus.

— Quando Nereus voltar, vou perguntar-lhe sobre o portal.

As juntas de Thronos estavam brancas sobre sua taça, enquanto bebia.

Sussurrando, ela disse, — Não tenho uma escolha nisto. Recuso-me a morrer aqui, e recuso-me a ser presa como um depósito de esperma debaixo do oceano. Estou fazendo o melhor que posso em uma situação agri-doce.

— Eu sei disto! — Thronos exalou, então disse em um tom mais baixo, — Eu sei. E foi inteligente aquilo de lançar Morgana na mistura.

— Vamos esperar que isto funcione.

Parecendo agitar para longe o pior de sua raiva, Thronos levantou sua taça diante dela. —

Saboreie esta cerveja inglesa. — Ele parecia quase bêbado. — Está deliciosa.

Ela tomou um gole de sua taça, então devolveu-a com um gesto. — Você está louco?

— O quê? — Ele bebeu um grande gole.

— Isto é bebida fermentada de demônio. — Amada por demônios e odiada pela maioria dos outros no Lore.

Ele engoliu ruidosamente, quase sufocando com o líquido. Ele deveria saber que esta bebida deixava alguém firmemente embriagado, até a abrupta embriaguez atingir como uma marreta.

255

— Por que eles me serviriam bebida fermentada de demônio? — Ele exigiu.

Lanthe deu-lhe um olhar de compaixão.

Ele disparou uma risada dura. — Então a evidência continua a aparecer? E Nix queria saber se isto importava, que nós possamos ser demônios.

— Quanto você já bebeu, Thronos?

— Três ou mais taças.

— Três? Você vai despencar. — Embora ela só tenha tomado apenas um pouco mais do que uma taça de vinho, ela reduziu, por via das dúvidas.

Ele olhou para a boca dela, suas pálpebras mais pesadas. — Minha embriaguez iminente deveria agradá-la, não?

— Você me entendeu mal. Não me importo se você beber ou não; apenas não quero que me diga não. Mas hoje à noite, pegarei leve, então um de nós estará de guarda.

Uma Nereida espremeu-se entre eles para encher a taça dele. A fêmea praticamente apertou seus seios voluptuosos no rosto dele, antes de afastar-se.

Embora estivesse tonto, ele mantinha sua mente bloqueada.

Quando o olhar dela seguiu a Nereida, Lanthe disse a ele, — Se ela empurrasse seus seios um pouco mais perto de seu ouvido, acredito que você poderia ter ouvido o oceano.

— Comparado à barriga da besta, esta situação é um grande avanço, — ele disse calmamente.

Ela virou seu olhar para ele. — Porque na barriga da besta não tinha ninfas de topless?

Converse com o gerente.

— Você está com ciúmes. — Ele se inclinou mais perto, a eletricidade entre eles faiscando.

— Sabia que eu estava crescendo dentro de você. — Com um sorriso torto, ele disse, — Afinal, você amou o sexo alucinado comigo.

Ela tinha, muito! Ela tomou seu vinho para cobrir sua reação à ele.

Quando ela lambeu os lábios, Thronos murmurou, — Lábios sortudos.

A linha fina de Lanthe tinha acabado de ficar mais fina. A bebida fermentada atingiria Thronos logo. — Você precisa comer algo. — Ela apontou para seu prato de lagosta. — Um estômago cheio pode evitar alguns dos efeitos.

Ele tinha que estar morrendo de fome, mas estava claramente perdido. — Os crustáceos não são algo que eu tenho muita experiência. O que não daria por uma boa coxa de carne de veado. — Ele olhou ao redor como se para ver como os outros estavam manuseando suas lagostas. O mercriaturas comiam a coisa inteira, inclusive a casca, provavelmente vomitariam aquela parte mais tarde. Ele voltou-se para ela. — Não tenho nada.

Com um olhar de compaixão, ela começou com a salada de alga, alface do mar, e algas marinhas. Achou surpreendentemente gostosa.

Assim que Nereus retornou, Thronos tornou-se imediatamente duro.

O deus notou. — Você não mostra nenhum interesse em minhas ninfas adoráveis?

— Melanthe é minha companheira, — Thronos disse com orgulho inconfundível. — Tenho interesse em apenas uma fêmea.

O olhar de Nereus era astuto. — Ah, mas o interesse corre de ambos os lados? Bem, feiticeira? Você está tão obcecada pelo Vrekener quanto ele está por você?

Eu poderia estar me apaixonando por ele.

Mas o próximo passo em seu relacionamento era ela acompanhá-lo para Skye Hall, um cenário completo. Ir com ele para o céu seria a coisa mais louca que já fez. No entanto, quando olhou para ele, ela percebeu que não era verdade.

Deixe isto apenas uma vez como poderia ser.

O quão orgulhoso Thronos soou quando disse “Melanthe é minha companheira”, declarando interesse apenas nela. Por anos, ela imaginou como seria ter um macho para estimá-la e segurar sua mão em público. Para levá-la aos eventos na corte.

Em vez de nas sombras para encontros sussurrados.

Thronos nunca se esquivaria de sua companheira com a desculpa “Tenho que acordar realmente cedo amanhã, docinho”. — Ele nunca, jamais iria nem pensar.

A situação com ele, com suas famílias e facções, era tudo exceto ideal. Ainda que Thronos, o homem, estivesse chegando lá.

— Estamos levando isto dia a dia, — ela finalmente disse ao deus, ganhando um olhar sombrio de Thronos. — Então, vamos voltar para você. — Descansando seu queixo na mão, ela olhou para Nereus com, aparentemente, total absorção. — Você não vai me contar sobre o cerco das Trincheiras de Marianas? Isso deve ter sido bizarro!

Ela planejava participar da matança em breve. Nereus os deixaria sair imediatamente? Ou os faria esperar até depois do banquete? Ela queria tirar Thronos daqui assim que possível, antes que a bebida fermentada o derrubasse.

— Eu me lembro daquilo, — Nereus começou. — Eu tinha apenas um milênio ou dois de idade...

Uma vez que ele recontou o conto, ela suspirou, — A coisa da lenda. Nereus, sua hospitalidade tem sido tão fabulosa quanto seu espetacular reino. Mal posso esperar para contar às minhas companheiras Sorceri tudo sobre você, como também às minhas amigas bruxas e às Valquírias. A aliança Vertas saberá de sua generosidade... — Ela parou, franzindo o cenho para um dosador de vinho nas proximidades.

257

A ninfa estava dando a Thronos outro olhar apreciador.

Não, não apreciador. Algo mais obscuro.

Lanthe olhou ao redor, viu outras ninfas com a mesma expressão. Elas olhavam... com propriedade.

Como se já o possuíssem.

Pare de beber, Thronos. Podemos ficar em apuros.

Esta cerveja inglesa está me derrubando forte, Melanthe. Até telepaticamente, as palavras dele estavam inarticuladas.

Quando a nebulosidade a colheu também, ela soube que não era apenas a bebida fermentada de demônio o afetando. *Preciso que você lute contra isto.*

No mesmo instante, ela sentiu cheiro de sangue. Ele estava cavando as garras em suas mãos. Mas isto era uma causa perdida.

Ela virou a cabeça ao redor de Nereus, e quase tombou de sua cadeira. — O que você está fazendo? — Ela retrucou, suas palavras soando longe. As Nereidas não era as únicas que pareciam proprietárias.

Quando a cabeça dela pendeu, ela ouviu Thronos murmurar em voz alta, — Lanthe?

Pontos pretos rodavam nas extremidades de sua vista. A última coisa que viu foi Nereus jogando a cabeça para trás dando uma gargalhada.

E então nada.

258

QUARENTA E TRÊS

Lanthe acordou em uma câmara cavernosa, sobre uma cama com um dossel em concha.

— Onde estou? — Ela perguntou grogue. — O que aconteceu?

Ela estava tendo dificuldade em organizar seus pensamentos, parecia que estava mareada, ou atormentada por aquela sensação da cama girando. Ela tinha bebido muito vinho? Ela havia entrado no quarto errado, então desmaiou completamente vestida?

Ela gostaria de poder dizer que nunca tinha acontecido. Mas então, Lanthe gostava de vinho. Então, onde estava Thronos?

Com os olhos turvos, ela observou o quarto. Ao longo de uma parede, uma cachoeira em cascata; cenas do fundo do mar apareciam em toda a superfície, como uma TV.

Espere, aquele era Nereus cruzando em sua direção?

Tudo se tornou claro. Ela e Thronos ou tinham sido drogados ou enfeitiçados!

— Você está em meus aposentos privados, feiticeira. — Nereus estava olhando de soslaio como um kraken prestes a tomar seu sacrifício. Enquanto ele caminhava para mais perto, seu eixo oscilava debaixo da toga translúcida.

— Devo ter parado aqui por acidente, — ela disse para dar-lhe um fora, embora soubesse que ele não estava disposto a aceitar.

Uma risadinha soou debaixo dela.

— O quê?

Oh, pelo amor do ouro! Lanthe não estava sobre um colchão; ela estava em cima de uma coleção de Nereidas curvilíneas. Estavam de bruços, aninhadas bem juntas.

Será que Nereus dormiu sobre elas? Fez amor em cima delas?

Ela ficou em pé. — Você está brincando comigo? — Ela gritou, tentando se livrar do que quer que fosse que o deus a tinha drogado. — Eu preciso voltar para Thronos. Ele vai querer saber onde estou. — *Quando ele acordar. Onde quer que ele acorde.*

Nereus continuou avançando para ela. Ela afastou-se dele, lançando um olhar pela janela subaquática redonda à sua esquerda: nenhuma ajuda lá. Ela estava prestes a desviar-se dele, até que ouviu um grito abafado que vibrou o vidro.

Calafrios irromperam em sua pele enquanto examinava as profundezas. Um campo de gemas brilhantes atraiu seu olhar. Seus lábios se abriram com o choque.

Como os raios do sol, as gemas irradiavam a partir de uma fêmea... que estava presa a uma âncora no fundo do mar.

259

Seus longos cabelos pretos fluíam através de seu corpo nu e flutuavam sobre sua cabeça.

Os fios estavam cobertos em fosforescência, iluminando seu rosto cadavérico, pálido, seus olhos violeta assombrados.

Era a Rainha das Valquírias, Furie, chamada assim porque ela era parte Fúria, uma Arqui-Fúria de fogo alada. Os rumores sustentavam que ela tinha sido capturada pelo velho Rei vampiro, que a amaldiçoou a esta existência, presa viva debaixo d'água, escondida de suas irmãs e aliadas Valquírias.

Como uma Lorean, Furie se afogaria a cada poucos minutos antes de sua imortalidade revivê-la; tinha desaparecido há mais de cinquenta anos. Cinco décadas com água em seus pulmões para respirar.

Lanthe quase tinha se afogado antes, uma vez, e tinha sido aterrorizante.

A Valquíria fixou os olhos nela. O olhar violeta de Furie estava cheio de loucura, mas também vazio. Como se não pudesse compreender onde estava ou como ela tinha chegado até aqui.

As chamas se acenderam atrás dela, as asas de fogo únicas de Furie se abriram.

Apenas para ser extintas.

Lanthe estava errada. Havia outro céu, nascido aqui no fundo do oceano.

A compreensão ocorreu. Tal como aconteceu com os outros reinos, Nix queria Lanthe aqui.

Ela era a espiã plantada, realizando a missão de reconhecimento.

— Você gosta da minha nova aquisição? — Nereus perguntou, como se acabasse de apontar um vaso. — Encontrei-a ao longo do leito do oceano.

Lanthe se virou para ele. — Verdadeiramente original, — ela conseguiu dizer com a compostura de Sabine. — Mas, realmente, eu preciso voltar para Thronos.

— Ele está ocupado no momento. Você permanecerá comigo.

O tom ameaçador do deus a encheu de medo. — Nereus, eu não quero isso.

— Claro que sim. Você acha que eu não consigo sentir uma coisa dessas?

— Se você já sentiu alguma coisa, foi minha necessidade por Thronos.

— Uma pena que ele não corresponda.

Ela se endireitou. — O que isso significa? Eu sei que ele faz. Ele tem feito ao longo dos séculos.

— Ele está com Nereidas agora mesmo.

— Isto não é possível.

260

— Elas o estão seduzindo enquanto falamos. Por séculos, quantas vezes ele orou para ser livre do vínculo de companheiros? Para colecionar suas próprias experiências sexuais, como você.

Estou apenas respondendo à uma oração.

Nereus e seus jogos. Ele conhecia a história de Lanthe e Thronos desde o início.

— Aqui em Sargasoe, companheiros não possuem nenhuma influência. As Nereidas agora exalam seu perfume. O corpo e instinto dele são livres como se ele nunca tivesse conhecido você.

Então, fisicamente Thronos podia ter um caso. Isso não significava que ela teria. Em Feveris, ele disse que seria fiel a ela.

Exceto que Feveris não era real. Você mesmo disse, Lanthe. Ainda... — Ele não vai continuar com isso.

— Ninguém jamais resistiu à elas.

O deus não entendia; se existia algum macho lá fora que provaria ser fiel,

seria Thronos. Ele era honrado, íntegro, e franco. Ele fazia escolhas difíceis. Ele estava tentando reabilitar seu irmão malvado, pelo amor do ouro!

Lanthe recompôs sua máscara. Sorceri eram jogadoras. Ela ia apostar que Thronos seria, bem, *Thronos*. — Quer fazer uma aposta sobre esse assunto?

Nereus ergueu as sobrancelhas vermelhas. — Eu gostaria. Se o Vrekener sucumbir aos consideráveis encantos delas, você passará a noite comigo. De boa vontade e luxuriosamente.

— E se ele não sucumbir?

— Eu libertarei você dois, dando-lhes o uso de portal de Sargaso e para viajarem para onde vocês quiserem.

— Como vamos saber? — Ela perguntou.

Nereus acenou com a mão, e uma nova cena apareceu na cachoeira.

Lanthe podia ver Thronos deitado em uma cama, muito parecida com aquela em que ela acordou, em um colchão de Nereidas. Ele se virava lentamente.

Mais de uma dúzia de ninfas pairava sobre ele. As saias de espuma do mar que vestiram no banquete haviam desaparecido. Seus corpos feitos-para-o-sexo estavam completamente sem roupa, com os olhos cintilantes de desejo.

Ninfas nuas obviamente excitadas rodeando o macho de Lanthe.

Esta situação seria a mais febril fantasia de qualquer homem, ainda que Thronos parecesse agitado. — Onde está Melanthe? — Em face de tal esplendor, seu primeiro pensamento foi nela.

Porque ele é meu.

Ele empurrou-as para longe, e seu coração disparou. Ele era tão bonito, tão forte. Ele era tão bonito, tão forte. Tão... bom.

— Vou ganhar sua aposta, — Lanthe disse para o deus em um tom presunçoso.

O sorriso de Nereus era adulator. — Então temos um pacto, feiticeira.

No entanto, antes que Thronos pudesse chegar à porta, as ninfas caíram sobre ele. Mãos pálidas percorrendo por todo o seu corpo, acariciando suas asas, seu peito, seus chifres, seu toque parecendo atordoá-lo. — Eu só quero encontrar... é importante encontrá-la, — ele murmurou.

— Nos encontrou, — elas ronronaram, em uníssono. — Nós o desejamos tanto.

Por cima do ombro, Lanthe retrucou, — Elas estão enfeitiçando ele! Isso não fazia parte do trato!

Nereus deu de ombros. — Um macho digno, um que pretende fidelidade absoluta, poderia escapar do feitiço. Caso contrário ele sucumbirá, e uma vez que ele fizer, nunca mais vai querer partir. De fato, ele entrará em uma fúria assassina se separado de seu harém.

O estômago de Lanthe sacudiu quando as fêmeas levaram Thronos de volta para a cama, arrancando sua camisa no caminho.

— Onde está ela? — Ele exigiu, mas sua resistência vacilava com cada carícia experiente.

— Ela não quer você, — elas disseram em coro, persuadindo-o a se deitar. — Não como nós gostamos.

Eu gosto! Diante de perdê-lo, Lanthe foi atingida por uma grande perda. Ela já estava tendo sentimentos possessivos em relação a Thronos, mas agora...

Eu o quero tanto.

Desde que ela conseguia se lembrar, tinha ansiado por um macho que iria adorá-la sobre todas as coisas. Sim, havia uma história cruel entre ela e Thronos, mas acreditava que ele acabaria se apaixonando por ela.

Amor verdadeiro. O que era mais do que ela poderia dizer sobre qualquer outro macho que ela conheceu em sua vida...

Lá se foram as botas dele. — Toda a sua vida, você a perseguiu e sofreu, — as Nereidas murmuraram, — enquanto ela desfrutava de outros machos. Você desejava a liberdade de escolher quem desejasse. Agora você pode, mas somente aqui, onde não existe tal coisa como companheira.

Como ele poderia resistir a esse raciocínio? Ele se sentiu “traído”. Ele tentou se afastar. E

agora, neste reino, ele finalmente estava livre.

Lanthe já não era sua necessidade amarga.

Há poucos dias, ele disse que ela era carente, que nunca desejaria alguém como ela.

262

Mas as coisas tinham mudado entre eles. Ele disse a ela que queria tudo dela. Talvez se ela tivesse lhe dado qualquer tipo de incentivo, qualquer sinal definitivo de que seus sentimentos mudaram, ele teria permanecido fiel.

Quando uma das Nereidas começou a abrir a calça de Thronos, com seus dentes, Lanthe surpreendeu-se pelas lágrimas que caíam dos seus olhos. — Deixe-me ir até ele e parar com isso.

Por favor, Nereus!

O semblante dele escureceu, ficando mais parecido com um peixe. Ela ouviu portas se fechando e travando para prevenir sua fuga.

Mesmo depois que as ninfas despiram Thronos, ele lutou mais uma vez, então elas intensificaram seus feitiços para nocauteá-lo completamente.

Uma ninfa disse a outra, — Ele vai acordar na minha boca.

Então foi bom enquanto durou. Nenhum macho vivo poderia acordar com o

boquete de uma ninfa e negar a fêmea.

Chorando, enjoada, Lanthé virou as costas para a cena. Eu devia ter trancado Thronos.

Devia ter lutado por ele quando tive a chance.

Agora ela teria que enfrentar sua fúria assassina quando tentasse roubá-lo de volta das ninfas.

Se de alguma forma ela pudesse, Thronos ia querê-la mesmo que ela se deitasse com Nereus?

— Minha querida feiticeira, se serve de consolo, — Nereus deu um tapinha na “cama” do seu lado, — ele resistiu por mais tempo do que qualquer outro macho que eu vi.

Ela estava com o coração muito partido para reagir muito a sua própria situação. O deus excessivamente dotado não era conhecido por ser um amante gentil.

Ela queria culpar Thronos pela sua situação, mas é claro que não podia. Ela era responsável pelo seu destino. Se ela tivesse lhe dado algum sinal...

Com pés de chumbo, ela caminhou até Nereus.

Um berro soou.

Ela se virou em direção à tela de cachoeira, viu Thronos empurrando Nereidas para longe, enviando-as voando pelo quarto. — Onde está minha companheira? — Ele gritou, asas chamejando, seu corpo nu magnífico. — Afastem-se de mim, bruxas sujas!

Ela sorriu através de novas lágrimas, torcendo por ele quando ele puxou as calças. Pegando suas roupas, ele se afastou de um paraíso carnal.

Por mim.

Ela sorriu com orgulho. Ao negar essas ninfas, ele tinha ido contra seus

instintos e seu ego.

263

Nereus soltou um suspiro atordado. — Incrível! Vá para o seu Vrekener com a minha bênção. — Ao longe, as portas começaram a ressoar, destrancando para ela. — Eu tenho certeza que você pode sentir a localização do portal de Sargasoe. — Dando-lhe um sorriso lascivo, ele acrescentou, — Mas você não faz ideia do que está perdendo.

— Uh, obrigada. Iremos embora.

— E a propósito, — do nada, ele produziu uma mecha de cabelo preto brilhante, cheirando-a, — diga a Nix que ela pede muito. Reprimir um tsunami não é tarefa fácil.

Que seja. — Vou dizer, Nereus, vou dizer, — ela assegurou-lhe, correndo para a porta.

264

QUARENTA E QUATRO

O que é que eu fiz com elas?

Thronos não se recordava de quase nada do que aconteceu naquele quarto, apenas soube que despertou sem roupas e com Nereidas nuas beijando o seu corpo, enquanto outras estavam amontoadas debaixo dele.

— Melanthe! — Ele berrou enquanto andava a passos largos pelo corredor abaixo, se vestindo rapidamente.

Aquelas ninfas tinham sussurrado que não existia nenhum laço de companheiros no reino do Nereus. Thronos estaria livre para participar, tal como ele quis por muito tempo.

Mas isso tinha sido antes.

Eu fui infiel.

Ele embriagou-se com bebida fermentada de demônio, e então traiu sua companheira adorável, corajosa e inteligente. Todas as suas leis, toda a sua retidão, todo o sofrimento que lhe deu por causa do comportamento dela, e agora ele era a pessoa que pecou.

Como poderia lhe dizer?

Se foi seduzido por ninfas, então que diabos aconteceu com ela? Nereus a estuprou? Se o deus lhe tocou... — Melanthe! — O seu medo por ela, o seu pânico cego, queimou grande parte de sua embriaguez. — Responda!

Ele ouviu, — Estou aqui! — Bem antes de vê-la correndo ao redor de um canto.

Ela correu para ele, o seu rosto extasiado.

A minha companheira incomparável. Tão extremamente bonita.

— Nós estamos livres, Thronos! Nós podemos sair agora.

Ele deu um aceno curto com a cabeça, colocando o braço em cima do ombro dela. — Eu quero ir para longe deste lugar miserável.

— O portal está próximo. — Ela o levou através de uma passagem obscura.

Enquanto se apressavam a percorrê-la, suor enfeitou o lábio dele. *O que eu fiz?* — Onde você estava? — Ele perguntou.

— Uhhh, te procurando.

— Nereus não a machucou?

— Não, ele manteve as mãos para ele mesmo.

265

Você vai ter que lhe dizer. A única coisa pior que a sua infidelidade é escondê-la. Como ela reagirá?

No fim do corredor estava o portal. Coral vivo emoldurava a superfície ondulada.

— O que está errado com você? — Ela perguntou. — Eu até posso te ouvir apertar seus molares. Nós estamos aqui, estamos finalmente aqui.

— Melanthe, o meu instinto me diz para fazer qualquer coisa que eu possa, para colocá-la a caminho de Skye. — *Só um covarde confessaria mais tarde.*
— Mas eu devo ser honesto com você.

— O que foi?

Ele quis rasgar-se, puxar o cabelo. O seu punho disparou, conectando-se com a parede. A pedra rachou, e uma gota da água vazou através da abertura. — Lanthe, eu... eu fui infiel.

Ela levantou as suas sobrancelhas. — Com quem?

— Nereidas.

— No plural? — Ela pareceu estar vibrando com algum tipo de tensão.

— Sim.

— Eu pensei que você não podia me trair, — ela assinalou.

— Elas cheiravam como você.

— E o que fez com elas?

— Eu estava... bêbado. — Uma desculpa que ele nunca esperou dar, uma desculpa que o envergonhou. — Eu tentei rechaçar os efeitos, mas em um determinado momento perdi a consciência. E despertei despido. — Ele limpou a sua garganta. — Com as bocas delas em mim.

Não sei o que fiz ou quanto tempo estive inconsciente.

— Você parece enjoado com isto.

— Estou! Eu só quero você. Sempre será deste modo. — Ele esfregou a mão no seu rosto.

— Não entendo como isto pôde acontecer. Se soubesse como a desejo...

— E decidiu confessar agora isto para mim?

— Eu quero que venha para a minha casa. Mas não a enganarei para leva-la para lá.

— Eu sei sobre as Nereidas. — Ela pareceu inalterada. — Nereus me fez ver tudo.

— Mas você não está... chateada? Até não se importa, não é? O que levaria para fazer você se importar?

— Elas o enfeitiçaram, e mesmo assim você não fez nada. É o primeiro macho a escapar de suas magias.

Isso aliviou um pouco a sua culpa, mas seu peito parecia oco pela falta de reação dela. Ela testemunhou aquelas ninfas o seduzindo; se alguma vez visse as mãos de um macho em seu corpo desnudo, o teria aniquilado. — Não tem ciúme? — Ela bem podia afundar uma espada nele. —

Talvez eu devesse tê-las agradado!

Ela subiu em seus dedões do pé e agarrou o seu rosto. — Quando pensei que você iria sucumbir, eu chorei.

Depois de todas as vezes que ele esperou que ela chorasse na semana passada? Até na barriga da besta, ela de alguma maneira segurou as suas lágrimas.

— Você chorou por mim? — Ele perguntou de forma rude.

Ela assentiu com a cabeça. — E não só por causa da aposta que fiz com Nereus.

— O que você está falando?

— Eu apostei com Nereus que você não poderia ser seduzido. Se eu ganhasse, nós ficaríamos livres. Se eu perdesse, ele me teria na cama.

Nereus teria tomado a minha companheira esta noite! Mas Thronos provou ser mais forte que os feitiços das Nereidas, e agora ele e Lanthe seriam recompensados.

Ele agarrou as suas mãos. — Então venha comigo para Skye.

Ela mordeu a parte inferior do seu lábio. — Nós poderíamos ir para Rothkalina.

— Preciso retornar para casa para tratar de algo com Aristo. Mudanças devem ser feitas.

— Você ainda planeja reabilitá-lo? — Ela se afastou.

Ele relutantemente a largou. — Eu disse a você. O farei ver a razão. Você me ajudará. Uma vez que ele entenda o que temos, o que superamos, terá que concluir que as suas visões estão enganadas.

— Por que pensa que não usarei o meu poder para curá-lo enquanto estiver lá em cima?

Mais cedo, ele pensou sobre a solução. — Eu tenho maneiras de saber.

— Me diga, Thronos.

— Eu vou confiar que não o fará. Vou levá-la com todo seu poder para a minha casa, porque confio em você.

* * *

Demônio esperto, inteligente.

De todas as coisas que ele poderia ter dito...

— Você confia em mim para tratar do meu irmão, — ele disse, — e eu confio em você para que use a sua feitiçaria de um modo que possamos viver com isso.

267

— É esse o seu plano?

Ele ergueu o seu queixo. — Este é o meu plano. Eu a conheço, Melanthe. Você é uma boa pessoa.

— Baixe a sua voz! — Seus olhos brilharam. — Se outros escutam...

— Venha, tome este passo comigo.

— Você acha que o Rei Aristo me deixará ficar com poderes em Skye?

Ele torceu a sobrancelha. — Se alguém tentar qualquer coisa, então estou certo de que você poderá persuadi-los a não tentarem.

— Você está deixando eu me proteger com o meu poder?

— Eu sei que não prejudicará ninguém, a menos que você deva fazer isto em autodefesa.

Isto é uma situação boa-com-a-ruim? Se uma feiticeira quiser um homem que será fiel até quando enfeitiçado e abordado por ninfas, então ela tem que apoiar esse homem até quando ele acredita que pode reabilitar o seu irmão idiota.

Mas Lanthé e Thronos tinham tantos assuntos por tratar entre eles. Ela não via como as coisas poderiam ser melhoradas no reino dos Vrekeners. Para ela, ir seria como entrar na barriga da besta. Tendo realmente estado na barriga da besta, ela não pensou isto de forma ligeira.

Ele enrolou o dedo debaixo do queixo dela. — Em Pandemonia, me acusou de querer algo de você. Eu quero. A oportunidade para protegê-la e tratá-la bem. — Ela separou os seus lábios para discutir, mas ele a parou. — Não só por causa do meu instinto.

— Eu gostaria de acreditar nisso. Eu gostaria. Mas...

— Quer saber o que Nix me aconselhou em relação à você? Uma frase: “Antes de Melanthe ser isto, ela era aquilo.” Que eu decifrei dois mundos atrás.

— Me diga.

— Antes de ser minha inimiga, você era a minha melhor amiga.

Da mesma maneira que aconteceu há séculos atrás, o coração dela doeu com desejo.

— Você ainda é, — ele lhe disse. — E é por isso que quero que venha comigo.

Ele não era nada como Felix, ou como a maioria dos outros machos que ela encontrou.

Thronos era um bom homem. Era o *seu* homem.

Ela não desejou ter a oportunidade de lhe dar encorajamento? Ela lembrou da perda avassaladora que sentiu quando pensou que ele iria sucumbir. Agora, precisava dizer algo, qualquer coisa, mas os seus pensamentos estavam enrolados.

Ele deve ter sentido que ela estava atrapalhada. Ele se aproximou mais dela.

268

— Quando éramos crianças, fizemos grandes planos naquele prado, esperando que toda a felicidade nos seguisse. Um dia, eu quero olhar para trás e dizer que os nossos planos estiverem errados para os primeiros quinhentos anos, mas não para o seguinte milênio. Lanthe, se vier comigo, irei casar com você. Neste mesmo dia.

Casar-se com ele hoje? A palavra separar tinha outro significado. *Unir*.

Em um instante, ela compreendeu: Nesta noite, ou ela se separaria de Thronos ou uniria a sua vida à dele.

Se ela fosse com ele, seria tudo incluído, dedicada à ele, à eles. Ela faria tudo para ter um futuro com Thronos.

Mas ela poderia aguentar Skye Hall? Poderia trazer sua família? E sobreviver à dele?

Ele a largou e se moveu para a extremidade do portal, o limite de algo mais, e a aguardou.

Ela engoliu. Tudo incluído?

Com os seus olhos transformados em prata derretida, Thronos Talos, um demônio feroz, sensual, ofereceu a sua mão, convidando Lanthe para a ideia dela de inferno, se tornar sua noiva.

Como uma boba apaixonada...

Ela aceitou.

QUARENTA E CINCO

Era noite em Skye.

Com Thronos liderando o caminho através do portal, ele e Lanthe pisaram sobre um caminho de paralelepípedos nos Territórios do Ar. Ele não soltou a mão dela.

Ela pediu para ele ir primeiro, afinal, não teve boa sorte com as direções do portal. E ela tinha que admitir que ainda poderia estar em conflito sobre isso em algum nível.

Embora ela nunca tenha estado tão alto, seu olhar foi atraído ainda mais alto. As estrelas faiscavam brilhantemente, formando um arco sobre eles como uma coroa. — Uau.

— Assim é como me sinto agora. — Ele apertou a mão dela.

Ela baixou o rosto para contemplar uma visão tão maravilhosa: Thronos sorrindo para ela, com a luz das estrelas refletindo em seus olhos.

Só assim, a apreensão que ela sentiu em cruzar aquele limite começou a se desvanecer.

Quando ela pôde desviar sua atenção dele, ela observou seu ambiente com interesse. Eles estavam em um vale superficial, arenoso, com montes sem árvores e colinas elevando-se por todos os lados. Os edifícios brancos, desbotados pelo sol cobriram aquelas alturas, quadrados unidos ou retângulos de vários tamanhos, como se poderia ver em um penhasco ao longo do Mediterrâneo.

Beirando as estruturas estavam ruas de paralelepípedos e calçadas, tudo parecendo ser reto e estreito, tudo que leva até esta clareira.

— O que você acha? — Ele perguntou.

— É certamente... uniforme. — *E monocromático.* — A que distância estamos da extremidade da ilha? — Ela esperava que seu medo de altura surgisse agora, mas ela não se sentia diferente do que se estivesse em pé em terra firme.

— Estamos sobre o centro.

— Realmente está quente.

— O clima se estende por quilômetros ao redor dos Territórios.

— Cadê todo mundo? — Nenhuma alma podia ser vista.

— Acredito que é o meio da noite. Amanhece muito cedo aqui. — Ele apontou em direção ao maior edifício na área, uma elevação sobre todo o resto. — Isso é Skye Hall.

— Eu nunca soube que era um salão real. — *A sede do poder Vrekener.*

270

O edifício principal era o único com a ornamentação mais leve; colunas coríntias na fachada, mas como todos os outros, aparentemente não tinha teto. Apenas árvores desta ilha cresciam em torno dele.

— O edifício foi construído contra um cume. As salas de assembleias na frente da elevação, enquanto a residência real está sobre ela.

Depois de tudo o que ela e Thronos tinham passado, a perspectiva de entrar naquele salão e enfrentar Aristo a deixou nauseada. — Podemos esperar até amanhã para falar com ele?

— Sim. Devemos nos casar primeiro, — disse Thronos decisivamente.

A merda ficou séria.

— Ele até poderia não estar na residência, — Thronos assinalou. — Ele viaja frequentemente.

Ocupado, Aristo ocupado. Queria saber o que ele está fazendo agora... — Certo, então, mostre-me suas escavações. — Mesmo que houvesse algum tipo de ar enfeitiçado aqui, ela foi ficando tonta pela altitude, tendo ido a quilômetros abaixo do nível do mar para quilômetros sobre ele.

— Não sei o que escavações são, Melanthe.

— Onde está a sua casa?

— *Nossa casa.* — Ela soube o exato momento quando ele compreendeu que ia realmente reclamá-la, e logo. Ele engoliu em seco, seu pomo de Adão subindo e descendo, seu olhar penetrante percorrendo o corpo dela, como se estivesse decidindo o que queria fazer com ela primeiro. Ele não bloqueou seus pensamentos, mas ela não se aprofundou.

Com a voz rouca, ele disse, — Nós vivemos lá. — Com a mão livre, ele apontou outra estrutura no alto de um penhasco, na extremidade da aldeia. Embora sem relação com as demais estruturas, não estava mais do que uns cem metros ou mais deles.

— Hmm. — Eles foram em direção dela.

— Hmm o quê?

— Eu acho que estava esperando um palácio ou algo assim. Nossa casa sem telhado está muito perto de outras casas sem telhado, hein? — Que tal aquela acústica de sexo na noite de núpcias?

— Não estamos sem problemas em nosso reino, Lanthe. Vivemos vidas imortais, mas nossas terras são finitas. Enfrentamos superpopulação.

Interessante. — Quando conversarmos com Aristo, você pode dizer a ele que estamos indo fundar uma filial da colônia Vrekener em um reino diferente. Nós a chamaremos de Terra de Lanthe.

271

— Tão atraente quanto Terra de Lanthe soa, não vejo isto acontecendo. Os Vrekeners sempre viverão juntos. Nossa unidade é nossa força. — Thronos

parou para olhar para ela. — Tão ansiosa para partir? Quando você acabou de chegar aqui?

— Temo que as coisas com seu irmão não sairão como você espera.

— Talvez eu não espere uma resolução. Talvez eu só precise dizer que tentei.

Aquilo ela poderia aceitar. Ela assentiu com a cabeça, e ele continuou conduzindo-a em direção à... sua casa.

No caminho, ele apontou um trio de obeliscos de diferentes alturas. — Eu aprendi a voar saltando daquelas colunas, das menores quando eu tinha mais ou menos dois anos.

Imaginou-o como uma criança, sem medo, pulando nos braços de um pai, usando a expressão determinada que ela conhecia tão bem; talvez esse olhar tivesse nascido lá. Suas asas provavelmente teriam sido enormes para seu pequeno corpo. — Aposto que você era absolutamente adorável. — Um pensamento a atingiu. — Sua mãe ainda vive?

— A maioria dos Vrekeners não continua sem seus companheiros.

Então, Sabine tinha essencialmente assassinado ambos os pais dele. Lanthé e Thronos estavam enganando a eles mesmos?

Ele rapidamente mudou de assunto. — Por outro lado Skye Hall é o bastião, uma área onde comer e socializar. Ela costumava ser uma prisão, mas tivemos que recuperar o espaço.

— Vrekeners socializam?

— Claro. Há um salão de reunião em cada ilha.

— Como é que isso funciona, se você não pode beber ou jogar? Suponho que dançar está fora?

— Temos eventos desportivos e concursos. Aqueles com uma inclinação mais estudiosa reúnem-se para ler e debater.

Valentão. Quando a poeira abaixar, Lanthé estaria em um portal para Rothkalina semanalmente, só para beber. Ela forçaria Thronos a ir com ela.
— Tenho certeza que o seu povo estará muito feliz de ter alguém como eu vivendo no meio deles.

— No início, eles podem não saber o que pensar. Mas eles verão você como eu vejo.

Acontecerá. — Sua certeza absoluta tranquilizou-a, provando sua confiança contagiante.

Eles começaram a subir um caminho íngreme com uma série de ziguezagues.
— Estou surpresa de que vocês se preocupam com ruas.

— Nós temos Sorceri que vivem aqui. E lesões ocasionalmente acontecem às asas dos jovens.

272

Uma maneira muito generosa de colocar o último. Ele estava fazendo todo o possível para deixá-la confortável.

— Quantas ilhas existem? Quantos Vrekeners?

— Dezenas e dezenas de milhares estão distribuídas por cento e setenta ilhas.

Ela não tinha ideia de que havia tantos deles. Mas fazia sentido que uma facção imortal iria prosperar em um reino escondido.

— Vou levá-la ao longo de todo o reino nos próximos dias, — ele disse quando chegaram ao patamar em frente ao seu “seu” lugar. A porta de madeira era de construção simples, com uma tranca rústica e nenhuma fechadura. Abriu-a, conduzindo-a para dentro.

Cheia de curiosidade sobre o homem que ele se tornou, ela observou os detalhes. A melhor palavra para descrever a área: espartano. As poucas peças de mobília eram sem frescuras, uma mesa com um par de bancos sem encosto, bancos adicionais em uma área de estar. Assim como o resto do reino, não havia cor.

E nenhum maldito telhado. Esta falta parecia estranha do lado de fora, mas era ainda mais estranha de dentro. A estrutura parecia como uma casa de bonecas, como se eles estivessem sendo observados de cima. Não admira que os Vrekeners estivessem tão preocupados com o comportamento privado.

Thronos conduziu-a ao longo de um corredor, passando por um estúdio com livros; ela decidiu voltar mais tarde e investigar em seu tempo livre. Com o espaço limitado em sua casa, todo livro que ele mantinha devia ser importante.

— Onde está a cozinha?

— Nós comemos no bastião.

— Então nenhum servo?

— Não em Skye.

Ugh.

Passaram por um surpreendentemente banheiro moderno, além estava um quarto espaçoso, com uma mesa de cabeceira, uma cômoda e uma cama enorme. O colchão era maior que um king size, provavelmente por causa da envergadura da asa.

Quando seus passos vacilaram, ele agarrou seu cotovelo.

— Lanthe?

— Desculpe. Estou tonta após a vinda do fundo do oceano.

— Você devia se deitar. — Ele a levou para a cama.

273

Ela sentou-se na borda. — Na lendária cama de casamento? — Era feita em madeira escura e parecia resistente. Em uma colisão frontal com um caminhão, esta cama dominaria. A cabeceira e o pé foram esculpidos com

marcações Vrekener misteriosas. — Então é aqui onde nós faremos a ação?

Como se as palavras fossem arrancadas dele, ele disse, — Vou esperar até que se sinta melhor. Esperei tanto tempo.

Desde que ele era um adolescente. Uma vida de curiosidade e construção da luxúria.

— Thronos, eu vou ficar bem se você me der alguns minutos para me acostumar com a altitude.

Ela podia ouvir seu pulso se acelerar quando ele disse, — Então, hoje à noite, nós vamos...

Tudo incluído, Lanthe? Acompanhá-lo até o céu significava casamento. Casamento significava uma possível gravidez.

O que era muito para qualquer feiticeira ter que decidir em uma noite. Ela realmente ia dar aquele passo?

Ela disse que se ele nunca lhe desse uma expressão amorosa como a que tinha ostentado Volar, ela iria considerar abandoná-lo.

Ela olhou seu rosto e viu-se dizendo, — Eu acho que vou em frente e reivindicar você.

Ele sorriu. — Então eu preciso recuperar algo do Hall. Estarei de volta. Sinta-se em casa, porque *é a sua casa*. — Na entrada, ele se virou. — Estou relutante em deixá-la fora da minha vista. Eu sinto que deveria estar perseguindo você, ou deveríamos estar salvando um ao outro de alguma calamidade.

— Eu vou estar aqui esperando por você. — Quando ele saiu com um olhar de desejo, ela se reclinou para olhar as estrelas. *Estou na cama de Thronos.*

Estranho.

Quantas vezes ele tinha ficado aqui pensando nela? Ele disse a ela que sonhou com ela por centenas de milhares de noites. Quantas dessas vezes

tinham sido nessa cama?

Agora ela começou a ficar nervosa. Porque ele era virgem (seu primeiro e único virgem), sentiu-se ainda mais pressionada para tornar isso inesquecível.

Mas como poderia a realidade possivelmente medir quinhentos anos de fantasia?

QUARENTA E SEIS

Thronos estava tentado a voar para o Hall, mas não queria lidar com essa dor aguda agora.

Então ele correu, suportando uma agonia menor na perna dele.

Ele ia realmente reivindicar Melanthe hoje à noite! Ele havia estado tão perto, em Feveris, ou em sua alucinação, mas então aquela felicidade foi arrancada dele.

Ele não conseguia se livrar da sensação de que algo iria acontecer antes que ele pudesse retornar a ela. Ele resolveu evitar Aristo. Embora seu irmão pudesse estar longe, Thronos entrou no Hall em silêncio.

Ele passou pela abóbada de energia Sorceri e a sala do escriba sagrado, onde a extensa lista de offendments era mantida. Tão perto aos escritos sagrados, ele experimentou uma pontada de culpa por todas as coisas que tinha feito com Melanthe antes de estarem casados.

Algumas coisas não podem ser mudadas. Eles iriam se casar esta noite, um bom casamento.

Ele se dirigiu para a sala de armazenamento de sua família. Lá dentro, ele vasculhou caixas de lembranças antigas e livros. Quando localizou a caixa específica que buscava, no lugar mais afastado, ela estava coberta de poeira.

Quem quer que tivesse organizado este armário claramente tinha pensado que Thronos jamais iria se casar.

Caixa na mão, ele se apressou de volta para sua companheira. Embora a dor percorresse a perna, encontrou-se endurecendo em antecipação a este noite. Pôde sentir que os seus chifres se endireitavam, ficando mais sensíveis.

Ele congelou. Teve a nítida impressão de estar sendo observado. Esfregou a parte de trás de seu pescoço, virou e esquadrinhou as sombras. Ninguém

espiando.

Certamente qualquer guarda Vrekener ou Sorceri vagando o saudaria, e ninguém mais podia achar este lugar.

Ele deu de ombros para sua inquietação quando alcançou a casa. Ele engoliu em seco quando destrancou a porta da frente. Quando passou pelo banheiro, ele viu o top de malha dela ao lado do chuveiro, com sua saia e meia-calça dobrada sobre um cesto. Sua máscara azul pendia de um gancho de toalha.

Ver as coisas dela aqui o satisfez em um grau surpreendente.

Ela tinha tomado banho. Ele deveria? Outra demora. Ele olhou para si mesmo, para a poeira.

275

Com um palavrão impaciente, deixou a caixa, arrancando suas vestes. Debaixo da água, ele descansou sua cabeça e mãos contra a parede. Embora a temperatura fosse baixa, não fez nada para diminuir sua ereção.

Ele se lembrou do aperto de sua companheira... iria durar tempo suficiente para gozar dentro dela? Ele a machucaria?

Ela o ensinou como deixá-la pronta. Ele mordeu suas garras dianteiras. Pensando melhor, ele a levou bem próximo também.

Quando ele retornou ao quarto, tinha uma toalha enrolada ao redor do quadril e a caixa pronta.

Seu coração pulou uma batida. Ela estava ajoelhada no final da cama, passando as pontas dos dedos sobre os pés da cama. Ela usava seu longo cabelo brilhante solto, e vestia uma de suas camisas, as mangas enroladas até os pulsos. A visão dela vestida com algo que pertencia a ele o afetou de formas inexplicáveis, o fez querer apertá-la nas suas asas, esfregar os seus chifres por todas as partes do corpo trêmulo dela.

Minha, toda minha.

Melanthe em sua cama, esperando por ele. Ela era muito bonita.

Ele viu o olhar vagaroso passar pelo seu rosto, seu tórax, mais abaixo... ela separou seus lábios em um suspiro, e sua pequena língua os molhou. *Deuses todo-poderosos.*

Seus olhos brilhavam com apreciação, por ele.

Ela poderia nem ser real. Feveris não tinha sido, nem aquela volta no tempo.

Logo ele despertaria do sono, dolorido por ela, saudado por sua dor habitual, sempre mais excruciante de manhã. Ele iria cerrar os punhos, renovando sua determinação, retomando a sua busca...

Com um sorriso, ela acenou para sua ereção descarada atrás da toalha. — Você está fazendo sua imitação de Nereus?

Uma risada escapou dele antes mesmo que ele percebesse. — Você realmente está aqui.

— O sorriso travesso dela o enlaçou, sempre fazia. — Eu nunca pensei que iria vê-la nesta cama.

— Nenhum de nós. — Ela removeu seu colar estimado, deixando-o na mesinha de cabeceira. *Na mesinha de cabeceira deles.* — A propósito, a água quente acabou.

— Oh? — Provavelmente não era um bom momento para dizer a ela que nunca houve água quente nos chuveiros.

— Então o que está na caixa?

Ele se sentou ao lado dela, abrindo-a para revelar um lençol de reivindicação costurado para ele há muito tempo. O material carregava o cheiro agradável de ervas conservantes.

276

Ela desdobrou-o com uma careta. — Isso é o que você tinha que recuperar?

Não vai ser grande o suficiente para a sua cama.

— Espera-se que mantenhamos esse lençol entre nós. É a tradição.

— Como é que isso vai funcionar...? — Ela parou quando encontrou a abertura costurada no meio do material. — Bem, que excêntrico. Mas isto não deveria ser de borracha? — Ela enfiou o dedo indicador pelo buraco, balançando suas sobrancelhas para ele.

Ele piscou para ela. — Por que seria de borracha?

Ela suspirou. — Tantas coisas que vou ter que te ensinar. Sou a favor da tradição, mas você realmente quer algo entre nós?

Ele a puxou para o seu colo, envolvendo os braços em volta dela. — De alguma forma conseguimos chegar a esta cama antes de dormirmos juntos. Eu quero fazer isso direito. Um casamento adequado.

— Este negócio de reivindicação é importante para você, hum?

— É. — Sua testa descansou contra a dela. — Mas, Melanthe, você deve ter certeza disso.

Nós não estivemos juntos por muito tempo. E enquanto não posso ter outras, obviamente não iria mesmo se eu pudesse, você poderia encontrar alguém. — Ele começou a acariciar uma de suas coxas flexíveis. — Se dermos este passo, você terá que me escolher sobre todos os homens que encontrará na sua vida eterna. Porque eu nunca deixarei você ir. *Como se eu fosse agora...*

Ela colocou suas mãos sedosas no rosto dele. — Escolhi você sobre todos os outros quando caminhei por aquele portal com você. Eu *quero* ser sua esposa.

Seu coração parecia muito grande para seu peito. — Minha esposa. — Ele se abaixou, esfregando a base de um chifre para cima e para baixo no pescoço dela. *Minha*. Ela tinha que saber que ele estava marcando-a com o seu cheiro.

Quando ela inclinou a cabeça para o lado para lhe dar mais acesso, para deixá-lo fazer o que seu instinto mandava, ele queria beijá-la até que seus dedinhos se curvassem.

— Só uma última consideração, — ela murmurou distraidamente. — Provavelmente nem sequer estou no meu período mais, certo? Poderíamos ter estado na barriga da besta por semanas.

Ele levantou a cabeça. — Embora eu quisesse te engravidar assim você se sentiria ligada a mim, não posso mentir. Eu cheiro que você está no período. Diminuiu, mas segue aí.

— Então, nossas poucas chances diminuíram muito. — Ela pressionou seus lábios no pescoço dele, em seguida, no queixo, depois até o canto da boca. — Você me surpreende, Thronos. Pergunto-me se vou me acostumar com sua honestidade.

— Você vai ter. Porque estou prestes a me casar com você. — No período ou não, ela ainda queria isto. Virou-se para inclinar a boca sobre a dela.

277

Os lábios de Lanthé se separaram, dando boas-vindas à língua dele enquanto escorregava em direção dela. Ela amava o quão vagaroso ele dava seus beijos, trabalhando na lenta construção, apesar da tensão em seu corpo maciço.

Apesar da dureza escaldante de seu eixo debaixo de sua bunda.

Enquanto eles entrelaçavam suas línguas, ele alcançou entre as coxas dela, seus dedos subindo. Havia algo tão erótico em sua camisa, sua mão movendo-se invisível por baixo do tecido.

Contra seus lábios, ele murmurou, — Preciso prepará-la.

Ver o seu físico magnífico naquela toalha já tinha preparado seus músculos. Mas quem era ela para decepcionar o Vrekener? — Eu te disse: olho para o seu corpo e o meu fica molhado para ele. Qualquer outra coisa será um bônus. — Ela abriu as coxas para ele.

Ele aceitou o convite, colocando a mão suavemente no sexo dela, pressionando a palma da mão contra o clitóris sensível.

Com a outra mão ele começou a esfregar os mamilos endurecidos, um, depois o outro.

Beliscando levemente. Torcendo o bico. Rolando cada cume entre seus dedos...

Quando ele se abaixou para chupar através do tecido, ela suspirou, enfiando os dedos em seu cabelo úmido. Com cada puxão de seus lábios, ela se arqueou para ele por mais.

— Gosto de chupá-los. Podia fazer isto por horas.

Ela gemia quando ele se mudou para o outro mamilo, sua respiração quente contra a ponta sensível. Enquanto chupava, ele moveu seu dedo dentro dela, gemendo por encontrá-la tão excitada.

A eletricidade que sempre despertou entre eles cresceu como uma tempestade com raios.

Seu dedo era apenas uma provocação, um precursor para o deleite que ela quase tinha experimentado com Thronos antes, quando ele começou a encaixar seu eixo dentro dela.

No pensamento, balançou-se para encontrar o empurrão do seu dedo, sua bunda se esfregando sobre a dureza que ela logo desfrutaria.

Ele chiou, — Isso vai acabar antes de começar.

Ela estava pronta para ele. Ela segurou a parte de trás do seu pescoço. — Então goze dentro de mim. Rápido, antes que algo interrompa o nosso casamento.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Exatamente o que penso. — Ele mudou-a de seu colo, colocando-a de volta na cama. Uma vez que ele despiu sua camisa, deixou cair a toalha, revelando a ereção de dar água na boca.

Ela tomou seu tempo admirando todos os dois metros e treze de corpo do seu guerreiro.

Suas asas estavam desenroladas, o sexy pano de fundo do seu demônio. Seus chifres ficaram retos.

278

Quando tinha dirigido aqueles cumprimentos contra ela antes, o seu sexo tinha reagido se contraindo. Marcou-a com o seu odor, e ela adorou. Queria beijar e acariciar aqueles chifres. Em seguida, lambeu os lábios firmes. E seus mamilos planos. Queria passar a boca ao longo das bordas rígidas de seus músculos peitorais antes de seguir sua trilha de guloseimas para baixo...

Qual era seu gosto? Voilà.

Ele se moveu para se ajoelhar entre as pernas dela. Porque eles estavam prestes a fazer isso. Sem proteção.

Seu relógio biológico estava gritando: *Jogue. Os. Dados.*

No entanto, em seguida, ele estendeu esse lençol sobre ela. Era mais ou menos dois metros e quarenta e três, com uma fenda colocada estrategicamente. A política disso a irritou. Ela não usava contraceptivo, mas ele conseguiu esta barreira?

Não, não, isso era importante para ele. Seus livros de autoajuda lhe disseram que compromisso era vital para desenvolver um relacionamento.

Então ela teve uma ideia, uma maneira para que ambos tivessem muito prazer com o lençol; decidiu seguir o jogo por enquanto.

Enquanto ele alinhava a abertura com seu sexo, ele perguntou, — Tem certeza que você está pronta?

— Se você for devagar.

Ele ergueu-se sobre ela, apoiando-se em seu braço direito. — Devagar? — Seu olhar caiu sobre os mamilos salientes contra o lençol. — Eu temo que não vou durar. Eu desejei você por muito tempo. — Com a mão livre, ele segurou-se, apontando para o buraco do lençol.

Ela apoiou as mãos em seus ombros largos enquanto esperava o primeiro contato. Quando a cabeça bulbosa bateu bem no seu centro faminto, ela gemeu em prontidão. — Posso não durar muito também! — Magia azul brilhava de suas mãos, como tentáculos envolvendo-os.

Ele assobiou uma respiração, pressionando decididamente contra ela. — Minha feiticeira sensual. — Ele olhou para baixo com chamadas possessivas em sua expressão.

Seus olhos de prata estavam dizendo que ele estava prestes a reclamá-la, que nada poderia detê-lo.

Quando ele se levantou em ambos os braços, ela amassou seus ombros. — Você pode sentir o quão pronta estou? O quão molhada para você?

— Lanthe...

— Quando estávamos na clareira, eu imaginei o que sentiria quando seu eixo mergulhasse dentro de mim. — Suas palavras eram guturais. — Hoje à noite você me mostrará.

Um tremor reprimiu o que ele estava prestes a dizer.

279

As reações inexperientes dele, a honestidade das respostas, intensificaram a excitação dela à um grau chocante.

Honestidade era um tesão. Quem diria?

Sutilmente balançando a sua vara pulsando, ela murmurou, — Você não podia ser mais sensual, Thronos.

Ele inclinou a cabeça, como se não acreditasse nela. Mas seja o que for que ele viu nos olhos dela o convenceu do contrário. Seja o que for que ele viu fez seu tremor piorar.

Pelo tempo que ele tinha introduzido a coroa dentro, ele estava suando. Sua voz se quebrou quando ele disse, — Você está tão apertada ao meu redor.

Nunca soube que você seria tão quente. — A maravilha em sua voz fez os dedos do pé dela se curvarem.

O lençol subia e descia com sua respiração superficial. Ela arqueou as costas para que seus mamilos esticassem o material, o que parecia enfeitiçá-lo mais do que as ninfas fizeram. — Você não quer descobrir os meus seios, pelo menos?

O dilema estava claro em seu rosto. Ele finalmente puxou o lençol apenas abaixo dos seios dela. — Muito adoráveis para cobrir.

E ela perdeu um pouco mais do seu coração para ele.

Olhos extasiados nas pontas dos seios, ele lambeu os lábios sensuais. Ele expressou um prazer particular em chupá-los. Se ele fizesse agora, isto verdadeiramente poderia acabar antes de começar. Para distraí-lo, ela rolou o quadril.

O que empalou o seu eixo até mais fundo.

Ela engasgou com a súbita plenitude. Ele grunhiu, — Apertado.

Seu ritmo gradual foi a única razão pela qual ela não gritou. — Devagar é bom, Thronos.

Com um aceno solene, ele alimentou sua vagina com mais de seu comprimento latejante.

Ele travava uma óbvia batalha para não gozar. Suas asas estavam enrolando e desenrolando como um punho abrindo e fechando. O suor escorria das bordas de tirar o fôlego de seu tórax musculoso, os músculos ondulando do seu tanquinho.

Enquanto se introduzia mais fundo, uma gota de seu suor limpo pingou em um dos seios inchados dela, fazendo-a tremer, e minando seu próprio controle.

— Desculpe, — ele disse com dentes semicerrados.

— Por me deixar louca? — Ela segurou a nuca dele, arqueando-se até roçar os seios pelo tórax dele, enviando o lençol para sua cintura, enviando-o mais fundo dentro dela.

— Eu sinto seus mamilos... tão duros... ah, deuses! — O quadril dele empurrava em um ímpeto incontrollável, até ele se acomodar profundamente dentro dela, um grunhido arrancado dos pulmões dela.

280

Seus próprios pulmões estavam pressionados para respirar. Seu corpo estava dentro dela, cercanda-a, parecendo vibrar de sua luta para recuperar o controle que ele tinha perdido.

— Lanthe! Eu não queria, machuquei você?

Ela se contorceu debaixo dele, ajustando-se ao seu comprimento. — Apenas me dê um segundo. — Profundamente dentro dela, ela podia perceber seu pênis pulsando com a batida de seu coração. Seu coração invencível. — Estou bem, Thronos. Tudo bem.

Ele segurou o rosto dela entre as grandes mãos, tocando-a com reverência. — Acabei de me casar com você, — ele murmurou, fazendo-a se derreter.

Eu esperei minha vida inteira para ver aquele olhar. — Desde que também estou envolvida no ato, — ela dançou debaixo dele, produzindo um gemido, — eu diria que acabamos de casar um com o outro.

Com um sorriso de dor, ele chiou, — Isso soa mais que justo.

Ela não conseguia parar de sorrir de volta para ele. Como se tivessem conseguido uma realização estupenda. O que, supôs, tinham.

Mas a diversão recuou quando ele começou a se retirar. A fricção de seu pênis e a queimação da coroa arrancou um grito melancólico dela.

Antes que ele desse seu primeiro impulso, ele disse, — Pronta?

Ela assentiu com a cabeça.

Quando ele inclinou o quadril para frente, jogou a cabeça para trás, os músculos de seu pescoço inchando. — Minha Lanthe! — Então ele a encarou mais uma vez, com assombro.

Ele continuava inchando dentro dela, muito mais do que ela esperava. Aparentemente, ele era um flácido e um ereto⁹. Ela fez seu melhor para reprimir um estremecimento. Pequeno soldado valente, e tudo isso.

Lanthe sempre pensou que o termo junto era uma hipérbole em um sentido sexual. Agora, com tanto de seu corpo estava dentro dela, ela se sentia unida a ele. Se ela apenas pudesse conseguir se acostumar... — Mexa-se para mim.

— Mexer? — Ele circulou o quadril, roçando contra seu clitóris sensível.

— Oh, sim. — O prazer queimou-a com a intensidade das chamas.

Uma exalação aguda escapou. *Puh*. A expressão dele estava atordoad.

No silêncio da noite, o coração dele batia como um tambor. Suas asas estavam estiradas, as linhas de pulso brilhando como estrelas cadentes sobre a coroa.

Seus olhos brilhantes, olhando para ela, ofuscaram todos os outros.

⁹ Shower (flácido): um pênis que é desproporcionalmente grande quando flácido em relação ao comprimento ereto final. Grower (ereto): um pênis que é desproporcionalmente pequeno quando flácido em relação ao comprimento ereto final.

281

Ele mexeu-se novamente, estirando-a, enchendo-a completamente. Felicidade a cobriu, o calor percorrendo cada centímetro dela. Sentia-se repleta com ele, com emoções.

Preenchida.

Mas suas emoções a confundiam. Em meio a ternura que sentia por ele, ela também experimentou gratidão, alívio e até alegria.

Com as mãos reunidas em torno da nuca dele, ela murmurou, — Thronos...
Eu sou sua.

Você é meu. Você me confunde. Isso me confunde. Ela não teve nenhum orgasmo, e foi o melhor sexo que ela já teve. Nunca sentiu o sexo como “voltando para casa para alguém”.

Como se ela estivesse sendo banhada com moedas de ouro do destino.

Ele colocou a grande palma ao lado de seu rosto. — Não reconheço... o que sua expressão está me dizendo, — admitiu em uma voz rouca. — Mas acho que gosto.

— Estou tentando lhe dizer mil coisas ao mesmo tempo. Estou dizendo a você que estou pronta para ser tomada por você. — Não só ela estava habituada a ele; seu pau agora não parecia tão crítico que ela se perguntava como tinha sobrevivido sem ele. — Eu vou te dar tudo o que você precisa. — Suas mãos se moviam para o traseiro dele, apalpando os músculos flexores. —

Precisa de impulso?

— Por todos os deuses, sim. — Ele ergueu o quadril, afundando-se mais lentamente.

O êxtase aumentou dentro dela. Suas pálpebras se agitavam enquanto ela gemia.

Outro impulso meticuloso. — É sempre assim, Lanthe?

— Decididamente não. — Ela não podia parar de se contorcer em sua dureza, querendo sempre mais disto. — Mais, Thronos!

— A maneira como você se move é... enlouquecedora. — Ele segurou o quadril inquieto dela, seu corpo impulsionando. Em seguida, novamente. Cada vez que ele atingia o final de sua vagina, o seu clitóris recebia uma estimulação deliciosa. O seu orgasmo crescendo.

— Você está me apertando com tanta força. — O ritmo acelerou. — Eu não

posso aguentar!

— Não, não goze, — ela disse, sentindo sua magia subindo. — Eu não vou deixar você. — O

ar turvo perto de seus lábios.

Acabou de usar o seu poder nele?

Ele empurrou com força, gemendo como se sentisse dor. — Lanthe... — Sua pele brilhava de suor, os músculos como cordas. Só de olhar para ele assim, seu constante Vrekener, na agonia, um guerreiro enorme prestes a desencadear séculos de necessidade, trouxe-a direto para a borda.

Ela estava gozando para este homem, e ela quase podia temer a intensidade do prazer crescente.

282

— Preciso... empurrar mais duro. Não posso ir lento.

— Não. Me tome como você precisa.

Com um gemido, ele empurrou em seu corpo. Mais uma vez. E, novamente, até que estava metendo o pau entre suas pernas, para seu deleite. As suas mãos mergulharam debaixo dela, as suas garras restantes penetrando nas curvas do seu traseiro, um sinal primitivo de possessão que lhe enviou em espiral.

Tão perto, tão perto.

Ele deu um grito frustrado, confusão piscando em seus olhos. — Lanthe, eu *não posso gozar*.

— Eu poderia ter... mandado em você. — Embora ela estivesse disparando de cabeça em direção a seu clímax, inspirou e resistiu, querendo atormentar os dois.

— Desfaça! — Seus tendões destacaram-se pela tensão, seu poderoso corpo

labutando para libertar sua semente.

— Hmm. Nós vamos ter uma noite tão divertida...

QUARENTA E SETE

Isto era qualquer coisa menos *divertido*! Thronos podia sentir um nó de sêmen preso justo sob a cabeça e não podia liberá-lo.

Seu corpo sabia exatamente a quem estava reclamando, sabia que deveria derramar sua semente dentro do ventre dela. A pressão disso fazia a pulsação em sua ereção ficar pior do que antes porque ele tinha sêmen para derramar dentro dela.

Seu canal quente se aferrava a ele com tanta força, parecendo espremê-lo. Queria saborear sua primeira vez, desfrutá-la, mas ele quase não podia pensar além daquela maldita violenta palpitação.

Olhou fixamente para baixo, onde seus corpos se encontravam unidos. Erro. Através da abertura do lençol, ele podia ver sua carne rosada tomando sua inchada longitude.

Quando viu que sua companheira estava molhando o lençol com sua excitação, seu pênis se sacudiu em seu interior como se a ansiasse. — A ponto de perder minha razão! — Ela lhe disse que se ele se encontrasse alguma vez dentro dela, não haveria nenhuma dúvida; ele derreteria a nível molecular, alterado irremediavelmente.

Ela havia se subestimado gravemente.

Sua eletricidade crepitante agora queimava, como se relâmpagos cruzassem entre eles. O

sentimento de conexão o dominou, assombrando-o. Fisicamente, seu corpo estava derretido, rebaixando-se para aliviar a pressão e reclamar seu prazer, mas precisava dar à sua companheira destinada sua semente, para deixar algo de si mesmo dentro dela.

Ele a olhou no rosto; seus olhos luminosos, falando-lhe em uma língua que ele ainda não entendia. — Me libera, Melanthe! — Sua voz soava

estrangulada, a dor era insuportável.

Apesar de que se sentia tão bem.

Em resposta, ela se inclinou para beijar seu pescoço. Com sua etérea, feiticeira azul enroscando-se a seu redor, ela lambeu o oco onde se encontrava seu pulso, da mesma forma que ela tomou o pó de ouro dele. Levou-o justamente à loucura. Quando ela começou a chupar seu pescoço, se perguntou se ela procurava transtornar sua cabeça.

— Liberarei. — Murmurou contra sua pele. — Uma vez que você me libere.

A compreensão golpeou seu cérebro podre pela luxúria. Tinha que levá-la ao orgasmo antes que ela o deixasse ter o seu.

Ele colocou os braços atrás das costas dela, instando-a levantar-se, arqueando os seios para ele. Sua boca roçou um mamilo e logo o outro. Pegou-os com sua língua, logo os lábios, movendo-se entre suas pernas enquanto chupava.

284

Contra um de seus seios cheios, ele gritou, — Me libera! — Movendo-se, chupando, segurando-a. *Perdendo minha mente.*

— Thronos, não posso aguentar mais...

— Mantenho a posição? — *Estava tudo bem?*

— Estou perto!

— Diga o que precisa... para chegar lá.

— Seu beijo. Tome meus lábios!

Suas cabeças se dispararam para frente, seus dentes chocando antes que ele inclinasse sua boca sobre a dela. Suas línguas se tocaram, movendo-se rapidamente enquanto se beijavam.

Trocaram suas respirações, seus gemidos. Ela se contorcia contra ele

violentamente enquanto ele mergulhava nela.

Justo quando chegou a um ponto crítico, quando ele não podia mais pensar além da pressão, da umidade e o calor, ela parou para sussurrar a seu ouvido, — Quando sentir meu orgasmo a seu redor... me dê sua semente. — A magia acompanhando sua ordem.

Entre os dentes, ele disse, — *Deuses todo poderosos.*

— E pode ser que deseje cobrir minha boca, porque está a ponto de me fazer gritar. — Ela segurou seu olhar. — Thronos, agora!

Usou a palma de sua mão para abafar o grito de abandono. Suas costas se arquearam sob ele, seu pequeno corpo surpreendendo-o com sua força.

Seu próprio corpo ficou imóvel, aturdido quando sua vagina o apertou como um punho.

Para ordenhar a semente que finalmente ele poderia lhe proporcionar? Com esta primeira contração ao redor dele, seu membro pulsou em resposta, preparado para ejacular. Seu selo a ponto de se romper.

Suas asas se abriram de golpe amplamente quando ele começou a golpear entre as pernas dela com todas as suas forças.

Como um animal. Como um demônio.

Então...

Em uma fervente avalanche, o sêmen saiu em jatos. Sua quente essência somente para sua companheira.

Antes que seu rugido sacudisse a noite, ele cravou os dentes no pescoço dela, rugindo contra a pele.

* * *

Justo antes que ele houvesse se aferrado em seu pescoço, os olhos estrelados de Thronos ficaram negros como a noite.

Então vieram suas presas, reclamando a pele dela. Quando Lanthé o sentiu marcando-a como sua, como um demônio o faria, a magia explodiu dela como uma onda de choque de uma bomba.

Seu orgasmo se intensificou novamente, até que ela gritou em sua palma, movendo-se violentamente sob ele enquanto a fodia como um pistão. Seu pau abriu caminho ainda mais fundo dentro dela enquanto bombeava um jato quente em seu interior.

Enquanto, jato após jato de sua semente a enchia, os músculos dele se retesaram completamente ao redor dela, suas garras cravando-se em sua pele, as asas estremecendo.

Brutal, magnifico demônio.

Ele empurrou até que esvaziou-se completamente, até que ela ficou mole e quieta debaixo dele...

Retirou a mão de sua boca e caiu sobre ela, liberando sua mordida com clara reticência.

Quando ele lambeu sua marca com a língua afiada, soltou um longo gemido de total satisfação.

Então ele pareceu despertar. Elevou-se em seus braços por cima dela. — Eu te machuquei?

— Hmm. Sua mordida poderia ter doído, mas estava muito ocupada para senti-la. — Ela mordiscou seu peito. — Foi terno durante o tempo que pôde ser.

Ele relaxou, apoiando-se sobre os cotovelos. — Mais provas de que sou um demônio, então? Lanthé, nada poderia ter me impedido de marcá-la como minha. — Ele afastou o cabelo da testa dela. — Mas nenhum dos outros machos Vrekener o fazem.

— Isso é o que você pensa. Minha pele estará curada antes de amanhã. Quem pode saber o que fizemos?

Ele ainda a olhava desconcertado, assim ela disse, — Talvez Pandemonia liberou o demônio em você, mas não me importa. Independente do que seja... não me importa. O que acaba de acontecer foi alucinante e demolidor e perfeito. Eu não mudaria nem um instante dele.

Os lábios dele se curvaram com orgulho. Semelhante tipo.

— Senti seu orgasmo também. — Ele não se incomodou em tentar esconder o assombro na voz.

Com um sorriso, ela apertou sua vagina ao redor dele; seus olhos se abriram como pratos.

— Eu te senti também. — Supunha que deveria estar preocupada porque ele se derramou dentro dela, mas ainda estava nas alturas por causa do sexo. Era viciada neste homem. Não apenas fisicamente, mas... emocionalmente.

286

Sua honestidade a afetou, persuadindo-a a baixar suas defesas. Esta noite ela descobriu que, para ela, a confiança era o afrodisíaco mais forte.

Os olhos dele brilharam de emoção. — Sempre pensei que minha semente, não sei, sairia de mim. Não tinha ideia de que a pressão seria tão intensa. Quando se liberou, foi quase...

violenta, mas da melhor maneira.

Seu eixo se agitou por mais. Ela sorriu completamente, percebendo que seu Vrekener estava apenas se aquecendo para a noite. — Assim que valeu a pena me esperar? Falei como um grande jogador.

— Você tinha toda razão feiticeira. No que disse. — Ele depositou um beijo em seus lábios.

— Me desintegrou à um nível molecular.

QUARENTA E OITO

Thronos era um macho transformado, com muitos pensamentos em sua mente para lidar e muitas emoções para serem contidas.

Ele permanecia dentro dela, ainda duro. Podia sentir a umidade de seu sêmen nela e aquilo o satisfazia profundamente. — Não quero partir nunca, — disse a ela. Como ele, ela parecia sem nenhuma pressa para separar seus corpos. — Nós podemos dormir assim?

Ela assentiu com a cabeça. — Eu poderia ficar em cima de você. Entretanto, penso que dormir seria a última coisa que estaríamos interessados. Falando nisso, quando você acha que pode fazer isto de novo?

— Tenho certeza de que posso fazer isto tanto quanto você quiser, — ele disse com uma estocada.

— Esta é a melhor notícia que ouvi a noite toda. — Seus olhos estavam alegres.

Ele estendeu a mão, e passou seu dedo polegar sobre o rosto sedoso dela. Ela deitou a cabeça na palma da mão dele, atraindo o polegar dele entre seus lábios para chupar.

— Hmm. — Como aquilo poderia inflamar seu corpo inteiro tão ferozmente? O choque de sensações era surpreendente, sem mencionar as memórias que ela conjurou, de quando chupou seu eixo assim...

Agora que ele tinha lhe dado sua semente, ela tomaria isto entre seus lábios? Desperdiçar sêmen era como um offendment, mas se Lanthe bebesse, ele daria e daria até que ela estivesse cheia.

Só assim, ele ficou desesperado por ela, o quadril dele começou a bombear em sua luva quente. Quando ela o soltou com uma última lambida, ele segurou sua nuca, atraindo-a pra mais perto...

— Espere! — Ela choramingou. — Me solte, me solte.

Ele afastou-se para trás. — Eu te machuquei?

— Role de costas.

Com o cenho franzido, ele rolou, invertendo suas posições.

Uma vez que estava por cima, ela graciosamente desmontou, deixando o lençol aberto para tocar a base de seu eixo.

Ela girou o solicitante lençol ao redor dele.

Os olhos dele se arregalaram em sua desenfreada ereção projetada do lençol sagrado. —

Lanthe, isto... isto pode ser uma blasfêmia.

288

— Você fez isto para mim, e farei isto para você. É assim que nosso casamento será, igual e um pouco subversivo para ambas nossas facções. Mas isto funcionará para nós.

O coração dele disparou. Entretanto ele estava convencido, a certeza dela o surpreendendo. — Isto irá funcionar para nós?

— Isso depende de quanto pesar você me dará sobre o maldito lençol.

A realização o atingiu com a força de uma bigorna. Se continuassem a fazer concessões um para o outro, eles não apenas estariam casados para sempre, mas muito bem casados. Ela viajou para cá por ele, sem nenhuma outra razão, e entregou muito; ele a encontraria a meio caminho.

— Sem pesar, esposa.

— Bom homem, — ela disse suavemente. — Então o que faremos com o lençol agora?

— Sim. Mas apenas porque somos casados. — Ele apreciou dizer isto. — Isto serviu ao seu propósito.

Ela arrastou o material de cima dele, lançando-o para um canto longe da cama. — De volta ao que interessa, então. — Com um sorriso, ela o escarranchou, ajoelhando-se sobre seu eixo. —

Então está é, como gosto de chamar, a posição Pandemonia de Thronos e Lanthé.

O sorriso dele enfraqueceu quando ela começou a deslizar para baixo em seu comprimento. Ele só conseguia olhar enquanto o sexo dela o tragava torturante centímetro por centímetro...

Alterando.

Uma vez que ela o levou tão profundo quanto poderia ir, ele olhou para sua esposa primorosa. O cabelo dela era um enredo brilhante ao redor de seu dolorosamente adorável rosto, sua feitiçaria cintilava. Vagamente notou que os mamilos inchados dela estavam do mesmo tom de seus lábios curvos.

Enquanto a contemplava, ela olhava para ele. — Olhe o quão grande e duro seu corpo é. E

é todo para mim. A feiticeira gananciosa em mim está bem contente.

Deuses, ela fez o peito dele se curvar com orgulho.

Ela raspou um de seus mamilos com uma unha, e o choque de prazer foi tão inesperado quanto quando ela chupou seu polegar!

Então ela apertou as mãos nos ombros dele para erguer-se.

O ar da noite esfriou seus testículos aquecidos e a base de seu eixo molhado. Quando o quadril dele resistiu, perseguindo o calor apertado dela, ela caiu para baixo ao mesmo tempo.

Os olhos dele reviraram.

Ele despertou quando ela começou a montá-lo lentamente, os seios dela saltando ao seu olhar encantando. Hipnotizado pela forma como ela se movia, ele lutou com o desejo de amassa-los. — Tão extremamente adorável...

As palavras dele estavam recortadas. Enquanto ela deslizava para cima e para baixo em seu comprimento, apertando-o pelo lado de dentro.

— Lanthe!

— Você gosta assim? — Ela perguntou em uma voz de sereia.

— Não quero que isto acabe nunca! — Uma parte dele ainda desacreditava que estava dentro dela. Ele percebeu que levaria um tempo para aceitar esta reviravolta.

Aceitar que a mulher de seus sonhos estava na cama dele, saciando os desejos dele com seu corpo, assim como ele fazia o mesmo.

Ela curvou os braços acima da cabeça, cruzando seus pulsos enquanto estalava o quadril. O

modo como se contorcia sobre ele, roubou-lhe o fôlego. Fêmea hipnótica.

As mãos dela deslizaram para baixo, uma aconchegando um seio, uma masturbando seu sexo. No futuro, a observaria dar prazer a si mesma; no momento, ele afastou aquela mão para longe. Quando ele acariciou o broto inchado com seu indicador, ela lançou a cabeça para trás.

O final dos cabelos dela faziam cócegas em suas coxas; adicionando sensações ao macho inundando dentro dele. Quanto mais esfregava o sexo dela, mais forte ela se contorcia.

Esfregando, acariciando... — Estou chegando perto novamente!

Ela o encarou. — Não farei nada pará-lo desta vez.

Ele rangeu, — Bom saber. — Ele teve outro desejo de combater. A

necessidade de embrulhar suas asas protetoras ao redor dela era esmagadora.

Ele a marcou com seus chifres, e suas presas. Ela aceitou seus impulsos mais primitivos.

Então ele se inclinou até pegá-la em seus braços. Quando suas asas se fecharam ao redor dela, ela ficou ainda mais escorregadia, seu ritmo aumentando.

— Acho que você gosta de minhas asas.

Ela assentiu sem fôlego. — Você é uma grande surpresa para mim. Tudo sobre você...

Quando a envolveu contra ele, ela enrolou os braços ao redor de seu pescoço, e a satisfação o fez estremecer. Eram apenas os dois, encapsulados contra o mundo, os corpos iluminados pelas veias pulsantes dele.

Os mamilos dela raspando para cima e para baixo em seu peito. — Então quando eu gritar, e logo, você acha que alguém poderá me ouvir através de suas asas?

Ele ficou de joelhos, segurando a bunda dela. Presa em seu comprimento, ela apertou as pernas ao redor dele.

290

— Talvez seja assim que os outros fiquem quietos? Há uma maneira de descobrir.

Em um sussurro urgente, ela disse, — Estou tão perto, Thronos. — Ela se inclinou para chupar o pescoço dele daquele modo enlouquecedor, lançando-se sobre ele ao mesmo tempo.

Quando ele percebeu que sua companheira estava raspando seu pequeno broto necessitado contra a base de seu eixo, ele espontaneamente...

Gozou. *Com força.*

Seu rugido reverberado dentro de suas asas enquanto investia furiosamente contra ela, raspando de volta, enquanto começava a bombear seu sêmen.

— É tão quente! — Ela o montou mais rápido, mandando-o em um frenesi.
— Estou gozando, Thronos! Você me faz sentir assim... — Ela retesou-se contra ele, as coxas tremendo ao redor da cintura dele. Sua cabeça caiu para trás contra as asas dele, seu clímax arrancando um grito dela.

Ele experimentou algo como euforia quando o canal dela exigiu o que era devido mais uma vez. Ele aliviou as punhaladas apenas para sentir seus espasmos ondulando de cima abaixo em seu comprimento, o prazer dela retorcendo-o tão perfeitamente.

Ele gemeu sua descrença persistente. — Minha Lanthe...

Quando o orgasmo dela diminuiu, ele continuou a tremer, como se seu gozo gerasse tremores.

Com a cabeça enfiada contra o ombro dele, sua respiração em seu pescoço, ela deu um tapinha em seu peito arfante. — Aqui. Eu reivindico você também.

* * *

Tarde da noite, Lanthe e Thronos estavam deitados encarando um ao outro, envoltos nas asas dele. Como faziam quando jovem, murmurando segredos.

Todos aqueles anos atrás, ele disse a ela que seria seu marido. Quão certo ele estava!

Lanthe tinha sido reivindicada. Ela tinha perdido a conta de quantas vezes ele a tomou, quantas vezes a trouxe até a borda.

O lençol separando-os tinham sido lançado para os lados. Todos os lençóis tinham. As asas dele os mantinham bem quentes.

Agora, vê-lo com seu cabelo arrepiado, parecendo relaxado e sonolento, fez o coração dela doer.

— Foi como você esperava? — Ela perguntou.

— Para falar a verdade, não, querida.

— Me conte.

291

Ele franziu o cenho, como se procurando as palavras. — Quando nos conhecemos, eu peguei seu cheiro em mim, céu e lar. Quando estou dentro de você, sinto como se encontrasse o céu pela primeira vez, ou retornasse para casa depois de uma ausência eterna. É como se tudo o que quero e precisasse ter, ou terei, estivesse cumprido. Não esperava a... totalidade disto.

Apesar da admissão dele ser uma das coisas mais emocionantes que ela já tinha ouvido, ele exalou e disse, — Eu não faço sentido. Mulher, você me confunde. — Ele devolveu a pergunta para ela. — Foi como você esperava?

— Não, mas em um bom sentido.

— Como assim?

Como explicar o que ela sentiu e aprendeu? — Descobri coisas esta noite, Thronos. Tantas coisas. — Ela acariciou o cabelo dele da testa. — Eu me sinto segura com você, conectada à você.

E estes sentimentos intensificam tudo. É viciante.

Ele assentiu. — Sinto o mesmo. Às vezes me pergunto o que não faria por mais de você.

— Exatamente. Vamos colocar isto desta forma: estou muito feliz que aceitei sua mão mais cedo.

Mesmo quando os lábios dele se enrolaram, as pálpebras ficaram mais pesadas. Ela nunca o tinha visto dormir. Ele não tinha dormido em semanas, mas agora que tinha relaxado e estava de volta em sua própria cama, ela esperava que pudesse. — Você deveria descansar. — Ela fez sinal para que ele ficasse de costas, então se colocou em cima do peito dele. Os braços fortes dele se enroscaram ao redor dela. — Nós temos um grande dia amanhã. — As palavras que ela tinha perdido a esperança de nunca dizer a outra

pessoa importante.

— Estou relutante em dormir. — Ele puxou-a para mais perto dele. — Medo de que você não esteja aqui quando eu acordar.

As palavras ásperas dele fizeram com que a dor em seu coração piorasse. — Estamos casados agora. Não irei a lugar nenhum. — E ela quis dizer isto. Ele era seu marido, seu amante, seu príncipe.

Thronos era seu melhor amigo.

Entretanto se preocupou com o que o amanhã traria, ela acreditava neles.

Enquanto ele estava adormecendo, ele disse, — Com todos os meus sonhos se tornando realidade, com o que sonharei agora?

Oh, maldição. Lanthe olhou para o rosto sonolento dele. *Acabei de me apaixonar por ele.*

QUARENTA E NOVE

A mais brilhante luz do sol que Lanthe encontrou alguma vez piscava sobre ela. A crua luz do dia e ela tinha zero arrependimentos. No entanto, se queixou. — Sinto-me como a Recruta Benjamim¹⁰!

— Não sei quem é essa, Lanthe.

Podia ouvir o sorriso na voz dele. — Apague a luz!

— Não posso apagar o sol.

Ela abriu os olhos apenas um pouquinho para encontrá-lo sentado na beirada da cama, parecendo o chefe. — Oras, e não é que você está satisfeito consigo mesmo? — Seu sorriso era brilhante em contraste com sua camisa de linho recém passada. *Glorioso macho*.

Ele assentiu com a cabeça. — Acordei esta manhã, desorientado, convencido de que a noite anterior tinha sido um sonho. Então olhei para baixo e sua cabeça estava sobre meu peito.

Compreendi que estamos casados. — Ele a olhou profundamente nos olhos. — Nunca tive uma manhã melhor.

Isto estava a um mundo de distância de seus típicos cenários de pós-manhã. — Quanto tempo está sentado aí?

— Algumas horas. Gosto de te ver dormir.

Com qualquer outra pessoa, Lanthe teria achado isso aterrador, mas não com seu novo marido.

Em qualquer caso, ela não podia dizer nada uma vez que tinha fantasiado com o rosto relaxado e sonolento dele até que dormiu. Logo esteve fora de jogo como uma morta. Sem pesadelos. Sem inquietude.

— Vamos, estou ansioso para te apresentar à nosso povo.

Intimidante.

— Iremos encontrar um grande café da manhã para você. Torta de maçã, talvez? Ou pão de mel?

Ela tinha fome. — Está bem, está bem. Preciso de um chuveiro primeiro. — Quando se levantou e prendeu o cabelo por cima da cabeça, o olhar dele caiu até os seios dela, suas sobancelhas levantadas. Enquanto caminhava para o banheiro, sabia que Thronos estava comendo seu traseiro com os olhos, assim que acrescentou um rebolado em seu passo.

10 No original: *Private Benjamin*. É uma comédia de 1980 que conta as aventuras de Judy Benjamin, uma judia rica e ociosa que quer arrumar algo para fazer e se alista no exército.

293

O grunhido dele a fez sorrir. Apostaria que não sairia desta casa antes que ele a tomasse novamente. Comprovou seu aspecto no espelho. Tinha os olhos brilhantes, as bochechas ruborizadas. Sentiu um indício de pesar ao ver que a marca de reclamação se curou.

No chuveiro exclamou. — Ei. Podemos fazer com que coloquem água quente? — Girou a torneira totalmente para a direita, mas a água não ficou quente.

—Nos Territórios, não há água quente para o banho. — Contestou em viva voz.

Para si ela murmurou, — Tem que estar brincando. — Ela conteve o fôlego e deu um passo sob o jato de água fria, gritando. —Isto não está bem, não me alistei no exército!

Ele foi vê-la, apoiando-se na porta com um sorriso marcado. — Nós os Vrekeners achamos a água fria boa para a mente e o corpo.

—Ah sim? Isso é uma pena porque a água quente é boa para o sexo de

manhã.

Seus olhos piscaram. — Eu te aqueço...

Algum tempo depois, quando saíram, Lanthe gostou da água fria. Agora ela estava sorrindo como se estivesse no comando.

Depois de se secar, pegou a roupa da noite anterior. Roupa completa. Incluído a máscara. A beleza das roupas de metal e couro? São fáceis de limpar. Vestiu a saia.

— Quer que te encontre alguns vestidos? — Perguntou enquanto se vestia novamente.

Ela observou o rosto dele. — Pode fazê-lo, mas não vou usá-los até que tenha os consertado. — Lanthe viveu na época vitoriana; por necessidade, aprendeu como transformar um vestido de pescoço alto, longo até o chão e de manga larga em um minivestido sem mangas adequado. — Me sentirei mais confortável com minha própria roupa.

Ele separou os lábios, vacilou, e logo disse, — Muito bem.

Homem benévolo, pensou novamente. — Temia que iríamos ter nossa primeira briga de casados. — Ela deslizou em seu top. Comparado com a roupa Sorceri, o conjunto nem sequer era tão provocante. Sua barra quase chegava aos joelhos. Suas botas o faziam e pouco de suas pernas ficavam expostas.

— Sei o muito que se comprometeu ao vir aqui comigo, — disse. — Quero ir ao seu encontro e percorrer minha metade do caminho. Além disso, se você for gritar comigo, que seja apenas porque está a ponto de entrar em erupção/explodir/morrer de êxtase.

— Em outras palavras. Hoje mais tarde? — Adiantou-se para segurar entre as pernas dele, se encantando quando ele se moveu sobre os pés contra sua mão.

Quando ele gemeu, ela o soltou com uma palmadinha carinhosa.

Calçou suas botas e luvas e logo fez um trabalho rápido trançando seu cabelo.

Thronos observou cada um de seus movimentos com fascinação dissimulada.

294

— Alcança meu colar?

Ele se apressou para pegá-lo, voltando para colocá-lo sobre a cabeça dela. — Sinto muito não ter dado isto antes.

— Bom, estávamos muito preocupados com os dragões e os demônios e as pragas e tudo isso. Eu o adoro como se houvesse dado, já que colocou sua vida em risco para recuperá-lo.

Inclusive se não fosse ouro basilisco, este sempre seria o meu favorito.

— Os Sorceri trocam anéis de casamento, não é assim?

Ela deu a volta. — Sim. Quero um anel! Um de ouro, de ouro de qualidade.

Seus lábios se curvaram. — Quando minha companheira coloca em seu coração algo, quem sou eu para negar?

Com um sorriso em resposta, ela colocou a máscara. — Está bem, então vamos terminar com isso.

Ele estendeu a mão; ela, com orgulho, a pegou.

No momento em que saíram pela porta, um Vrekener macho os saudou, como se estivesse rodeando o lado de fora. Alto e de ombros largos, com uma constituição magra como a de Thronos, tinha os olhos verde oliva e cabelo castanho claro preso em um rabo de cavalo.

Lanthe ficou tensa quando viu suas garras prateadas. *Um cavaleiro.* Perguntou-se quantos Sorceri ele matou. Ou neutralizou?

— Saudações Jasen! — Disse Thronos. — Achei que ninguém soubesse que havíamos chegado.

Lanthe franziu o cenho ante a reação de Jasen à Thronos; a expressão

pensativa do homem se converteu em uma de extremo alívio, de modo que podia perceber que tirou de cima um peso ou um animal raivoso.

— Melanthe, este é Jasen, — disse, apresentando-a ao homem primeiro a ela, mostrando sua deferência. — Jasen, está é a Princesa Melanthe, minha esposa.

— Você... a tem.

Lanthe não ofereceu sua mão. Porque estava brilhando com uma trêmula luz azul atrás das costas. Depois de um momento, Jasen pareceu sacudir-se pela surpresa deste acontecimento.

Voltou-se para Thronos.

— Meu senhor, os cavaleiros estão reunidos em assembleia no Hall para uma importante reunião de segurança. Assistirá?

— Meu irmão está lá?

— Não, meu senhor, temo que não esteja.

295

Thronos estava tranquilo e sereno no exterior, mas agora que ela o conhecia melhor podia ver que suas cicatrizes estavam em um tom mais claro, o que significava que seu rosto estava tenso.

Lamento Thronos. Sei que queria ter conversado com Aristo.

Apenas os deuses sabem o que ele está aprontando pelo mundo. Para Jasen ele disse, —

Melanthe e eu assistiremos. — Pegou sua mão, seguindo o cavaleiro pelas escadas até o arenoso vale. *Nesta assembleia não tolerarei falta de respeito com você. Lembre-se que é uma Princesa.*

Falando de uma prova de fogo! Ela convocou sua magia. *Não acho que seja uma boa ideia que eu vá. O que acontecerá se a reunião é sobre minha presença aqui? O que acontece se eu estiver em perigo?*

Lançou um olhar ao poder acumulando-se ao redor dela. *Pode cuidar de si mesma. Apenas tente não machucar ninguém.*

Ha.

Sabe que matarei todos antes de deixar que toquem um fio de cabelo de sua cabeça.

Nas colinas sobre eles, os Vrekeners pararam suas rotinas diárias para olhá-la fixamente.

O que faria Sabine nesta situação? Sua irmã lançaria os ombros para trás e nunca permitiria que ninguém esquecesse que ela era uma filha nobre dos Sorceri. Lanthe não faria menos. Para aqueles que olhavam audazes, inclinou a cabeça com ar majestoso.

Claro, ela podia entender o interesse. Sua roupa deveria estar escandalizando-os, além de ter feitiçaria ao seu redor. Para não mencionar seu inestimável colar, único de sua espécie. Ela desafiava qualquer mulher a não suspirar em segredo por ele.

Todos os homens Vrekener usavam camisas cor bege clara e calça de couro. O vestido de cada mulher era sem graça e folgado, deixando ao descoberto apenas o rosto e as mãos. Suas asas estavam imobilizadas tão apertadas que alguém poderia pensar que os Vrekener tinham vergonha delas. Estas pessoas, absolutamente, pareciam que tinham sexo tranquilo e aborrecido.

Eram o contrário dos Sorceri.

Mas então, Thronos foi assim também, antes que ela houvesse lançado seu laço nele. Estes Vrekeners não tinham ideia de que o furacão Lanthe acabava de tocar a terra em Skye. *Os Vrekeners sempre são tão sombrios?* Se ela não soubesse, teria pensado que alguém enfeitiçou sua terra com miséria.

Para ser justa, ela esperava alaridos enquanto as mães empurravam seus filhos de volta para suas casas estranhas sem teto. Mas o povo estava tranquilo e imperturbável.

Sombrios.

Não é normal esta tensão. Estou ansioso para saber o que está acontecendo.

296

No momento em chegou à vista de seu povo, Thronos apertou a mandíbula e se esforçou para não mancar, o qual deveria estar o matando. Usou seus poderes na noite anterior; talvez ela pudesse tentar ajudá-lo com sua dor. Mas a eliminação da dor era algo que poderia ser imprudente. Enquanto se debatia entre os prós e os contra, percebeu o que faltava nesta imagem.

Onde estão os Sorceri?

Boa pergunta. Logo terei respostas para você.

Logo o grande Skye Hall ergueu-se sobre ela e Thronos. Na noite anterior o contemplou e se maravilhou ao estar tão perto da sede do poder Vrekener. Agora estava a ponto de entrar.

Sabine nunca acreditaria!

Enquanto Lanthe e Thronos subiam as escadas, as asas dele se ondulavam, como se estivesse se preparando para a batalha.

Entraram no que parecia ser uma espécie de antessala. A construção era impressionante, mas não pode ajustar tudo em sua mente ao redor desta sala. Sem um teto, parecia uma ruína ou um estádio. No entanto, parecia limpo.

Depois dali, ela e Thronos cruzaram através da porta dupla entrando em uma grande sala com uma mesa redonda. Quarenta homens, aproximadamente, estavam sentados ao redor da mesa em cadeiras com encostos. Chocante, era um festival de salsichas! Nem apenas um cavaleiro era mulher. *Ugh.*

Não havia um trono ou estrado. A disposição parecia um cenário, onde a realeza atuava como se apenas fossem pessoas normais e ninguém se elevava por cima dos demais (ainda que os membros da realeza fossem aqueles cujas cabeça rodariam se a merda acontecesse).

Todos os homens pareciam assombrados ao ver Melanthe.

— Minha esposa e princesa. — Thronos levantou a mão enluvada. — Melanthe da Sorceri Deie.

Ela levantou os olhos para ele e seu coração quase parou. Ele a olhava com aceitação absoluta. *Meu marido*. Quando sua magia brilhou por causa do prazer, vários olhares de falcão fixaram nela, mas nenhum deles disse uma palavra. Provavelmente supunham que apenas era uma magia remanescente depois que Thronos arrebatou seu poder.

Se fosse assim.... *psico!*

Os Vrekeners que se recuperaram mas rápido ficaram em pé como uma bala em sinal de respeito ao seu príncipe, pelo menos. Os que não se levantaram receberam um olhar assassino de Thronos até que o fizeram.

— Minha esposa e eu estamos ansiosos para ouvir as notícias do reino.

Quando todos os homens deram um passo fora da mesa e começaram a se ajoelhar, as cicatrizes de Thronos ficaram em um tom ainda mais claro e Lanthe teve uma sensação de mal estar na boca do estômago...

CINQUENTA

Meu irmão está morto.

Estes machos se ajoelhariam na frente de apenas um macho neste domínio ou de qualquer outro. Seu Rei.

Thronos disse uma palavra, — Aristo?

Jasen respondeu, — Ele morreu recentemente, meu soberano. Eu me desculpo por não ter dito mais cedo, mas não podia revelar quaisquer detalhes fora da assembleia. E há... muito a ser explicado.

Sinto muito, Thronos. Melanthe parecia tão chocada quanto ele se sentia.

Trabalhando para retomar seu tom, Thronos disse, — Acomodem-se. — Ele a levou até uma cadeira, tomando o lado dela. — Como ele morreu?

— Ele foi assassinado, — Jasen disse, — pelo Rei da demonarquia dos Seres Mortais.

Assassinado?

— Não há nenhum Rei dessa demonarquia, — Melanthe disse. — Sou amiga de Bettina, a princesa deles. Ela é metade Sorceri. Até algumas semanas atrás, era solteira.

Jasen disse a ela, — Nós entendemos que o macho que casou com a princesa deles seja um vampiro Daciano que a ganhou em um recente torneio.

Thronos lançou lhe um olhar interrogativo. *Dacians realmente existem? Pensei que fossem um mito.*

Sempre acreditei que eram. Thronos, *temo que estivemos fora por mais tempo do que pensamos.*

Também acho. — Em voz alta, ele perguntou aos outros, — Que razão este

Rei teve para assassinar outro?

— Há aqueles que dizem que o ato foi supostamente executado em retaliação por alguma percepção de violência feita para a noiva dele.

Thronos franziu o cenho para Jasen. — Percepção de violência? — Comparado à fala cheia de ginga de Melanthe, esta fala respeitosa rangia.

Com pesar em seu rosto, ela lhe disse, — Há alguns meses atrás, Bettina foi atacada por quatro Vrekeners. Embora ela fosse uma pária, uma jovem de quarenta e cinco quilos que nunca tinha prejudicado ninguém, eles quebraram todos os ossos de seu corpo. Então a encharcaram com álcool, para queimá-la viva. Ela foi salva na hora certa.

298

Ele recordou de Melanthe dizendo que ela e Sabine não foram as únicas brutalizadas.

Thronos esperou que os cavaleiros negassem. A qualquer segundo os machos guerreiros fielmente rejeitariam a ideia de que um Vrekener pudesse ser capaz de um ato tão covarde.

O silêncio que reinou deu calafrios em Thronos.

Todos os olhos se voltaram para Jasen continuar. Thronos supôs que o macho assumiu o papel de líder na ausência de um Rei, o que era surpreendente. Thronos teria esperado que Cadmus, seu general cavaleiro de guerra, liderasse. No entanto, Cadmus estava sentado silenciosamente, como se ganhando tempo.

Jasen disse, — O vampiro levou seu irmão e três de seus cavaleiros.

— De onde?

Ao redor da mesa, os olhares dispararam.

— Daqui. O macho riscou para Skye Hall.

Um sanguessuga localizou este reino. — Como isto é possível? Um vampiro pode apenas riscar para um lugar que tenha estado anteriormente. E o que dizer de nossos guardas?

— Não temos nenhuma ideia de como ele fez isto, ou se trará mais vampiros ou demônios para cá. Colocamos sentinelas extras.

Guardas escondidos. Então, alguém tinha visto Thronos na noite passada.

— Estamos prontos para tomar mais providências. Meu senhor, isto compreensivelmente enviou calafrios para a população.

Tudo o que Thronos queria fazer era casar com Lanthe e chegar a um entendimento com Aristo, ou empenhar-se. Agora...

Eu sou Rei. O último de sua linhagem.

Ele mal podia processar que seu irmão estava morto, e que o bem-estar de todo o seu povo repousava em seus ombros. — Por que o objetivo do vampiro era tão especificamente meu irmão?

Jasen disse, — Isto talvez... há uma chance que o Rei Aristo tenha sido um dos quatro que infligiram aqueles danos à Princesa Bettina, sem saber quem ela era.

O irmão dele poderia ter torturado uma feiticeira juvenzinha, com a intenção de queimá-la viva. A voz de Aristo soou em sua cabeça: “Morte até o último deles!”. Embora Thronos sentisse como se não tivesse ar suficiente, ele lutou para manter sua expressão neutra.

— Meu senhor, há mais. O vampiro roubou a foice de fogo de seu irmão.

— Esta é uma perda dolorosa, mas existem outras três. — E Thronos não pretendia que os cavaleiros usassem as foices para colher feitiçaria no futuro.

— O vampiro virou isto para Morgana. Ela perverteu seu propósito, usando-a para soltar os poderes do cofre. Ela recuperou todos.

— Ela esvaziou o cofre? — O que mais ela poderia fazer com uma foice?

Jasen assentiu. — Ela enviou alguns dos poderes para fora, para o éter, a fim de alcançar seus detentores originais. Sabemos disto porque alguns dos Sorceri daqui receberam os seus.

Melanthe perguntou, — Onde eles estão?

— Eles fugiram. Até onde podemos dizer, um deles recuperou sua capacidade de teletransporte. O resto partiu com ele.

Fugiram. Então eles eram tão miseráveis quanto Melanthe disse, escapando na primeira oportunidade.

Thronos olhou para ela. Você estava certa, sobre tudo.

* * *

Lanthe não necessariamente queria estar certa, agora que se inscreveu, para toda vida, sob as nuvens. Não estava satisfeita em ser Rainha dos Vrekeners.

Rainha de alguma outra facção? Claro, por que não!

Mas este povo?

Outro macho se levantou para falar, outro cavaleiro. Melanthe não gostou da aparência dele. Ele era pálido como cera, com cabelos e olhos claros. Ele tinha a constituição mais corpulentas entre os machos. Enquanto os outros Vrekeners lhe pareciam como um tipo de água correndo profundamente, este sujeito parecia bajulador, como alguns dos cortesãos Sorceri que ela conhecia.

— Meu soberano, quatro facções do Lore declararam guerra contra nós. Se contarmos a antiga declaração Sorceri, isso faz um total de cinco.

Apenas semanas atrás, Lanthe teria ficado animada com está situação. Agora

ela era parte do nós.

Até mesmo quando Thronos foi confrontado com estas notícias, seus ombros permaneciam enquadrados. E ela queria beijá-lo por isto. — Conte-me, Cadmus.

— Os Demônios da Ira, a Casa das Bruxas, os Dacians, e não inesperadamente, os Seres Mortais. — Apesar de transmitir notícias angustiantes, Cadmus soou quase emocionado.

Será que a guerra o transformou?

Os olhos de Thronos se estreitaram. — O que sabemos sobre estes inimigos?

300

— Não tanto quanto gostaríamos, meu soberano, — Jasen respondeu. Lanthé supôs que Vrekeners não eram tão ruins. Comparado à Cadmus, Jasen a atingia como um manancial razoável de razão. — Os Dacians vivem em um reino secreto, mas recentemente começaram a abrir comunicações com facções de fora. Seu recentemente Rei coroado é Lothaire, o Inimigo do Antigo.

Lothaire? Como um centavo ruim!

Thronos virou-se para ela. — Você o conhece.

— Conheço. Se pudermos entregar uma carta a ele, tentarei estabelecer um diálogo.

Thronos disse a ela, — Temos uma estação no solo, com mensageiros aguardando.

— Bom. Não sei por que ele declararia guerra. Isto parece aleatório.

Jasen respondeu, — O novo Rei dos Seres Mortais é um Dacian real. Acreditamos que Lothaire está apoiando seu parente.

— Esperava que os Demônios da Ira declarassem guerra, — Thronos disse.

Por minha causa. — Agora ficou claro porque os Seres Mortais e os Dacians o fizeram. Mas por que a Casa das Bruxas? Elas não estão de aliança com os Vertas? A Casa sempre manteve uma desconfortável trégua com o Vrekeners, não importa quão próximo sua facção estava relacionada às Sorceri.

Historicamente, bruxas e Sorceri não eram íntimas. Diferente de Lanthe e Carrow.

Cadmus deu de ombros. — Não sabemos por que elas nos chamam de inimigos.

Lanthe sabia. Ela apostava que Carrow sobreviveu à ilha e ainda estava tentando trazer Lanthe de volta. *Sabia que gostava daquela bruxa.*

Cadmus disse, — É minha recomendação que retaliemos contra o vampiro que roubou nosso reino, enviando Vrekeners que possam esmagar os Seres Mortais. Se os Dacians querem uma guerra, podemos dar-lhes um ajuste de contas.

Thronos entouu, — Você é rápido para querer guerra com um reino em fluxo.

O lábio de Cadmus afinou. — O Rei Aristo não recebeu nenhum rito de morte, porque o vampiro deu a cabeça de seu irmão de presente para a princesa naquele doentio torneio demônio,

— ele disse, novamente parecendo apreciar entregar as terríveis notícias.

Lanthe apertou a mão de Thronos. Ele deveria estar enlouquecendo por dentro, mas pareceu destemido.

Virando-se para Cadmus, ela disse, — Você quer esmagar os Seres Mortais? Aqueles demônios armazenam forças de cada morte que fizeram. Em outras palavras, eles conseguem mais poderes com a guerra que se arrasta. Além disso, o reino deles está especificamente guerreando contra os Vrekeners. Quanto aos Dacians, eles são bastante supervampiros, com poderes sobrenaturais e astúcia. Só Lothaire tem milênios de idade. — E imortais ficavam ainda mais fortes com a idade.

— Os Sorceri procuraram guerrear conosco, — Cadmus disse, endereçando-se a Thronos como se Lanthe não tivesse falado. — No entanto, agora temos um deles como Rainha? Como podemos ter certeza de onde está sua lealdade?

Oh, começou. — Minha lealdade está com Thronos, — Lanthe declarou. — Farei tudo dentro de meu alcance para protegê-lo e aos seus interesses. *A propósito, Cadmus é um idiota.*

Estamos de acordo.

— Então a feiticeira fala agora.

Uma luz azul começou a girar ao redor dela quando Thronos retrucou, — Sua Rainha falou, e você não duvidará dela.

Cadmus sufocou uma suspiro. — Isto não é feitiçaria residual fluindo dela. Você a deixou com poderes? — Outros pareceram atordoados com isto também. — Quando sentirei a feitiçaria dela compelindo-me contra minha vontade?

Sobre o que essa ferramenta estava falando? *Quando foi que ele sentiu minha feitiçaria?*

Ele estava comigo na Louisiana, quando a emboscamos no ano passado. Jasen também.

Ops.

Cadmus bateu seu punho na mesa. — Ela deve ser desautorizada a caminhar livremente em nosso reino. É a lei!

Em uma voz estranhamente tranquila, Thronos disse, — Obviamente acabei de mudar esta lei, General Cadmus. Entre no ritmo.

Quando Cadmus pareceu que estava prestes a sair, Jasen apressadamente disse, — Nós sobrecarregamos nossos regentes com muitas más notícias. —

Ele virou-se para eles. — Seus novos aposentos no Hall estão preparados.

Thronos hesitou, então ela disse , *Cadmus resolverá o que está acontecendo com ele. Mas agora, Thronos, nosso exército de dois precisa se agrupar fora do campo de batalha.*

Com um ar majestoso, ele ergueu-se. — Tenho muito no que pensar. Vamos nos reunir mais tarde.

Enquanto ela e Thronos se encaminhavam para fora da sala da assembleia, novamente de mãos dadas, os cavaleiros se enfileiraram no corredor, erguendo suas asas acima deles como um arco de espadas. Até Cadmus.

Ela poderia apreciar as asas de Thronos; não significava que toleraria qualquer outra.

Calma, Lanthe.

Ela segurou a respiração até que saiu de debaixo daquelas labaredas dentadas e garras cintilantes...

302

A residência real adjacente era construída sobre uma saliência mais alta na rocha, uma grande escadaria conduzia à ela. Do lado de dentro, havia mais quartos sem teto e eram maiores, mas o espaço ainda estava bastante vazio.

Quando Thronos mostrou-lhe os arredores, seus pensamentos obviamente preocupados, ela removeu suas luvas, acalmando-se. *Lar doce lar.*

Ele a escoltou até uma sacada, parando exatamente perto disto. — Desta altura, você pode ver a distância toda até a extremidade da ilha. Não quero que você tenha medo.

— Não tenho medo enquanto você estiver ao redor. — Sem risco de soar piegas... Manter o medo de altura era difícil quando ela sabia que ele sempre a pegaria.

Ele a levou até a grade, então colocou um braço protetor ao redor dos ombros

dela.

Ao longe, o céu incrivelmente azul era pontilhado com outras ilhas, cada uma com sua própria cidade. Abaixo deles, pairava um temporal e raios relampejavam.

A visão era notável, mas ela e Thronos tinham trabalho a fazer. Ela virou-se para inspecionar o rosto dele. — Fiquei orgulhosa de você lá dentro.

— Por que razão possivelmente estaria orgulhosa? — Ele a levou de volta para dentro, rumo à área de estar.

— Apesar de ter sido repetidamente chutado no saco, você não deixou transparecer.

— Obrigado?

— A percepção é importante. Quando o governo de Omort desintegrou, foi porque ninguém acreditou mais nele. Seus poderes ainda estavam intactos, divinos até, mas ele perdeu seus seguidores por seu comportamento, sua falta de liderança. Não posso acreditar que direi isto a você, mas... estes Vrekeners precisam de um Rei forte neste momento. Eles precisam de você.

Ele soltou um suspiro. — Nunca quis ser Rei.

— Sempre sonhei em ser uma Rainha Vrekener.

Ele ergueu uma sobrancelha. — E que tal agora, posso parecer como se estivesse sendo chutado no saco repetidamente?

— Quando comigo, claro.

Ele afundou em uma cadeira, esfregando a perna inchada. Então seu honrado Vrekener murmurou, — Porra.

Ela puxou uma cadeira para o lado dele, inclinando-se. — Nós vamos passar por isto.

— Você estava certa desde o princípio. As coisas não são como eu as

imaginei. Tinha esta ideia de preto e branco, e agora estou mergulhado em cinza.

303

— Lamento que tenha perdido seu irmão, — o melhor que ela podia dizer, — mas você será um grande Rei.

— Não posso acreditar que Aristo se foi. Sei que ele fez coisas ruins, que a machucou, mas ainda estou em conflito. Exatamente quando adiciono um membro em minha família, perco outro.

— Ele beliscou a ponte do nariz. — Foi ele que fez aquelas coisas com a Rainha Bettina?

— Ela me disse que achou que o grupo agiu com impunidade, como se estivessem fora do comando normal dos Vrekeners. Quem além de Aristo ousaria tal coisa?

— Você acredita que ele seria capaz de tal ato?

— Se você o visse como minha irmã e eu o víamos...

Thronos fechou os olhos. — Cadmus falou a verdade sobre o destino final de meu irmão?

Ela hesitou, então disse, — É provável. Os Seres Mortais são uma raça guerreira. Se o vampiro estava tentando impressioná-los, esta seria a única maneira. Mais, provavelmente ele estava desabafando alguma séria raiva. A jovem noiva do vampiro foi... destroçada.

Thronos abriu os olhos. — Como Aristo se tornou assim? Seu irmão estava destinado a se tornar mal, mas meu parecer é que se precipitou em direção a isto.

Ela não tinha nenhuma resposta para ele. Ele não parecia esperar por uma.

Ele fez sinal para que viesse até ele; ela entrou alegremente em seus braços, sentando-se em seu colo. — Sou o último de minha linhagem, Melanthe.

— Depois de ontem à noite, há uma chance, muito reduzida, mas ainda assim uma chance, de que você não seja. — O relógio biológico exausto de Lanthe deu um suspiro de esperança.

Thronos encarou-a com o olhar prateado desaparecendo. Como ele a amava. Então disse,

— Como vou corrigir tudo o que meu irmão quebrou?

— Nós conseguiremos isto. Minha irmã é muito amiga de Bettina. Podemos oferecer uma oferta de paz para os Seres Mortais. Você poderia ter que se desculpar em nome de seu irmão.

— Isso não será um problema. Estou ansioso por isto.

— Normalmente, não é fácil conseguir conversar com ela. Ela tornou-se um tipo um tanto fechada depois de seu ataque. Se você até mesmo pronunciar a palavra Vrekener, ela foge, soluçando e se tranca.

— Meus deuses.

— Mas há uma lado positivo. Bettina não é apenas uma fanática por ouro como eu, ela é uma ourives. Faria quase qualquer coisa por isto. — Lanthe levantou o medalhão basilisco. —

Então ofereceremos isto como um presente para celebrar a paz entre nossas facções.

Dependendo de quanta influência ela tem sobre o novo Rei, isto pode ser uma entrada.

304

— Você me disse mais cedo que o colar é o seu favorito. Desistiria de seu mais precioso ouro pelos Vrekeners? Por este reino?

Ela fez um som de escárnio. — Nem em um milhão de anos. Mas desistiria por você.

Porque é isso que faremos, para salvamos o rabo um do outro. — Ela deixou que isto afundasse.

— Então neutralizando os Seres Mortais, estaremos cuidando dos Dacians também. Quanto à Casa das Bruxas, acho que isto estará tudo com Carrow. As boas notícias são que ela sobreviveu à ilha.

As notícias ruins são que a última coisa que viu sobre nós não foi... ideal. — Quando Thronos tinha arrastado Lanthe pelo túnel, enquanto ela xingava e amaldiçoava.

Thronos estremeceu com a memória. — Lanthe, eu...

— Olhe, o que pode fazer por mim é morder sua língua quando se encontrar com minha irmã. No momento, não podemos nos preocupar sobre qualquer outra coisa que não seja tirar este reino fora da mira. Escreverei para Carrow e lhe explicarei que estou com você voluntariamente. O mesmo com os Demônios da Ira. A única razão de Rydstrom declarar guerra é por que ele não sabe que estou em Skye Hall por minha própria vontade. — Ela franziu o cenho. —

Realmente acabei de dizer isto?

— Então você será minha Rainha embaixadora? — Thronos colocou o dedo debaixo do queixo dela. — Não quero que você tenha que lutar minhas batalhas.

Ela nivelou seu olhar com o dele — Somos companheiros. Seremos co-governantes desta junção, e uniremos nossas forças. Sou muito boa em coisas como esta. Nix disse que eu iria brilhar neste reino. Então apenas deixe a feiticeira fazer o que ela sabe.

Ele soltou um longo suspiro. — Então estou encorajado. E grato com minha co-regente.

— Mas há uma facção que não posso garantir. A minha. Se Morgana drenou os poderes do cofre, ela já fez sua escolha. Ela já era uma força no Lore antes, então posso apenas imaginar o quão perigosa ela se tornou.

No passado, era impossível argumentar com Morgana. Seu ego era tão colossal, que sobrepujava até mesmo o de Sabine. E agora que Dorada, a adversária de Morgana, se elevou, quem saberia como a Rainha reagiria sobre qualquer coisa?

— Posso estender um ramo de oliva, — Lanthe disse, — deixando-a saber que Skye Hall está sob novo gerenciamento, e que cinquenta por cento dos membros da realeza daqui, são Sorceri. Mas não posso fazer nenhuma promessa. Ela é tão previsível quanto Emberine. Thronos, ela pode derrubar todos aqui com um estalo de seus dedos.

— Assumindo que ela possa nos achar.

— Se o vampiro violou estes guardas, o que o impedirá de mostrar à Morgana como fazer o mesmo? Já sabemos que os dois estavam trabalhando juntos até certo ponto, desde que ele deu a ela a foice de fogo. Morgana não parará até que o vampiro lhe conte tudo.

— Ela estará tão determinada a nos alcançar?

305

— Não quero amontoar más notícias sobre más notícias, mas Bettina é sua afilhada. Uma das poucas pessoas existentes com quem Morgana se importa. Agora que Bettina se casou com um vampiro Daciano real, não vejo como seu irmão poderia ter alvejado uma vítima pior. — Aristo fodeu tudo, regiamente.

— Que tal sua presença aqui? Isto não influenciará sua Rainha?

— Estou certa de que ela pensa que fui sequestrada e lobotomizada. Mesmo que eu a convença que estou aqui por escolha, sou apenas um entre seus muitos assuntos. Ela e Sabine têm um tipo de laço, mas Morgana não renunciaria a nenhum de seus planos por Sabine, e definitivamente não por mim.

— Talvez se eu compensar Bettina, diminuiria a hostilidade de Morgana?

Lanthe balançou a cabeça. — Enfurece Morgana que este lugar esteja escondido, que ela seja incapaz de retaliar por todos os danos feito à seus súditos. Ela adoraria despedaçar todos os guardas aqui completamente, deixando os Territórios indefesos. Imagine se ela alistar Portia e Emberine. Estas ilhas são feitas de pedra. Portia poderia enviá-las como carrinhos de choque.

Emberine está, literalmente, lotada de poderes de fogo, de dúzias de demônios de fogo. Ela ficaria à espera para queimar qualquer um que pensasse em escapar pelo ar.

Com cada palavra de Lanthe, Thronos ficava mais tenso. Ela odiava isto, mas não iria adoçar o problema.

Ou esconder a magnitude disto.

— Existem outros Sorceri com poderes tão catastróficos, — ela disse. — Morgana nem mesmo tem que levá-los a renunciar, ela pode simplesmente controlá-los. É isto que seu poder de feiticeira lhe fornece: a habilidade de controlar os “outros” poderes.

— Se eles atacassem desta maneira, os humanos poderiam nos descobrir, — ele ressaltou.

— Alguns Loreans não se importariam.

— O que você sugere?

— A feiticeira em mim está se perguntando como todos estes Vrekeners podem ter ficado deficientes tão depressa.

— Não entendo, — ele disse, a ideia de fugir era completamente estranha para um guerreiro como ele.

— Você tem um plano de evacuação em vigor? Todas, até mesmo a espécie mais forte, necessita de uma contingência, um plano B, um buraco de coelho.

— Uma dura realidade que ela aprendeu fugindo dos Vrekeners. *O destino é misterioso.* — Há algum lugar onde estas pessoas possam ir?

— Quando os Territórios residiam sobre o Canadá, havia uma floresta distante que nós visitávamos para caçar. Um banco de névoa permanente encobre os topos das árvores, então alguns construíram cabanas na névoa. É um posto avançado de espécies.

— Perfeito. Talvez nós possamos liderar deste jeito? Oh, e você e seus companheiros podem inventar um alarme de segurança de espécies? Como um sistema de advertência que cercaria todas as ilhas?

— Entendo.

— Certo. — Ela ergueu-se, estalando suas juntas. — Temos que resolver esta merda.

Preciso de caneta e papel.

— Pergaminho e pena?

— Como eu sabia que você ia dizer isso?

CINQUENTA E UM

SPLAT.

— Ugh! — Outra mancha de tinta em um documento oficial da Rainha Vrekener. Lanthe baixou a pena e examinou seus dedos manchados. Parecia que tinha feito pintura com os dedos.

Ossos do ofício, ela pensou, agora que era praticamente a redatora das cartas reais. Pelos últimos cinco dias, sua pena (por que era mesmo uma pena) tinha sido a sua espada.

Lanthe não estava dizendo que cometeria assassinato por uma caneta Bic, mas também não estava dizendo que não cometeria.

A sua primeira carta tinha sido para Sabine. Nela, ela jurou pelo ouro que as coisas estavam bem e que estava feliz por ter casado com Thronos. Escreveu que agora era uma Rainha e incluía um apelo para conseguir que Morgana conversasse com ela.

Lanthe sabia que existia um risco ao dizer que adorava estar ali, todo o mundo pensaria que tinha sofrido uma lavagem cerebral, assim tentou escrever da sua forma habitual para não levantar suspeitas.

Ela fez com que aquela carta fosse entregue imediatamente. Então, começou a contatar todas as facções que declararam guerra à eles.

Para Carrow, explicou que Thronos acabou por ser uma surpresa maravilhosa...

Como Malkom Slaine acabou por ser para você, se não estou enganada? Lembra como todo o mundo na cela da prisão não acreditou que tinha casado com ele, mas você se recusou a negar isso? Apesar de ninguém acreditar que casei de livre e espontânea vontade com Thronos, preciso que você acredite. Então, algumas coisas, Crow: Diga oi para Ruby, e por favor consiga que as bruxas nos deixem em paz.

Para Bettina, ela escreveu:

O velho Rei Vrekener era um demônio maligno que teve o que merecia. Parabéns para o seu novo marido vampiro por um assassinato bem planejado e pela vitória do torneio.

Lanthe também escreveu que o novo Rei Vrekener gostaria de pessoalmente consertar as coisas com Bettina dando-lhe de presente o inestimável ouro de dragão.

Em sua carta para Lothaire, Lanthe se apresentou de novo, então escreveu que o céu estava debaixo de novo gerenciamento. Os Vrekeners só queriam a paz com os Dacians, então as duas facções poderiam alcançar um acordo? Ela esperava que esta missiva chegasse ao Inimigo do Antigo. Os detalhes dos contatos para o recentemente revelado reino de Dacia eram escassos.

Mas Thronos tinha um cavaleiro de confiança que ainda não tinha falhado uma entrega.

Ela também escreveu para Nix:

308

Da janela do quarto de Nereus (não pergunte), vi Furie presa debaixo do oceano. Ela está viva e está, como é de se esperar nesta situação, isto é, muito mal. Eu assumo que você e as Valquírias vão trazer a dor para Sargasoe em breve?

P.S. Nós certamente podíamos ter um pouco do poder de ver o futuro aqui em Skye.

Com todas aquelas cartas escritas, Lanthe se debateu com a necessidade de dar uma explicação mais longa para a sua irmã. Ela começou, e acabou por rasgar, mais de uma dúzia delas.

Ela não conseguia decidir quanto deveria revelar do seu passado com Thronos.

Uma coisa era dizer no rosto da sua irmã mais velha “Bem, eu a enganei

durante séculos”.

Outra coisa bem diferente era escrever isso.

Como explicar o que Thronos passou a significar para ela?

Ontem, decidiu começar pelo início, pelo dia em que ela o conheceu. Agora, era o fim da tarde e ela apenas tinha chegado à parte, muito editada e revisada, da febre falsa. Ela deu a si mesma o prazo para escrever esta carta de apenas mais um dia.

Ela olhou por cima da sua escrivaninha, esquadrinhando o céu por Thronos. Ele logo estaria em casa para leva-la ao bastião para jantar.

Ele estava se encontrando com seus cavaleiros, incansavelmente planejando as suas defesas e implementando o seu novo plano de evacuação. Ontem organizaram a primeira simulação de ataque. Houve alguns problemas e então hoje eles pretendiam “calibrar” as coisas.

O corpo dele estava tão dolorido que ele mal podia esconder a agonia na frente dos outros.

A tensão de chefiar um reino que estava à beira da guerra estava piorando as coisas. Ele estava exausto de todos os seus deveres, exausto da sua dor conflituosa.

Em Pandemonia, ele lhe disse que quando percebeu que o seu pai matou os pais dela, ele olhou para o homem e viu um estranho. Ele sentia o mesmo em relação ao seu irmão.

Ela ouviu, o agora familiar, barulho das asas de Thronos. Quando ela estava com ele e podiam esquecer o mundo, a vida podia ser sublime. Quando ela não estava com ele... nem tanto.

Incapaz de esconder o seu habitual estremecimento de excitação, saltou por cima da escrivaninha.

— Você está em casa.

Ele agarrou-lhe a mão. Sem uma palavra, foi diretamente para o quarto caindo de rosto sobre a cama, o seu grande corpo igual a uma árvore caindo.

— O seu dia foi assim tão bom, huh? — Ela subiu sobre a cama, arrancando a saia. — Abra suas asas.— Quando ele as separou, ela se escarranchou no fim das suas costas.

Ele girou o seu rosto para o lado. — Eu tive mais divertimento com a peste. — Claramente, agora não estava com humor para ir jantar com os outros.

Oh, caramba. Eles teriam que faltar ao jantar que havia na horrenda sala de jantar? Não era um problema. Ela tinha armazenado fruta, pães surpreendentemente gostosos e queijos divinos, para uma ocasião como esta.

309

Quando ela começou a massagear os músculos dele, ele deu um gemido profundo. — Você é uma enviada dos deuses, cordeirinho.

— Eu sei, — ela disse enquanto sujava de tinta toda a parte de trás da camisa dele. *Oops.*

— Hmm, como correu a calibragem?

— O alarme funciona. Infelizmente, o único lugar para ativá-lo é no Hall. Toda a ilha precisa desta habilidade de soar o alarme.

— E terá. — Ela apertou os dedos polegares em círculos sobre os músculos cansados dele.

— Me diga que o seu dia foi melhor que o meu.

— O meu foi ok. — Lanthe achou engraçado estar tendo uma conversa “Como foi o seu dia, querido?” com ele. Como se fossem um casal há muito tempo casado.

Mas os dois começaram a entrar no ritmo. Toda a noite depois de jantar, eles se agarravam, apesar de ele conseguir aparecer algumas vezes ao longo do dia. Durante aqueles encontros diurnos, ele a tomou de forma dura contra a

parede ou sobre sua escrivaninha, com a sua mão sobre a boca dela para abafar os seus gemidos desesperados. Ele afundava as suas presas no antebraço para abafar os seus gemidos.

Toda a vez que ele a fazia gozar, ficava mais sexualmente confiante. Mais convencido.

O que era quente como inferno.

Se ele gozasse antes dela, ficava em seus joelhos e usava a boca para levá-la ao limite. A primeira vez que ele fez isto, ela disse, “Oh! Ohhh...”, e se sentiu obrigada a dizer algo antes de ele saborear o seu próprio sêmen.

Ele respondeu, “É inevitável. Ao longo de todo dia e noite, eu encherei a sua abertura e a beijarei sempre que tiver oportunidade. Além disso, sou misturado à você, nunca me negue isso.”

Mau, pervertido Vrekener.

Uma vez que a necessidade deles estava saciada, liam juntos a correspondência. Ele sempre queria a opinião dela sobre as coisas. Mais de uma vez ele disse, “Quando você disse que queria co-decidir, levei isso muito a sério. Me diga o que pensa...”

Agora ele lhe perguntou, — Você já foi buscar suas novas roupas?

— Já! — Em seu segundo dia aqui, ela percebeu que precisava de muitos novos artigos de vestuário, e que deviam ser fabulosos uma vez que era uma Rainha e tudo isso. Ainda que seus assuntos fossem superficiais.

Depois de dar projetos para artigos de vestuário de metal para a serralheria, ela entrou em um grupo de costura com instruções para vestidos tomara-que-caia. Lanthe achou que dividiria a diferença de bainha com Thronos, mini, ao invés de “micromini”.

310

— Como as fêmeas trataram você desta vez? — Ele perguntou. — Não se, hmm, portaram mal?

Não houve nenhuma reação negativa do círculo de costura, por agora todo o mundo já sabia que a sua Rainha feiticeira podia jogar um feitiço neles, mas Lanthe foi confrontada com algumas atitudes arrogantes.

Depois que ela enfrentou fêmeas no tribunal de Omort e derrotou uma feiticeira como Hettiah, aquelas Vrekeners tinham sido fáceis de lidar — Não, eu tratei delas. — Lembrando uma das declarações favoritas de Sabine “Se alguém me mostra medo, está me mostrando respeito”, Lanthe acabou com as atitudes arrogantes.

Em outras palavras, suas roupas tinham sido feitas muito rapidamente! Os vestidos eram brancos claros, mas os vestia com um colar....

Nada mal.

Claro, o seu vestido atual era branco, e com tinta. — Alguma novidade sobre Aristo? —

Todos os dias, mais Vrekeners achavam a coragem para divulgar histórias de horror sobre o Rei anterior e os seus três cavaleiros de confiança. Aqueles quatro tinham sido uma praga no Lore, atrás de um manto de justiça.

— É tudo como você me advertiu.

Como Rei de pessoas que acreditavam em castidade até o casamento, total sobriedade, e franqueza em todas as instâncias, Aristo mantinha vários ninhos de amor, bebia muito, e mentia sobre seu comportamento.

Ela pensou que se sentiria vingada quando Thronos compreendesse estas coisas. Ao invés, ela se sentiu machucada por ele. Ele tinha vergonha de seus parentes de sangue, sentindo-se responsável.

— As coisas só podem melhorar, certo? — Ele perguntou.

— Falando disso, consegui hoje uma resposta de Bettina. — A Rainha dos Seres Mortais reportou progresso com a sua fobia Vrekener, mas ela ainda está pouco entusiasmada em se encontrar com um.

Isso não parou Bettina de inquirir sobre o ouro de dragão. — Ela solicitou uma descrição detalhada do medalhão com uma estimativa do peso e uma fotografia, se possível. Então, acho que a temos interessada em nós. Vai, paz!

Apesar dos olhos dele permanecerem fechados, os lábios se curvaram. Então, ele os abriu.

— Eu lamento que tenha que desistir de seu tesouro.

Pelo menos ela ainda teria as suas preciosas chaves de ouro.

— Assim que as coisas se estabilizarem aqui, — ele continuou, — substituirei o medalhão por algo muito maior.

311

Outra Rainha poderia ter dito, “Oh, você não tem que fazer isto, meu monarca agradável, fico satisfeita só de ajudar sempre que posso.”.

Mas Lanthé? Ela disse, — Certo! E ele tem que ser além do anel que você já me prometeu.

— Ela levou as mãos para as extremidades dos ombros largos dele, massageando-os, fazendo as asas estremecerem de prazer.

— Anotado, — ele disse de forma sarcástica. — E sua carta para Sabine? Até onde você conseguiu chegar?

— Só até a febre. Eu posso ter gasto um pouco de tempo descrevendo o templo de ouro.

Em todo caso, quero que o Leitor de Palavras a veja antes de enviar. — Ela se curvou para baixo e deu um beijo no pescoço dele. — A nossa história é bastante épica.

Mas ela tinha um capítulo que queria adicionar: A parte de “O fim da dor eterna de Thronos”. Ela não podia mudar o passado, não podia magicamente transformar as circunstâncias atuais deles, mas poderia fazer as velhas lesões dele melhorarem?

Ela hesitou em usar o seu poder nele; acabar com a dor era um risco enorme. Por exemplo, em combate ele poderia precisar de dor para reconhecer o quão ruim um dano era, ou lhe lembrar da perda de sangue para poder ajustar suas táticas para seu estado debilitado.

Lanthe teria de curá-lo completamente. Apesar de ter se tornado uma perita nisto quando menina, ela não precisou usar aqueles comandos por muito tempo.

E mais, naquela época, Sabine não tinha sido congelada em sua imortalidade; ela tem estado mais... maleável.

Com Thronos, Lanthe precisaria tomar seu tempo. Um paciente cooperante seria o ideal.

A sua feitiçaria aquecia o ar quando sussurrou na orelha dele, — Durma, Thronos. — Ele desmaiou logo, o seu corpo caído negligentemente na cama.

Ela se levantou para remover as botas dele, inspecionando a perna direita mais embaixo.

Os músculos do tornozelo estavam muito contorcidos, como se ele os tivesse torcido em um grau sobrenatural. Até com o seu corpo em repouso, os tendões estavam firmemente enrolados, puxando o pé para dentro.

A sua panturrilha estava igualmente ruim. Ela sondou os músculos, muito enrolados, com os seus dedos.

Cura total? Ela estalou as suas juntas. Pelo menos, tinha de tentar.

Feitiçaria azul começou a aparecer na tinta em suas mãos, as suas palmas das mãos sujas enquanto as passava por cima da sua carne. — Cure, — ela ordenou enquanto o massageava.

Calor saía de suas mãos, vazando nele. Ela podia ver correntes dele em baixo da sua pele, redemoinhos azuis. — Cure!

Embaixo das pontas dos seus dedos, ela sentiu um estremecimento bem minúsculo.

Alguma tensão saiu?

Massagem. Feitiçaria. Massagem. — CURE.

Os músculos começaram... a relaxar! O pé estava retornando à uma posição normal de descanso!

Com um risada de alegria, ela se virou para a asa esquerda. Pegou a articulação nodosa, repetindo o processo. — Cure.

Em um instante, a asa ondeou, como uma pista de corridas. Com um estalo, as partes inclinadas de Thronos se reajustaram em seu natural alinhamento.

Ela amorosamente passou as pontas dos dedos por cima daquela balança metálica. Depois de repetir o mesmo tratamento na asa direita, ela inspecionou o resto do grande corpo dele.

Se ela conhecia bem o seu Vrekener, apostava que ele tinha outras dores que nunca mencionara. Então, lhe deu uma massagem de corpo inteiro com feitiçaria.

Porque ele era um imortal modificado, não sabia se estas mudanças pegariam. A maioria das alterações em imortais, como uma tatuagem, desapareceriam dentro de um dia ou dois. Mas como a sua feitiçaria estava fluindo, ela podia fazer isto todos os dias.

Tempo de descobrir como o seu paciente estava...

* * *

Thronos despertou de um profundo e reparador sono...

Ele ficou em seus pés, franzindo o cenho para Melanthe. — Porra, mulher, por que você me derrubou?

Espere. Tendo saltado fora da cama sem qualquer cuidado, ao invés de seu

habitual levantamento gradual, ele deveria estar sentindo um coro de angústia que começaria em seus pés, se atiraria por suas pernas e torso, apunhalando as costas e pescoço, antes de subir por suas asas.

Onde está a dor?

Ele olhou com uma carranca para os seus pés; eles se alinhavam perfeitamente. Uma visão que ele não via há muito tempo.

— Você estava dizendo? — Ela disse da cama, polindo as unhas.

Ele desfraldou as asas, gemendo com alívio. Prendendo a respiração, ele tentou segura-las...

Elas se abriram e se juntaram, da maneira que era suposto fazerem. — Como? Como isto é possível?

— Massagem de Feitiçaria da Lanthe. Aleluia.

313

— Não sei o que aleluia quer dizer, — ele disse com um sorriso. — Você consertou a minha dor?

O seu próprio sorriso enfraqueceu. Em uma voz cheia de tristeza, ela disse, — Era o que deveria fazer, uma vez que fui eu quem dei isso para você.

E então ela a levou embora. Em nenhuma ideia que teve, ele sequer ousou pressentir isto.

— Seus poderes estão crescendo, cordeirinho.

Ele não sentiu nenhuma dor. Ela estava regenerando as suas habilidades. Eles estavam ambos se curando dos ferimentos do passado. Ele não permitiria nenhuma tristeza nesta noite.

O Sorceri estava certo: Insistir no passado feria o presente.

— Thronos, não sei se isto é permanente. Mas posso fazer isto todo dia se

precisar. — Ela não chegou a terminar porque ele já a levava em seus braços, e no ar.

— Você está de acordo com isto? — Ele perguntou.

— Estou. — Ela descansou a cabeça em seu tórax, suas tranças dançando em cima dele. —

Eu confio em você.

Ele bateu as asas tão forte quanto podia, levando-os longe de Hall, das preocupações, das responsabilidades. Debaixo das estrelas, ele não podia conter uma risada. — Eu não sinto nenhuma dor!

— Poderá durar só um dia.

— Então, terá que me fazer uma massagem diariamente? — Suas mãos por toda parte dele? Só por isso, ele ficou duro para ela. — Sorte minha. Mas devo estar acordado da próxima vez. E preferiria estar em minhas costas, feiticeira.

Os seus olhos reluziram enquanto a mão dela mergulhou. Ela separou os lábios quando o achou completamente duro. — Me leva para casa.

— Não há nenhum tempo como o presente. — Ele a ajustou para a posição de Pandemonia, com as pernas dela ao redor de sua cintura e os seus braços apertados com firmeza ao redor ela.

— No ar? — Os olhos dela alargaram com excitação. — Meu estranho, perverso Vrekener. Eu amo isto!

CINQUENTA E DOIS

Thronos apenas ouvia enquanto Jasen e Cadmus discutiam sobre mais medidas de segurança. Um grupo de cavaleiros se reuniu em uma das ilhas ultra periféricas, avaliando fraquezas e discutindo sobre as defesas.

Thronos e Melanthe estavam ali apenas uma semana, mas o reino já estava mais seguro.

Ele e os cavaleiros haviam implementado um alarme com êxito. Com o tempo, instalariam uma alavanca de emergência em cada ilha. Por agora, sentinelas Vrekener patrulhavam o perímetro de todo o reino.

Como plano B, Thronos havia ordenado que os Territórios comessem sua inexorável viagem para o Posto avançado Vrekener no bosque. Depois de dias sobre o oceano, passaram a ponta da Groelândia e estavam agora cruzando um golfo invernal longe no noroeste da América do Norte.

À princípio, a ideia de um sistema de evacuação, e uma mudança não programada, caiu muito mal para a assembleia. Pelo menos até que Thronos descreveu parte do poder dos Sorceri que presenciou na Ilha da Ordem.

Jasen concordou com Thronos em que os Vrekeners podiam não ter suficientes medidas à sua disposição.

Cadmus acreditava que seu Rei estava desvalorizando demais o poder de seus guerreiros, porque Cadmus nunca conheceu um ser como Portia e nunca poderia entender do que era capaz até que visse com seus próprios olhos.

Por um lado, Thronos teve que convencer os demais o quão malévolo podiam ser alguns Sorceri. Por outro lado, queria que respeitassem sua Rainha e trabalhassem incessantemente para facilitar o caminho entre seu povo. Foi rápido ao contar à assembleia a participação de Melanthe no assassinato de Omort. Falou de todo seu trabalho para neutralizar as ameaças das outras facções.

A Casa das Bruxas declarou paz. Uma vez que Bettina dos Seres Mortais recebeu a descrição de Melanthe do medalhão de ouro vermelho, ela concordou prontamente em manter conversas futuras.

O governante Dacian, Lothaire, respondeu com uma carta escrita em sangue: *Os Vrekeners existem de verdade?*

L, O Rei.

Era uma piada? Thronos decidiu que era um bom sinal.

Quanto aos Demônios da Ira, Rydstrom escreveu uma mensagem pessoal à Thronos que ainda o tinha apertando os dentes.

315

Thronos,

Está fodendo poderosamente, filho.

Minha Rainha e eu recebemos a carta de Melanthe e com base na sua história com ela, não pudemos encontrar verdade alguma na mesma.

Apenas os deuses sabem o que está fazendo com minha cunhada aí. Solte-a antes que passe uma semana ou se encontrará em guerra com todo meu vasto reino.

Como sei que Lanthe é sua companheira, também sei que nunca a soltará, apesar de minhas ameaças. Se alguém houvesse tentando me forçar a renunciar à Sabine, teria rido em sua cara.

A única maneira de evitar que ambos entremos em um sangrento conflito é se Lanthe convencer a irmã de que ela está com você por sua própria e livre vontade.

Sua melhor aposta é fazer sua companheira tão delirantemente feliz que ela possa escrever uma brilhante e, crível, carta. Se está disposto a tentar, então aceite meu conselho, porque estive justo onde você está.

Não tem que entender os modos Sorceri, apenas tem que aceitá-los. Permita que ela seja como precisa ser.

Sabine, falou-me de sua animosidade por todos os Sorceri assim que, por desgracia, não tenho grandes esperanças de que possa conter Lanthe. Estou pronto para a guerra. Recomendo que esteja também.

Vrekener, machuque minha cunhada de alguma forma e te encontrarei no campo de batalha.

O último que verá será a mim rindo enquanto arranco sua cabeça com minhas próprias mãos.

R.

Claro que Thronos mostrou a carta à Melanthe, que a leu com os olhos muito abertos. —

Assim que minha primeira carta foi um fracasso tipo Patty Hearst¹¹?

Ele não tinha ideia do que isso significava. — Explique isso. — Ele disse. — Quer se reunir com sua irmã?

— Tenho medo de que use sua magia para me afastar de você. Ou de que Rydstrom te ataque. Me deixe tentar mais uma vez. — Ela mordeu o lábio. — Vai escrever uma resposta?

Thronos pensou muito no assunto. Enquanto via Melanthe dormir na noite anterior, escreveu uma resposta, enviando-a de manhã...

11 Neta do magnata das comunicações William Randolph Hearst, tornou-se famosa em 1974, quando foi sequestrada por membros do Exército Simbionês de Libertação. Sofreu lavagem cerebral e passou a adotar o nome de Tania, juntando-se aos sequestradores em um assalto à banco. Sua atitude é explicada pela Síndrome de Estocolmo, quando a vítima sente simpatia pelo algoz. Ela foi presa e cumpriu parte da pena, até receber um indulto do presidente Jimmy Carter.

O trabalho de Lanthe mitigou o perigo das três fontes formidáveis e a maioria da assembleia agradeceu. Mas Cadmus e seu contingente continuavam com desconfiança para com sua Rainha e descontentes porque Thronos a deixou com seus poderes.

Podia entender suas dúvidas, porque ele mesmo teve que lutar inicialmente contra elas.

Teve que passar pelo inferno antes de apreciar Melanthe.

A dor confessou tudo.

Em Pandemonia, resistiu à seus sentimentos por ela, decidindo voltar para Hall, para a razão e a sanidade, para encontrar sua âncora.

Agora que ele estava ali, percebeu que Melanthe era sua âncora.

Em qualquer caso, a razão e a sanidade resultaram escassas em seu irmão. Quando ficou Aristo tão retorcido? Como? E como encontrou os outros três homens que compartilhou suas inclinações?

Thronos temia que as normas de sua cultura fossem tão restritas, o fantasma dos offendments tão generalizado, que alguns ficaram distorcidos sob tanta tensão.

Deveriam realmente ser castigados por algo tão inofensivo como um beijo?

Thronos fracassou em sua tentativa de seguir a lei Vrekener; como poderia esperar que fossem obrigados a esta?

Durante a viagem dele e Lanthe pelos mundos, descobriu que a inflexível forma de pensar em tudo-ou-nada, era uma obrigação. Como ela lhe dissera “Acima no céu, tenho certeza que as coisas têm sentido e que todo mundo atua como se espera deles e as surpresas são escassas. Mas fora do céu, a vida pode ser confusa, dolorosa e terrível. Assim que a maioria de nós tomamos o prazer onde podemos encontrar. E não julgamos ninguém por fazer o mesmo.”.

No “céu” as surpresas foram abundantes. O irmão de Thronos não atuou de forma esperada.

A vida demonstrou ser completamente confusa.

Talvez os Vrekeners devessem julgar menos e desfrutar mais, tomando o prazer onde pudessem encontrar, sobre tudo porque agora ameaças terríveis os rodeavam. A vida eterna poderia ser opressivamente longa ou dolorosamente curta.

Uma vez que os Territórios estivessem “fora do ponto de mira”, discutiria reformas com sua co-governante...

O debate entre Cadmus e Jasen chegava ao fim, o dia chegava ao fim, o que significava que logo poderia voltar para ela. Cada segundo que não estava com Melanthe, desejava estar.

Para o público, mantinha o que ela chama de “cara de pôquer”. Em casa com ela, podia relaxar. Graças à generosa infusão de magia dela permanecia livre da dor, inclusive dias depois.

Ainda assim, ela queria lhe fazer uma massagem esta noite, apenas para o caso.

317

Sortudo, muito sortudo.

Como poderia manejar esta situação sem ela? Ela o fazia rir. Obrigava-o a aliviar algumas preocupações e a maioria de seus pesares. Ele era insaciável com ela. Para sua sorte, ela era da mesma forma com ele.

Começou a ganhar mais controle, algo ao que ela parecia muito feliz em ter renunciado. Há duas noites, colocou-a sobre os joelhos, montando-a por trás, usando suas asas livres de dor para impulsionar suas estocadas. Quando ele sentia que ela teria um orgasmo ao redor de sua longitude, inclinara-se para frente para cobrir sua boca e logo a seguiu, cravando os dentes em seu próprio antebraço.

Na noite anterior, ficou preso em um sonho erótico com ela, apesar das muitas vezes que ficaram juntos. Justo como alguma vez esperou, despertou com seu eixo enterrado profundamente dentro de sua esposa, o quadril golpeando entre as coxas dela.

Quando percebeu o que estava fazendo, seus movimentos pararam, sem dizer uma palavra. Até que sentiu como as unhas dela se cravavam nos músculos de seu traseiro. “Não pare, Thronos. Estou tão perto! Ficarei calada...”

Durante estes dias, fez coisas que ele podia dizer que a surpreenderam. Ela exclamou

“Oh!”, seguido de um ofegante “Ohhh”, para dizer-lhe que gostava. Tal como ela prometeu no Inferno, sempre o deixou saber o que precisava.

Quando pensou em quão ansiosamente sua luxuriosa companheira recebia sua semente em seu corpo, em suas mãos, e sim, em sua boca, ele não podia evitar o sorriso que se estendia por seu rosto.

Até que percebeu que toda a atenção estava sobre ele.

— O que acha meu senhor? — Jasen perguntou.

Sobre o que? Thronos tossiu em seu punho. — Acho que retomaremos isto amanhã. Sei que a maioria de vocês tem família que os esperam.

Eu tenho uma família. Ele e Melanthe eram um exército de dois.

Podia voar, sem dor, para se encontrar com sua esposa em sua casa. Deuses, como mudaram as coisas nestas semanas desde que a tomou. Ele sorria com frequência. Assim como ela também, lançando lhe este sorriso malicioso.

Quando criança, Melanthe prendeu seu coração com seu sorriso.

Como mulher, ela era dona do seu, já não mais invencível, coração.

Eu a tenho, converteu-se em eu a amo.

Thronos diria a ela esta noite. Não podia ter certeza de como reagiria, mas ele

nunca mais guardaria algo tão importante em seu bolso.

318

CINQUENTA E TRÊS

Tendo concluído sua história com Thronos, Lanthe estava ajustando sua abertura para Sabine. A carta sairia em uma hora, e provaria ser até mais importante do que ela pensou.

Sabine e Rydstrom ainda pensavam que ela era uma prisioneira.

Lanthe tinha começado com...

Minha querida irmã,

Como eu adoro Skye Hall! Agora gosto de cozinhar e limpar, piadas de bom gosto e roupas recatadas. Porque mal sinto falta de minha magia ou até mesmo do ouro!

Brincadeirinha! Não sei se gosto de toda essa merda, porque nunca tentei. Meu desejo pelo ouro é tão forte como sempre, minha magia ainda mais forte.

Sua irmãzinha é uma boa chefe.

E ela está totalmente apaixonada por um Vrekener.

No Inferno, Thronos perguntou se ela já tinha se apaixonado. Ela respondeu, “Nunca conheci o amor romântico”. Verdade. Mas como uma menina, Lanthe tinha amado Thronos, ferozmente.

No fundo, talvez ela nunca deixou de amá-lo. Talvez sempre esteve lá, esperando florescer em um tipo diferente de amor. O broto frágil de afeto que ela tinha percebido na falsa Feveris se transformou em... um moonraker.

E seus sentimentos por ele eram tão fortes, que até começaram a colorir a forma como ela via os Vrekeners.

Lanthe ainda podia chamá-los de chatos, mas se alguém o fizesse, ela daria um fim nisso.

Sabine, quando você ler o resto desta carta, por favor, mantenha a mente aberta. Não me fizeram lavagem cerebral e nunca farão. Da mesma maneira que você está trazendo mudanças para Rothkalina, eu pretendo fazer aqui. Uma vez que toda a poeira baixar, você pode me dar dicas de Rainha!

Quando Lanthe sentiu uma vibração de energia, franziu o cenho, abaixando a pena. Ela sentiu magia, e não era dela. Ela se pôs em pé. Algo se aproximava, uma ameaça às pessoas daqui.

Ela correu para a sala de reunião.

Onde estava todo mundo? Já era hora do jantar?

Lanthe correu em direção à vibração, para fora da porta da frente do Hall. Um portal estava se abrindo, diante dos seus olhos.

Nos malditos degraus de Skye Hall.

319

Seu queixo caiu quando Sabine surgiu. — Ai-bee? — A irmã dela estava com traje completo de guerra, com um amplo chapéu de ouro no topo de suas tranças vermelhas. Um peitoral de metal servia como seu top, e uma máscara de jade adornava seu rosto.

Sabine era um choque de cor neste reino monocromático.

— O que faz aqui?

— Vim resgatar você, — Sabine disse alegremente, enquanto ela passeava pela terra dos Vrekeners. — Olhe para seu colar, é ouro vermelho? De matar! Quase compensa esse vestido.

— Eu não preciso de resgate!

— Como eu temia, os Vrekeners fizeram lavagem cerebral em você, assim

como em tantos Sorceri antes de você. Mas prometo que levarei você de volta. Quando voltarmos a Rothkalina, vou te inscrever no culto de desprogramação.

— Você não está me ouvindo. Eu quero ficar com Thronos.

Como se Lanthe não tivesse falado, Sabine disse, — O estresse todo que você passou não está ajudando. Eu sei sobre a Ordem, sobre sua luta para permanecer viva. Sobre a sua captura e prisão aqui.

— Não estou presa! Por que eu ainda teria minha magia se fosse uma prisioneira? — Nada.

— Como você achou Skye, Sabine? — *Os outros podem?*

— Da mesma forma que o vampiro Dacian fez: Com um tipo-de-cristal de vidência. Tem sido guardado em Dacia escondido por muito tempo. De qualquer forma, o sanguessuga nos emprestou. E, em seguida, foi utilizado um portal de energia semelhante ao seu.

— Nós?

Com um aceno de sua mão, Sabine usou sua magia para tornar o colar de Lanthe invisível.

— Eu não queria que isso fosse tirado de você. Ela vai pensar que eu apenas lhe dei um glamour.

— Ela? — Lanthe parou de falar, engoliu com medo quando Morgana surgiu a partir do limiar, também com traje de guerra.

Seu cabelo loiro estava entrelaçado ao longo de sua touca de ouro. Suas íris eram a cor de um poço sem fundo. Energias de diferentes cores giravam em torno dela. Lanthe nunca tinha visto tanto dela em um ser, Morgana estava transbordando com poderes recuperados, carregada com eles.

Como uma serpente que se alimentou recentemente.

A Rainha olhou para o domínio de seu inimigo com um olhar maligno.

Lanthe levantou as mãos abertas, um gesto de rendição para as Sorceri. — Agora, vamos falar sobre isso, Morgana. Podemos fazer isso? — Lanthe olhou ao redor; as pessoas estavam todas reunidas no bastião, o que significava nenhum alvo à mão para Morgana golpear. *Por agora.*

320

Mas isso também significava que Thronos voltaria em breve...

— Podemos falar, — Sabine disse. — Na volta a Rothkalina. Venha Lanthe, nós estamos um pouco contra o relógio aqui.

— Tic tac, — Morgana zombou. — Já vi mais do que o suficiente.

Quando Lanthe afirmou, — Não vou sair daqui de jeito nenhum, — Sabine agarrou seu braço apertado, virando-a em direção ao portal. No outro lado, visível pelo limiar, estava o quarto da torre de Lanthe.

— Veja, irmã, seu quarto em Rothkalina. — Como se falando com um bebê, ela perguntou,

— Você se lembra do seu quarto? Todas as suas roupas fabulosas, luxos, servos, e livros de autoajuda estão apenas além deste limite. Sua TV e cofre de ouro aguardam você. É ali onde você pertence.

Lanthe lutou para se livrar do seu aperto. — Eu pertenço a esse lugar. O que posso fazer para você acreditar que não fizeram lavagem cerebral em mim! Eu não vou a lugar nenhum.

— Nããão! — Thronos as viu de cima. — Não toque nela! — Suas asas se abriram perto de seu corpo enquanto ele mergulhou para elas.

Um Vrekener enfurecido estava atacando, expressão sombria, os olhos mortais.

Um acerto de contas.

— Fique longe! — Lanthe gritou. Ele era a personificação da força física, Morgana da mística. Apesar de toda a força de seu poderoso corpo, e todos os

séculos endurecido pela batalha, Thronos não poderia competir com a Rainha. — Ela matará você!

Ele nem sequer diminuiu a velocidade; a raiva nos olhos dele...

Morgana levantou uma mão. Como se um punho gigante o tivesse prendido no ar, ele parou em seco, seguro no lugar, embora lutasse para alcançar Lanthé.

— Não o machuque! — Ela começou a atrair seu próprio poder.

Morgana olhou para ela como se fosse um inseto precisando ser esmagado. — Cuidado, menininha, eu vou roubar essa persuasão de você antes de poder usá-la contra mim. — Ela voltou sua atenção para Thronos no ar. Com outra onda de sua mão, a Rainha começou a baixá-lo na frente dela para ver melhor.

Lanthé virou-se para Sabine. *Ai-Bee, por favor, nos ajude! Eu amo Thronos.*

Por trás de sua máscara, Sabine revirou os olhos. *Você não pode estar falando sério.*

Eu o amei desde que tinha nove anos. Eu tenho tanto para dizer a você, mas se Morgana o matar, ela vai me matar!

Eu não acredito em seu balbúcio de lavagem cerebral. Não faz nenhum sentido!

321

E se há mesmo uma chance de que isso seja verdade? Imagine se Morgana estivesse prestes a matar Rydstrom. Imagine como se sentiria. Isto está ACONTECENDO comigo, agora.

Como você pode possivelmente amar um... deles? Sabine estendeu sua mão na direção de Thronos.

Lanthé queria estrangulá-la. *Se me fizeram lavagem cerebral, você sempre pode matá-lo mais tarde. Por agora, nos ajude!*

Suponho que isso seja verdade.

Quando Morgana trouxe Thronos para o chão, de joelhos, ele rosnou, — Liberte minha companheira, e vão embora destas terras. — Rangendo os dentes, ele lutou contra a magia dela o suficiente para ficar em pé.

Morgana pareceu surpresa com a força dele. Mas quando Thronos tentou novamente alcançar Lanthe, a Rainha redobrou seu domínio, detendo-o no lugar. — Este aqui teve a audácia de raptar um dos meus súditos. — Espirais prismáticos de magia encaracolavam ao redor dela. —

Ações contra Sorceri agora terão consequências rápidas e severas.

— Morgana, não fui sequestrada! Eu fiz uma decisão consciente para vir aqui!

A Rainha simplesmente a ignorou.

Ai-Bee, por favor!

Está bem. Meus deuses... A despreocupação de Sabine nunca desapareceu enquanto ela disse, — Morgana, embora seja cansativo mesmo falar sobre isso...

— O que é isso? — Ela exigiu.

— Eu não o mataria se fosse você. — Sabine olhou para suas luvas, golpeando as garras com o tédio. — Por que você não o leva como prisioneiro?

Os olhos de Morgana reluziram abominavelmente, brilhando como obsidiana. — Você entende quanto tempo esperei por isso? — Apertou o seu punho mais forte até que Thronos penasse para respirar. — Minha afilhada foi brutalizada por seu irmão. Este Talos pagará também!

Lanthe tentou ficar entre Morgana e ele, mas a magia da Rainha era uma correia impenetrável entre ela e sua presa. — Por favor, Morgana! Thronos está repugnado pelo que aconteceu com Bettina. Ele já conversou com ela. Basta falar com ela! Mas, por agora, poupe-o.

Por favor!

No mesmo instante, o ar obscureceu-se em volta do corpo de Morgana. Por cima de seu capacete, suas tranças loiras oscilavam como serpentes de uma górgona. — Poupá-lo? — Ela disse com dentes semicerrados. — Poupá-lo? Você está brincando comigo? Você e sua irmã têm fugido dele e de seu irmão por muito tempo! Agora que sua Rainha está em uma posição para infligir justiça, você se acovarda diante do que deve ser feito?

322

Antes que Lanthe pudesse dizer qualquer coisa, Morgana cortou-a. — Você sabe quantos poderes eu roubei do cofre Vrekener? Sabe quantos ataques esses poderes representam?

Quantos dos meus súditos foram vítimas? — A voz aumentando com cada palavra, ela gritou, — O

fato de eu não torturar cada Vrekener abandonado pelos deuses individualmente é o meu PRESENTE para eles! — A magia chicoteava sobre ela, espirais eletrificadas por sua ira. — Thronos Talos será punido!

Sabine disse, — Eu acredito que está prestes a acontecer, não? Em instantes.

O medo de Lanthe intensificou-se ainda mais. — O que isso quer dizer?

Ignorando-a, Morgana passou seu olhar insondável sobre Thronos. Apesar de sua pele estar avermelhada pela falta de oxigênio, ele ainda lutava contra seu poder.

Mas Morgana era muito forte. — Eu acredito que esse ser te ama, Melanthe. — A Rainha sorriu, como se em antecipação, uma das visões mais horripilantes que Lanthe viu. — Uma debilidade que ele entregou para nós. Se eu poupar a vida dele, ele vai sofrer um destino pior. —

Morgana podia ser diabólica, parecia adorar inventar punições retorcidas para aqueles que cruzavam com ela.

— Por favor, minha Rainha... — As palavras de Lanthe foram cortadas quando sentiu Morgana roubando sua persuasão. — O que você está fazendo?

— Controlando sua magia. O seu poder raiz deve ser aquele que o amaldiçoa.

— Maldições? Por favor, pare com isto!

A luz azul de Lanthe começou a emanar das mãos de Morgana. — Thronos, irmão de Aristo, ouça a minha voz e obedeça às minhas ordens. Você vai esquecer Melanthe.

Ele puxou ar suficiente para berrar, — Nunca! — Os músculos por todas as partes do seu corpo ondularam com a tensão quando lutou contra a ordem.

Lanthe chorou, — Morgana, estou te implorando! — Ela não podia lutar contra a Rainha agora, mas pelo menos Thronos viveria. No futuro, Lanthe poderia reverter isso! *Thronos, eu vou voltar para você! Vou fazer você se lembrar de mim. Apenas fique vivo!*

Morgana ordenou-lhe, — Esqueça-a, esqueça-a, esqueça-a! Todas as memórias de Melanthe sumiram!

Os olhos de Thronos encontraram os de Lanthe no mesmo instante que a magia azul explodiu de Morgana, golpeando-o como um raio.

Eu voltarei para você, Thronos!

Já era tarde demais; uma vez que ele se recuperou do ataque, ele olhou fixamente para ela. Zero reconhecimento.

323

Ela engoliu o nó na garganta. Se a Rainha a forçasse a partir dos Territórios, Lanthe criaria outro portal de volta para cá e consertaria tudo. Mas isso não significava que não estava matando-a ver Thronos assim.

Morgana não tinha terminado com ele. — Seu amor por ela permanecerá. A saudade que você sentiria ao se separar dela vai durar. No entanto, você não

vai entender a dor interminável, não vai compreender a fonte de sua desgraça. Se alguém falar com você de sua Rainha, você vai reagir com raiva, então esqueça a conversa. E, Thronos, você deve viver além dos próximos dois minutos, e vai esquecer que estivemos aqui.

Lanthe balançou a cabeça em torno de Morgana. — O que acontece em dois minutos?

A Rainha parecia com a vingança personificada quando disse, — O poderoso cairá.

Tic tac? *Mãe do ouro...* — O que você fez?— De alguma forma, Morgana ia derrubar os Territórios.

— Com o acesso ao seu cofre de poder, virei suas irritantes defesas contra eles. Suas magias irão destruir tudo o que por muito tempo foi guardado e encoberto. Tic tac vai o relógio.

Sabine começou a empurrar Lanthe em direção ao portal. — Está feito. Eu tenho que protegê-la.

Lanthe escapou de Sabine e se lançou para a alavanca de segurança justo no interior das portas de Skye Hall. O alarme rugiu à vida, vociferando através dos Territórios.

Do bastião, os Vrekeners se lançaram para cima como uma inundação, as asas abertas enquanto evacuavam de acordo com o plano.

No mesmo instante, o céu do final do dia se tornou noite. O ar ficou frio.

Em todas as ilhas, eles dispararam. Com exceção de Thronos, que ainda estava preso por Morgana.

Com o queixo levantado, Lanthe virou-se para encarar a Rainha, e aceitar sua ira.

Morgana parecia ferver de fúria, o próprio chão tremendo sob seus pés. As cores do arco-

íris de seus poderes se fundiram para... preto. Levantando a mão, ela sussurrou, — Feiticeira imprudente.

Quando Sabine pulou na frente de Lanthe, Morgana hesitou, então pareceu conter o pior de sua fúria. — Eu castigaria você por isso, e eles por fugir, mas não tenho tempo. — Com outro aceno de sua mão, Lanthe foi impulsionada em direção ao portal.

— Não, me deixe aqui!

Sabine retrucou, — Não vai acontecer!

Enquanto Lanthe agarrou-se à beira do limiar invisível, ela gritou, — Thronos, deixe este lugar!

324

Embora o domínio de Morgana sobre ele tivesse aliviado, ele pôde respirar mais uma vez, ele continuou a olhar fixamente para o lugar onde ela estava de pé.

— VOE PARA LONGE! — Lanthe ordenou.

Mas sua persuasão tinha sido drenada pelo uso catastrófico de Morgana.

Sabine soltou seus dedos. — Nós estamos ficando sem tempo, Lanthe!

— Vá embora, Thronos! — Com seu aperto solto, Lanthe foi enviada cambaleando em seu quarto. — Por favor, VÁ! — Ela soluçou enquanto o limiar se fechava atrás delas...

* * *

O alarme estridente despertou Thronos.

Ele piscou muitas vezes. Por que estava em pé sobre os degraus de Skye Hall, olhando para o nada? Ele balançou a cabeça com força.

Os Vrekeners se avolumaram para cima das ilhas, voando em direção ao

posto avançado.

Por que ele não se movia com eles? Ele se perguntava se era outra simulação, até que ouviu explosões das ilhas exteriores.

Uma explosão atrás da outra, detonadas ao longo das linhas dos monolitos. Incêndios entraram em erupção, ultrapassando as ilhas em chamas azuis e brancas, um fogo antinatural.

Um assassino imortal.

Pedra em chamas lançadas para cima, e para baixo, em cascata para o abismo muito abaixo deles.

Os Territórios guardados e protegidos estavam sendo aniquilados por uma força invisível.

Aja, Talos. Mexa-se! Ele se retesou para voar.

Um repentino fogo branco rugiu do próprio Skye Hall, engolindo-o enquanto suas asas reflexivamente protegiam seu corpo. As chamas místicas consumiam ambas as asas; A percussão explosiva o arremessou até o vale.

Que tinha desaparecido.

A ilha tinha se... desintegrado.

Thronos caiu no meio dos escombros flamejantes. O sangue fluindo de seus ouvidos zumbindo. O vento estalou o que restava de suas asas ainda em chamas. Elas eram inúteis.

Minhas terras, meu povo. Ele era incapaz de fazer qualquer coisa por eles.

Ele não podia voar. Só poderia cair.

Ele sabia que tinha caído quando menino. Embora, ele não se lembrasse por que não tinha usado suas asas todo o caminho para baixo.

Como agora.

Mais uma vez eu cai.

Ele estava de costas para o mundo abaixo, assim podia manter seus olhos no céu. O tempo parecia lento.

Vestígios de magia malévola formavam redemoinhos ao redor de nuvens carmesim e púrpura. Um raio partiu aquelas nuvens, iluminando todos os escombros chovendo em torno dele.

Gesso queimado. Livros em chamas. Um berço carbonizado.

Por poucos dias, ele tinha sido Rei. Agora o seu reino tinha morrido.

Você perdeu algo mais, algo ainda mais precioso. Seu coração se apertou. O que poderia ser mais precioso do que um Reino?

O que foi que ele perdeu?

Ele finalmente arrastou os olhos do céu e olhou abaixo dele. A água corria cada vez mais perto. Chamas azuis e brancas subiram do Golfo. Thronos não tinha nenhum escudo de calor.

Quando ele atingisse, iria ser incinerado.

Sua vida tinha sido longa e insatisfatória, o seu sonho de encontrar a sua companheira não realizado. Talvez ele devesse ter morrido depois de sua primeira queda. Talvez o destino tentou corrigir agora a misericórdia equivocada.

Virou-se para a montanha próxima e viu... Vrekeners. Milhares deles. Eles se reuniram em um planalto acima do golfo para assistir suas casas perecerem.

Thronos nunca havia nomeado um sucessor. Seu povo estava mais vulnerável do que nunca. Por eles, tinha que sobreviver.

Não havia uma maneira? Ele não conseguia se lembrar dela!

O que ele não podia se lembrar?

Mais uma vez eu cai...

326

CINQUENTA E QUATRO

Sobre o pico da montanha no outro lado do golfo onde os Vrekener se reuniam. Nïx, a Sabe Tudo, e Morgana, a Rainha Sorceri, observavam a queda de Skye.

Uma mulher o permitiu, uma o causou.

O Relâmpago de Nïx rugiu a seu redor e do morcego que carregava. Os poderes usurpados de Morgana eram tão voláteis que os fluxos de cor de sua magia se transformaram em um negro permanente.

Enquanto as duas imortais olhavam, se provocavam entre si com íons carregados negativamente.

— Percebi a Rainha da Persuasão desesperada para ficar com o Rei Thronos.

— Disse Nïx, sem afastar os olhos. A água já estava em chamas altas com o fogo de outro mundo.

Morgana também manteve o olhar fixo. — Quando as deixei, ela e Sabine saíram de Rothkalina, Melanthe provavelmente criou um portal de regresso. Para nada. — Redemoinhos negros dançavam em seus lábios, como se um contágio estivesse tentando escapar de seu corpo.

— Se o Vrekener sobreviver, a lembrança de sua esposa não o fará...

Os redemoinhos gigantes bateram contra as chamas, movendo quilômetros de água, gerando imponentes tsunamis.

— Suponho que os mortais saberão disso agora. — Disse Morgana, seu tom indiferente. —

Sobre nós.

— Não ainda...

Desde o golfo, o deus do mar Nereus, se levantou como uma montanha de si mesmo, visível apenas para o par imortal. Com uma inalação monstruosa, ele aspirou todas as chamas em seus pulmões.

Então brandiu seu tritão divino, elevando-o sobre sua cabeça para submeter as ondas. Os tsunamis pararam, uma terrível onda detida em meio ao caos. Cedendo o comando, diminuindo gradualmente, deslizando-se à aquiescência.

Na superfície o fogo ainda era vencido. Antes que Nereus se fundisse até o fundo uma vez mais, seu ardente olhar parou em Morgana.

Ela franziu o cenho, mas isso era o menos extraordinário que viu no dia de hoje.

Um reino destruído, o pesadelo de toda sua vida, pereceu no fogo e jazia sepultado no mar. Seu coração se alegrou.

A Valquíria adivinha virou-se para a Rainha feiticeira. — Para o bem ou para o mal, já começou.

CINQUENTA E CINCO

01. Portal para o posto avançado Vrekener

02. Ajustar as direções, portal posto avançado

03. Ajustar as direções novamente, portal posto avançado 04. Oferecer ouro para demônios mercenários vasculharem as florestas canadenses procurando por postos avançados Vrekener difíceis de achar

05. Oferecer ouro para bruxas usarem sua vidência para procurar por Thronos 06. Contatar Loa, re: A opção Ave Maria — enviar depósito de ouro 07. ENCONTRAR NIX

08. Cuidar para não perder a cabeça porque ele precisa de você 09. Contatar oráculos e bruxas em mais mundos — oferecer ouro 10. Economizar poder para amanhã

— O que eu disse a você sobre perseguir meninos? — Sabine falou preguiçosamente, entrando na nova suíte de Lanthe.

Sua antiga residência ainda estava sendo consertada, quase uma semana depois que os Territórios haviam caído.

Lanthe olhou sobre suas cartas desesperadas e listas, permitindo que Sabine visse seu pânico, seu desânimo. Ambos cresciam a cada minuto.

— Thronos não é um menino, ele é meu marido. E eu o quero de volta.

— Você parece horrível. Você gostaria que eu tecesse uma ilusão sobre você?

Como se Lanthe se importasse com sua aparência, quando todos os pensamentos em sua cabeça eram: VOCÊ ESTÁ CORRENDO CONTRA O TEMPO PARA ENCONTRÁ-LO!

Como Thronos estava lidando com a destruição de seu reino? Como ele estava lidando com seus sentimentos de perda? E se ele pensasse que não tinha motivos para viver e fosse negligente em alguma batalha? E se Cadmus desse um golpe nos refugiados?

— Você está exigindo demais de si mesma, Lanthe. — Sabine se reclinou em um divã. —

Desde quando você pode criar portais com tanta frequência?

Depois que Lanthe falhou em localizar o posto avançado naquele primeiro dia, ela se perguntou se Nix realmente tinha dito sobre todos seus poderes se comportarem como músculos.

Ela havia conseguido diminuir o tempo entre seus portais para uma vez por dia, mas este era o limite.

Use, use, use, use, use, e nenhum descanso? Precisão... sofrida.

— Você precisa diminuir os limites. — Sabine advertiu.

328

— Eu não criei um hoje. — Se segurar foi uma das coisas mais difíceis que ela já tinha feito.

Mas ela estava prestes a falhar, tentando alcançar um reino que poderia estar anos-luz de distância.

— Essa é apenas uma das coisas que estou aqui para falar.

Ela sabia que Sabine iria querer se sentar em breve. Lanthe ouviu os sussurros no castelo ficarem cada vez mais altos e numerosos. Eles diziam que Thronos certamente tinha perecido.

Ela supôs que eles tinham razão para acreditar nisso...

Assim que Morgana tinha deixado Rothkalina para ir assistir à sua obra como um espectador macabro, Lanthe tinha aberto uma brecha para voltar para

Thronos.

A tempo de pegar a explosão.

Sabine a tinha empurrado para fora do caminho, recebendo todo o peso, uma força potente o bastante para mandá-la voando pela sala. Seu impacto havia curvado uma parede da torre. Felizmente Sabine estava usando muito metal.

Lanthe não tinha sido capaz de criar outro portal até o dia seguinte. Com uma mala cheia de roupas e grandes esperanças, ela abriu um portal para o Canadá, usando as direções que Thronos lhe dera para o posto avançado Vrekener.

Do outro lado do portal de Lanthe não havia nada além de rochas e árvores, e nenhum traço de Vrekeners. Ela tinha sido recebida por uma manada de veados tão domesticados que se aproximaram dela. Claramente, nenhum caçador alado tinha estado nessa área perseguindo-os, embora Thronos amasse carne de veado.

Ou ela tinha confundido as direções (como ela fazia de vez em quando, e nesse caso, ela era uma idiota) ou ela fez o portal errado (e nesse caso, ela era uma idiota).

Enquanto ela recarregava para outra ida inútil ao Canadá, Sabine e Rydstrom tinham dito a Lanthe que mesmo um imortal como Thronos não poderia sobreviver a um incêndio criado por feitiçaria como a de Morgana. Sabine disse a ela que Morgana assistiu à tudo, após a explosão as ilhas tinham simplesmente se desintegrado em chamas.

“Sim, mas as asas de Thronos são à prova de fogo.” Lanthe argumentou.

Sabine havia dito: “Mesmo suas asas seriam vulneráveis a um incêndio antinatural.”

Lanthe tinha rebatido: “Alguém poderia ter mergulhado para salvá-lo.”

Com grande hesitação, Rydstrom tinha apontado: “Mas todos não tinham evacuado, Lanthe?”

Que seja. Thronos tinha sobrevivido. Ponto. Lanthe tinha prometido a si mesma que nunca o subestimaria novamente. Ele era um homem extraordinário que iria prevalecer em qualquer situação.

329

Além disso, seu marido tinha mais um truque na manga. Embora ela tinha que reconhecer que ele não sabia que tinha...

— Nós podemos conversar mais tarde. — Ela disse a Sabine. — Estou ocupada. — Ela acenou para a pilha de missivas que estava escrevendo para bruxas e oráculos de toda parte dos mundos.

Na tarde de sua primeira malfadada viagem ao Canadá, Lanthe tinha conseguido que um dos guardas do castelo traçasse o caminho para a filial da Louisiana da Casa das Bruxas. Carrow e, sua superpoderosa amiga, Mariketa, tinham buscado em sua bola de cristal por Thronos, mas algumas das magias antigas dos Vrekeners as impediu de ver. Os mesmos mantos que os tinham escondido dos humanos.

As bruxas não podiam localizar uma população inteira.

Então Lanthe tinha despachado o antigo bando de mercenários de Cadeon para procurar manualmente as florestas Canuck.

— Quais? — Eles perguntaram.

Todas elas. Porque sou uma idiota.

Do divã, Sabine levantou um dos mapas que Lanthe espalhou sobre toda superfície disponível.

— Muito ocupada com sua procura para perguntar por minha cura? Estou ótima, a propósito.

Lanthe sentiu uma pontada de culpa.

— Ocupada ou não, você não se livrará de mim tão facilmente. — Sua irmã estendeu a mão para o vinho.

Servos Sorceri sem poderes, conhecidos como Inferi, prontamente responderam ao chamado, então desapareceram mais uma vez.

— Rydstrom me fez prometer conversar com você porque ele pensa que estou chateada por causa dessa pequena desavença entre nós, — Sabine tomou um gole da taça de ouro. —

Então, continuo aqui porque, estranhamente, mantenho as promessas a ele. A propósito, Morgana queria que eu lhe perguntasse por que o deus do mar, Nereus, enviou-lhe um tubo de coral esculpido que se parecia com um enorme pau. Aparentemente, ele mencionou seu nome em um cartão de presente muito malcriado.

— Longa história, parca recompensa.

Sabine suspirou.

— Você ainda está brava comigo. Embora certamente saiba que eu não poderia ter convencido Morgana a cancelar seu ataque. Temendo por sua vida, fui até ela, tentando fazer exatamente isso. Ela sugeriu o uso da bola de cristal para tirar você de lá. Eu fiz o que achava ser o 330

certo. E acredito que minhas ações impediram Morgana de simplesmente ferir o Vrekener definitivamente.

Lanthe largou a caneta.

— Você quer crédito por isso, mesmo que acredite que ele esteja morto?

Não, ela não poderia ter esperado que Sabine desafiasse Morgana mais do que ela tinha feito. Mas Sabine não parecia lamentar o que a Rainha havia feito, mesmo depois de Lanthe ter dito a ela tudo sobre Thronos, sobre tudo o que ela e o Vrekener haviam passado juntos.

As páginas que Lanthe tinha escrito da história deles haviam sido apagadas da existência, assim como tinham sido apagadas da mente de Thronos.

Sabine tinha ficado chocada ao descobrir que Lanthe realmente o amava, e provavelmente desde que era uma menina. Mas ela não tinha gostado da ideia

de sua irmãzinha casada com um inimigo Vrekener: “Especialmente um que nem sequer tinha uma casa, muito menos um reino.”, Sabine tinha dito, fazendo Lanthe querer socá-la no peito.

Sabine tinha estado mais preocupada por Emberine ter se atrevido a cortar a língua de Lanthe: “Ela vai pagar caro por isso. Eu vou atrás de sua alma.”

Sabine também tinha feito um rebuliço por causa do dragão de ouro: “Eu não escondi seu colar de Morgana para você poder jogá-lo fora à toa! Deixe-me lidar com Bettina. Eu sei como pressioná-la. Considere a sua declaração de guerra nula e sem efeito.”

Em uma tentativa de distrair Lanthe de sua busca, Sabine tinha convidado Cadeon e sua família para ficar por algumas semanas. Lanthe tinha parado apenas para dar um beijo na cabeça peluda de cada bebê, cumprimentar seus pais, e perguntar à Holly se ela sabia onde estava Nix (“Não faço ideia”). Então Lanthe tinha voltado ao trabalho.

Toda a família real tinha pena dela. Ontem Lanthe tinha ido à biblioteca de Tornin para pegar mais mapas. Rydstrom e Cadeon estavam no pátio, conversando amigavelmente em suas profundas vozes demoníacas e acentos Sith Ifrican. Com um bebê enrolado em cada braço, Cadeon gritou de alegria: “Eu tenho um trio de mulheres que me adoram. A vida é rica, irmão!”

Espiando Lanthe acima, Rydstrom tinha feito um gesto para Cadeon falar mais baixo.

Eles não deviam ter pena dela. Porque Lanthe iria consertar isto. Ela precisava conseguir seu marido de volta por mais que somente...

— Você está enviando ainda mais ouro? — Disse Sabine, jogando longe sua taça. — Lanthe, você gastou uma fortuna!

Em sua infância, Thronos brincava com Lanthe, provocando-a: “Você gosta de mim muito mais do que do ouro.”

Eu gosto. Eu realmente gosto.

— Como se você não fosse fazer o mesmo por Rydstrom.

331

— Mas Thronos é um Vrekener. Eles são desprezíveis!

— Isto é só da minha conta! — Lanthe podia xingá-los o quando quisesse, mas se alguém mais o fizesse...

— Eu insulto nossos inimigos seculares, e seus olhos brilham com indignação? Está tudo revirado.

— Apenas saia, Sabine. Eu não tenho tempo para fazer você entender.

— Está me mandando embora, quando tenho uma carta de Thronos para Rydstrom, enviada antes do colapso dos Territórios?

Os olhos de Lanthe se alargaram.

— Por que você não disse nada antes?

— Nós ficamos sabendo sobre ela hoje, porque eu supostamente ordenei o mensageiro Vrekener ser emboscado e interrogado, desafiando a lei do Lore. O que, supostamente, atrasou a entrega da carta um pouco. — Ela puxou uma folha de pergaminho dobrado de dentro de seu bolso. — Eu não peço desculpas. Com base nas informações que eu tinha, estava desesperada para te encontrar.

— Abra!

Quando Sabine bateu levemente no divã ao lado dela, Lanthe quase tropeçou em seus pés para se juntar a ela.

— Você não leu?

— Não. Rydstrom sim, e ele sugeriu que lêssemos juntas.

Lanthe viu a caligrafia e o selo de Thronos, e lágrimas brotaram. Ela não confiava em sua voz, então ela agitou sua mão no ar , *vamos, vamos*.

Sempre dramática, Sabine tomou seu tempo desdobrando-a.

— Eu me pergunto como seu Vrekener irá responder. A carta de Rydstrom para ele não era de modo algum gentil, então eu só posso imaginar o que esta refutação conterà.

Finalmente Sabine levantou a carta, e juntas elas leram: *Rei Rydstrom,*

Minha primeira reação quando recebi sua mensagem foi raiva. Quem diabos você é para me aconselhar sobre como tratar minha amada esposa? Como fazê-la feliz?

Amada esposa? As lágrimas de Lanthé derramaram por seu rosto, fazendo Sabine revirar os olhos. Elas continuaram lendo...

332

Eu acho que você e a Rainha Sabine têm uma impressão equivocada da vida de Melanthe nos Territórios.

Ela percorre o reino livremente, com plenos poderes, porque confio nela cegamente. Ela usa as roupas que escolhe e adora ouro, com o qual eu pretendo provê-la cada vez mais.

Ela não faz essas coisas porque eu permito, ou porque ela exige, assim é simplesmente o modo como as coisas são na nossa vida.

Nós co-governamos nosso reino. Nosso casamento é uma parceria.

E funciona.

Lanthé deu um soluço.

— Thronos realmente entende sobre o ouro?

— Ele conheceu m-mamãe quando era um menino. Ele compreende a importância.

Sabine não parecia surpresa, mas já fazia muito tempo que ela tecia uma

ilusão sobre seu rosto.

No entanto, após uma reflexão mais aprofundada sobre a sua carta, percebo que a minha única resposta para você pode ser a gratidão. Melanthe não é apenas minha esposa e Rainha, ela é minha mais preciosa amiga. Você ajudou a libertá-la da tirania de Omort, e você garantiu sua proteção desde então.

Por causa disto, estou profundamente em dívida com você. Eu desejo que não exista guerra entre nós. Se você concordar com os termos, proponho um encontro entre você com sua esposa, e eu com a minha.

Melanthe foi contra, temendo que você ou Sabine pudessem levá-la de mim contra sua vontade.

Eu considero minha poderosa Rainha mesmo agora, enquanto escrevo isso, e confiantemente desafio você a tentar.

Thronos

Lanthe sufocou seu próximo soluço. Se ele não tivesse escrito sobre ela ser uma Rainha poderosa, ela provavelmente estaria enrolada em uma bola, suas lágrimas molhando o estofamento do divã.

— Isso foi... grande, vindo dele. — Sabine dobrou a carta. — Talvez nós Sorceri não deveríamos ter explodido seu reino?

Lanthe se virou e socou o peito da irmã. Lamentavelmente, Sabine estava usando um peitoral de metal.

333

Enquanto Lanthe balançava a mão, Sabine retrucou, — Você deveria ter me contado sobre sua história com o Vrekener!

— Eu não sabia o que fazer com isso naquela época! Por muito tempo, só trouxe dor. Eu estava envergonhada. Parecia que tudo que fiz foi confessar a minha falta de bom senso para você.

— Você não consegue entender o que pareceu para mim? Eu achei que você finalmente havia sido capturada por um demônio. Eu só estava tentando protegê-la.

— Eu não preciso mais de sua proteção! Eu não preciso de sua preocupação! Sabine, eu roubei as chaves para as portas do inferno e convenci hordas de demônios de que era uma deusa.

— Ela ergueu o colar, o ouro vermelho quase hipnotizando Sabine. — Eu de alguma forma fiz um portal sob coação na barriga de uma besta! Thronos e eu prevalecemos sobre uma divindade.

— Eu não posso simplesmente parar de me preocupar com você ou deixar de protegê-la. E

não adianta usar seu comando comigo, isso nunca vai acontecer.

— Então tudo bem, não pare. Mas me apoie nisso. — Ela tomou o rosto de sua irmã em suas mãos. — Para mim, Thronos é todo o ouro do mundo. Ele é a próxima batida do meu coração.

Sabine estava confusa, e deixou sua irmã ver.

— Bem. Esta é uma forma de resumir seus sentimentos. — Por fim, ela suspirou em derrota. — Tudo bem, então, me considere... encorajadora, se você me perdoar e parar com a indisposição. Eu não suporto ter discórdia entre nós. — Ela abriu os braços. — Você sabe que eu só quero o que é melhor para você.

Lanthe a abraçou por bastante tempo, ela odiava a discórdia também.

Sabine estava chorosa quando se separaram.

— Você sabe, a Rainha de Zephyr é uma feiticeira muito desagradável. No futuro, se você quiser passar algum tempo de qualidade junto de sua irmã, poderíamos emboscá-la e roubar seu poder de voar. No caso de Thronos querer uma esposa voadora, ou algo assim.

Lanthe sorriu através de suas próprias lágrimas.

— Tempo de qualidade com a minha irmã mais velha? Eu realmente gostaria disso.

— Também, se você não sabe o que fazer, você poderia renovar minha busca pela Bruxa do Porão. — Depois que Omort morreu, Hag entregou os antídotos para o morsus, então fugiu para Tornin. — Os rumores dizem que ela está trabalhando para o Rei Lothaire, em Dacia. Coloque seu coração nisso por um momento, tudo bem?

Hag possuía poder de localização!

— Você parou de procurar por ela?

334

— Procuramos por ela, apenas para descobrir seu parceiro no crime, Lothaire, e seu odioso livro de dívidas. Não mais. Há rumores de que ele deu o livro para La Dorada, por algum motivo.

Então Rydstrom devia à Rainha do Mal uma dívida de sangue? Isso não era um bom presságio. E ele e Sabine já tiveram muito em sua conta.

Porque o misterioso Poço das Almas estava... ativo.

— Hag é uma grande ideia. — Lanthe disse. — Vou mandar uma expedição para Dacia imediatamente.

— Há mais uma ideia que Cadeon falou... Se Thronos realmente é um demônio, pode ser possível para você invocá-lo.

Uma mulher que dormiu com um demônio de certas raças poderia chamá-lo a qualquer momento, se soubesse os ritos e possuísse os ingredientes esotéricos. O demônio incontrolavelmente se teletransportaria de volta para ela.

Lanthe tinha contemplado isto, estava se preparando para isso, mas decidiu guardar esta ideia até que tivesse esgotado todas as outras.

Apesar da quantia de ouro que ofereceu à Loa, a Comerciante, a sacerdotisa não poderia obter os ingredientes para Lanthe por mais três semanas.

Em todo caso, a situação com Thronos era... complicada. Ele não iria lembrar de Lanthe quando a visse. Até onde ele saberia, ela poderia ser uma feiticeira inimiga. E mais, ela não estava certa se ele se aceitava completamente como um demônio.

Ser invocado involuntariamente por uma Sorceri desconhecida iria assustá-lo.

— Claro, algumas raças são imunes. — Sabine continuou, — E eu não posso imaginar alguém tendo tentado isto em um Vrekener.

— Agradeça a Cadeon por mim. Mas esta será minha última opção, já que tenho que considerar a memória de Thronos.

Sabine estreitou seu olhar.

— Você já tem um outro plano. Você nunca guardou segredos de mim. — Ela estalou os dedos. — Oh, espere. Você guardou por 500 anos.

— Estou economizando minha feitiçaria até amanhã, para que eu possa criar um portal até Pandemonia. — Ela tinha tentado ontem e acidentalmente abriu uma fenda de volta para a barrida da besta. Ela bateu a porta do portal em um instante, mas seu quarto ainda tinha cheiro de ácido gástrico.

Certamente, se Lanthe descansasse os músculos de seu poder, ela poderia chegar àquele reino demônio.

— Eu acho que ele vai estar lá.

335

— Como? Será que ele tem um portal... Ah! Você acha que ele pode rastrear! É por isso que você está tão confiante que ele está vivo.

Lanthe deu de ombros. Nix tinha mencionado isso na falsa Feveris: “Você é capaz de rastrear, grandes coisas.”. Pensando nisso, Lanthe percebeu que a Valquíria poderia ter dito a sério.

Rastreamento era uma grande coisa. Podia salvar a vida de um demônio.

Mesmo que Nix não tivesse dito nada, Lanthe acreditaria.

— Sabine, você teria que conhecer Thronos como eu, ele sempre vence as probabilidades.

Ele não devia ter sobrevivido sua queda quando menino. Mas ele o fez. Ele não deveria voar novamente. Mas ele o fez. Ele nunca deveria conseguir me pegar ou ganhar meu coração. Como eu poderia apostar contra ele?

— Então, por que Pandemonia?

— Eu acho que seu subconsciente o levará para lá. Ou seu sangue demoníaco irá, ou os vestígios de nossa história. Pandemonia é onde Thronos e eu fizemos um novo começo. —

“Melanthe, vamos começar com um beijo.” — Há uma clareira onde descansamos, onde tivemos nossa primeira conexão real. *Ou reconexão.*

— Então Rydstrom e eu acompanharemos você. — Sabine disse. — Estou muito interessada naqueles dragões do reino. Nós temos uma extraordinária fêmea aqui que precisa de seu próprio estábulo de machos, ela é basicamente uma estrela do rock basilisco...

— Eu vou sozinha. Se Thronos vir duas Sorceri e um Demônio da Ira, ele vai ficar em guarda. E mesmo sem memória sobre mim, ele pode lembrar de você como capanga de Morgana.

— É muito perigoso.

— Pandemonia não é realmente tão ruim uma vez que você conhece as zonas. Algumas partes são ainda assombrosamente belas. Os dragões podem ser um problema, mas vou descobrir como cuidar disso. — Lanthe não esperava chegar lá no mesmo dia que ele. E foi por isso que ela preparou uma mala e uma barraca.

Ela não deixaria o inferno sem seu homem. Melanthe, da Sorceri Deie, última do luxuoso Castelo Tornin... ia acampar.

— Digamos que ele está vivo, Lanthe. Digamos que ele possa rastrear. E que então ele foi para Pandemonia. Se você puder encontrá-lo de alguma forma, como irá lidar com ele? Ele pode estar tão enfurecido com os Sorceri que irá te matar primeiro e perguntar depois.

— Ele nunca me machucaria.

— Você não será capaz de desfazer a maldição de Morgana com um aceno de sua mão.

Você precisará estar com plenos poderes. Ela elevou a tensão de sua magia para níveis astronômicos.

336

— Eu vou descobrir um meio. — A persuasão de Lanthe tinha se fortalecido mais uma vez, mas seria suficiente?

— Tem certeza que você deve restaurar sua memória? — Pelo olhar de Lanthe, Sabine disse, — Baseada no que você me disse, ele teve alguns problemas com a forma como você viveu sua vida. Por que não deixá-lo ser alegremente ignorante? Vocês dois podiam se encontrar e namorar, como se fosse a primeira vez.

— Ele mudou, esses problemas estão resolvidos. E mesmo que eu não tivesse nenhum problema de mentir para ele, e tenho, preciso deixá-lo saber que estávamos juntos.

— Por quê?

— Para que ele não entre em estado de choque quando eu tiver um mesticinho em poucos meses. — A bruxa Mariketa tinha pressentido, dizendo-lhe: “Você sabe que está grávida, certo?”

O relógio biológico de Lanthe tinha se vangloriado: “É isso mesmo, cadelas, lembrem do meu nome!”

Sua primeira reação foi um murmuroso “Droga”, bem ao estilo de Thronos.

Mas, com o passar das horas, ela teve tempo para se acostumar com a ideia. Ela agora estava oficialmente exultante, ou estaria.

Assim que ela localizasse o pai de seu filho.

— Muito divertido, irmã. — Quando Sabine viu que ela não estava brincando, ela ofegou:

— Mãe do ouro.

CINQUENTA E SEIS

— Ele deve ter danificado a sua cabeça na queda. Está... Diferente.

— Suas asas foram danificadas pelas chamas.

— Então como é que o Rei estava naquela montanha?

Enquanto Thronos completava a patrulha noturna do posto avançado, ouviu os sussurros de seus súditos, os ouvia há uma semana.

Alguns acreditavam que ele seguiu para a montanha, como um demônio faria. Alguns acreditavam que ele tinha sido enfeitiçado com um feitiço de proteção, apesar de Thronos não ter nenhuma ideia do que os levou a pensarem isso.

Todos os seus súditos eram cautelosos sobre o seu Rei e o seu futuro, e ele não podia culpa-los, também não estava confiante em qualquer uma daquelas coisas.

A minha mente não está bem...

Ele desceu por um banco abundante de névoa, alargando as asas. Desde que se regeneraram, voar se tornou excruciente mais uma vez, uma grande diferença da inexplicável suspensão da dor que ele aproveitara.

Friccionando os dentes, se preparou para a aterrissagem na sua cabana elevada, uma de muitas, em seu posto avançado. As árvores alojavam mais umas milhares de cabanas.

Jasen já estava lá o aguardando. Todas as noites, eles dois se encontravam para discutir os eventos do dia. O macho parecia tão exausto como ele se sentia.

Do lado de dentro, Thronos tomou seu lugar em sua escrivaninha asperamente cortada. —

Alguns novos desenvolvimentos hoje?

— Nenhum. — Jasen se sentou em um banco de madeira simples. — As pessoas permanecem instáveis. Se sentem como se estivessemos vivendo em um tempo emprestado.

Thronos olhou para fora, na noite, pela sua janela. Como sempre, não conseguia ver além do cobertor de névoa que envolvia esta floresta.

Mas, eventualmente, os humanos os achariam aqui. As suas guardas não os iriam manter de fora para sempre. Uma horda de Vrekeners não podia viver no mundo mortal. Não com todo mundo junto.

E a nossa força é a nossa união.

— Existe um pouco de conversa sobre dividir os nossos números, meu senhor.

— Isso não acontecerá.

338

Jasen pareceu aliviado com a reação inequívoca de Thronos. — Mas, em uma coisa muitos concordam, que querem vingança pelo que nós perdemos. Cadmus mexe a panela para a guerra.

Thronos também ouviu aqueles rumores. — Vingança contra uma vingança? — Perguntou.

— As ações de Aristo não mereceram uma represália? — Thronos estava mais em conflito sobre isto que os outros. Afinal, foi o seu irmão que brutalizou a guarda de Morgana. Foi seu irmão quem conduzia uma muda e inexorável perseguição aos seus súditos.

— Você está dizendo que merecemos isto?

— Não, estou dizendo que nem tudo é preto e branco. Estou dizendo que essa vingança que falam é um jogo sem fim. Especialmente para imortais. Se começarmos isto, será melhor estarmos preparados para fazer isto pela

eternidade. — Ele exalou. — Ainda que decidamos ir para a guerra, agora não é o momento.

Thronos não estava em forma para liderar. Ele foi ferido na explosão, e sofreu algum tipo de dano em sua mente, que não estava se curando. Ele ainda tinha buracos em sua memória, e seu temperamento estava descontrolado.

Podia se lembrar de um prado nos Alpes do reino mortal, onde ele brincou quando menino, mas não conseguia se recordar do que tinha feito dez noites atrás.

Quando os seus pensamentos vagavam, sempre se viravam para os demônios de Pandemonia. Ele soube que esteve lá por alguma razão, escapando por pouco com vida. Havia lá dragões, cães do inferno e hordas de demônios.

Em seus devaneios durante o dia, Thronos meditava nos caminhos do reino, como O Longo Caminho. Ele evitava isso, como a maioria faria.

A menos que a pessoa estivesse procurando por alguma coisa...

Thronos podia se lembrar com todo o detalhe de todo o texto que leu lá, de “Contemplar um templo sem igual”, ou, “A praga que era”, mas não podia determinar como ele viajou para a barriga de uma besta.

Nem como foi para a toca de um deus do mar.

Apesar de todos estes buracos, Thronos sentiu que se esqueceu de algo importante, e aquela memória estava muito perto da superfície, inquietante, como uma palavra na ponta da sua língua que se recusava a revelar.

O seu peito doía de uma perda tão grande que por vezes pensava que enlouqueceria. Ele sentia como se o fragmento de vidro que, muito dolorosamente, o feriu em sua juventude, novamente tivesse se hospedado ao lado de seu coração, mas ele não poderia removê-lo de lá.

Quando estava só, suas garras constantemente achavam o tórax e esfolavam sua pele.

— Quando será a hora? — Jasen perguntou.

Thronos olhou para cima, quase surpreendido pela presença do macho.

339

— Para a guerra? — Jasen disse. — Entendo que esteja hesitante por causa de sua Rainha.

— Eu não tenho uma Rainha, — Thronos afirmou, se perguntando se o seu cavaleiro também tinha sofrido danos na cabeça.

— Me disse o mesmo quando perguntei se ela sobreviveu à explosão. Meu Senhor, sou um soldado simples, não entendo a dissimulação como você. Nós devemos nos comportar como se ela nunca tivesse existido? Por suas ações, parece que quer se esquecer que ela viveu, mas por quê? — Jasen esfregou a mão no seu rosto, parecendo genuinamente chateado, enquanto Thronos estava confuso, e irritado, por esta explosão de Jasen.

— Nós sabemos que ela não esteve envolvida no ataque, — Jasen continuou. — Alguns até viram a Rainha acionando a alavanca. Em primeiro lugar, só por causa dela é que tivemos o alarme, e então ela advertiu todo o mundo. Podia ser dito que ela salvou a nossa espécie.

Thronos desejou conseguir ter paciência, dizendo devagar, — Não sei sobre o que você está conversando. Eu. Não tenho. Nenhuma. Rainha.

— Muito bem, meu Senhor. — Jasen falou, sentindo decepção. — Não mencionarei isso novamente.

— Faça isso. Veja se todo o mundo faz isso! — Thronos lamentou seu tom imediatamente.

Ele soube que estava no seu limite, sua ira à superfície. Mas, momentos mais tarde, não se recordava por que tinha se chateado. — Como que para Cadmus e o seu apelo à guerra, não estamos mais escondidos e imunes ao dano. Nós vivemos em um indefensável posto avançado.

Nós devemos abordar isto friamente. Jasen, se guerreamos, não só

arriscamos perder tudo, mas como nossa extinção total.

Ele estava para beliscar as têmporas doloridas, entretanto baixou a mão. Olhos estavam nele. Ele precisava parecer um líder competente. — Até que achemos um lugar para chamar de casa, devemos focar apenas nisso.

E se tomássemos o longo caminho para casa... ?

Thronos cortou esta ideia antes de ela se formar completamente. Muito forçada.

— Considerou buscar asilo com outra facção? — Jasen perguntou. — Uma dentro de nossa aliança?

— Eu pensei em pedir ao líder dos Demônios da Ira, Rydstrom, refúgio no Reino Sombrio.

— As más terras de Rothkalina, cheias com bandidos e dragões. Depois de Pandemonia, os dragões não davam descanso para Thronos.

Isto pareceu surpreender Jasen.

— Me corrija com ele recentemente. — Apesar de Thronos não se lembrar disso ou do que tinha sido dito. Tudo o que se lembrava era que saiu com a ideia de que Rydstrom era irritante, mas honrado.

340

— Você está falando de colonização em um reino de demônios?

Uma memória vaga surgiu. Ele podia ouvir uma voz baixa, uma fêmea dizendo: “Nós vamos achar uma colônia exterior Vrekener em um reino diferente.”

Com a memória, Thronos lutou com o desejo de tomar a cabeça entre as mãos e apertar até algo rachar. *A Minha mente, a minha mente...*

— O que nós fazemos no momento, meu Rei?

Com esforço, Thronos manteve seu tom equilibrado, — Nos recuperamos. Nos planejamos.

Jasen abriu a sua boca, então a fechou. Thronos sabia a pergunta que o cavaleiro tinha tentado colocar a semana toda, mas não sabia como responderia.

— Meu Rei... me dirá como foi parar naquela montanha? — Jasen finalmente ousou perguntar. — Centenas viram você simplesmente aparecer.

Quando Thronos caiu, ele desesperadamente quis alcançar seus súditos. O ar assoprou acima dele, a batida intensa de seu coração ecoou em suas orelhas danificadas. De repente uma onda de vertigem o atingiu, tão feroz que ele teve que fechar os seus olhos. Quando os abriu, estava em pé no meio do outros.

Eu risquei para onde quis pela primeira vez.

Ao longo da semana passada, ele debateu se devia revelar seu talento. Se tinha essa habilidade, outros a teriam também.

Depois de suas jornadas, começou a suspeitar que o seu sangue poderia ser demoníaco. Ele não tinha reconhecido aquela escritura estranha em Pandemonia, como se fosse uma memória genética? Ele não se sentiu em casa naquele reino agreste? Por que ele se sentia tão atraído para as terras indomadas e tumultuosas?

A habilidade de riscar podia ser um talento inestimável em qualquer guerra que estivesse para se iniciar. Mas seus súditos recentemente perderam o Rei e então o reino; Thronos não acreditava que era o tempo para eles aprenderem sobre as suas origens demoníacas.

Depois de chegar no posto avançado, ele se deu só uma noite para explorar o seu novo talento. Ele visionou o templo de ouro. Aquela vertigem que teve o atingiu. Um momento mais tarde, ele estava lá. Quando correu os dedos por cima dos tijolos, a dor daquele fragmento invisível em seu peito retornou com ímpeto.

Quando voou por cima de um misterioso silencioso planalto de batalha e um rio de lava, mais fundo era vidro.

E então, chegando na clareira da floresta, o oásis onde ele descansou entre seus testes, quase ficou debilitado pela dor em seu peito.

Com um berro, ele voltou para o posto avançado, resolvendo nunca retornar ali.

341

Ele só conseguiu resistir até a próxima noite, atraído por Pandemonia... — Eu direi a você isto, Jasen, — disse com firmeza. — Você está sozinho por agora.

— Sim, meu soberano?

— Se quiser mesmo alcançar algo, você conseguirá.

Os olhos de Jasen se iluminaram com excitação. — Muito bem, senhor. — Antes de partir, ele girou e disse, — Estou contente que você seja nosso Rei.

Thronos só queria ser merecedor.

Não, isso não era verdade. Ele queria alguma outra coisa, almejava isto com uma intensidade devastadora. Mas não podia identificar o que era.

Sozinho, caminhou para a sua cama simples, dizendo a ele mesmo que precisava dormir a fim de curar. Ele se deitou, a dor em seu corpo chamejando ainda pior em repouso.

Dormir resultou ser pior. Ele sentiu que devia estar em outro lugar, em qualquer lugar menos aqui. Agitação não descrevia o tumulto dentro dele.

O seu pau começou a endurecer com pulsações insistentes, como se ele tivesse toda expectativa de liberação. A pressão só agravou a inquietude de Thronos.

Talvez ele devesse fazer só mais uma viagem...

A isca provou ser muito grande para se conseguir resistir. Ele fechou os seus olhos e imaginou a clareira na floresta, então se retesou para riscar até lá.

Do frescor de sua cabana, ele se teletransportou para a água quente. Ele olhou para as árvores, se maravilhou novamente com as bolhas flutuantes, gotas que pareciam não se conseguir decidir se iam para cima ou para abaixo.

Gotas sortudas.

Por que ele pensou isso? Ele acenou a asa, abanando as bolhas. Um gesto tão caprichoso, mas, por alguma razão, o lamentou. O fragmento de vidro voltava, cinzelando por sua carne até a sua coluna. Ele pegou em seu cabelo, então o torceu para esmurrar o tronco de uma árvore.

Deixe este lugar de dor. Retorne ao posto avançado.

Então, fez um voto para ele mesmo: Já não voltaria aqui, até que a sua mente estivesse curada.

Pandemonia não está indo a lugar nenhum...

* * *

Lanthe chupou com uma respiração estável. — Estou pronta, — disse para o grupo que se juntou em seu quarto.

342

Rydstrom tinha os seus braços musculosos cruzados por cima de seu tórax. Cadeon também teria, se não tivesse segurando um bebê. Holly, também segurando um bebê, olhou preocupada para Lanthe. Sabine também olhou, tendo esquecido a sua aparência de indiferença.

Rydstrom disse, — É muito perigoso, Lanthe. — Eles ainda queriam acompanhá-la.

Todos eles. Bem, com exceção dos gêmeos. Todavia, aqueles pequenos diabos provavelmente pensariam que Pandemonia era uma grande diversão.

— Nós já falamos disto, — Lanthe disse. — Se Thronos vê demônios enormes, uma Valquíria, e dois Feiticeiros, ficará na defensiva. Encarem isto, nós parecemos com uma quadrilha de pilhagem. Mais uma vez, pessoal, eu ficarei bem.

Assumindo que ela podia até chegar a Pandemonia, Lanthe estava tão preparada quanto poderia estar. Sabine insistiu que levasse emprestado a sua habilidade de conversar com animais.

Se um dragão desejasse conversar, Lanthe estava pronta para isso.

Outra coisa emprestada? Lanthe vestia o peitoral de batalha mais testado de sua irmã.

Como Sabine murmurou, “Você precisa de seguro extra para minha sobrinha ou sobrinho mestiço”. Lanthe também estava vestindo botas mais sensatas (nenhum estilete/salto alto desta vez) e um par de segundas-calças de couro, valia apertar-se nelas enquanto ainda podia!

— Você não está indo simplesmente encontrar-se com ele lá, — Sabine disse.
— E se você sentir a falta dele?

Lanthe marchou para a sua mochila de acampamento. — É por isso que acamparei lá.

Mandíbulas se soltaram.

Cadeon recuperou primeiro. — Você? Acampando? — Ele bufou. — E acampando no Inferno!

— Cade! — Holly esticou o seu tórax.

Ele murmurou, — Tem de admitir que isso é engraçado.

Lanthe chupou o lábio e tirou uma trança de seus olhos. Aparentemente todo mundo aqui esqueceu que ela já acampara no Inferno. Claro, não tinha estado sozinha...

Sabine disse, — Eu não concordo que vá sozinha nem por uma hora! Agora,

você quer ir indefinidamente? E se me disser, de novo, que realmente lá não é ruim, vou gritar.

— Eu deixei aqui tratado tudo o que pude. Em alguns dias, entrarei em contato para dar notícias.

— E fornecer prova de vida, — Rydstrom disse.

Cadeon deu a ele um olhar bem duro.

— Se não achar Thronos em três semanas, retornarei e o chamarei daqui. E, Sabine, realmente não é ruim lá.

343

Quando Sabine separou seus lábios para discutir, Lanthe disse, — Este passarinho precisa voar, mana.

— Ótimo, — Sabine falou devagar. — Ela já está falando em metáforas de pássaros.

Holly riu, então ficou com o seu rosto sério mais uma vez.

Lanthe olhou para sua irmã, odiando que ela se preocupasse. Mas não existia nada que pudesse fazer sobre isso. — É hora de ir. Estou recarregada, resolvida, e pronta para fazer isto, *sozinha*.

Rydstrom agarrou Sabine. — Ela tem razão, *cwena*. — Pequena Rainha em demonish, seu apelido para ela. — Tem um momento em que você só deve confiar. Eu tive que fazer isso com Cadeon.

— Só levou mil e quinhentos anos, — Cadeon observou. Aly soprou uma bolha e agarrou a sua orelha pontiaguda ao mesmo tempo, o que Cadeon claramente pensou que era um feito maravilhoso.

— Pelo menos, deixe o portal aberto, — Sabine disse, — até que possamos estar certos que conseguiu chegar ao reino certo.

Em tom de lamento, Lanthe murmurou, — Ok. Só assim, você não se

preocupará tanto.

— Não esqueça o que nós conversamos, Lanthe,— Rydstrom lhe disse. Agora que ele sabia o que Thronos realmente era, cordialmente estava oferecendo refúgio em Rothkalina para todos os Vrekeners. Sabine estava relutantemente co-oferecendo isso.

— Obrigada por isso. — Embora Lanthe tivesse outra ideia. Era tão louca, que não mencionou isso para ninguém...

Sonhando em reunir-se com Thronos e restabelecer a memória dele, ela sentiu feitiçaria cursando por si. Levantou as suas mãos e começou a abrir uma fenda.

Por mim, e por nosso mesticinho.

Lanthe dirigiu a porta diretamente para a clareira no mato (em teoria). Apertando os seus olhos, interiormente implorou para achar bolhas flutuantes... e não um estômago gigante.

CINQUENTA E SETE

A dor de Thronos continuou aumentando.

Ele decidiu partir, mas no último instante sentiu como se estivesse à beira de se lembrar de algo . *Então, a dor que se dane.* Ele permaneceu na clareira da floresta.

Thronos conhecia a dor. Ele podia lidar com isso.

O dia estava começando o seu longo, e lento, caminho até o crepúsculo. Considerando a lenta passagem do tempo deste reino, ele já estava longe do posto avançado há muito tempo.

Mas deixar este lugar seria covardia. E ele não era.

Movimento atrás dele? Ele deu a volta.

No centro da clareira, o ar obscureceu-se. Uma fenda abriu-se, um portal.

Saindo cautelosamente dele a mais deslumbrante fêmea que Thronos já tinha visto.

Longos cabelos pretos. Lábios vermelhos carnudos. Olhos azuis como o céu que tinha perdido quando seu reino caiu.

Aquele vazio cru, aquela ausência enlouquecedora começou a... aliviar? Como se um pequeno imã o estivesse puxando em direção a ela, seus pés começaram a diminuir a distância entre eles.

Mas, ela estava vestida como uma feiticeira, com um capacete de metal e peitoral, um colar de ouro incomum, e calças de tecido axadrezado de couro que amorosamente se moldavam às suas curvas generosas. Esfregou a palma sobre a boca, precisando se concentrar; difícil quando se tratava de tal visão.

Uma feiticeira poderia temer que ele quisesse lhe fazer mal. Depois de

Morgana, ele supôs que devia suspeitar desta aqui também.

Se ele se anunciasse, ela correria de volta para aquele portal, perdida para ele? Com esse pensamento, o pânico tomou posse de seu peito. Por que ele sentiria isso se ela corresse?

Ela o viu, e seu olhar se arregalou, como se com descrença. Ela deixou cair a bolsa que estava carregando, dando um passo rápido para a frente, o corpo tenso, aqueles lábios vermelhos se separaram.

Ele quase podia jurar que ela estava prestes a pular em seus braços antes de parar. O que não podia estar certo. *Um truque da mente.*

Levantando as mãos, ele rapidamente disse, — Meu nome é Thronos Talos, e não quero te machucar, feiticeira.

345

— Eu sei. — Seus olhos começaram a brilhar com um brilho azul metálico.

— Eu não quero te machucar também, — disse a pequena fêmea, que parecia que não poderia machucar uma mosca.

Mas com Sorceri, as aparências enganavam.

Seu comportamento amigável o incentivou a se aproximar dela. Ele lutou para não mancar diante de tal beleza.

— Eu sou Lanthe. — Parecia que fugir dele era a última coisa em sua mente. Novamente, ele teve a curiosa impressão de que ela mal estava se segurando no lugar.

Ela também não mostrou nenhuma surpresa com seu ambiente, como se já estivesse nesta clareira antes. Thronos meio que acreditava que era o único que a conhecia.

Ao redor dela, gotas surreais flutuavam e bolhas balançavam para cima e para baixo, mas ela nunca tirou os olhos dele. Quando ela balançou a cabeça, seu cabelo preto varreu sobre seu ombro, enviando espirais de seu perfume até ele.

Ele inalou avidamente. Seus músculos dispararam apertados com a tensão.

Céu. Casa.

Esta bela criatura era... sua companheira. Uma sensação de déjà vu o assolou.
— Você não fechará aquele portal e falará comigo, Lanthe?

Ela assentiu com a cabeça, virando-se para o portal. Ela inclinou-se para empurrar a cabeça para trás. Deuses, o corpo daquela fêmea! Não sabia se queria beijá-la, ou esmagá-la em um abraço.

Tudo o que ele sabia era que o fragmento de dor foi lentamente retirado do peito dele.

Lanthe parecia estar falando com alguém no outro lado. Havia outro que iria puxá-la de volta através dele? Quem poderia deixar essa mulher ir?

A sua cara caiu. Como poderia uma mulher incomparável não ter companheiro?

— Sim, neste exato minuto! — Ela disse para alguém invisível. — Não, a seis malditos metros atrás de mim! — Pausa. — Porque talvez eu não erro. — Outra pausa. — Pelo amor do ouro, eu não preciso de uma ilusão, — ela disse em um tom exasperado. — Estou bem. Farei um portal logo!

Alívio correu por ele assim que o portal fechou.

— Minha irmã. — Lanthe rolou os olhos. — Para alguém tão fria, tornou-se uma mamãe galinha. É estranho. Onde estávamos? — Ela parecia nervosa.

— Por que você está em um lugar como este, feiticeira? — Um pensamento sombrio surgiu. — Talvez você veio me espionar para a sua Rainha? — Talvez Morgana buscasse sua aniquilação total.

346

— Eu juro para você que não tenho nenhuma lealdade com Morgana. Ela roubou muito de mim.

— Então nós temos isto em comum.

— Eu sinto tanto sobre seu reino, Thronos.

— Quanto você sabe sobre a situação?

Parecendo escolher as palavras com cuidado, ela disse, — Acho que estou versada em ambos os lados do conflito.

— Então você sabe que as ações dos Vrekeners poderiam ter prevenido o ataque. Eu poderia ter. Eu deveria ter prestado mais atenção no antigo Rei e suas ações.

— Você se culpa? — Ela exigiu, como se indignada por ele.

— Claro.

— Que tal isso: não vamos culpar ninguém. Vamos apenas corrigir a situação da melhor forma que pudermos.

Ele gostou desta feiticeira! Brincando, ele disse, — Como vamos consertar isto, então?

— Estou trabalhando nisso enquanto falamos. Mas primeiro, diga, por que você está aqui?

O que você espera encontrar em Pandemonia?

— Eu... eu não posso mentir. — Ele passou os dedos por seu cabelo. — Estive doente. Na explosão que destruiu minha casa, de alguma maneira feri minha mente, e não estou curando.

Algumas das minhas memórias foram perdidas. — Por que ele achava tão fácil conversar com ela?

Só porque ela era sua predestinada? Mas ela também parecia familiarizada com ele. — Lembro de viajar para este lugar, mas é como olhar para um quebra-cabeça com metade das peças faltando.

Incompleto. Eu vim aqui na esperança de me lembrar. — Compartilhar estas coisas com ela parecia que tirava um peso de seus ombros.

— Talvez eu possa ajudar com isso? — Ela disse suavemente, a voz dela como um bálsamo.

Certamente esta feiticeira tinha que estar tomada por alguém. E mesmo que ela não estivesse, a ideia de uma mulher como ela o escolhendo era improvável.

Ele estava cheio de cicatrizes, seu corpo e mente danificados. Ele não tinha nenhuma riqueza, nenhuma casa de verdade, nada no mundo para oferecer a ela.

Mas eu a quero. Ele ainda tentaria. Porque também não tinha nada a perder.

No entanto, quando ela se aproximou mais e ele atraiu mais profundamente o cheiro dela, ele detectou o menor indício de... outro.

O reconhecimento o golpeou, junto com uma miséria tão pesada que sentiu que seus joelhos cediam. Com a voz rouca, ele disse, — Feiticeira, você está grávida. — *Ela foi tomada.* —

347

Onde está o seu homem? — *Eu o desafiarei por ela. E uma vez que o outro homem iria lutar até a morte por uma mulher como esta... vou matá-lo.*

Seus olhos embaçados enquanto ela murmurava, — Eu temo que o homem que conhecia está perdido para mim para sempre.

A profunda tristeza que ela carregava despertou ciúme fervente dentro dele. Ele queria que ela sentisse tão forte sobre ele, só ele!

Mas se o outro macho estava perdido...

Então eu posso tê-la para mim.

Lanthe acabou de sondar sua mente e quase chorou.

Ela não encontrou nada de si mesma nos pensamentos de Thronos, nada, até hoje. Seus bloqueios caíram, ele não poderia nem se lembrar de que os teve, assim ela o procurou, e encontrou...

Nem uma única memória fugaz de uma garota chamada Melanthe.

Uma esposa. Uma Rainha. Uma melhor amiga.

Como ela poderia fazê-lo recordar o que já não estava lá?

Os pensamentos dele a incomodavam também. Embora ele estivesse cheio de fúria em relação ao homem que ela amava, sem saber de si mesmo, ele estava lutando para sufocá-la para que pudesse falar com ela, com toda a sua atenção, porque sua “mente não estava bem”.

Já que tinha sentido o perfume de sua companheira. Ele se aproximou, com hesitação, para não assustá-la. Ele não sabia que nunca iria se livrar dela.

Quando gotas de campânula beijaram o rosto dela, ele puxou suas asas sobre sua cabeça, criando um abrigo. — Eu tenho sempre espaço para você também.

Não chore, não chore. Quando o encontrou no meio do caminho, ela olhou para ele, vendo seu semblante cansado, os olhos cinzentos preocupados. Ele não parecia que tinha comido ou dormido desde que foram separados, e suas asas tinham revertido para seu estado torcido e retorcido. Ela tinha notado que ele tentava esconder sua coxeadura na frente dela.

Porque ela não era mais sua Lanthe. Ela era uma mulher misteriosa, sua predestinada, e ele queria impressioná-la.

Sim, ela iria começar de novo com ele e dizer-lhe sobre o seu passado, mas como ela poderia colocar adequadamente sua jornada em palavras?

Superando probabilidades impossíveis. Desafiando a morte e aprendendo a confiar. Vir a amar um ao outro novamente.

Lembrando-se de tudo que haviam debatido, ela apertou a mandíbula. *Estou conseguindo meu Vrekener de volta.* Ela lhe daria energia com todo o poder

em seu corpo se tivesse que fazer.

348

Ela tinha feito isso por Sabine; ela faria isso por ele. Quando ele parou diante dela, Lanthe disse, — Thronos, se eu te contar uma coisa louca, você poderia tentar acreditar em mim?

— Feiticeira, nestas últimas semanas, vi a loucura. Eu vivi isto.

Não brinca! — E se eu lhe disser que estamos bem familiarizados um com o outro? Mas você está enfeitiçado para me esquecer?

Ela se debateu em dizer a ele que estão casados (oh, e vão ter um filho!), mas decidiu não dizer. Ela não queria que ele acreditasse que era um vínculo, não queria ele complacente. No momento, ela precisava que sofresse por ela, tanto quanto ela sofria por ele.

— Eu não vejo como poderia esquecer você. Lanthe, acredito que você é minha companheira. — Ele se aproximou mais dela. — Você não parece surpresa por esta notícia?

Ela balançou a cabeça. — Antes de Morgana destruir seu reino, ela apagou todas as suas memórias de mim. — Com a voz ficando gutural, Lanthe disse, — Mas, Thronos, conhecíamos um ao outro.

Ele estava incrédulo. — Eu conheço você? — Como se pisando em ovos, ele timidamente alisou o cabelo atrás da orelha dela, com a mão se estendendo até o rosto dela... até o seu pescoço... sua clavícula...

Quando ela não o impediu, de fato se arqueou ao seu toque, uma respiração chocada lhe escapou.

Puh.

— É isso mesmo, Thronos. Eu quero fazer você se lembrar de tudo e mais. Porque a nossa história é épica.

— Como isso é possível? Isso explicaria tanto... — ele engoliu em seco,

como se estivesse começando a acreditar, a ter esperança. — Como você iria restaurar minha memória? Entenda, feiticeira, não posso expressar como ferozmente desejo estas memórias. Como desejo você.

Ela colocou a mão sobre o peito dele, o coração dele trovejou. — Eu vou precisar usar minha magia em você. — Esta irradiava de suas mãos. — Você pode confiar em mim para fazer isso?

Sempre corajoso, ele endireitou os ombros. — Faça o que você quiser, Lanthe. Eu não tenho nada a perder.

Ela afastou quaisquer pensamentos sobre o mau funcionamento do seu poder ou suas limitações com os feitiços. Sim, Morgana era mais forte. Sim, a Rainha havia preparado um tremendo golpe persuasivo.

Mas o amor triunfaria.

Certo?

349

Lanthe pressionou a palma acesa sobre o peito dele enquanto ordenou, — Lembre-se de mim, Thronos. Lembre-se. — A sua magia ardia mais brilhante, enrolando-se ao redor deles, por eles. — Lembre-se.

O ar ficou mais quente. Tremores sutis ondulavam sob seus pés. As gotas flutuantes de água começaram a disparar em direções casuais. — Lembre-se de mim. — Sua voz soou alterada, vibrando com o poder.

A tristeza penetrou na sua expressão. — Eu... não.

— Nós estamos apenas começando, Vrekener. Basta abrir a sua mente, tanto quanto você puder.

Ele tinha aquele olhar determinado, aquele que tinha visto centenas de vezes antes, o que ela não poderia amar mais. — Eu irei.

— Lembre-se de mim. Restaure as suas memórias. Livre-se do que Morgana fez para você.

— *Para nós.*

Quando ele ainda não evidenciou nenhum reconhecimento, ela mordeu o lábio, decidindo revelar mais de seu passado. — Você sente a necessidade de nos cercar em suas asas?

— Opressivamente. Mas não quero assustá-la.

— Você não assusta.

Novamente, como se estivesse pisando em ovos, ele gradualmente colocou suas asas ao redor dela, envolvendo os dois completamente. Suas linhas de pulso se iluminaram como loucas.

Seu pobre Vrekener deve ser uma mistura confusa de nervos e antecipação. — Thronos, quando estamos assim, contamos segredos. Você quer saber alguns?

Ele acenou com a cabeça.

— Nós éramos melhores amigos quando crianças, — ela disse a ele. — Como somos agora.

— Amigos?

— Sim, — ela murmurou. — Mas nós somos muito mais. Você me ama. E eu te amo.

— Você? Você me ama?

— Descontroladamente. Loucamente. — Talvez um beijo pudesse lembrá-lo. Talvez ela precisasse estimular seu corpo tanto quanto sua mente. Ela se levantou sobre os pés, colocando o rosto dele entre suas mãos brilhando, atraindo-o para ela. Dentro das asas, sua magia iridescente acendeu os olhos, juntando suas linhas de pulso surreais. — Eu posso beijar você?

As sobrancelhas dele se franziram. — Por todos os deuses, sim.

Assim como ele a tinha beijado depois daquelas voltas no tempo, então ela

iria beijá-lo.

Um beijo de reivindicação. Um beijo sem volta.

350

Ele ficou imóvel enquanto ela roçava os lábios nos dele, uma e outra vez. Quando ela inclinou a boca do outro lado dele, ele entreabriu os lábios.

Ela aprofundou o contato, deslizando sua língua para provocar a dele. Ele a encontrou com um gemido, e ela ficou encorajada, como se ele tivesse concedido muito mais do que um beijo.

Ele começou um de seus lentos casos de amor com a boca, lambendo-a sensualmente até que seus olhos se fecharam.

Suas mãos tremiam no rosto dele enquanto suas línguas se entrelaçavam lentamente. Seus braços em volta dela. Ele espalmou a parte de trás de sua cabeça com uma mão, a outra mergulhando em direção a sua bunda, como se ele não se contivesse. Suas asas apertaram ao redor das costas dela ainda mais, trazendo-a para mais perto.

Uma vez que eles estavam compartilhando respirações, ela recuou para sussurrar contra seus lábios, — Lembre-se de mim, meu amor. — Os tremores na terra se intensificaram, até mesmo as árvores imensas estremeceram. Parecia-se como um reator de magia, mais forte do que nunca.

Porque eu nunca quis nada como eu o quero.

— Lembre-se! — Ela ordenou entre a busca de seus beijos, — Thronos, por favor, lembre-se de mim. Estou esperando por você. Lembre-se, lembre-se, LEMBRE-SE! — A magia explodiu dela para ele.

Ofegante, ela recuou. Seus olhos estavam com as pálpebras pesadas, prata vívida.

Cintilantes restos de luz azul acenderam em torno deles.

— Alguma coisa?

Ele balançou a cabeça. — Embora eu gostaria de repetir esse processo para ter a certeza.

— Ternamente roçou a ponta do seu dedo polegar sobre o lábio inferior dela.
— Vamos tentar de novo, cordeirinho?

Ele franziu a testa; ela sorriu.

Com a voz rouca, ele murmurou, — Eu... cheiro magia em você?

Seus olhos embaçaram novamente. — Aquelas foram as primeiras palavras que você disse para mim.

Sua testa enrugou enquanto ele recordou claramente. — Eu me lembro de você! — O

reconhecimento chamejou em seu olhar. — Minha Lanthe. — Como eles tinham feito tanto tempo atrás, os olhos dele disseram a ela, *eu estive praticamente perdido sem você*.

— Um, há uma parte no meio...

— Já passamos por isso, — ele disse a ela. — Não podemos discutir sobre coisas que não têm consequências, e não sou de desperdiçar o meu ouro, — ele beijou a testa dela, — moedas.

351

Ela sorriu para ele. — Estive procurando em todos os lugares por você! Eu nunca teria desistido.

— Eu amo você, Lanthe. Eu sabia antes, ia te contar naquela noite... — ele se calou. — E

você me ama também?

— Amo. Eu nos amo juntos. Eu quero você de volta.

— Estou aqui. — Seu sorriso era glorioso. — Você está certa. Nossa história

é épica. — Ele enterrou seu rosto em seu cabelo, inalando.

Seus músculos ficaram tensos. — Espere. Eu vou ser pai? — Suas asas se abriram, como se estivessem atordoadas. — Vamos ter um bebê?

— Quais eram as chances, hein? — Ela perguntou ironicamente. — Agora nós seremos um exército de três. E sei de primeira mão que podemos lidar com isso.

Ele voou com ela, girando-a. Então diminuiu a velocidade, seu rosto se abaixando. Ele a colocou de volta em seus pés, sua mão se estendendo para a barriga dela. — Eu não tenho nada para oferecer a você. Você, e nosso bebê. — Sua mão tremia sobre ela enquanto ele disse aquelas palavras. — Eu não tenho nenhum reino. Nenhuma casa. O que você quer com um Rei destronado e uma facção dissidente, com os dias contados em uma floresta mortal?

— Nossa facção podia viver aqui em Pandemonia. Você sentiu algo por este reino, eu sei que você sentiu.

— É verdade. Mas a terra está cheia de perigo.

— Por causa das hordas de demônios? — Ela gesticulou para longe, puxando seu colar para cima. — Não se esqueça que *eu* sou a Guardiã das chaves e você é o Leitor de Palavras. Vamos abrir os portões e arejar este lugar um pouco. Oh, oh, eu posso falar *Dragão* agora! Assim, poderíamos negociar algum tipo de tratado com eles, nós poderíamos ter que oferecer a eles uma sexy dragão fêmea de Rothkalina, mas tudo bem. — Lanthe passou os dedos pelo tórax dele. — Eu não estou dizendo que, tipo, possuímos Pandemonia. Mas eu não estou não dizendo isso também.

Ele pegou a mão dela, pressionando um beijo em sua palma. — Você viveria comigo aqui?

— Claro! Eu prefiro viver no inferno com você do que no céu sem você.

— Os Vrekeners vão pensar que estamos loucos.

— Eu acredito que vão sentir uma atração até este lugar, assim como você sentiu. Em todo caso, vamos convencê-los. Sei que precisa de um bocado de reparos, — ela fez um sinal ao seu redor, — para as necessidades de um Vrekener TLC. Mas não é nada que um balde de pintura e algumas barragens de lava não possam enfeitar! — Ela ficou na ponta dos pés, querendo mais do seu beijo. — Temos isto, Thronos.

352

Ele se inclinou, seus olhos dizendo que ele estava prestes a beijá-la até que seus dedos se curvassem. Pouco antes de seus lábios se encontraram, ele murmurou, — Se o coração da minha companheira se estabeleceu em Pandemonia, quem sou eu para negar?

353

CINQUENTA E OITO

— E se lá for um lugar melhor do que o vale do demônio? — Thronos perguntou, sua voz áspera dos muitos berros para as vigas proverbiais. Depois que Lanthe curou seus antigos ferimentos mais uma vez, ele fez amor com ela até bem depois que o sol se pôs. Agora estavam deitados dentro do casulo de suas asas, contando segredos. — E se nós levássemos os Vrekeners para algo ainda maior?

— O que você quer dizer? — Ela passou as costas dos dedos sobre uma das bochechas dele.

— Continuo pensando sobre um dos caminhos daqui: O Longo Caminho. Não consigo parar de pensar sobre isto.

— Então isto deve significar algo, — Lanthe disse, a excitação preenchendo-a. — Vamos ver o que nos aguarda no final!

Ele aconchegou o rosto dela. — Exatamente o que estou pensando.

Depois de se vestir, eles partiram de mãos dadas para a noite. Andaram para O Longo Caminho, que era nada além de reto e estreito. Juntos, seguiram suas várias voltas e reviravoltas.

Com cada quilômetro de distância da fumegante lava e o miasma do pântano, o ar ficava mais limpo. O sol estava começando a sua longa e lenta subida, quando o exército de dois (em breve, três) chegou à uma planície exuberante. No centro estava uma colossal montanha de pedra cinza, envolta em nuvens brancas e moonrakers. Um riacho murmurante serpenteava em torno dos troncos.

A temperatura estava fria aqui, o sol da manhã mais brilhante.

O céu estava de um violeta deslumbrante.

— Oh, meu ouro, — Lanthe sussurrou. — É tão bonito.

Olhando ainda para ela, ele disse, — Linda!

Ela sorriu. — E o que você pensa sobre a montanha?

Thronos virou-se assimilando isto, inclinando a cabeça. Lanthé viu seu peito arquear, como se estivesse cheio de emoções demais para serem contidas.

Ele puxou-a de volta contra sua frente, colocando um braço possessivo sobre dela. —

Cheira como você.

— Ah, é? — Ela afundou nele, deleitando-se com seu calor. — Como é isto?

Pressionando um beijo em seus cabelos, Thronos murmurou, — Cheira como o céu. E lar...

* * *